

**ELISABETE DE LURDES DE SOUSA
LOPES LAGEM DA SILVA**

**CRIANÇAS EM RISCO:
PROJECTO DE APOIO SOB OS
PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Orientador: Jorge Manuel de Melo Serrano

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação**

**Lisboa
2010**

**ELISABETE DE LURDES DE SOUSA
LOPES LAGEM DA SILVA**

**CRIANÇAS EM RISCO:
PROJECTO DE APOIO SOB OS
PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

**Trabalho de Projecto apresentado para a
obtenção do Grau de Mestre em Educação
Especial – Domínio Cognitivo e Motor no Curso
de Mestrado em Educação Especial – Domínio
Cognitivo e Motor, conferido pela Universidade
Lusófona de Humanidades e Tecnologias.**

**Orientador: Prof. Doutor Jorge Manuel de Melo
Serrano**

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação**

**Lisboa
2010**

“A Educadora deve desenvolver diariamente múltiplas e variadas actividades com o objectivo de preparar o crescimento e o desabrochar dos seres que trazem consigo o potencial do Homem de amanhã.” (Flores, 2004).

A todas as família com coragem de percorrer o paradigma incessante entre o correcto e o diferente...

Agradecimentos

Este projecto resulta muito da ajuda, apoio e incentivo daqueles que comigo partilharam esta jornada, pelo que quero deixar o meu agradecimento.

Ao meu orientador, Professor Doutor Jorge Serrano, a quem tenho que agradecer não só a orientação do Projecto, mas também o apoio e incentivo que me deu ao longo deste percurso.

As Entidades e Instituições que contribuíram para que este Projecto se tornasse uma realidade. Aos técnicos, auxiliares, populares, famílias e crianças, que nele participaram, não posso deixar de ter um reconhecimento especial, por me terem permitido “participar” nos seus quotidianos.

Também a todos aqueles que ao longo deste percurso me ajudaram, esclareceram, reflectiram comigo, teceram estratégias e aceitaram participar nas actividades planeadas em parceria. Aos que não participaram directamente, mas que também estiveram envolvidos, divulgando este percurso e calcorreando os meandros da igualdade de oportunidades e direitos.

À minha família, em especial à minha irmã, mãe e cunhado que sempre me ajudaram e motivaram a percorrer este caminho. Ao meu pai, que sempre me ensinou a acreditar na qualidade do ser humano, independentemente das suas características ou origens. Com ele, eu aprendi que um “guerreiro” não tem “armas” mas sim espírito empreendedor, carisma, força de vontade, amor por aquilo que faz e por o que tantas vezes ousou sonhar fazer...

Ao meu marido e à minha filha, pelas doces palavras de afecto e confiança, com as quais me sustentei nesta caminhada tão gratificante e docemente marcante no meu percurso de vida.

Resumo

Ultrapassadas as concepções que apontavam como desejável a prévia classificação do aluno e a sua colocação em classes homogéneas, neste momento trabalha-se no sentido de desenvolver estratégias de inclusão baseadas em processos de educação sócio democráticos, para atender e responder adequadamente a crianças em risco de exclusão educativa e/ou social, no sentido de as incluir em classes heterogéneas. Foi com base neste princípio, que se desenvolveu o projecto, partindo da compreensão do trabalho desenvolvido numa IPSS, como Educadora de Infância, e na CPCJ, como membro da Comissão Restrita, para posteriormente delinear estratégias facilitadoras de inclusão e atendimento sócio democrático. Pertinentes para o trabalho de parceria, desenvolvido entre diversas entidades envolvidas neste projecto de investigação-acção. Com o trabalho de equipa foi possível proporcionar estratégias e encontrar soluções pertinentes no processo de inclusão e no desenvolvimento sócio pedagógico de crianças em risco em idade de creche, implementando assim um trabalho cooperativo entre as instituições, a família, a comunidade educativa e a comunidade local.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Criança em risco, Educação Democrática, Investigação-acção.

Abstract

The concepts, that showed as desirable the previous marking of the students and his setting in homogeneous classes, having been surpassed, the goals were set in working to develop inclusion strategies based in educational and social democratic processes in order to adequately answer to children in educational / or social exclusion risk to include them in heterogeneous classes. Supported by this principle, we elaborated this Project, assuming the developed understanding of the work in a Private Social Solidarity Institution (IPSS), working as Children Educators and Members of the Children and Young Protection Committee (CPCJ), Restrictive Committee. Subsequently, inclusion and socio democratic reception facilitator's strategies have been set regarding the partnership work developed by the involved organizations in this research-action project. Due to team work it was also possible to find important strategies and solutions to the inclusive social and pedagogical process of toddlers at risk having thus implemented a cooperative work between the organisations, the family and the educational and local communities.

Key-words: Inclusive Education, Children at risk, Democratic Education, Research-action.

Abreviaturas e siglas

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

AR – Assembleia da República

ATL – Actividades de Tempos Livres

CERCI – Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados

CPCJ – Comissão de Protecção de Crianças e Jovens

dir. – direcção

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

OCDE – Organização para a Cooperação Económica e Desenvolvimento (*Organization for Economic Co-operation and Development*)

orgs. – organizadores

PCG – Projecto Curricular de Grupo

RSI – Rendimento Social de Inserção

Séc. – Século

SGS – Escala de Avaliação das Competências no Desenvolvimento Infantil (*SGS II: Schedule of Growing Skills II*)

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*)

Índice

Introdução	14
1 – Enquadramento teórico	17
1.1 – Conceito de criança em risco	23
1.1.1 – Perspectiva histórica de crianças em risco	23
1.1.2 – Tipologia dos maus-tratos	25
1.1.3 – Aspectos epistemológicos	25
1.1.4 – Factores de risco	26
1.1.5 – Indicadores de factores de risco	28
1.1.6 – Consequências orgânicas e psicossociais	29
1.1.7 – Sistema legal de protecção	31
1.1.8 – Apoio educativo a crianças e famílias de risco.....	33
1.1.8.1 – Princípios gerais	33
1.1.8.2 – Em prol de uma educação democrática	38
1.1.8.3 – Orientações educativas relativas a crianças em risco	40
2 – Enquadramento metodológico	42
2.1 – Caracterização do projecto	42
2.2 – Técnicas e instrumentos de pesquisa de dados	43
2.3 – Procedimentos para a recolha e análise de dados	45
3 – Caracterização contextual da situação problema	50
3.1 – O contexto escolar	50
3.1.1 – Espaço físico e logístico	50
3.1.2 – Recursos humanos	54
3.1.3 – Dinâmica educativa	54
3.1.4 – Preocupações explícitas para dinamização de uma escola de sucesso para todos e com todos	57

3.2 – O grupo	58
3.2.1 – Caracterização estrutural	58
3.2.2 – Caracterização dinâmica	58
3.2.3 – Caso específico do grupo	59
3.2.3.1 – História compreensiva do aluno	59
3.2.3.2 – Caracterização do percurso escolar	61
3.2.3.3 – Nível de competências à partida	61
4 – Plano de acção	62
4.1 – Pressupostos teóricos	62
4.2 – Problemática e questão de partida	64
4.3 – Planificação da intervenção	66
4.3.1 – Planificação a longo prazo	67
4.3.2 – Planificação a curto prazo por unidades didácticas	70
4.3.3 – Desenvolvimento da intervenção	87
4.3.4 – Avaliação da intervenção	112
5 – Conclusão	121
Bibliografia	123

Índice de anexos

Anexo I – <u>Guiões das entrevistas de diagnóstico</u>	128
Anexo II – <u>Protocolos das entrevistas de diagnóstico</u>	135
Anexo III – <u>Grelhas da análise de conteúdo das entrevistas de diagnóstico</u>	143
Anexo IV – <u>Análise de dados das entrevistas de diagnóstico</u>	151
Anexo V – <u>Protocolo da observação naturalista de diagnóstico</u>	154
Anexo VI – <u>Análise do protocolo de observação naturalista de diagnóstico</u>	158
Anexo VII – <u>SGS II – Escala de Avaliação das Competências no Desenvolvimento Infantil (Diagnóstico)</u>	162
Anexo VIII – <u>Roteiros de actividades</u>	164
Sessão 1	165
Sessão 2	170
Sessão 3	175
Sessão 4	179
Sessão 5	183
Sessão 6	189
Sessão 7	195
Sessão 8	200
Sessão 9	204
Sessão 10	208
Sessão 11	213
Sessão 12	217
Sessão 13	221
Sessão 14	226
Sessão 15	232
Sessão 16	237
Sessão 17	242
Anexo IX – <u>Guiões das entrevistas de avaliação final</u>	246
Anexo X – <u>Protocolos das entrevistas de avaliação final</u>	253

Anexo XI – <u>Grelhas da análise de conteúdo das entrevistas de avaliação final</u>	260
Anexo XII – <u>Análise de dados das entrevistas de avaliação final</u>	267
Anexo XIII – <u>Protocolo da observação naturalista de avaliação final</u>	269
Anexo XIV – <u>Análise do protocolo de observação naturalista de avaliação final</u>	273
Anexo XV – <u>SGS II – Escala de Avaliação das Competências no Desenvolvimento Infantil (Avaliação final)</u>	277

Índice de figuras

Figura n.º 1 – <u>Interacção entre as entidades envolvidas no processo de protecção das crianças e jovens em risco</u>	41
--	----

Índice de quadros

Quadro n.º 1 – <u>Proposta de planificação da intervenção a longo prazo</u>	68
Quadro n.º 2 – <u>Planificação da Unidade Didáctica n.º 1 “O Carnaval”</u>	73
Quadro n.º 3 – <u>Planificação da Unidade Didáctica n.º 2 “Os animais”</u>	75
Quadro n.º 4 – <u>Planificação da Unidade Didáctica n.º 3 “A Páscoa”</u>	77
Quadro n.º 5 – <u>Planificação da Unidade Didáctica n.º 4 “A Primavera”</u>	79
Quadro n.º 6 – <u>Planificação da Unidade Didáctica n.º 5 “O Dia da Mãe”</u>	81
Quadro n.º 7 – <u>Planificação da Unidade Didáctica n.º 6 “O Dia da Cidade”</u>	83
Quadro n.º 8 – <u>Planificação da Unidade Didáctica n.º 7 “O Dia da Criança”</u>	85

Introdução

Ao longo do tempo a inclusão de crianças, oriundas de classes sociais desfavorecidas, crianças com Necessidades Educativas Especiais ou provenientes de famílias disfuncionais, tem vindo a ser um assunto pertinente para a reflexão de muitos investigadores no âmbito da educação.

“A preocupação com a educação inclusiva é, actualmente, um facto premente no seio das sociedades e dos sistemas educativos da generalidade dos países, mormente após a realização, em Salamanca, da Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, no ano de 1994.” (Serrano, 2005, p. 1).

Quanto maior for a idoneidade da escola para trabalhar a inclusão da criança, maior será a probabilidade de sucesso que esta terá na inserção na comunidade, nos restantes grupos sociais e culturais. Se for adoptado este procedimento maior será a riqueza de oportunidades, de vivências, de troca de ideias e de experiências.

A inclusão de crianças com Necessidades Educativas Especiais ou crianças em risco, nas escolas de ensino regular, veio criar oportunidades institucionais para ajudar estas e as suas famílias a ultrapassar muitas das dificuldades com que convivem diariamente.

É fundamental porém, que haja uma boa colaboração entre os pais/famílias destas crianças e os profissionais dos estabelecimentos de ensino, minimizando e até em alguns casos, ultrapassando através do dialogo aberto, muitas dessas dificuldades. Sabemos porém que por norma são muitas as barreiras entre as famílias destas crianças e os respectivos educadores, mas cabe-nos a nós profissionais de educação fazer com que esta situação se inverta no sentido de proporcionar uma boa inclusão de todos os membros da comunidade escolar, tornando a escola um local facilitador de igualdade de oportunidades e contra a exclusão social.

O tema criança em risco, tem vindo a tornar-se progressivamente mais presente nos discursos contemporâneos e nas investigações efectuadas por observadores atentos e preocupados, com este flagelo social. Torna-se por isso, importante definir, reflectir e agir, quando constatamos algum risco que a criança possa estar a correr. A intervenção deve ocorrer, quando o meio familiar, da criança, não constitui um contexto favorável ao seu desenvolvimento, podendo mesmo comprometer a sua integridade física ou psicológica.

Com este estudo, pretende-se caracterizar e intervir, na oferta social e pedagógica, ofertada a crianças em idade de creche e às respectivas famílias. Oferta essa disponibilizada por uma Instituição Particular de Solidariedade Social [IPSS] em parceria com a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens [CPCJ] (em risco), visto estas serem entidades com responsabilidade educativa e social.

A intervenção terá como base a promoção de actividades, planificadas neste projecto de investigação-acção, que visem dar resposta a crianças e famílias oriundas de classes sociais desfavorecidas, no sentido de promover uma igualdade de oportunidades e combater a exclusão social e pedagógica. Organizando para o efeito estratégias facilitadoras de uma educação democrática e inclusiva, destinada ao atendimento e acompanhamento sócio pedagógico de crianças em risco.

Este projecto de investigação – acção será dividido em cinco partes.

A primeira parte do projecto de investigação-acção corresponderá ao Enquadramento Teórico, que terá início com uma breve caracterização dos contextos sócio pedagógicos relacionados com a criança em risco.

Posteriormente, clarificará a função social do Sistema Educativo enquanto garantia de um processo de qualidade para todos. Neste ponto podemos ainda verificar a importância da relação entre a escola e as famílias mais fragilizadas. Não esquecendo a pertinência da articulação de informação e meios entre a escola, a CPCJ e outras entidades, que possam ser integradas neste projecto de investigação-acção. Tudo isto, com base na incessante procura de encontrar alternativas e perspectivas emergentes e facilitadoras, do processo de atendimento a crianças em risco.

A proliferação e dinamização de meios constituirão o contexto primordial para desenvolver uma educação democrática e inclusiva, destinada a dar resposta a crianças em risco.

A segunda parte será destinada ao Enquadramento Metodológico, na qual será desenvolvida uma componente prática, onde é descrito o problema, a pertinência da investigação-acção, os objectivos e a metodologia.

Na terceira parte, será caracterizada a situação em que se vai intervir e os contextos em que ela se insere.

A quarta parte condirá com o plano de acção resultante da intervenção sócio pedagógica planeada, no Projecto de Apoio sob os princípios da Educação Democrática e Inclusiva, que irá ser desenvolvido e fundamentado nos dados recolhidos durante o processo de investigação.

No final surgirá a avaliação da intervenção, resultante da análise de dados obtidos e inquiridos em contexto da intervenção acção sócio pedagógica, dos quais surgiram sugestões fundamentadas e analisadas, para dar continuidade ao projecto ou a novas directrizes relacionadas com o tema abordado.

Para finalizar, surgirá a avaliação do projecto. Nesta parte surgirá, os dados tratados e apresentados, obtidos através do registo e análise das Entrevistas, da Observação Naturalista, da observação directa em contexto de sala de actividades e da análise das grelhas de avaliação efectuadas pelas Técnicas da Intervenção Precoce. Da análise de dados surgirá a interpretação dos resultados obtidos, conclusões alusivas ao desenvolvimento do projecto e algumas propostas para futuras intervenções.

1 – Enquadramento teórico

De acordo com Formosinho (1997), as Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) apareceram no período da Revolução Industrial, com o intuito de dar resposta as necessidades sociais e económicas, evidenciadas pelas mães desta época. Elas viam-se perante a necessidade de ingressarem no mundo laboral e não terem disponibilidade para acompanhar o desenvolvimento dos filhos a tempo inteiro, como faziam até então. As IPSS proliferaram um pouco por todo o lado, para dar resposta à sociedade e as carências da época.

Pode-se dizer que são uma resposta de educação que conjuntamente pretende ser um serviço social de apoio às famílias. Mas a identificação deste tipo de assistência familiar, muitas vezes induz em erro, pois enraizou-se de tal maneira no espírito da sociedade, que actualmente existe muita gente a pensar que estas estão relacionadas a funções de vigilância e de assistência sem qualquer tipo de pedagogia.

Segundo o regime jurídico das IPSS definido pelo Decreto-lei n.º 199/83, de 25 de Fevereiro (Ministério dos Assuntos Sociais [MAS], 1983), que afirma a sua finalidade não lucrativa, o seu propósito de dar expressão ao dever moral, à solidariedade e à justiça. Os seus objectivos caminham no sentido de apoiar crianças, jovens e respectivas famílias através da protecção e promoção na saúde e da promoção da educação e da sua integração na comunidade.

No decreto-lei atrás referido pode-se verificar que as IPSS são reconhecidas, valorizadas e apoiadas pelo Estado na efectivação dos direitos sociais.

Segundo a legislação em vigor, em termos de funcionamento estes estabelecimentos (IPSS) não são fáceis de caracterizar, pois estes têm autonomia, estatutos próprios e podem ser constituídas por diversos particulares, associações religiosas, etc. Estamos, sem dúvida perante um funcionamento complexo, com elevados custos de instalação e manutenção não só pelos recursos humanos e financeiros que envolve mas também pelos condicionalismos inerentes à dupla função, educativa e social.

A função social da educação, segundo o regime jurídico das IPSS, enquanto promotora de igualdade de oportunidades e facilitadora da inclusão escolar, assume um papel relevante na sociedade actual. Surge com o intuito de apoiar as famílias na educação da criança,

proporcionando oportunidades de autonomia e socialização da mesma, visando a sua integração na vida em sociedade, preparando-a para uma escolaridade bem sucedida, tendo em conta que a Creche será um local onde se realizaram aprendizagens múltiplas. Encontramo-nos, assim, perante uma função de alcance educativo e social da maior importância, que constitui para o nosso tempo um factor decisivo de modernização e desenvolvimento, desde que seja orientada por objectivos de qualidade e pelo princípio da igualdade de oportunidades.

A importância de se criar legislação adequada é primordial num estado de direito, para que não hajam discriminações e para que a educação não constitua um privilégio, mas um direito, integrado na realização do objectivo afirmado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura [UNESCO], de que a educação é para todos.

Segundo Formosinho e Sarmento (2000) aos cuidados que se devem ter, como profissionais da educação, no atendimento às crianças junta-se os que temos de ter no atendimento às suas famílias, o que nos obriga a criar diferentes contextos organizacionais. A importância atribuída à Educação nos primeiros anos de vida é indiscutível. É através dela que algumas crianças usufruem de uma redução de desigualdades sociais, do desenvolvimento integral e da boa integração/inclusão no sistema escolar. Razão suficiente, para justificar os esforços governamentais, para que se garanta um ambiente rico e estimulante desde a infância.

Em estudos efectuados pela Organização para a Cooperação Económica e Desenvolvimento [OCDE] sobre educação e cuidados com a infância afirma-se a extrema importância de uma educação de qualidade, uma vez que oferece a possibilidade de motivar e preparar as crianças desde os primeiros anos, para um processo de aprendizagem ao longo da vida.

Os relatórios da OCDE referem ainda que:

“A crescente preocupação com taxas elevadas de insucesso escolar, fez incidir as atenções dos responsáveis políticos sobre a função dos serviços de apoio à infância como meio de proporcionar a todas as crianças e em particular às crianças mais desfavorecidas, um início de vida mais equilibrada. Por conseguinte, em Portugal, a oferta de cuidados para a infância é considerada um instrumento importante para promover a socialização e a integração social entre os diversos grupos sócio culturais, incentivando o respeito pela diversidade cultural e facilitando a consciencialização das crianças sobre o papel que, elas próprias, desempenham na sociedade. Todas as modificações têm provocado impactos na relação entre o Estão, o mundo da família, o mundo do trabalho e o lugar das mulheres e das crianças na sociedade, particularmente nos últimos seis ou sete anos” (Departamento de Educação Básica/OCDE, 2000, p. 170).

O direito à educação e à igualdade de oportunidades permitirá que cada criança possa

adquirir uma aprendizagem e formação adequada, favorecendo não só o seu desenvolvimento global e harmonioso mas também a sua inclusão “saudável” na sociedade de que faz parte. A escola deverá responder às suas necessidades e interesses, consoante a sua realidade social e dando a cada criança a oportunidade de desenvolver as suas potencialidades e a sua personalidade, tornando-a, na medida do possível, um cidadão responsável e preparado para a vida.

“O percurso até à inclusão passou por um conjunto de decisões e medidas tomadas no seio de organizações e agências internacionais, como as Nações Unidas e a Unesco, que tiveram Extraordinária importância na introdução progressiva de políticas sociais favoráveis à sua implementação” (Silva, 2008, p. 11).

Todos devem ter igual oportunidade de atingir totalmente o seu potencial educativo e que ninguém deve ter desvantagem em atingir esse potencial.

De acordo com Ambrósio (2001) o sistema educativo a nível nacional deve ser uma grande rede de cooperação entre instituições, sejam elas públicas ou privadas, no sentido de lutarem contra a exclusão escolar e social evitando assim discriminações futuras.

Para Rodrigues a “educação inclusiva” apresenta-se “como uma evolução da escola integrativa” (2000, p. 10), salienta ainda a importância do corte com os valores da educação tradicional, afirmando que a estratificação da sociedade exprime-se e reforça-se nas diferenças de oportunidades sociais, de educação e, mesmo, de aproveitamento escolar. As oportunidades educacionais não podem ser dissociadas do estatuto do educando na sociedade nem de condições familiares, económicas, regionais e culturais. Para o autor, a Educação Inclusiva “constitui uma oportunidade para que uma parte muito significativa da população escolar não seja afastada e punida – sem culpa nem julgamento – do convívio e da riqueza que a diferença nos traz” (2000, p. 13).

É pois, fundamental que se lute para uma igualdade de oportunidades no seio da instituição escolar, no entanto é um trabalho difícil uma vez que existem problemas preliminares complicados de resolver, ao nível da saúde, higiene, alimentação e da cultura. É difícil fazer da escola um “exterminador” das desigualdades, mas esta, poderá contribuir, certamente para a sua neutralização.

A inclusão origina assim, uma escola para todos com igualdade de direitos e oportunidades, acolhendo às características específicas de cada aluno com dignidade e respeito pois só desta forma se poderá reforçar a ideia de que, “A educação hoje é tida como um valor inquestionável.” (Vieira & Pereira, 2007, p. 20).

Segundo os autores atrás referidos, o princípio da Inclusão apela para uma escola que

atenda a criança no seu todo e não somente a criança/aluno respeitando três níveis de desenvolvimento: académico, sócio/emocional e pessoal proporcionando-lhe uma educação apropriada maximizando as suas potencialidades.

Para Vieira e Pereira (2007) o sucesso educativo pressupõe uma pedagogia centrada na criança e adaptada às necessidades de cada um em particular e o êxito da educação inclusiva depende em grande parte da integração das crianças de risco desde a Infância.

Assim, segundo os autores referidos anteriormente, pode-se então sublinhar a importância da Educação na Infância como sendo a primeira e conseqüentemente a mais eficaz promotora de “Igualdade de Oportunidades” ao longo da vida.

As aceleradas e profundas transformações verificadas nas últimas décadas à escala mundial, resultantes de processos demográficos, tecnológicos e económicos, modificam completamente o programa da educação criando novos desafios e responsabilidades aos sistemas educativos.

As escolas actuais apresentam uma população fortemente marcada pela heterogeneidade e diversidade, alunos com diferentes, saberes, sistemas de valores, sistemas de representação e de interpretação da realidade. Onde é patente a transformação do método de ensino, pois “ A educação deixou de ser unilateral para ser bilateral; o aluno não é apenas um elemento passivo (um objecto), passou a ser também um agente activo (um sujeito). A educação é uma interacção” (Formosinho, 1991, p. 31).

Na escola inclusiva, os alunos, irão encontrar apoio específico e adaptações curriculares próprias e adequadas as suas necessidades. E nesta diversidade pedagogicamente enriquecedora e eticamente correcta que a escola regular passa a ter dois tipos de alunos: os “que seguem o currículo uniforme e principal” e “os que, tendo deficiência ou dificuldades reconhecidas e estando integrados, têm legitimidade para seguirem caminhos mais ou menos alternativos” (Rodrigues, 2001, p. 9).

Podemos constatar que existem escolas e professores que trabalham no sentido da integração de todas as crianças porém outras há que continuam longe de assegurar a todas as crianças as mesmas oportunidades. Desta forma promove-se o sucesso de algumas crianças e o insucesso de outras, nomeadamente aquelas que apresentam mais dificuldades de aprendizagem, das pertencentes a famílias sociais e culturalmente mais desfavorecidas e ainda das crianças com Necessidades Educativas Especiais, conduzindo-as muitas vezes a desinteresse escolar e contribuindo para a exclusão escolar e para a indisciplina que podem levar à exclusão social.

Benavente (1990, p. 73) diz-nos que “se pode ser relativamente fácil realizar mudanças de estruturas ou de coisas, o mesmo não acontece quando se trata de mudanças envolvendo práticas, valores e atitudes”. Podemos alterar o espaço físico mas mudar mentalidades é sempre mais moroso e complexo. O sistema educativo tem assim de garantir um processo educativo de qualidade ao alcance de todos, o que ainda não existe de forma plena, em que seja possível a equidade e o sucesso de todos os alunos, de modo a que, todos, sejam preparados para as exigências das sociedades actuais e, assim possam desfrutar de uma vida mais digna e feliz.

Neste sentido impõe-se a necessidade de educar para a diferença, o que significa encontrar modelos de educação, trabalhando em equipa, com parcerias adequadas e competentes, capazes de perceber as diferenças e encará-las como fonte de enriquecimento para todos. Segundo Sanches e Teodoro “Numa escola inclusiva só pode existir uma educação inclusiva, uma educação em que a heterogeneidade do grupo não é mais um problema mas um grande desafio à criatividade e profissionalismo dos profissionais de educação...” (2006, p. 72).

É deste novo contexto que emergem novas respostas sociais e educativas, através de entidades públicas e privadas, que se associam e trabalham em parceria, para procurar dar resposta a alguns problemas da sociedade actual. Estas, sem dúvida fomentam a construção de saberes e competências, assentes em princípios pedagogicamente enriquecedores, capazes de criar recursos e estratégias que estimulem e facilitem o respeito pelo outro e pela inclusão.

Entre elas podemos encontrar a CPCJ (em risco), que é uma instituição oficial não judiciária com autonomia funcional para promover os direitos da criança e dos jovens, pondo fim a situações susceptíveis de afectar a segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento integral.

Segundo a Lei de Promoção e Protecção de Crianças e Jovens n.º 11/2008 e 12/2008, de 17 de Janeiro (Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social, 2008), esta comissão deve intervir quando não seja possível às entidades competentes na matéria de infância e juventude actuarem de forma adequada e regular para evitar o perigo em que estes se encontram.

A CPCJ, funciona a dois níveis, na modalidade de Comissão Alargada e em Comissão Restrita.

A Comissão Alargada é composta por 12 membros, a quem compete desenvolver acções de promoção dos direitos e de prevenção das situações de perigo. A Comissão Restrita funciona em permanência e é composta por 7 membros, a quem compete intervir nas

situações em que uma criança está em perigo.

Qualquer pessoa que tenha conhecimento de uma situação que ponha em perigo uma criança ou jovem pode fazer a sinalização pessoalmente, por telefone ou correio electrónico. Esta poderá ser efectuada junto das entidades competentes em matéria de crianças e jovens, às entidades policiais, às comissões de protecção e as autoridades judiciárias. Pode ser anónima ou identificada.

A sua competência territorial é na área do município onde têm sede. As suas instalações e os meios materiais de apoio são assegurados pelo município, podendo para o efeito serem celebrados protocolos de cooperação com serviços do Estado representados na comissão nacional.

Os membros da comissão representam os serviços e as entidades que os nomeiam, as suas funções têm carácter prioritário.

A intervenção para a promoção dos direitos e protecção da criança ou jovem, obedece a princípios orientadores, nomeadamente à ressalva dos interesses da criança; privacidade; Intervenção precoce; responsabilidade parental; prevalência da família, obrigatoriedade de informação, audição obrigatória e participação.

A esta comissão compete ainda a inclusão sócio pedagógica da criança ou jovem na sociedade em que está inserido. A relação de partilha e cooperação, o trabalho em equipa, com objectivos e metas delineadas em conjunto, entre a escola e a comissão, será uma das estratégias facilitadoras do processo de inclusão da criança em risco.

De acordo com Benavente (1990) impõe-se assim a necessidade de criar ambientes que promovam a educação para a diferença, assentes nos princípios de implementação de uma escola para todos, uma escola inclusiva capaz de dar respostas adequadas a todas as crianças em função das suas necessidades.

Segundo a autora, é fundamental que se defenda a introdução de uma educação intercultural nos projectos educativos das escolas e conseqüentemente nos currículos para que desta forma as culturas que coexistem na escola se conheçam, enriqueçam e respeitem tendo em conta as particularidades de cada um. A melhor maneira de podermos proporcionar uma continuidade entre os valores e cultura das crianças é interagindo com as famílias. A escola terá de se abrir à comunidade, permitindo e estimulando a entrada dos pais e encarregados de educação, criando espaço para eles se reunirem, proporcionar-lhes formas de comunicação frequentes, tratá-los como verdadeiros membros da comunidade educativa e dar-lhes a conhecer o currículo escolar.

Segundo Lightfoot, citado por Davies, Marques e Silva, “se nós reconhecermos que cabe à família o primeiro papel na educação das crianças, então a escola terá de incorporar no currículo os valores e as culturas das famílias e da comunidade” (1993, p. 33).

Para Davies, Marques e Silva, o ideal será que pais, educadores e intervenientes no processo educativo e social, possam trabalhar em conjunto da melhor maneira possível, ultrapassando dificuldades e resolvendo problemas, contribuindo para construir uma escola capaz de satisfazer as necessidades e interesses dos seus alunos e da comunidade envolvente.

Na opinião destes autores, se entendermos a escola como um sistema ao serviço da comunidade, então será justo que esta mesma comunidade participe na escola, para que esta possa por sua vez, ir de encontro aos interesses e necessidades da comunidade que a envolve. Desta forma deve estar aberta ao exterior e sofrer as influências do meio ambiente e cultural no qual os seus alunos e respectivas famílias habitam.

1.1 – Conceito de criança em risco

1.1.1 – Perspectiva histórica de crianças em risco

Cada época tem as suas características próprias, algumas delas despropositadas e inaceitáveis, definidas sem ponderação e com consequências graves que colocam em risco o futuro da sociedade. Durante a história da humanidade foram relatados alguns actos ilícitos e desajustado aos olhos da lei e do salutar desenvolvimento da criança que tiveram e terão graves consequências.

Segundo DeMause, citado por Magalhães (2005), a história da criança divide-se em seis fases:

- Fase do infanticídio (desde a antiguidade até ao Séc. III);
- Fase do abandono (do Séc. IV até ao Séc. XIII);
- Fase da ambivalência (do Séc. XIV ao Séc. XVII);
- Fase da instrução (Séc. XVIII);
- Fase da socialização (Séc. XIV e primeira metade do Séc. XX);
- Fase da ajuda (a partir da segunda metade do Séc. XX).

Estas podem contribuir para uma melhor percepção do actual fenómeno dos maus-tratos a crianças e jovens. Pois muitos dos erros do passado transformaram-se em graves situações do presente que carecem de um devido acompanhamento para minimizar os danos actuais e

tentar solver algumas consequências que teriam efeito a curto e longo prazo.

Alguns autores, como Dias Huertas, citado por Magalhães (2005), reconhecem cinco períodos distintos na história dos maus-tratos infantis:

- Do desconhecimento (até 1946);
- Da descrição de síndromas sem as identificar (1946- 1961);
- Da identificação (1972 até meados da década de 70);
- Do reconhecimento (meados da década de 70 a meados da década de 80);
- Da prevenção (desde meados da década de 80).

Perante a análise destes cinco períodos da história podemos dizer que tempos houve em que a criança era encarada como total propriedade dos pais, sujeita as suas ordens e caprichos, sem punição por parte da lei e aceitável aos olhos da sociedade.

A mentalidade foi evoluindo, tal como a ciência que aos poucos foi despertando para um dos flagelos da sociedade, pois o desrespeito pela integridade física e psíquica da criança podem ter consequências irremediáveis. Só no Séc. XIX é que apareceu o interesse pela protecção infantil. E é também neste século que se dá a promulgação de uma lei de protecção das crianças maltratadas.

Em 1911, em Portugal começou a ser debatida a questão dos maus-tratos, mas só nos anos 80 é que surgiram estudos mais aprofundados sobre o tema. O primeiro grande estudo português nesta área foi preconizado por Fausto Amaro, no ano de 1986.

No ano de 1965 surge o termo “criança abusada”, através de Kempe, que se refere as crianças vítimas de maus-tratos físicos e emocionais, às abandonadas e às vítimas de negligência ou de abuso sexual.

A 20 de Novembro de 1989, surgiu a “*Convenção dos Direitos da Criança*”, das Nações Unidas, aprovada em Assembleia-Geral, e foi sem dúvida um marco histórico. Em Portugal esta convenção foi ratificada em 1990.

Segundo Magalhães (2005), no ano de 1991, a Legislação Portuguesa sobre esta matéria foi-se actualizando tendo em conta os desenvolvimentos científicos e culturais. Foram também criadas as Comissões de Protecção de Menores.

A Comissão Interministerial para o estudo da articulação entre os Ministérios da Justiça e da Solidariedade Social e Segurança Social, na Resolução do Conselho de Ministros n.º 193/97, define claramente o que é uma criança em risco.

“(…) o conceito de «criança e jovem em risco» enquadra as crianças e jovens sujeitos a maus tratos, aqueles a quem os pais ou os representantes legais não prestam os cuidados necessários ao seu desenvolvimento e ainda aqueles que, com

o seu comportamento, ponham eles próprios em causa o seu desenvolvimento, não tomando os pais ou representantes legais (ou não podendo tomar) as medidas necessárias para pôr cobro a esse comportamento, ou não se mostrando eficazes as medidas que estes adoptam” (Presidência do Conselho de Ministros, 1997, p. 6015).

Magalhães (2005) escreve ainda que no ano de 1999 foi redigida a Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo, que entrou em vigor a 1 de Janeiro de 2001 (Assembleia da República [AR], 1999), que substituiu as Comissões de Protecção de Menores pelas CPCJ em Perigo, prevendo-se novas formas de intervenção para a sua protecção.

1.1.2 – Tipologia dos maus-tratos

Segundo Magalhães (2005), os maus-tratos e a violência inerente a estes podem manifestar-se de diversas formas:

- Maus-tratos físicos;
- Abuso emocional;
- Abuso psicológico,
- Abuso sexual;
- Negligência;
- Abandono;
- Exploração no trabalho;
- Exercício abusivo de autoridade;
- Tráfico de crianças e jovens;
- Outras formas de exploração.

A autora refere que os maus-tratos podem manifestar-se através de comportamentos activos ou passivos. Tais comportamentos devem ser analisados, mas nunca esquecendo de ter em conta a cultura e a época em que ocorreram. Estes conflitos podem ocorrer em diversos contextos, designadamente o familiar, o social e o institucional. A vítima pode ser maltratada por alguém que lhe é próximo (pai, mãe, irmão, etc.), por uma pessoa conhecida ou por estranhos. O abusador é geralmente um adulto ou criança mais velha.

1.1.3 – Aspectos epistemológicos

Segundo Magalhães (2005), os maus-tratos surgem num contexto de reprodução social,

ocorrendo em todos os grupos sociais. Embora se registre uma maior incidência nas classes sociais mais desfavorecidas pois aparece relacionada, na maioria das vezes, com a promiscuidade e desorganização da vida profissional, social e familiar.

Segundo a autora mencionada anteriormente, a realidade da actualidade é dramática, pois as estatísticas mostram que o número de crianças que sofrem maus-tratos e se encontram em situação de risco tem vindo a aumentar.

É importante estarmos atentos a este flagelo, saber identificar a possível vítima e o agressor. Para isso é necessário conhecer o perfil destes, Magalhães (2005) enumera-os da seguinte forma:

Perfil da criança vítima de maus-tratos:

- Em ambos os sexos pode ocorrer violência;
- Os maus-tratos atingem crianças de todas as idades;
- Vivem com outros irmãos, e geralmente são os mais novos;
- Faltam com frequência a escola;
- Chegam sistematicamente atrasadas à escola;
- Geralmente são alunos que chumbam pelo menos um ano;
- São crianças que permanecem sozinhos em casa durante longos períodos de tempo;
- Crianças que muitas das vezes tem a cargo irmãos menores;
- Não vão com regularidade as consultas médicas de rotina;
- Em alguns casos pode existir doença crónica, deficiência física ou mental.

Perfil do Abusador:

- Na maioria dos casos co-residem com a criança;
- Geralmente o abusador é a mãe ou o pai;
- Em alguns casos o abusador é portador de deficiência física ou mental;
- Alguns são alcoólicos;
- Alguns cometeram actos considerados como crime.

1.1.4 – Factores de risco

Para Magalhães (2005), os factores de risco são aqueles que por qualquer influência aumentam a probabilidade de ocorrência ou manutenção da situação de risco e maus-tratos.

Como refere a autora, associados ao risco das crianças estão identificados alguns factores que devem ser tidos em conta. Embora durante a avaliação da situação deve sempre

predominar o bom senso do profissional, este deve estar ciente do contexto em que a ocorrência foi diagnosticada, muitas vezes factores isolados não são necessariamente situações de risco. Há que avaliar a situação com rigor e profissionalismo para que sejam tiradas elações ajustadas ao caso, coerentes e plausíveis e que justifiquem a intervenção.

Segundo Magalhães (2005) obedecem as seguintes características:

Características individuais dos pais:

- Alcoolismo;
- Toxicodependência;
- Perturbações da saúde mental ou física;
- Antecedentes de comportamentos desviantes;
- Personalidade imatura e impulsiva;
- Baixo auto-controle e reduzida tolerância as frustrações;
- Grande vulnerabilidade ao stress;
- Baixa auto-estima;
- Atitude intolerante, indiferente ou excessivamente ansiosa face às responsabilidades relativas à criação dos filhos, conduzindo à falência do sistema comunicacional de retroacção;
- Incapacidade de admitirem que a criança foi ou possa vir a ser maltratado e incapacidade para lhe oferecer protecção no futuro;
- Antecedentes de também terem sofrido maus-tratos na infância;
- Idade inferior a 20 anos (particularmente a mãe);
- Gravidezes muito próximas;
- Baixo nível económico e social;
- Inexperiência e falta de conhecimentos sobre o processo de desenvolvimento da criança;
- Desemprego;
- Perturbações no processo de vinculação com o filho;
- Excesso de actividades profissionais ou sociais que dificultem a relação com a criança.

Características da criança:

- Vulnerabilidade no que diz respeito à idade e necessidade de cuidados;
- Personalidade e temperamento desajustado dos progenitores;
- Criança prematura;

- Perturbações da saúde física ou mental;

Características do contexto familiar:

- Gravidez indesejada;
- Família monoparental;
- Família reconstituída com filhos de anteriores relações;
- Família com muitos filhos;
- Família desestruturada;
- Família com problemas económicos e habitacionais.

1.1.5 – Indicadores de factores de risco

Perante a análise efectuada com base na leitura de vários documentos consultados na sede da CPCJ, sobre a temática, os indicadores ou sinais de alarme de maus-tratos, são um conjunto de sinais e sintomas que se revêem num contíguo de atitudes ou sintomas meramente indicativos da possibilidade de existência de uma situação deste tipo.

Segundo Magalhães (2005), sempre que exista uma suspeita de maus-tratos, deverá ser investigada e analisada para se proceder à despistagem de eventuais perigos para a criança e jovem em causa.

Na opinião da autora atrás citada, devemos ter presente que as manifestações desses abusos podem aparecer de forma muito variada, usualmente reportam a graves consequências a curto e médio prazo, provenientes de situações de maus-tratos. Na maioria das vezes os sintomas são evidentes, do tipo de maus-tratos praticados com a criança ou jovem.

Magalhães refere que devemos saber que:

- Qualquer criança ou jovem pode ser objecto de maus-tratos e, que portanto qualquer deles que apresente lesões pode ser considerado uma vítima;
- Em cada caso pode subsistir uma sobreposição de diversos tipos de maus-tratos;
- Aos sintomas de maus-tratos associam-se sempre sintomas de abusos emocionais;
- Os sintomas ou sinais variam conforme a gravidade e o tipo de maus-tratos exercido na criança ou jovem;
- Também podem existir situações de maus-tratos em que não são observados sintomas ou sinais indicativos dos mesmos;
- Por vezes também se observam sintomas sugestivos de maus-tratos que depois de devidamente analisados se chega à conclusão que não têm qualquer fundamento.

A autora afirma que por vezes estamos perante sinais que são questionáveis outros há que são inequívocos da situação de maus-tratos. São exemplo disso os seguintes:

- Inequívocos:
 - Gravidez;
 - Presença de esperma no corpo da criança;
 - Algumas lesões ou doenças sexualmente transmitidas.
- Questionáveis:
 - Uma mudança súbita do padrão de comportamento anterior do menor;
 - Lesões frequentes na criança (que por vezes depois de investigar-mos a situação verificamos que são somente resultado da forma descuidada como brincam e que nada tem à ver com maus-tratos).

Para Magalhães (2005) estes sinais de alarme podem ocorrer isolados ou em simultâneo e aparecer subitamente ou de forma evolutiva.

Segundo a mesma autora, quando nos deparamos com estes casos, geralmente observamos crianças com baixa auto-estima e imatura, sem qualquer tipo de expectativas em relação ao futuro, com dificuldades intelectuais, de aprendizagem, de linguagem e de integração.

Perante estas situações é indispensável intervir com brevidade e coerência para conseguir colmatar ao máximo as sequelas que permaneceram na criança e jovem abusado.

Não é possível perspectivar as consequências resultantes dos diferentes tipos de maus-tratos praticados à criança ou jovem. Mas podemos afirmar que este manifestará sempre sequelas principalmente ao nível emocional.

1.1.6 – Consequências orgânicas e psicossociais

Para Magalhães (2005), as situações de maus-tratos aparecem na maioria das vezes mistas, ou seja, de ordem física e emocional. Não sendo por isso fácil de prever a correlação do mau trato com as consequências a longo prazo que daí podem advir.

Na opinião da autora atrás mencionada, nem sempre os maus-tratos são praticados por indivíduos exteriores ao núcleo familiar, muito pelo contrário, muitas vezes são fruto de abusos intra-familiares. Esta situação terá graves consequências para a criança ou jovem, dado que se perde a confiança e a segurança dentro da própria casa, o que será uma ameaça profunda para o seu equilíbrio emocional e o desenvolvimento harmonioso.

A autora atrás referida diz que, a gravidade das consequências depende de vários factores:

- Tipo e duração do abuso;
- Grau de relacionamento com o abusador;
- Idade da criança ou jovem;
- Nível de desenvolvimento da criança ou jovem;
- Tipo de personalidade da criança ou jovem;
- O nível de violência e de ameaças sofridas pela criança ou jovem.

Consequência psicossocial, que podem ocorrer (Magalhães, 2005, p. 64):

- Cognitivas:
 - Défice intelectual;
 - Défice de linguagem;
 - Baixo rendimento académico ou profissional.
- Afectivas:
 - Baixa auto-estima;
 - Sensação de medo angústia e raiva,
 - Disfunções sexuais;
 - Ideação ou tentativa de suicídio.
- Comportamentais:
 - Dificuldade de relacionamento interpessoal;
 - Escasso reconhecimento das emoções;
 - Isolamento;
 - Agressividade;
 - Dificuldade de percepção e aceitação de normas morais e sociais;
 - Sentimentos de culpabilidade;
 - Baixa iniciativa e motivação;
 - Violência conjugal;
 - Maus trato dos seus próprios filhos, reproduzindo as acções que sofreu quando criança;
 - Toxicoddependência;
 - Prostituição;
 - Conduta anti-social.
- Psiquiátricas:

- Neurose;
- Depressão;
- Psicose;
- Transtornos múltiplos de personalidade.

1.1.7 – Sistema legal de protecção

No ano de 1911, o Estado Português, demonstrou alguma preocupação pela problemática inerente aos maus-tratos, por essa razão formalizou a Lei da Infância e Juventude. Após a promulgação desta lei, o estado caminha em direcção à procura incessante de encontrar uma resposta aceitável para estas crianças, é neste sentido que surge a Organização Tutelar de Menores, no ano de 1962 com texto revisto em 1978 (Decreto-lei n.º 314/78, de 27 de Outubro), que se manteve em vigor até final do ano 2000.

“A criação, em 1991, das comissões de Protecção de Menores veio reforçar, em alguns casos, a continuação do trabalho da equipa hospitalar com a vigilância de crianças de risco na comunidade.” (Canha, 2003, p. 45).

A *Convenção das Nações Unidas sobre o Direito das Crianças* foi o ponto de partida para uma grande jornada, sobre esta temática. Os Estados Membros das Nações Unidas assumem a tomada de decisões conjuntas com objectivo principal colmatar situações de risco e criar comissões credíveis e funcionais para atender e responder a casos identificados ou sinalizados. A 1 de Janeiro de 2001 entrou em vigor a nova Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo – Lei 147/99, de 1 de Setembro (AR, 1999). Esta aproveitou a experiência adquirida pelas comissões de protecção de menores em risco e reestruturou-as atribuindo-lhes um novo estatuto.

Segundo a Lei 147/99, de 1 de Setembro (AR, 1999), a CPCJ é uma instituição oficial não judiciária que actua a nível concelhio, segundo a legislação Portuguesa. O seu objectivo é promover os direitos das crianças e dos jovens acautelando ou pondo termo a situações passíveis de afectar a segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento global. As competências desta instituição traduzem-se na prevenção, protecção e promoção dos direitos das crianças e jovens segundo as normas mundiais.

A Lei 147/99, de 1 de Setembro (AR, 1999), refere que a CPCJ é constituída por duas comissões, a Comissão Restrita (compete-lhe intervir nas situações em que a criança ou jovem se encontra em situação de risco) e a Comissão Alargada (que tem como função

desenvolver acções de promoção e protecção dos direitos da criança e jovem em situação de risco) e, com a competência territorial para promoverem acções, identificarem carências, mobilizarem recursos na comunidade e colaborarem na divulgação de programas que afastem crianças e jovens das situações de risco.

Como afirma Canha, (2003) a adequada prevenção e acompanhamento, nestes casos, é primordial para interagir nas sequelas resultantes do acto ocorrido.

“Na suspeita de mau-trato, a criança deve ser internada ou temporariamente afastada do meio familiar, visando um duplo objectivo: em primeiro lugar, a protecção, impedindo que os maus-tratos continuem e provoquem lesões mais graves; em segundo lugar, dispor do tempo suficiente para um estudo familiar e social completo. Esta situação vai permitir que se tomem as diligências necessárias ao seu encaminhamento correcto.” (Canha, 2000, p. 37).

A comissão tem competência na tomada de decisões que visem minimizar o risco e intervir atempadamente, tornando-se o tribunal subsidiário desta (Decreto-Lei 189/91, de 23 de Novembro). Contudo tornam indispensável o auxílio e cooperação de toda a população, na tentativa de identificação de casos de crianças e jovens em risco.

Segundo a Lei n.º 147/99, de 1 de Setembro, qualquer cidadão é responsável por denunciar casos de abuso ou risco, a crianças e jovens com idades inferiores a 18 anos, que tenha conhecimento ou suspeita de algo anómalo. Deve fazê-lo com a maior celeridade possível; na Polícia, Guarda Nacional Republicana, Segurança Social ou Linha SOS Criança, que posteriormente entrará em contacto com a CPCJ e tomará as diligências previstas na Lei Portuguesa.

A CPCJ, procederá à Legitimidade da Intervenção conforme vem mencionado no Artigo 3º da Lei n.º147/99, perante a sinalização após a sinalização irá reunir a Comissão Restrita (composta por cinco ou mais membros, obrigatoriamente em número ímpar) para dar início à avaliação e investigação das informações relacionadas com a sinalização efectuada. Posteriormente, através de um diagnóstico efectuado por profissionais, tomará medidas de promoção dos direitos e de protecção da criança ou jovem em causa, tendo um dos elementos da Comissão Restrita a função de coordenar e acompanhar o caso.

Sempre que a situação de risco se confirme, aplicar-se-á o artigo 4º da lei n.º147/99, se a criança ou jovem estiver ou poder estar em eminente situação de risco, serão tomadas providências cautelares adequadas a situação.

A comissão acompanhará o caso com autorização dos pais, se a criança tiver idade inferior a 12 anos (AR, 1999), após esta idade também o jovem terá de dar autorização para que a comissão possa investigar e intervir no processo como vem legislado no Artigo 10º. Em

caso dos pais ou do jovem não autorizarem a investigação ou acompanhamento do caso, por parte da comissão e estar provada a situação de risco, esta tem como dever informar o Ministério Público como é mencionado no Artigo 11º, para que este tome as medidas adequadas ao processo e previstas na lei Portuguesa.

É da máxima importância atender, prioritariamente, ao interesse da criança e do jovem em causa, antes de ser aplicada qualquer medida, Artigo 34º da lei n.º147/99.

Respeitar a sua imagem, integridade e vida privada. Ouvi-los e informa-los dos procedimentos a que será sujeito.

A comissão deve intervir o mais célere possível, intercedendo conscientemente na situação, mantendo a privacidade da criança ou jovem sempre que possível, envolvendo somente as entidades e instituições indispensáveis para que o caso possa ser estudado. Terá de ir dando conhecimento aos pais das medidas que estão a ser adoptadas e responsabilizando-os relativamente aos deveres que têm para com os filhos.

Segundo Canha (2003), autora de várias obras que abordam o tema, “ Em cada dois dias uma criança Portuguesa é maltratada” (Iol Diário, 14 Julho de 2009), violência essa que muitas vezes leva á morte ou que tem consequências irreversíveis.

Segundo um estudo da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV], no último relatório que publicou no início de Julho do corrente ano, as situações de maus-tratos praticadas nos últimos três anos em Portugal originaram cinco vítimas mortais.

Conforme Canha (2003), que fundou e coordena, desde 1985, do Núcleo de Estudos da Criança em Risco do Hospital Pediátrico de Coimbra, na década de 80 os maus tratos físicos representavam a grande maioria (na casa dos 85% dos casos), mas desde após a década de 90 estes decresceram, dando lugar a uma subida gradual do diagnóstico dos casos de abuso sexual e maus tratos psicológicos.

1.1.8 – Apoio educativo a crianças e famílias de risco

1.1.8.1 – Princípios gerais

As escolas de hoje começam a estar direccionada para dar resposta não só a nível pedagógico mas também a nível social, moral e psicológico. Estamos perante um paradigma onde a escola adopta um novo papel na sociedade, deixando de ter como função primordial a transmissão de conhecimentos a nível pedagógico, de valores morais adequados e ajustados ao desenvolvimento das crianças e passando a ter como principal função o “cuidado parental

da criança” que deveria ser função/responsabilidade da família.

Segundo Martins, “A escola e a família podem considerar-se os 2 microssistemas (ou contextos próximos) no que respeita à socialização da criança e do adolescente” (2008, p. 177).

Para a autora atrás referida, aos pais deveria caber a função de proteger, amar e ensinar a criança a relacionar-se com os outros de forma harmoniosa e adequada. Mas na sociedade dos nossos dias isso muitas vezes não acontece, o que dá origem a situações totalmente desadequadas que colocam a criança em situação de risco e lhe comprometem significativamente o seu desenvolvimento psico-social.

Para Martins, tudo se transformou, a sociedade dos nossos dias, por vezes, desprovida de sentimentos e valores adopta comportamentos desadequados e as nossas crianças optam cada vez mais por estilos de vida fáceis, vulgares e vazios inerentes a situações de risco.

Na opinião da autora anteriormente referida, as exigências do mundo moderno fazem com que a criança se integre cada vez mais cedo e durante mais anos no ambiente escolar é por este motivo fundamental que se entende a Escola como o local onde a criança vive espontaneamente a relação com outras pessoas (amigos, educadores ou pessoal não docente) e onde aprende a conviver e a viver em sociedade.

Segundo Crespo *et al.* (2008, p. 5), a “Escola”, da actualidade, passou a ser um dos principais factores de desenvolvimento, crescimento, de qualidade social, de democracia e de liberdade para a criança.

Em pleno Séc. XXI tudo mudou, para Crespo *et al.*, as exigências do mundo moderno fazem do aluno o centro de todo o processo didáctico-pedagógico e a educação escolar começa a ser entendida como o processo de desenvolvimento físico, intelectual e moral dos educandos, desresponsabilizando os pais de tal função.

Para os autores, se considerarmos o estilo de vida adoptado pelas famílias modernas concluímos que estas põem cada vez mais em risco as relações interpessoais íntimas e afectivas e a criança vive cada vez menos sem relações profundas ou experiências positivas relacionadas com as mesmas.

Os autores referem que apesar das limitações impostas pelo novo ritmo de vida, tudo pode ser alterado, basta que para isso haja interesse por parte dos pais e que estes percebam que o mais importante não são os bens materiais, nem as muitas ocupações que facultam aos seus filhos mas sim conseguir uma formação de critérios morais no desenvolvimento global e harmonioso da criança.

Na opinião de Martins (2008), vivemos tempos de grandes transformações sociais e culturais e a problemática do desenvolvimento moral assume cada vez maior relevância nos padrões ideais para a criança.

Sendo a família o primeiro agente de socialização e do desenvolvimento moral da criança e o segundo a Escola é “inadiável” que exista uma forte ligação entre ambos. A partilha pode ser um elemento primordial para o início da intervenção no campo da resolução de alguns dos problemas da criança em situação de risco.

Segundo Martins (2008), “Uma forma eficaz de prevenir a violência é a promoção de uma comunicação positiva entre a escola e a família” (2008, p. 184). Na escola actual é usual chamar os Pais ou Encarregados de Educação sempre que a criança apresenta comportamentos inadequados, há que proporcionar uma mutação nesta forma de agir, desenvolvendo actividades e partilha de informação naturalmente sem conotação negativa em relação ao aluno. Isto trará benefícios na relação escola/família.

Para Martins (2008), a formação pessoal e social das crianças faz-se sobretudo através das vivências e das interações sociais, ou seja o raciocínio moral está presente nas mais pequenas coisas e pode surgir dos mais pequenos incidentes ocorridos na sala de actividades ou no ambiente familiar. É fundamental que se dê a conhecer aos pais os grandes objectivos pedagógicos definidos para a educação das crianças e levar estes a compreender a sua importância para que em casa os valores que se promovem na escola, possam ser igualmente desenvolvidos, praticados e valorizados. Estimular o desenvolvimento do raciocínio moral e promover atitudes e valores contribuirá sempre de forma positiva para a formação da personalidade de todas as crianças tornando-as pessoas que vivem em harmonia numa comunidade e conscientes dos seus direitos e dos seus deveres.

A criança deve saber como determinar se alguma acção em particular é certa ou errada ou se alguém é culpado ou não e é nesse sentido que se clarifica aqui a questão crucial. O que é então o desenvolvimento moral?

Numa perspectiva psicanalista é a partir de mecanismos de identificação e de conflitos que surgem as condutas morais. Para Freud o sujeito constrói o desenvolvimento a partir de princípios de prazer, refere que existe um grande sentimento de culpa que assenta no sujeito após a possível transgressão. A moralidade é analisada de acordo com a maior ou menor identificação do sujeito com os valores morais da sociedade e em particular com os valores e padrões morais dos seus pais. A componente emocional torna-se assim a marca fundamental na perspectiva psicanalista.

Na perspectiva de aprendizagem social, segundo Freud, a moralidade assenta sobretudo na componente comportamental considerando, o sujeito mais desenvolvido moralmente o que age tendo em vista não corromper as condutas classificadas como morais. É assim atribuída uma menor importância às capacidades cognitivas do sujeito.

Por fim surge-nos a perspectiva Estrutural-constructivista ou Cognitivo-constructivista defendida por Piaget (1981) e por Kohlberg (1982). Para estes teóricos cabe ao sujeito, em interacção social, a construção racional dos princípios morais ou seja o sujeito mais desenvolvido moralmente será aquele que é capaz de construir princípios éticos universais e seguir a sua acção moral através dos mesmos.

As três dimensões citadas nas Orientações Curriculares (1997, p. 52-53) para a Educação Pré-Escolar das relações e interacções que a criança na primeira infância deve satisfazer, através da família e da escola são:

1. O desenvolvimento pessoal e social, que assenta na constituição de um ambiente relacional securizante, em que a criança é valorizada e escutada, o que contribui para o seu bem-estar e auto-estima;
2. Favorecer a autonomia da criança e do grupo assenta na aquisição do saber-fazer indispensável à sua independência e necessário a uma maior autonomia, enquanto oportunidade de escolha e responsabilização;
3. A participação democrática na vida do grupo é um meio fundamental de formação pessoal e social.

A formação pessoal e social é considerada uma área transversal, dado que todas as componentes curriculares deverão contribuir para promover nas crianças atitudes e valores.

A formação de uma criança consciente, baseada na aquisição de um espírito crítico e na interiorização de valores adequados, pressupõe ainda a aquisição de diferentes conhecimentos e atitudes.

Na opinião de Martins (2008), uma coisa é clara a família é a base de toda a sociedade para a criança é nele que ela vai observar e vivenciar atitudes e comportamentos que lhe servirão de padrão para toda a vida.

Segundo a autora atrás referida, a confiança que se deposita na acção educativa familiar sobre a formação moral da criança baseia-se na seguinte consideração: na psicologia da aprendizagem, segundo o fenómeno da «transferência» aquilo que se aprende numa circunstância determinada pode aplicar-se com igual eficiência noutras ocasiões semelhantes ou relacionadas. Uma vítima poderá transformar-se num futuro agressor.

Na opinião de Martins (2008) a família é um grupo heterogéneo que oferece muitas possibilidades na aprendizagem da criança e é configurada segundo a quantidade e as modalidades das relações a que dá lugar, ou seja se os avós estão ou não presentes, se vivem com os pais ou só com um dos progenitores, se as crianças são os não “filhos únicos”, se há momentos de partilha e diálogo entre todos ou não, etc.

Segundo Canha, “O reconhecimento e valorização do papel da família e do ambiente no desenvolvimento da criança tornaram-se indiscutíveis ...” (2003, p. 22).

Para a autora atrás referida muitos são os pais que ainda continuam convencidos de que outras forças externas à família, como os amigos ou a escola são os que moldam com maior eficácia o carácter social e moral dos filhos. É fundamental que estes tomem consciência da sua responsabilidade e do poder da sua influência e que se agissem de outra forma a maior parte dos problemas morais da nossa sociedade não existiam.

Na opinião da autora referida anteriormente, a família deverá ser reconhecida como parceiro activo do Jardim de Infância não só para uma melhor compreensão das características individuais do grupo, como também, na concepção e realização de projectos que incentivem uma estreita ligação e uma actuação integradora dos diferentes contextos educativos onde a criança se desenvolve.

Segundo Canha (2003), sendo a escola e a educação, a instituição complementar da acção educativa da família, existe alguma dificuldade, por parte da sociedade em compreender que são dois contextos que contribuem para a educação da mesma criança e que deve existir uma relação entre eles, facilitando a interacção, favorecendo um clima de comunicação, de troca e procura de saberes entre crianças e adultos.

Como refere a autora acima citada, o contexto escolar deve ser desta forma aberto, flexível e cooperador com a família e ao mesmo tempo com a comunidade mais ampla.

Segundo Davies, Marques e Silva (1993), no fundo, não vale a pena investir em programas de educação em valores que ofereçam uma educação moral meramente formalista, que subvalorize a dimensão afectiva e a dimensão volitiva esqueça que a educação em valores não pode reduzir-se à educação moral. Uma verdadeira educação em valores tem de possuir um enquadramento antropológico e filosófico sólido e seguro, deve ser abrangente, ou seja, incluir não só o domínio cognitivo, mas também os domínios afectivo e volitivo e alargar o seu campo não só aos valores sociais, mas também aos valores pessoais.

1.1.8.2 – Em prol de uma educação democrática

A educação democrática tem sido uma das preocupações na história do atendimento à criança. A política educativa tem vindo a progredir significativamente nesta área.

Podemos verificar nas Orientações Curriculares (1997, p. 36), que a aprendizagem da vida democrática implica que o educador proporcione condições para formação do grupo, criando situações diversificadas de conhecimento, atenção e respeito pelo outro.

Os alunos são cada vez mais caracterizados pela sua diversidade. A escola encara assim com um grande desafio, o de responder e educar, com qualidade e igualdade de oportunidades, um leque diferenciado de alunos. Segundo Tomlinson “Os alunos que formam turmas do actual universo educativo...são bastante diversificados. São oriundos de diferentes culturas e apresentam diferentes estilos de aprendizagem” (2008, p. 9).

Os pais devem ser considerados como potenciais parceiros educativos, pois são eles que têm potencialidades e conhecimentos privilegiados sobre o seu educando. Podem levar ao melhor desenvolvimento do indivíduo enquanto aluno e agente activo da comunidade.

Segundo Apple e Beane (2000), a família e a escola, uma vez que são as duas instituições responsáveis no dever partilhado de educar as crianças, necessitariam de ser aliadas.

A escola de hoje, de modo geral, apresenta maior disponibilidade em aceitar um envolvimento mais próximo com a família dos alunos e é nesta partilha de responsabilidades e saberes que nascem novas temáticas democraticamente desenvolvidas em equipa. Para Apple e Beane a parceria entre escola e comunidade é indispensável pois “entre nós, tínhamos de encontrar formas de tornar a ideia de crescimento em algo maravilhoso, atraente e visivelmente amplo, de modo a poder incluir todos” (2000, p. 62).

Segundo os autores a cima referidos, a participação da família em todo o processo educativo é deveras importante, em prol da melhor qualidade do ensino e da forma como este é transmitido e trabalhado.

Para os autores referidos anteriormente, o professor não deverá esquecer que a vida familiar influencia grandemente o aluno a praticamente todos os níveis, sejam eles comportamentais, cognitivos ou sócio-afectivos. Razão pela qual caberá aos técnicos de educação preparar, esclarecer e motivar os pais a envolverem-se e participarem como agentes activos na escola. Os pais terão de ter um papel dinâmico, não só como elemento representativo, mas também activo, estando presentes e envolvidos nas decisões, planeamento e realização de algumas actividades.

Na opinião de Apple e Beane, com a participação dos pais na escola, poderemos com maior facilidade modificar a escola, adaptando-a aos interesses e necessidades de toda a comunidade, criando assim uma escola mais atractiva e dinâmica para todos.

Na base de uma relação de colaboração entre a escola, a família e a comunidade, deve residir a confiança e a ideia de que todos podem participar, trabalhando em conjunto para atingirem os objectivos por todos delineados.

Para Apple e Beane, uma escola democrática e inclusiva reconhece a necessidade de actuar com o objectivo primordial de incluir todos os intervenientes no processo sócio educativo, aceitando as diferenças, apoiando as aprendizagens, respondendo assertivamente as necessidades individuais de cada indivíduo envolvido neste processo, a isso chamamos ensino diferenciado. A meta desta escola é criar uma comunidade onde todos participem, trabalhem e aprendam em conjunto.

Conforme Tomlinson “Uma diferenciação bem sucedida será, geralmente, planeada de forma pró-activa pelo professor com o objectivo de ser suficientemente sólida para abordar diferentes necessidades” (2008, p. 16).

Isso não resultara no apagar das diferenças dos indivíduos nela inseridos, mas sim, no ser capaz de permitir a cada interveniente no processo educativo ter a certeza de pertença a uma comunidade educativa que valoriza e valida os seus saberes e as suas características pessoais, transformando-as num enriquecimento comunitário, para Tomlinson “como professores devemos ser capazes de ajustar a natureza da actividade proposta as necessidades de cada aluno, fazendo-o de forma equiparada e coerente” (2008, p. 17).

Segundo o Regulamento Interno da Instituição, a Creche (da IPSS) é um organismo por excelência, destinado a criar estratégias que facilitem e proporcionem o desenvolvimento de todas as capacidades, aptidões e potencialidades da criança. Aqui a criança interage com os seus pares, tem oportunidade de escolher e usufruir de espaço e material adequado ao seu nível etário e as suas características físicas, cognitivas, sociais e emocionais.

No documento referido anteriormente, na creche a criança tem oportunidade de desenvolver diversas actividades, algumas programadas e organizadas outras de carácter livre. Em todas as actividades as crianças agem por sua própria iniciativa e autonomia, brincam ao faz-de-conta, pintam, dançam, correm, saltam, expressam opiniões, dão sugestões, ouvem, partilham, ... assumindo diferentes papéis sociais de forma a desenvolverem interacções positivas com todos os membros da comunidade educativa.

Nesse documento atrás referido, podemos constatar que nos primeiros anos de vida que

as crianças vão formando estereótipos e demonstrando atitudes umas positivas outras negativas, especialmente no que diz respeito à diferença, associados muitas vezes a fenómenos como o racismo e a xenofobia, por isso justifica-se uma intervenção educativa, precoce ao nível da diversidade logo nos primeiros anos de vida. Nunca esquecendo que a par do desenvolvimento cognitivo, processa-se de forma indissociável o desenvolvimento social, interpessoal e moral.

Neste contexto evidencia-se a necessidade de “criar” escolas que promovam a educação para a diferença, assentes em princípios democráticos e inclusivos, capazes de dar respostas adequadas e pertinentes a todos os que nela participam, não esquecendo as necessidades de cada um dos intervenientes neste vasto processo de ensino aprendizagem. Como refere Tomlinson “a necessidade de ajustar a temática as crianças baseia-se no princípio fundamental de conhecer cada um deles cada dia melhor” (2008, p. 17).

Compete ao educador actuar e organizar as planificações de acordo com as reais necessidades dos intervenientes no processo de ensino aprendizagem, delineando e aplicando estratégias potencializadoras que motivem o interesse e a participação de todas as crianças do grupo. Para a autora Tomlinson “(...) diferentes abordagens têm em comum é que foram planeadas com o objectivo de encorajar um crescimento substancial em todos os alunos” (2008, p. 17). Estas abordagens/aprendizagens formativas, não se devem limitar à comunidade escolar, devem ser propostas e partilhadas com a comunidade local.

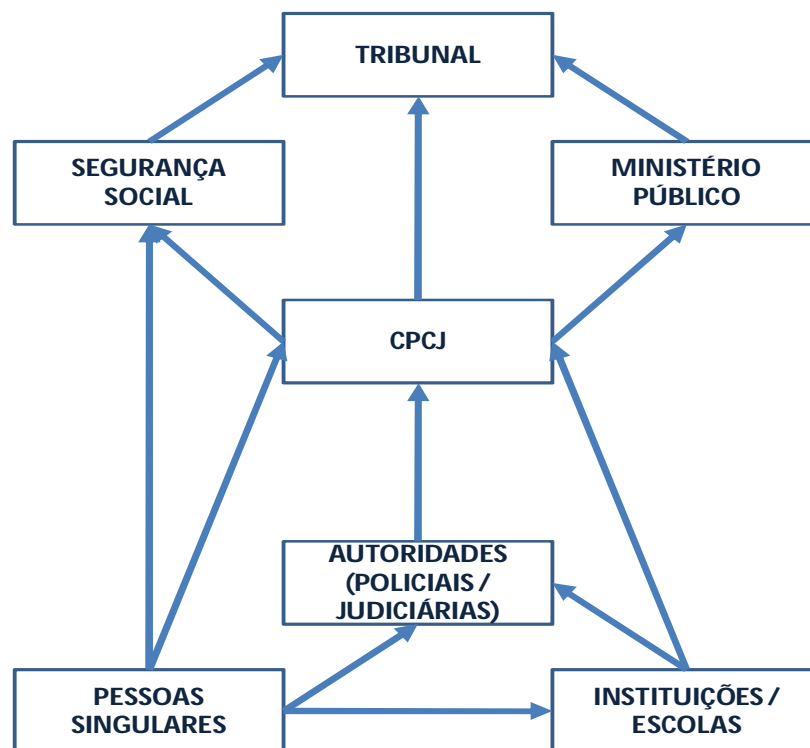
1.1.8.3 – Orientações educativas relativas a crianças em risco

O regime legal da promoção dos direitos e protecção e crianças e jovens em risco, inserido na Lei n.º 147/99 de 1 de Setembro, trouxe novas exigências na abordagem e tratamento dos casos, designadamente ao nível do diagnóstico, do planeamento, da temporização e da avaliação dos resultados da intervenção. Segundo esse documento, as tarefas e requisito são transmitidos às entidades com competência na matéria de infância e juventude, às comissões de protecção de crianças e jovens e aos tribunais, que actuam continuamente para remover a criança ou jovem da situação de perigo verificada.

“Para intervir de forma eficaz, na área da promoção dos direitos e protecção das crianças e dos jovens em perigo, é fundamental detectar os problemas precocemente e fazer o seu diagnóstico correcto” (Gomes, 2009, p. 8), encontrando-se as entidades envolvidas neste processo numa posição privilegiada para contribuir decisivamente na resolução e aplicação de

medidas adequadas a cada caso. A correcta e segura articulação entre entidades é fundamental, no decorrer da análise e acompanhamento das situações diagnosticadas (Figura n.º 1).

Figura n.º 1 – Interação entre as entidades envolvidas no processo de protecção das crianças e jovens em risco



(Fonte: Adaptado de Gomes, 2009)

As medidas aplicadas em cada processo devem contemplar estratégias de *coping*, pois de acordo com as pesquisas efectuadas por Zanobini *et al.* (2005), citado por Filippini *et al.* (2008), verifica-se a existência de uma inter-relação positiva entre a resiliência, a presença de adequadas estratégias de *coping* e a percepção da situação em causa, com base nos elementos:

- Individuais: equilíbrio emocional;
- Conjugais: divisão de papéis, comunicação adequada, partilha de responsabilidades e decisões, apoio recíproco;
- Familiares: relações gratificantes com outras crianças e membros da família;
- Sociais: relações extra-familiares, das quais se destaca as que se consubstanciam entre amigos e colegas.

2 – Enquadramento metodológico

Seguidamente apresentamos a explicação de como vai ser efectuado o Projecto de Investigação-acção, estratégia que surgiu há várias décadas com vista a colmatar a lacuna existente entre a teoria e a prática.

“A *investigação-acção* é um método que implica agir para melhorar a prática e estudar sistematicamente os efeitos da acção desenvolvida. Os investigadores da acção estudam um contexto particular da prática para identificar e descrever problemas ou áreas que necessitam de mudança. Então, identificam possíveis soluções e implementam-nas no contexto do problema. Os investigadores avaliam cuidadosamente o processo e os resultados da mudança para terem a certeza de que esta teve o efeito desejado. O objectivo da investigação-acção é obter soluções relevantes aplicáveis a contextos específicos da prática.” (Streubert & Carpenter, 2002, p. 279-280).

Na investigação-acção participativa não interessa qualquer conhecimento, pois os que interessam são os que podem servir de base para a construção e consolidação de novas relações de carácter social nas suas mais diversas dimensões, sejam elas de cunho económico, ideológico, interpessoal ou social, que emergem num determinado contexto (Souza, 2006).

No desenvolvimento de um projecto de investigação-acção decorrem um conjunto de práticas investigativas no intuito de produzir o conhecimento necessário, tendo em consideração que esta opção metodológica permite intervir num problema que se considera ser pertinente abordar e intervir (Cortesão, 2006).

2.1 – Caracterização do projecto

Sustentados nos pressupostos anteriores, a investigação-acção que desenvolvemos, teve como base a intervenção sócio pedagógica ao nível da educação inclusiva de crianças em risco, em idade de educação de infância e respectivas famílias, para isso, observou-se e analisou-se o tipo de resposta educativa e social oferecida por uma IPSS e por uma CPCJ.

Posteriormente entrevistaram-se os respectivos directores e os pais da criança, desenvolveram-se várias actividades contextualizadas com o Projecto Curricular de Grupo [PCG]. Fundamentou-se o projecto de investigação-acção, no sentido de observar, intervir e avaliar a oferta educativa e social disponibilizada a crianças em risco e respectivas famílias.

Foi nosso intuito com este estudo investigar/actuar/reflectir sobre a pertinência do contexto educativo e social na Infância, no sentido de cooperar na forma como cada uma das instituições promove estratégias facilitadoras de inclusão e desenvolvimento, a crianças consideradas de risco.

2.2 – Técnicas e instrumentos de pesquisa de dados

O presente projecto de investigação-acção tem como base a intervenção e o apoio ao nível sociopedagógico aplicado a crianças em risco, acção disponibilizada por uma IPSS e por uma CPCJ, sedeadas num Distrito do Alentejo.

Na elaboração do projecto foram aplicadas as seguintes técnicas de pesquisa e recolha de dados, são elas a entrevista semi-directiva, a observação naturalista, documentação consultada no arquivo na CPCJ, no arquivo da secretaria na IPSS, no arquivo na Intervenção Precoce e documentação cedida pela mãe da criança em risco.

A entrevista tem como conceito um meio básico de comunicação, utilizado por um grande número de profissionais no campo da educação, usado com o objectivo de recolher dados, a fim de partilharem informações e saberes (Flick, 2005; Fortin, Côté & Filion, 2009).

Ainda para Savoie-Zajc, citado por Guthier, “A entrevista consiste numa interacção verbal entre duas pessoas que se envolvem voluntariamente em igualdade de relações a fim de partilharem um saber experienciado e isto, para melhor compreender um fenómeno de interesse para as pessoas implicadas” (2003, p. 281).

A entrevista, segundo o autor atrás citado, é especialmente utilizada quando se quer perceber o sentido que os actores dão às suas práticas e aos acontecimentos que vivenciam. Por isso podemos afirmar que os métodos da entrevista são caracterizados pela interacção humana.

Existem três tipos de entrevista, que seleccionamos foi a semi-directiva pois as suas características são as mais pertinentes na resposta ao projecto que estamos a desenvolver. Esta

“Consiste numa interacção verbal animada de uma forma flexível pelo investigador. Este deixar-se-á guiar pelo fluxo da entrevista com o objectivo de abordar de um modo que se assemelha a uma conversa, os termos gerais sobre os quais deseja ouvir o respondente permitindo assim extrair uma compreensão rica do fenómeno de estudo” (Savoie-Zajc, citado por Guthier, 2003, p. 282).

Segundo o autor referido anteriormente, o entrevistador deve conduzir a entrevista tendo em conta o acolhimento, a entrevista propriamente dita e o fecho da mesma. Durante o

acolhimento deve explicar ao entrevistado a importância e o valor da informação a recolher. Esclarecer os objectivos da entrevista. Assegurar a confidencialidade das informações prestadas pelo entrevistado. Perceber o nível de experiência do entrevistado que participa na entrevista. Deve ainda formular algumas questões gerais de modo a que o entrevistado se sinta à vontade.

Para o autor acima citado, na entrevista o papel do interlocutor no acolhimento deve obedecer a alguns itens, nomeadamente; ser sensível aos bloqueios de comunicação por parte do entrevistado, colher informações importantes, manter uma relação interpessoal apropriada, manter o interesse do entrevistado em continuar a participar investindo tempo e energia na entrevista.

Na opinião do autor referido anteriormente, as competências afectivas também não devem ser descuradas pois a compreensão empática, escuta activa, sensibilidade, respeito pelo outro, paciência, autenticidade, simplicidade e capacidade de acolhimento são factores indispensáveis para a realização da entrevista. O entrevistador deve apresentar competências profissionais, planificando a entrevista, clarificando o que deseja saber, colocando questões de forma apropriada, permitindo feedback por parte do entrevistado e gerindo adequadamente o tempo partilhado.

Para Guthier (2003), as técnicas de comunicação utilizadas devem favorecer a escuta, a atenção e a linguagem não verbal. Também o ambiente é um elemento chave na entrevista. O local escolhido deve ser calmo, privado, bem arejado e suficientemente iluminado. O entrevistador e o entrevistado devem estar frente a frente com um gravador entre eles. As questões devem ser formuladas de modo a permitir ao entrevistado expor as suas opiniões, os seus sentimentos e as suas crenças relativamente a um determinado objecto de estudo. Assim as questões devem possuir características semelhantes: abertas, curtas, neutras e apropriadas.

Em contexto de sala de actividades foi efectuada uma Observação Naturalista, que foi indispensável para no processo de acção/reflexão/acção e pertinente na caracterização da dinâmica do grupo.

“Ninguém duvida que observar, participando na estrutura da cultura que se estuda como uma maneira de a aprender para elaborar o documento, seja um método científico, uma vez que permite abstrair os factores constantes da conduta, e compará-los com outras variáveis. Mas um tal procedimento é também uma forma de construir o objecto de pesquisa por meio da aculturação progressiva e da endoculturação permanente do investigador, na aprendizagem do conhecimento do grupo que estuda como se fosse membro do grupo em questão.” (Iturra, 1999, p. 157).

Em termos educacionais, o educador deve ser capaz de observar para recolher e organizar

critérios a informação e adaptar-se continuamente aos elementos que fazem parte da sua investigação. Há ainda que referir que a formação do observador é um aspecto fundamental na obtenção de dados úteis e significativos.

A *Observação Naturalista* é o único método de investigação social que capta no momento, os comportamentos em si mesmo, sem mediação de qualquer documento ou testemunho. O acto de observar é um acto aberto, que surge a partir das hipóteses que levantamos para o terreno. O observador pode ser participante ou não-participante.

A observação participante é um dos métodos de recolha de dados mais utilizado na investigação qualitativa (Costa, 1999). Esta oferece a informação sobre os comportamentos dos sujeitos. A observação participante consiste em recolher dados através da observação sobre os fenómenos em estudo o que implica que o investigador se envolva no contexto social que propôs estudar.

Estas técnicas e instrumentos de pesquisa de dados serão utilizados com o intuito de avaliar e reflectir antes de programar futuras intervenções, que pretendemos que sejam pertinentes e facilitadoras no processo de inclusão.

2.3 – Procedimentos para a recolha e análise de dados

De acordo com Estrela (1994), e partindo do princípio que a entrevista é uma técnica que permite a recolha de dados de opinião e o conhecimento de alguns intervenientes no processo, pareceu-nos que esta seria a técnica apropriada ao presente estudo. Tendo em conta a natureza e os objectivos do estudo, optou-se pela entrevista semi-directiva. Em primeiro lugar foi redigido o guião das entrevistas que posteriormente efectuamos, em duas etapas distintas, a quando do diagnóstico e, posteriormente, na avaliação (Anexo I; Anexo IX). Procuramos, no decorrer da mesma, não limitar as respostas dos entrevistados levando-os no entanto a esclarecer conceitos e situações concretas para que pudesse-mos dar resposta aos objectivos que delimitámos.

Objectivos da entrevista diagnóstico aplicada à Directora da IPSS:

- Recolher informação sobre o processo de admissão de crianças em risco na instituição;
- Perceber se o Projecto Educativo da Instituição contempla a inclusão de crianças em risco através dos conteúdos abordados e das estratégias utilizadas;
- Saber se existe profissionais especializados que apõem e planifiquem estratégias facilitadoras do processo de inclusão de crianças em risco;

- Conhecer qual o trabalho desenvolvido pela instituição com as famílias das crianças em risco;
- Saber se o Director da IPSS considera que a resposta dada as crianças em risco tem contribuído para colmatar as desigualdades e favorecer o processo de inclusão ao nível sócio pedagógico;
- Saber se o trabalho desenvolvido, pela instituição em parceria com a CPCJ, visa facilitar o processo de inclusão.

Esta entrevista foi realizada no Gabinete da Directora da Instituição

Objectivos da entrevista diagnóstico aplicada à Presidente da CPCJ:

- Recolher informação sobre as diligencias que a comissão efectua no decorrer do processo de admissão da criança em risco, tendo em vista a inclusão dessa criança, na IPSS;
- Perceber se a CPCJ, consulta o Projecto Educativo da Instituição no sentido de verificar se este contempla a inclusão de crianças em risco através dos conteúdos abordados e das estratégias utilizadas;
- Saber se a comissão se certifica que existem profissionais especializados que apõem e planifiquem estratégias facilitadoras do processo de inclusão de crianças em risco, na IPSS;
- Conhecer qual o trabalho desenvolvido pela comissão com as famílias das crianças em risco;
- Saber se o Presidente da Comissão considera que a resposta dada as crianças em risco tem contribuído para colmatar as desigualdades e favorecer o processo de inclusão ao nível sócio pedagógico;
- Saber se o trabalho desenvolvido, pela comissão em parceria com a IPSS, visa facilitar o processo de inclusão das crianças em risco.

Esta entrevista foi realizada no Gabinete da Comissão de Protecção de Crianças e Jovens

Objectivos da entrevista diagnóstico aplicada à Mãe da Criança em Risco:

- Recolher informação sobre as diligencias que a comissão efectua no decorrer do processo de admissão da criança em risco, tendo em vista a inclusão dessa criança, na IPSS;
- Perceber se a CPCJ, consulta o Projecto Educativo da Instituição no sentido de verificar se este contempla a inclusão de crianças em risco através dos conteúdos abordados e das estratégias utilizadas;

- Saber se a comissão se certifica que existem profissionais especializados que apõem e planifiquem estratégias facilitadoras do processo de inclusão de crianças em risco, na IPSS;
- Conhecer qual o trabalho desenvolvido pela comissão com as famílias das crianças em risco;
- Saber se o Presidente da Comissão considera que a resposta dada as crianças em risco tem contribuído para colmatar as desigualdades e favorecer o processo de inclusão ao nível sócio pedagógico;
- Saber se o trabalho desenvolvido, pela comissão em parceria com a IPSS, visa facilitar o processo de inclusão das crianças em risco.

Esta entrevista foi realizada no Gabinete da Directora da Instituição

Objectivos da entrevista de Avaliação aplicada à Directora da IPSS:

- Saber se os objectivos trabalhados em parceria, IPSS, CPCJ e Intervenção Precoce, foram pertinentes e auxiliares no processo sócio educativo de crianças em risco;
- Saber se o Director da Instituição considera que o trabalho decorrente desta parceria, tem contribuído para colmatar desigualdades e favorecer o processo de inclusão de crianças em risco na comunidade escolar e local;
- Saber se o trabalho desenvolvido, pela instituição em parceria com a CPCJ, visa facilitar o processo de inclusão minimizando défices socioeducativos nas famílias das crianças em risco.

Esta entrevista foi realizada no Gabinete da Directora da Instituição.

Objectivos da entrevista de Avaliação aplicada à Presidente da CPCJ:

- Avaliar se os objectivos trabalhados em parceria, CPCJ, IPSS e Intervenção Precoce, foram pertinentes e auxiliares no processo sócio educativo de crianças em risco;
- Saber se a Presidente da CPCJ, considera que o trabalho decorrente da parceria estabelecida entre as várias Instituições que integraram este projecto, contribuiu para colmatar desigualdades e favorecer o processo de inclusão de crianças em risco na comunidade escolar e local;
- Saber se o trabalho desenvolvido, pela instituição em parceria com a CPCJ, facilitou o processo de inclusão e minimizou défices socioeducativos identificados nas famílias das crianças em risco.

Esta entrevista foi realizada no Gabinete da Comissão de Protecção de Crianças e Jovens.

Objectivos da entrevista de Avaliação aplicada à Mãe da Criança em Risco:

- Avaliar se os objectivos trabalhados pela CPCJ, IPSS e Intervenção Precoce, foram pertinentes e auxiliares no processo sócio educativo do seu filho;
- Avaliar se considera que o trabalho decorrente da parceria estabelecida entre as várias Instituições que integraram este projecto, contribuiu para colmatar desigualdades e favorecer o processo de inclusão do seu filho na comunidade escolar e local;
- Saber se o trabalho desenvolvido, pela Creche em parceria com a CPCJ, visou facilitar o processo de inclusão socioeducativa das famílias das crianças que integram este projecto.

Esta entrevista foi realizada no Gabinete da Directora da Instituição.

Realizadas as entrevistas, procedemos à redacção dos respectivos protocolos, com a passagem a escrito, na íntegra dos registos áudio obtidos (Anexo II; Anexo X).

Como técnica de análise seleccionou-se a Análise de Conteúdo pois segundo Bardin (2004) esta constitui um conjunto de técnicas de análise das comunicações que tem como objectivos, obter através de procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos.

De seguida foi efectuada a análise de conteúdo (Anexo III; Anexo XI), começando-se por seleccionar os aspectos pertinentes e relevantes do discurso dos entrevistados, sendo eliminadas as questões e as passagens dos discursos que não iam ao encontro dos objectivos pretendidos.

Posteriormente construíram-se grelhas de categorização, divididas em categorias, subcategorias, unidades de registo e frequências onde foram colocadas as ideias retiradas das entrevistas realizadas.

No final surgiram as conclusões das entrevistas, apresentadas numa análise interpretativa dos resultados (Anexo IV; Anexo XII).

Também a *Observação Naturalista* fez parte do estudo, pois esta desempenha um papel fulcral em qualquer metodologia de investigação. Saber observar constitui uma etapa indispensável na iniciação do investigador. Também esta foi operacionalizada em duas etapas distintas, a quando do diagnóstico e, posteriormente, na avaliação.

Na observação participante houve a oportunidade de trabalhar a descoberto, com o grupo de crianças. A observação foi realizada em contexto de sala de actividades e decorreu durante uma unidade temática designada “A hora do conto”. Foram observados comportamentos e atitudes dos elementos do grupo que estiveram presentes.

Realizada a observação, procedeu-se à redacção do respectivo protocolo, com passagem

por escrito das ocorrências observadas (Anexo V; Anexo XIII).

De seguida efectuou-se uma análise de conteúdo (Vala, 1999), começando por seleccionar os aspectos pertinentes e relevantes dos intervenientes, sendo eliminadas os que não iam ao encontro dos objectivos.

Posteriormente construíram-se grelhas de categorização, divididas por categorias, subcategorias, comportamentos observados e unidades de frequência, fundamentais para efectuarmos a análise interpretativa dos resultados (Anexo VI; Anexo XIV).

A partir da análise de todos os dados recolhidos, pôde-se obter um conjunto de informações que permitiram dar continuidade ao projecto e intervenção que foi desenvolvido. Esta análise partiu da informação rica e profunda, obtida através do contacto directo do observador com os factos observados.

Com vista à sistematização das observações efectuadas, foi utilizado o SGS II – Escala de Avaliação das Competências no Desenvolvimento Infantil, igualmente nas etapas de diagnóstico e, posteriormente, de avaliação (Anexo VII; Anexo XV).

3 – Caracterização contextual da situação-problema

Tendo em conta a inclusão de uma criança em risco na IPSS, pretende-se promover um atendimento social e pedagógico adequado ao processo de inclusão destas crianças e respectivas famílias.

3.1 – O contexto escolar

Neste contexto falaremos do espaço físico e ambiente organizacional, onde a acção decorreu.

3.1.1 – Espaço físico e logístico

O contexto escolar em que está inserida a criança em estudo é a creche de uma IPSS. Segundo o Projecto Educativo da Instituição pode-se caracteriza-la da seguinte forma, é uma IPSS, projectada para dar resposta a diferentes faixas etárias.

Situada num Distrito do Alentejo, a instituição encontra-se localizada em dois bairros sociais distintos. A sede situa-se num edifício construído de raiz, que nos últimos tempos tem vindo a alargar as suas infra-estruturas. Situada num dos bairros sociais de uma cidade deste Distrito, fundado por volta dos anos sessenta, por um grupo de cidadãos conscientes dos problemas sociais e pedagógicos das famílias carenciadas.

Para dar apoio às crianças carenciadas, um grupo de senhoras da comunidade, ligadas a paroquia, desenvolveram um projecto sociopedagógico no Bairro. Para isso serviram-se de uma pequena casa pré-fabricada, inserida no seio do Bairro, onde trabalharam durante doze anos. Por falta de elementos humanos, entregaram a obra a outro grupo de senhoras ligadas à igreja, cuja direcção foi entregue a religiosos que com algumas verbas Estatais e com boa vontade, construíram um novo Centro. Foi um trabalho difícil, pelas circunstâncias em que viviam as famílias oriundas do bairro de lata que não tinham meios para poderem sobreviver.

As crianças apresentavam inúmeros problemas, pois estavam habituadas a brincarem

livremente sem regras nem qualquer tipo de finalidade pedagógica. O Centro foi crescendo com a vinda de outras crianças da cidade que trouxeram outra dinâmica e realidade à instituição.

Também, com o passar do tempo, se procurou dar apoio aos jovens, criando-lhes condições para poderem ocupar os seus tempos livres. Fez-se um campo polivalente destinado à prática de desporto e convívio, balneários com chuveiros e sanitários, nascendo assim o espaço de Actividades de Tempos Livres [ATL].

Posteriormente, por falta de recursos humanos e financeiros a obra foi entregue ao cuidado e gestão da paróquia de São Lourenço.

Actualmente a instituição é constituída por duas fracções, a principal situa-se no bairro do Centro da cidade e divide-se em três blocos distintos (dentro da instituição). No primeiro encontramos um bloco com alpendre à entrada, corredor, hall, cozinha com copa, refeitório, seis instalações sanitárias, quatro arrecadações, três salas de Pré-escolar, quatro de Creche, uma sala de ATL (1.º ano e 2.º ano), um dormitório e um pavilhão situado no rés-do-chão do já referido bloco, onde se realiza o acolhimento e as aulas de educação física.

No segundo bloco situa-se a lavandaria, uma sala de pré-escolar, a secretaria, duas instalações sanitárias e um pequeno corredor.

O terceiro bloco é constituído por três salas, duas de pré-escolar (5 anos) e uma de ATL (destinada ao 3.º e 4.º anos), sanitários, uma sala de convívio e um hall.

Estas instalações totalizam a área coberta de 536 m².

O Centro tem ainda uma extensão situada num outro Bairro Social da cidade, com cerca de 58 crianças (dos 0 aos 3 anos), 15 jovens (dos 10 aos 15 anos) e brevemente 30 idosos. O edifício é composto por oito salas de creche, uma sala de apoio sociopedagógico a jovens de 2.º ciclo, quatro salas destinadas ao Centro de Dia (com abertura prevista para Março de 2010), dois refeitórios, um bar, uma cozinha, uma secretaria, um auditório, um gabinete técnico, uma lavandaria, nove sanitários, um balneário e dois parques exteriores.

É neste espaço que se desenvolve o Projecto de Investigação-acção. A sala de onde partirá a intervenção é a dos dois/três anos e podemos caracterizá-la da seguinte forma, baseados no PCG.

O educador deve ser facilitador de um bom ambiente educativo, deve fazer com que as crianças adquiram conhecimentos da melhor forma, e as actividades são realizadas num espaço e num tempo que lhe são destinados, onde se lhe deve tirar proveito da melhor forma possível.

Quanto há **organização** o educador deve proporcionar de imediato a interacção com o grupo e com os adultos, porque a boa interacção é a base do processo educativo, porque se a criança se sentir bem e estiver à vontade consegue realizar aprendizagens, isto é, consegue tirar proveito da melhor forma de toda a situação e interacção a que está sujeita.

A **organização do espaço** é uma decisão muito importante, o educador deve reflectir primeiro sobre a finalidade pedagógica dos materiais e da organização do espaço. Porque a finalidade dos materiais e a sua orientação espacial vão condicionar as aprendizagens das crianças. Sempre que o educador observar que a organização realizada não é a mais correcta para o grupo, este deve-a mudar imediatamente, porque o educador deve adaptar a organização da sala consoante as necessidades das crianças.

A organização do material e da própria sala deve estar de maneira a que criança se torne autónoma, pois deve ter todos os materiais que precisa ao seu alcance, logo devem estar dispostos a uma altura relativamente baixa. O educador também deve ter o cuidado ao seleccionar aos materiais, de escolher materiais resistentes e que não sejam facilmente quebráveis para que se evite posteriores acidentes.

Ao se organizar a sala o educador deve ter a preocupação de a organizar por áreas e consoante as necessidades das crianças, mas no geral a área da leitura deve ficar ao lado da biblioteca e num lugar bem iluminado, enquanto a área da expressão plástica já deve ficar junto de uma torneira.

Uma das tarefas do educador é proporcionar um espaço acolhedor e agradável de forma a suscitar-lhes o interesse, a curiosidade e a motivação para que desenvolvam com entusiasmo as actividades e assim experienciem novas situações alargando os seus conhecimentos.

A sala dos dois anos A encontra-se dividida em várias áreas, sendo elas:

- Área do acolhimento;
- Área dos jogos;
- Área da pintura;
- Área da ciência;
- Casinha das bonecas;
- Arca das trapalhadas;
- Área da leitura.

A organização foi feita em função da sala e do grupo. O educador ao **organizar o tempo** pode ser flexível, porque não existe nada que diga que a uma hora específica terá que ser realizada determinada tarefa.

Normalmente cada educador tem algumas rotinas na sala de aula, o que é bom porque faz com que as crianças tomem conhecimento tanto da responsabilidade das executar como da organização das actividades durante o dia. O tempo deve estar organizado para que não exista lacunas pelo meio, embora por vezes exista imprevistos e o educador deve tentar dar à volta ao problema. O que quero dizer é que o trabalho que se irá desenvolver ao longo do dia deve estar previamente planeado.

O tempo é organizado:

- 9:00 – Chegada das crianças / Acolhimento;
- 9:30 – Reunião de grupo;
- 9:45 – História;
- 10:00 – Actividades orientadas e/ou livres;
- 10:45 – Arrumação da sala;
- 10:50 – Higiene;
- 11:00 – Almoço;
- 11:30 – Higiene;
- 11:55 – Sesta;
- 14:40 – Levantar e higiene;
- 15:00 – Lanche;
- 15:30 – Higiene;
- 15:45 – Actividades livres e/ou orientadas (no interior ou exterior);
- 17:00 – Saída da educadora.

A instituição apoia crianças e jovens, em idade de Creche, Jardim-de-infância, ATL (destinado à crianças de primeiro ciclo) e apoio ao estudo destinado a jovens (do segundo ciclo). Participa também em diversos projectos/parcerias sociais e pedagógicos, faz parte do banco alimentar contra a fome e dá apoio a famílias carenciadas.

As salas estão bem equipadas com material didáctico e pedagógico. Existe ainda actividades extracurriculares tais como música, ginástica e inglês.

Todas as salas são climatizadas com aparelhos de ar condicionado, têm luminosidade própria e bom arejamento.

Na impossibilidade dos Pais ou encarregados de educação não se poderem deslocar á instituição para ir buscar os seus educandos, esta tem ao seu dispor duas carrinhas e um autocarro que asseguram o respectivo transporte, utilizado também para o transporte das crianças do primeiro ciclo para o ATL.

O Centro actualmente tem 307 crianças distribuídas pela Creche, Pré-escolar e ATL.

3.1.2 – Recursos humanos

O núcleo técnico pedagógico da creche é constituído por quatro Educadoras de Infâncias, duas Educadoras sociais, uma técnica de tempos livres, 19 Auxiliares de Acção Educativa e 6 Auxiliares de Serviços Gerais. Do pré-escolar fazem parte seis Educadoras de Infância e oito Auxiliares de Acção Educativa. O ATL tem ao serviço uma Animadora Social e duas Auxiliares de Acção Educativa. Comuns a todas as valências trabalham, duas Cozinheiras, três Ajudantes de Cozinha, uma recepcionista, um motorista, duas Secretárias e duas Directoras Pedagógicas (uma na sede e outra na extensão).

3.1.3 – Dinâmica educativa

Com base no PCG delineado para a sala dos 2/3 anos, da IPSS, apresentaremos os objectivos, conteúdos e estratégias programados para na elaboração do plano de actividades anual. Este projecto será trabalhado no ano lectivo 2009/2010.

O projecto foi elaborado tendo em conta o grupo de crianças com quem iria ser desenvolvido, para que assim se estabeleça uma harmonia saudável entre este projecto de actividades e as características específicas deste grupo de crianças.

Este plano teve como base o conhecimento prévio das necessidades de cada criança, pois é desde a infância que se formam cidadãos responsáveis e conscientes do seu lugar na sociedade, “ao conhecimento por via da família o educador deve aliar o conhecimento por via da observação diária” (Marchão, 1997, p. 38). Assim sendo, criam-se condições e estruturas adequadas, às necessidades das crianças e das suas famílias, para que cresçam e se desenvolvam de uma forma global e harmoniosa.

A educação tem um papel muito importante para a formação de cada criança. A inserção da criança no ensino é fundamental, porque permite à criança ter novas experiências e nós só aprendemos experienciando.

O projecto elaborado é flexível, pois pode ser alterado consoante as necessidades de cada criança. Os objectivos gerais delineados são:

- Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspectiva de educação para a cidadania;

- Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade de culturas favorecendo uma progressiva consciência como membro da sociedade;
- Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso de aprendizagem;
- Estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas características individuais, inculcando comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diversificadas;
- Desenvolver expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo;
- Despertar a curiosidade e o pensamento crítico;
- Proporcionar à criança ocasiões de bem-estar e de segurança, nomeadamente no âmbito da saúde individual e colectiva;
- Proceder à despistagem de inadaptações, deficiências ou precocidades e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança;
- Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a comunidade.

Segundo o Projecto Educativo fundamentado nas orientações curriculares devem-se proporcionar às crianças oportunidades para realizarem aprendizagens com o objectivo de atingir progresso escolar.

Conforme o Projecto Educativo o educador deve adoptar uma postura mais inovadora e não tradicional, as práticas devem ter um carácter lúdico/pedagógico, sendo este da mesma forma planeado e trabalhado. Assim, através destas práticas as crianças têm interesse e esforçam-se por aprender, o que implica maior sucesso e uma ascensão da sua auto-estima, tendo consciência de que se consegue e adquire novos conhecimentos.

Desta forma a educação na infância, segundo o Projecto Educativo da IPSS, têm a função de favorecer a formação e desenvolvimento global de uma forma equilibrada. Proporciona situações onde a criança possa participar activamente, para que desta forma possa vivenciar as situações directamente. A criança é o centro de tudo, é a pensar nela e nas suas aprendizagens que o educador planeia as actividades.

Segundo o Projecto Educativo da Instituição, os educadores devem adoptar uma posição de inclusão, pois devem proporcionar a todas as crianças as mesmas oportunidades, independentemente da sua classe social ou da sua limitação. Deve-se incluir as crianças com

necessidades educativas especiais no grupo de trabalho e não pô-las de parte, porque devemos proporcionar as mesmas oportunidades a Todas as crianças. Bem como, se deve inserir as crianças na sociedade como um ser autónomo, livre e solidário, isto é, deve-se educar as crianças no sentido da educação para a cidadania.

Na educação para a cidadania as orientações curriculares dão relevância à organização do Ambiente Educativo como um contexto democrático, onde se devem respeitar as pessoas independentemente das suas características, bem como da sua cultura. Aprendem a respeitar os outros!

Também é uma preocupação das orientações curriculares, o bem-estar e a segurança das crianças, pois é muito importante que a criança se sinta bem, no que diz respeito ao acolhimento, ao carinho, ao respeito e à atenção que lhe é dada. Não é só importante saciar as suas necessidades fisiológicas, como também as necessidades psíquicas e sociais.

Um dos objectivos das orientações curriculares, referenciados no Projecto Educativo da IPSS, é a inserção na sociedade como um ser autónomo, então para que tal aconteça é necessário que a criança faça a sua aprendizagem em relação a várias vertentes. É necessário que a criança desenvolva a expressão e comunicação através de linguagens múltiplas, então poderemos encontrar este objectivo nas diferentes áreas de conteúdo, a Área de Expressão e Comunicação e a Área do Conhecimento do Mundo.

Também as áreas de conteúdo estão contempladas no Projecto Educativo. A área de expressão e comunicação é composta por vários tipos de expressões, isto é, vários tipos de linguagem, tais como: a expressão corporal, a expressão dramática, a expressão musical e a expressão plástica. É fundamental que o educador articule as áreas entre si. Estas áreas não são blocos separados, mas sim um só, porque a ligação entre elas é que torna a aquisição de novos conhecimentos de uma maneira mais adequada para as crianças.

As áreas ao serem articuladas fazem com que as crianças desenvolvam o seu espírito crítico e ao desenvolver o seu espírito crítico faz com elas reflectam, porque para criticarem é preciso primeiro pensarem, logo é fundamental que sejam reflexivos e críticos desde muito novos.

Outro dos objectivos primordiais é a interacção com a família, “a relação com a família, indissociável da intervenção educativa da creche, torna-se particularmente importante neste campo, permite que o educador conheça melhor a criança e assim possa respeitar a individualidade na satisfação de necessidades básicas” (Marchão, 1997, p. 38).

É dentro deste contexto social e educativo, que a IPSS desenvolve o seu Projecto

Educativo, ponto de referência para o educador construir o PCG e as planificações de actividades a longo, médio e curto prazo. Estas são assente num pressuposto primordial que é o desenvolvimento global e harmonioso de cada criança, associado ao seu processo de inclusão na comunidade educativa.

3.1.4 – Preocupações explícitas para dinamização de uma escola de sucesso para todos e com todos

A IPSS onde foi efectuado este Projecto, acredita nas vantagens que podem advir da parceria entre instituições, famílias e comunidade para desenvolver e facilitar o processo de inclusão de crianças e famílias em risco.

Segundo o seu Regulamento Interno, a Instituição luta diariamente por facilitar o processo de inclusão dos seus utentes, trabalhando em parceria com várias instituições do conselho, que visam intervir e colmatar problemas económicos e sociais. É parceira do Banco Alimentar Contra Fome, tem protocolo com a CPCJ, a Intervenção Precoce, a Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental (APPACDM), a Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados [CERCI], o Instituto de Emprego e Formação Profissional, a Equipa do Rendimento Social de Inserção, o Centro Regional de Segurança Social, o Instituto da Juventude e o Instituto Politécnico; é também responsável pelo Projecto Enraizar (que tem como objectivo tirar crianças e jovens, entre os seis e os dezoito anos de idade, das ruas do Bairro, oferecendo-lhes ajuda e intervenção ao nível pedagógico, social e lúdico). Em curso está o protocolo que estabelece a abertura do Centro de Dia e o Apoio Domiciliário, a cargo da IPSS.

Segundo o regulamento interno da instituição, os critérios de admissão são estipulados de forma a dar prioridade na intervenção e acolhimento, as crianças/jovens que se encontram em situação de risco, aqueles que subsistem com baixos recursos económicos no agregado familiar, aos que são portadores de Necessidades Educativas Especiais, aos provenientes de famílias numerosas ou monoparentais e aos casos encaminhados pela Segurança Social ou Comissão de Protecção de Crianças e Jovens em Risco.

A Instituição, segundo o seu protocolo, não é somente um local de aprendizagem onde os pais podem deixar os filhos, mas sim um local onde estes podem intervir directamente, onde se estabelecem relações de parceria e há intervenção ao nível sócio-familiar sempre que é necessário.

3.2 – O grupo

3.2.1 – Caracterização estrutural

Quanto à **organização do grupo**, este é composto por 17 crianças, dez meninas e sete meninos, dezasseis de nacionalidade Portuguesa e uma de nacionalidade Brasileira, com dois anos de idade. Sendo na sua maioria (cerca de 80%) de nível sociocultural pertencentes à classe baixa. Embora existam algumas da classe média (cerca de 20%).

Todas as crianças residem na cidade, a sua maioria (quinze) provêm do bairro social, situado na periferia.

É um grupo relativamente agitado, onde se poderá reflectir um pouco a carência afectiva que algumas das crianças sentem devido aos problemas familiares.

3.2.2 – Caracterização dinâmica

Tendo em linha de conta as especificidades do grupo e com vista a uma melhor compreensão da dinâmica existente no mesmo, efectuamos uma Observação Directa (Anexo II) e uma Entrevista à Directora da IPSS (Anexo 1.1), à Presidente da CPCJ (Anexo 1.4) e à Mãe da Criança considerada em situação de risco (Anexo 1.7).

Com base na análise das entrevistas e na Observação Naturalista podemos referir que o grupo de crianças em termos de comportamento é agitado e interventivo.

O grupo relaciona-se no seu todo e respeitam a diversidade de forma coerente e lúdica.

A maioria das crianças (dez) provém de um contexto sócio-familiar com alguns problemas, a maior parte deles reside no Bairro Social e têm dificuldades económicas (famílias monoparentais e pais desempregados), brincam sozinhos pelas ruas e apresentam carências afectivas (necessidade de chamar a atenção), emocionais (requerem proximidade e carinho), educacionais (emitem sons e gestos desadequados à intervenção) e familiares (não residem com os pais, estão vários dias sem verem os progenitores), problemas esses que se reflecte no seu comportamento e atitudes.

Perante esta dinâmica pensamos ser pertinente a intervenção ao nível sócio pedagógico, pois o projecto não é direccionado somente para a inclusão das crianças em risco, mas também para a resposta às necessidades das suas famílias.

3.2.3 – Caso específico do grupo

O J.M. é uma criança de dois anos de idade. Frequenta a creche da IPSS e esta a ser acompanhado pela CPCJ e pela Intervenção Precoce.

3.2.3.1 – História compreensiva do aluno

Com base na Ficha de Sinalização, podemos verificar que o J.M. com três meses de idade foi sinalizado à CPCJ em Março de 2008, pela avó paterna. Esta efectuou a sinalização baseada na incapacidade do filho e da nora para educarem o neto. Refere também que o filho tem problemas a nível psiquiátrico, razão pela qual está internado em psiquiatria e que a nora sofre de debilidade mental, razão pela qual os dois se conheceram na CERCI. A senhora afirmou ainda, que a nora se alheia por completo dos cuidados que tem de prestar ao bebé e que esta só quer ver televisão, passear e dormir. Disse ainda que a criança foi hospitalizada, quando tinha um mês de idade por estar desnutrida, razão pela qual a senhora levou o filho e a nora para sua casa, pois assim pode “olhar” pelo neto.

Segundo a mesma fonte, a situação económica da família agravou-se e a avó teve de arranjar emprego e deixar o J.M. aos cuidados da mãe, embora esta continue a ter a mesma postura em relação ao filho.

Perante esta sinalização a CPCJ efectuou uma convocatória e deu início ao processo de intervenção em Março de 2008. Razão pela qual se redigiu um acordo entre o gestor de caso (CPCJ) os pais e avós da criança. O gestor achou ser prioritário a inserção da criança na creche (que frequenta actualmente), o acompanhamento pediátrico, as visitas domiciliárias à família e o acompanhamento desta pelos técnicos de Rendimento Social de Inserção [RSI] da segurança social.

Em Setembro de 2009, o J.M. foi sinalizado à Equipa de Intervenção Precoce, pela educadora da creche que a criança frequenta e gestora do caso na CPCJ. A criança foi sinalizada sobretudo devido ao ambiente familiar disfuncional e risco de atraso grave, além das suas dificuldades ao nível visual, motor e linguístico. Foi também contactada técnica de Serviço Social da Segurança Social n sentido de acelerar o processo de participação dos óculos, que o J.M. aguarda.

Dois elementos da Equipa de Intervenção Precoce, no mês de Novembro, deslocaram-se à sala de actividades do J.M., com a finalidade de efectuar o registo de observação da criança;

preencher a escala de avaliação das competências do desenvolvimento infantil; efectuar o registo de observação directa e provocada; Teste de coordenação motora e diversas tarefas de avaliação informal.

Segundo a coordenadora da Intervenção Precoce, após a análise dos dados obtidos na avaliação do J.M., foi deliberado em reunião de Equipa de Intervenção Precoce, que ele teria acompanhamento da Terapeuta da Fala e da Terapeuta Ocupacional. Essa intervenção foi efectuada a partir do mês de Dezembro, durante uma hora semanal, por cada uma das terapeutas, nas instalações da IPSS.

No mês de Dezembro o J.M. começou a usar os óculos receitados pelo Oftalmologista do Hospital da Estefânia. Em Fevereiro a criança deslocar-se-á novamente à consulta da mesma Especialidade para reavaliar o seu défice visual.

A Coordenadora da Equipa de Intervenção Precoce contactou com a Educadora da Creche que a criança frequenta, para planificarem algumas actividades e estratégias facilitadoras que estimulem o seu processo de desenvolvimento nas áreas em que apresenta mais dificuldades. Essas actividades serão realizadas em contexto de grupo, durante as actividades diárias e as intervenções em que as terapeutas estão presentes.

O agregado familiar é composto por dois adultos (pai e mãe) e um criança. O agregado familiar neste momento não é favorável para a criança, pois esta reside com os avós de segunda a sexta-feira e com os pais no fim-de-semana. Estes estão desempregados e nem sempre têm correspondido com a qualidade e adequação necessárias ao desenvolvimento global e harmonioso do menor.

Relativamente às condições habitacionais, os avós vivem numa habitação social alugada pela autarquia com condições de habitabilidade. Os pais residem numa casa alugada, mudam de residência com frequência, por isso não foi possível, à comissão verificar as condições habitacionais da recente morada.

A intervenção junto dos pais tem sido, de certa forma complexa, pois os adultos consideram-se “vítimas da sociedade” e mostram-se pouco interessados em mudar de hábitos ou procurar recursos que os ajudem a mudar de vida. Os avós estabeleceram uma relação de confiança com a Educadora de Infância, o que permite a proximidade e algum acompanhamento. A família é acompanhada ao nível social por técnicos da Equipa do RSI.

A criança desde Dezembro de 2009 beneficia de apoio em terapia da fala e terapia ocupacional.

3.2.3.2 – Caracterização do percurso escolar

Segundo a análise de dados fornecidos pela da IPSS, através de consulta do processo Individual do aluno J.M., podemos verificar que este começou a frequentar a IPSS com 4 meses de idade (por indicação da CPCJ).

O J.M., segundo análise dos arquivos de mapas de presenças da IPSS, no ano lectivo de 2007/2008 frequentou a sala de Berçário até final de Julho de 2008; no ano lectivo seguinte esteve na sala do 1.º Ano desde 2 de Setembro de 2008 até final de Agosto de 2009; no presente ano lectivo o J.M. frequenta a sala dos 2 anos A, desde o dia 2 de Setembro de 2009. Segundo a mesma fonte, há ainda que referir que é uma criança bastante assídua.

No mês de Setembro de 2009, foi efectuada uma sinalização na Intervenção Precoce. Essa sinalização foi elaborada após observação e avaliação de diversas actividades lúdicas e pedagógicas desenvolvidas em contexto de grupo, onde o desempenho do J.M. por vezes era limitado. A criança desde Dezembro de 2009 beneficia de apoio em terapia da fala e terapia ocupacional efectuado por técnicos da Intervenção Precoce.

3.2.3.3 – Nível de competências à partida

Após Observação Diagnóstica efectuada na sala de actividades, podemos verificar que o J.M. apresentava um atraso de desenvolvimento nas áreas de competências; locomotoras, visuais, audição e linguagem, interacção social e autonomia pessoal. Razão pela qual foi efectuada uma ficha de Sinalização para a Equipa de Intervenção Precoce.

A criança encontra-se sinalizada na CPCJ, neste momento o seu processo é acompanhado por uma técnica da IPSS. Foi a Comissão que sugeriu à avó do menino a inscrição na Creche, pois usualmente estas entidades trabalham em parceria, articulando com outras entidades pertinentes neste tipo de caso.

A IPSS mostra-se sensível à recepção destas crianças em risco, disponibiliza uma vasta oferta educativa e social (a crianças consideradas de risco e respectivas famílias), nela existe prioridade na entrada e integração, havendo o cuidado de fazer um atendimento abrangente.

O menino provém de uma família com graves problemas económicos e sociais. Os pais estão desempregados, não têm residência certa, não recorrem à assistência social para colmatar algumas carências e necessidades da criança, pois dizem não confiar nas técnicas. Durante a semana a criança vive em casa dos avós paternos, ao fim de semana, com os pais.

4 – Plano de acção

O plano de acção do Projecto de Intervenção, decorreu na IPSS, onde trabalho. Foi partindo deste local que desencadeei a minha intervenção, ao nível sócio democrático e pedagógico, tentando adequar recursos e estratégias as necessidades e pertinências do processo de inclusão de uma criança em risco, na escola.

A educadora de infância e coordenadora do caso na CPCJ, dinamizou e desencadeou, os meios necessários para que instituição/comissão e família conjugassem esforços no sentido de colmatarem lacunas existentes no processo de inclusão desta criança e respectiva família.

Desde o início desencadeou-se um processo de partilha de informação que deu lugar a acções concretas, sensibilizações e reuniões entre as pessoas envolvidas neste projecto. Consegui-mos assim a articulação necessária para identificar as necessidades reais. Com o conhecimento dessas necessidades, partimos ao encontro de outros parceiros e entidades pertinentes para a resolução deste caso e de outros similares.

Posteriormente aplicou-se a informação recolhida e trabalhada em parceria, as necessidades sócio educativas de cada criança e família envolvidas no projecto. Num processo democrático e inclusivo, tornou-se indispensável desencadear planificações em que todos os envolvidos participaram e estiveram envolvidos no processo sócio pedagógico. Estas planificações e actividades passaram a ser adequadas, pedagógicas e pertinentes. As planificações de actividades encontrar-se-ão relacionadas com as unidades temáticas, propostas no PCG e adaptadas as necessidades de cada criança e família envolvidas neste processo sócio educativo.

4.1 – Pressupostos teóricos

A programação de iniciativas de cooperação/acção entre a escola e outras instituições pode ser valorizada no desenvolvimento de políticas sócio educativas facilitadoras do processo de inclusão.

“A mudança geradora de uma educação inclusiva é um dos grandes desafios da educação de hoje porque imputa à escola a responsabilidade de deixar de excluir para incluir e de educar a diversidade dos públicos, numa perspectiva de sucesso

para todos e de cada um, independente da sua cor, raça, cultura, religião, deficiência mental, psicológica ou física” (Sanches, 2005, p. 128).

Esse processo poderá ser mais abrangentes e pertinente no domínio da inclusão, organizando para isso estratégias cooperativas entre os diversos intervenientes no processo, criando alternativas que promovam a igualdade de oportunidades, decisivas e indispensáveis no combate à exclusão social das crianças em risco e respectivas famílias, facilitando assim a inclusão ao nível sócio pedagógico, tendo em consideração que “Ao longo da história da humanidade, foram diversas as atitudes assumidas pela sociedade ou certos grupos sociais para com as pessoas com deficiência, as quais se foram alterando por influência de diversos factores: económicos, culturais, filosóficos, científicos, etc.” (Vieira & Pereira, 2007, p. 17).

A escola pode elaborar um projecto comum adaptado as necessidades e características da comunidade educativa. Na medida em que a área curricular é de livre iniciativa da escola, ela pode estabelecer projectos e parcerias em conjunto com outras entidades locais. A escola pode assim funcionar como espaço de intermediário de outras instituições ou serviços sociais. Isso faz parte da “implicação de todos os intervenientes no processo de tomada de decisão sobre as mudanças a realizar e a sua operacionalização” (Sanches, 2005, p. 128).

Para criar e desenvolver um projecto é necessário reflectir sobre a prática e experiência. É preciso ter consciência dos saberes que o professor é portador e trabalha-los do ponto de vista teórico e conceptual. As questões que surgem da prática profissional dos professores, não são meramente instrumentais, são situações problemáticas que na maioria das vezes tem de ser resolvidas no terreno, através da capacidade reflexiva que o docente tem de ter.

Todo o processo de identificação do problema, produção de estratégias e utilização de recursos deve ser base para o desenvolvimento de um projecto. Este deve desenrolar-se num contexto mais vasto de planificação/acção. A escola deve começar por definir um projecto que oriente a sua acção a longo prazo (projecto educativo) e a partir deste delinear planificações a médio e curto prazo.

O professor ao questionar-se e questionar os contextos/ ambientes de aprendizagem e suas práticas, numa dialéctica de reflexão-acção-reflexão contínua e sistémica, está a processar a recolha e produção de informação válida para fundamentar as estratégias/actividades de aprendizagem a desenvolver. (Sanches, 2005, p. 130)

No processo de planificação, a elaboração e execução de um plano de actividades pressupõe que sejam respeitadas as seguintes etapas:

- Definição de objectivos;
- Programação de actividades;

- Identificação de recursos;
- Executar as actividades;
- Avaliar os resultados.

A descrição do problema e a maneira como é elaborado o plano de acção é essencial no projecto de investigação-acção.

“A investigação-acção considera o processo de investigação em espiral, interactivo e focado no problema, pelo que o primeiro passo para o desencadear é a identificação e a formulação do problema de uma forma objectiva e susceptível de ser intervencionado.” (Sanches, 2005, p. 137).

A metodologia utilizada no projecto de investigação-acção é primordial na procura de respostas à questão chave.

4.2 – Problemática e questão de partida

Situação problema

Com base na observação directa efectuada pela educadora da sala de actividades, em Novembro de 2009, o J.M. mostrou-se uma criança calma, integrada no grupo, cooperante nas actividades propostas em conjunto e individualmente, contudo é pouco comunicativo, pouco participativo, pouco autónomo, manifesta dificuldades visuais e apresenta limitações ao nível cognitivo e motor. É uma criança referenciada, com processo activo na CPCJ. A maior parte do seu tempo não lectivo, é passado aos cuidados dos avós paternos. Os progenitores não trabalham, mudam frequentemente de residência e ausentam-se com frequência da localidade, passando vários dias sem estabelecer contacto com o filho. Demonstram pouco interesse pelo percurso escolar do filho e raramente estabelecem contacto com a IPSS. A família tem graves dificuldades económicas, usufrui do Rendimento Social de Inserção.

O grupo escolar em que o J.M. está inserido é composto por crianças que na sua maioria apresentam carências afectivas, económicas e sociais. O que se reflecte no comportamento e relacionamento entre pares.

Na comunidade educativa estão inseridas mais oito crianças com processo activo na CPCJ.

A concepção e intervenção destinadas a crianças em risco tem evoluído ao longo dos últimos anos, tendo actualmente progredido para uma noção mais entrada nas necessidades educativas e sociais específicas de cada aluno. No nosso país, a inclusão de crianças em risco na escola é uma realidade indiscutivelmente pertinente no seu processo de intervenção. Razão

pela qual se torna imprescindível a articulação entre diversas instituições que visam colmatar e intervir no processo educativo e social destas crianças.

A investigação-acção por parte de educadores e professores, neste domínio, é fundamental já é cada vez mais exigido o atendimento a crianças com uma grande variedade de características e necessidades específicas.

É cada vez mais pertinente que as competências do educador/professor são fundamentais para a implementação bem sucedida do processo de inclusão da criança em risco, sendo cada vez maior, a necessidade de formação específica destes docentes para intervir adequadamente no projecto sócio educativo destinado a estas crianças.

Sendo a Educação de Infância a primeira etapa do processo sócio educativo destas crianças, deverá assegurar a futura emergência de métodos de aperfeiçoamento, assentes na actualização e formação contínua dos vários parceiros educativos intervenientes neste processo de intervenção.

O que me levou a seguir por este projecto de intervenção foi particularmente o facto de ser Educadora de Infância, de trabalhar numa IPSS, de pertencer à CPCJ, integrando a modalidade de Restrita e Alargada, e de também eu me deparar diariamente com situações complicadas de exclusão social e necessidade urgente de intervenção sócio pedagógica.

É certo que o trabalho que se desenvolve com as crianças e respectivas famílias de risco é um desafio constante mas na maioria das vezes pertinente na construção de alicerces capazes de sustentar e impulsionar para novas e futuras realidades.

Questão de partida

Como organizar e desenvolver um projecto de intervenção sociopedagógico em ordem a melhorar a situação educacional de crianças em risco em interacção inclusiva com os pares do seu grupo?

Finalidade do projecto

- Desenvolver um plano de intervenção em ambiente inclusivo com vista a atenuar a situação de risco da criança alvo.

Objectivos

- Analisar as condições de risco relativas à criança despoletador do projecto;
- Elaborar um plano de intervenção orientado para a melhoria da situação;

- Concretizar a intervenção sob a lógica de parcerias;
- Identificar e descrever o processo e resultados da intervenção.

4.3 – Planificação da intervenção

Segundo Landivar (1990) o Currículo é um projecto que determina os objectivos da educação e propõe um plano de acção adequado para a obtenção destes objectivos. Um guia curricular consiste no elenco ordenado de objectivos, conteúdos e actividades que podem servir para um determinado ciclo educacional e uma determinada população escolar. Logo no PCG, o educador deve proporcionar um bom ambiente educativo para que as crianças consigam desenvolver o seu processo educativo.

Toda a organização do ambiente educativo deve ser facilitador de boas interacções, entre as crianças, entre a criança e o adulto e entre os adultos, e de uma gestão de recursos humanos e materiais. Para que o educador consiga construir um bom ambiente educativo tem que ter em atenção alguns aspectos, como a organização do grupo, do espaço, do tempo, a interacção com a família e deve seguir uma perspectiva sistémica.

As Orientações Curriculares (1997) advertem ainda para a necessidade de observar cada criança e o grupo, para obter um conhecimento prévio das suas capacidades e dificuldades, antes de efectuar a planificação. Através do conhecimento e da evolução de cada criança, efectuados através da observação e registos de avaliação de competências, poder-se-á fundamentar a diferenciação pedagógica, elemento fundamental na planificação de actividades para o grupo e intencionalidade do processo educativo.

Planear é um acto primordial, no processo democrático e inclusivo, da criança. As aprendizagens devem assumir um carácter significativo e diversificado. Nunca esquecendo a reflexão primordial sobre as intenções educativas. Também as áreas de competências devem ser tidas em conta, pois a articulação entre elas, é sinónimo de inclusão e resposta a cada elemento do grupo.

Nunca se deve descorar a opinião e participação da criança na planificação de actividades, pois estas devem ir ao encontro das suas apetências e necessidades.

“Nesta idade podemos começar a falar propriamente de adaptações curriculares individualizadas, já que mais do que adaptar um espaço ou aspecto metodológico podem necessitar de uma adaptação (...) O educador/a deve conhecer as características da criança para desenhar um projecto de trabalho que aproxime-se do seu nível de desenvolvimento procurando a máxima autonomia possível.” (González, 2009, p. 34).

É dever do educador planear e organizar estratégias que facilitem e favoreçam a concretização das acções desenvolvidas e projectadas pelo grupo. Estes têm de ter consciência da acção que planearam e desenvolveram. No final deveram efectuar a avaliação da actividade e periodicamente desenvolver meios de comunicação e partilha com os parceiros e com os pais, dando-lhes a conhecer os indicadores e as metas alcançadas no decorrer do ano lectivo.

A continuidade educativa é outro item a ser considerado, cada vez mais é indispensável a constituição do processo individual de cada criança, onde são registadas informações relacionadas com o seu processo de desenvolvimento, as suas apetências e dificuldades. Este registo será pertinente e fundamental durante o seu percurso educativo. O educador deverá estar atento ao processo de cada aluno e procurar dar-lhe continuidade educativa. Também cabe ao educador e aos pais articularem meios de comunicação que favoreçam a partilha de informação pertinente ao processo. A articulação entre indivíduos e entidades será sempre uma mais-valia no atendimento e resposta ao aluno e à família deste.

4.3.1 – Planificação a longo prazo

Apresenta-se seguidamente a estrutura de planificação das actividades do Projecto Pedagógico a longo prazo, tendo esta sido elaborada por base os elementos expressos por Landivar (1990), bem como as Orientações Curriculares definidas no Projecto Educativo elaborado para a Sala dos 2 Anos da IPSS onde decorrerá a intervenção, sendo explicitada a planificação a instituir no Quadro n.º 1.

Quadro n.º 1 – Proposta de planificação da intervenção a longo prazo

Áreas	Sub-áreas	Objectivos gerais	Objectivos específicos	Estratégias / Actividades	Calendarização	Recursos	Avaliação
<p>→Área da formação pessoal e social</p> <p>→Área do conhecimento do mundo</p> <p>→Área da expressão e comunicação</p>	<p>→Áreas afectivo-sociais</p> <p>→Área cognitiva</p> <p>→Área do movimento e coordenação gerais</p> <p>→Área da coordenação manual</p> <p>→Área da percepção visual</p>	<p>→Controlar os impulsos emocionais</p> <p>→Integrar-se e participar activamente no grupo social</p> <p>→Captar relações e ideias</p> <p>→Reter e evocar estímulos verbais</p> <p>→Dominar as diversas etapas da aquisição total da marcha</p> <p>→Adoptar normas de cortesia na convivência com os outros</p> <p>→Realizar movimentos coordenados de mãos e dedos</p> <p>→Interpretar correctamente os estímulos visuais</p>	<p>→Manter a atitude emocional regular;</p> <p>→Superar sem conflito situações de competição;</p> <p>→Participar activamente nas actividades propostas;</p> <p>→Apoiar-se a normas e comportamento ético-social;</p> <p>→Compreender histórias;</p> <p>→Desenvolver a oralidade;</p> <p>→Repetir canções e poesias;</p> <p>→Pegar objectos com a mão;</p> <p>→Dominar os movimentos da mão;</p> <p>→Identificar detalhes nas gravuras;</p> <p>→Discriminar e classificar objectos.</p> <p>→Manter viva a tradição, usos e costumes;</p> <p>→Participação, convívio e festa aberta à comunidade local;</p> <p>→Ampliar experiências e saberes.</p> <p>→Sensibilizar as crianças de que os animais são nossos amigos e os devemos respeitar;</p> <p>→Tomar contacto com diferentes tipos de animais;</p> <p>→Conhecer a alimentação, locomoção e o habitat de diferentes animais.</p> <p>→Sensibilizar para a protecção da Natureza;</p> <p>→Desenvolver o respeito pela Natureza e dar a conhecer os seus benefícios.</p> <p>→Vivenciar tradições;</p> <p>→Reconhecer a época como festa da família;</p> <p>→Participar em convívios e tradições do meio envolvente;</p> <p>→Conhecer o processo de fabrico e comercialização do Bolo Finto.</p> <p>→Comemorar o Dia da Mãe;</p> <p>→Valorizar e</p>	<p>Carnaval:</p> <p>→Realização de mascaradas;</p> <p>→Decoração da sala de actividades;</p> <p>→Confecção de um Bolo;</p> <p>→Baile de Mascaras, com os pais e comunidade educativa;</p> <p>→Exposição fotográfica</p> <p>Animais:</p> <p>→Histórias;</p> <p>→Canções;</p> <p>→Elaboração de protótipos tridimensionais de animais selvagens;</p> <p>→Elaboração de um placard de animais da Quinta;</p> <p>→História em parceria com as crianças do 1.º Ciclo da escola do Bairro;</p> <p>→PowerPoint de animais de Capoeira.</p> <p>Páscoa:</p> <p>→Visita à Padaria do Bairro;</p> <p>→Teatro de Fantoches</p> <p>Primavera:</p> <p>→As sementes;</p> <p>→Germinação.</p> <p>Dia da Mãe:</p> <p>→Elaboração de um Painel subordinado ao tema: Dia da Mãe.</p> <p>Dia da Cidade:</p> <p>→História da Maia, recolha de flores;</p> <p>→Visionamento do PowerPoint com imagens da Cidade, elaboração da bandeira, canção da Maia;</p> <p>→Desfile e convívio com a comunidade local.</p> <p>Dia da Criança:</p> <p>→História;</p> <p>→Canção;</p> <p>→Elaboração de um cartaz;</p> <p>→Actividades/festejos relacionados com o Dia da Criança.</p>	<p>Fevereiro:</p> <p>→4 actividades;</p> <p>Março:</p> <p>→5 actividades;</p> <p>Abril:</p> <p>→4 actividades;</p> <p>Maio:</p> <p>→4 actividades</p> <p>Junho:</p> <p>→1 actividade</p>	<p>→Imagens de paisagens e roupas usadas (recolhidas com auxílio dos familiares);</p> <p>→Cartolinas;</p> <p>→Cola;</p> <p>→Tintas;</p> <p>→Pincéis;</p> <p>→Tesoura;</p> <p>→Copos de iogurte;</p> <p>→CD's de música;</p> <p>→Serpentinas;</p> <p>→Histórias;</p> <p>→Canções;</p> <p>→Fantoches;</p> <p>→Cartão;</p> <p>→Roupa velha;</p> <p>→Imagens de animais (coloridas em família);</p> <p>→Revistas velhas;</p> <p>→Autocarro;</p> <p>→Poema;</p> <p>→Papel crepe;</p> <p>→Papel de lustro;</p> <p>→Lanche partilhado;</p> <p>→Aparelhagem;</p> <p>→Comunidade educativa;</p> <p>→Comunidade local;</p> <p>→Membros da CPCJ;</p> <p>→Técnicos da Intervenção Precoce;</p> <p>→Família das crianças.</p>	<p>→Observação directa;</p> <p>→Entrevistas (presidente da CPCJ, à directora da IPSS, as terapeutas e aos pais da criança);</p> <p>→Escala de avaliação de Competências no Desenvolvimento Infantil;</p> <p>→Tarefas de avaliação informal;</p> <p>→Registo de observação directa e provocada.</p>

			<p>compreender o papel da Mãe na família.</p> <p>→Conhecer os símbolos e tradições locais;</p> <p>→Proporcionar a interação e convívio com a comunidade local.</p> <p>→Valorizar o papel da Criança na sociedade;</p> <p>→Dar a conhecer os direitos da criança.</p>				
--	--	--	--	--	--	--	--

(Fonte: Landivar, 1990; Orientações curriculares definidas no Projecto Educativo elaborado para a Sala dos 2 Anos da IPSS onde decorrerá a intervenção)

4.3.2 – Planificação a curto prazo por unidades didácticas

Apresentamos a seguir a planificação das actividades do Projecto Pedagógico a curto prazo, elaborado com base no PCG da sala dos dois/ três anos da IPSS. A planificação foi elaborada para sete unidades didácticas/temáticas, cada unidade tem a duração aproximada de três semanas, com excepção da destinada ao Dia da Mãe e a do Dia da Criança, que tem a duração de uma semana.

A planificação de actividades decorre em contexto de grupo, comunidade educativa, família, comunidade local, dentro e fora da instituição, estabelecendo contacto directo e parcerias com a comunidade local sempre que possível. Cada uma das unidades é alvo de acção/reflexão/acção. Todos os conteúdos programáticos são avaliados no final de cada unidade, que decorrem durante duas unidades de tempo (aproximadamente 90 minutos) durante o período da manhã, com excepção do Baile de Carnaval que decorre no período da tarde durante duas unidades de tempo (aproximadamente 90 minutos).

A planificação a curto prazo foi desdobrada em planificações semanais, realizadas a curto prazo. Com base na análise da proposta a longo prazo procedeu-se ao desdobramento da mesma em planificação a curto prazo efectuada com base nas unidades didácticas propostas, em anexo podemos encontrar o Roteiro de Actividades onde estas estão planificadas sessão a sessão (Anexo VIII).

Esta intervenção ocorreu uma vez por semana, normalmente às terças-feiras, o período da intervenção situou-se entre as nove e as onze horas e foi desenvolvida ao longo dos meses de Fevereiro a Junho.

A partir de meados de Abril a planificação passou a ser trabalhada em contexto de sala de actividades com a Educadora de Apoio ao serviço da Intervenção Precoce.

“A aprendizagem com os pares, bem conduzida, revela-se uma estratégia quase indispensável numa escola que se quer de todos e para todos, onde todos possam aprender com os instrumentos que se têm, onde todos devem poder ir o mais longe possível, utilizando o seu perfil de aprendizagem que pode ser igual ou diferente do seu colega e mesmo do professor” (Sanches, 2005, p. 135-136).

O índice das unidades temáticas é:

- Unidade 1: O Carnaval;
- Unidade 2: Os Animais;
- Unidade 3: A Páscoa;
- Unidade 4: A Primavera;

- Unidade 5: O Dia da Mãe;
- Unidade 6: O Dia da Cidade;
- Unidade 7: O Dia da Criança;

A intervenção baseou-se na observação efectuada pelo educador, das manifestações e indicações dadas pelo grupo de crianças. A partir daqui foram seleccionadas as respostas mais adequadas ao contexto de cada um dos elementos do grupo, procurando soluções e intervenções pertinentes e motivadoras para o grupo.

Um dos aspectos tidos em conta neste nível etário foi a satisfação das necessidades básicas. Todos os intervenientes no processo educativo estiveram atentos a este item para lhes poder dar resposta, o mais atempadamente possível, porque isso faz toda a diferença no processo de desenvolvimento da criança.

A criança desta faixa etária é um pouco egocêntrica, faz parte do desenvolvimento e está comprovado cientificamente. Há que ajustar a pedagogia trabalhada a esse facto, ao mesmo tempo que se foram introduzindo outras formas pedagógicas e sociais. A criança desta idade deve estabelecer uma relação com o ambiente através da percepção global e da manipulação activa e essa vai estabelecer relações entre o conhecimento prévio e as novas aprendizagens. Determinantes para desenvolver uma aprendizagem significativa.

As actividades propostas foram baseadas nas três áreas curriculares. A área de formação pessoal e social, a área de conhecimento do mundo e a área de expressão e comunicação.

As três áreas foram tidas em conta na planificação de actividades, oferecendo pedagogias abrangentes, pertinentes e sugestivas à participação das crianças.

Este projecto foi desenvolvido tendo em conta o grupo da sala dos dois anos da IPSS, composta por dezassete crianças, grupo do qual faz parte o J.M., com processo activo na CPCJ e com problemas de desenvolvimento ao nível pedagógico.

O J.M. apresentava também dificuldades ao nível da comunicação, autonomia e coordenação motora, mas pensamos que a intervenção efectuada trabalhou todas as áreas no global e em contexto de grupo o que favoreceu algumas aquisições efectuadas. Contudo demos especial atenção as áreas de desenvolvimento que contribuíram para a evolução do J.M., aquelas que precisavam de ser mais trabalhadas para que a criança desenvolvesse competências onde apresentava mais dificuldade.

O trabalho em equipa foi contemplado neste Projecto, na tentativa de criar dinamismo, criatividade e pertinência nas pedagogias desenvolvidas. Procurando facilitar a relação estabelecida entre os vários intervenientes no processo sócio educativo.

No decorrer de cada actividade foi efectuada a observação directa, dos vários intervenientes no processo e no final feita uma avaliação dos diferentes ritmos de maturação e a progressiva aquisição de hábitos e competências. A avaliação formativa foi efectuada no final de cada unidade temática

A explicitação das actividades encontra-se discriminada nos Quadros n.º 2 a 8.

Quadro n.º 2 – Planificação da Unidade Didáctica n.º 1 “O Carnaval”

Áreas	Sub-áreas	Número de Sessões	Duração da Unidade	Competências Específicas a Desenvolver	Actividades	Recursos	Avaliação
<p>→Área da formação pessoal e social</p> <p>→Área do conhecimento do mundo</p> <p>→Área da expressão e comunicação</p>	<p>→Áreas afectivo-social</p> <p>→Área cognitiva</p> <p>→Área do movimento e coordenações gerais</p> <p>→Área da coordenação manual</p> <p>→Área da percepção visual</p>	<p>Fevereiro:</p> <p>→4 Sessões</p>	<p>→De 3 a 23 de Fevereiro de 2010</p>	<p>Área da Formação Pessoal e Social</p> <p>→ Usar expressões de cortesia</p> <p>→ Agir com progressiva autonomia</p> <p>→ Desenvolver o jogo social</p> <p>→ Assumir responsabilidades que contribuam para o bem-estar colectivo</p> <p>→ Desenvolver o jogo social</p> <p>→ Construir e estabelecer relações sociais eficazes.</p> <p>Área de expressão e Comunicação</p> <p>Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita</p> <p>→ Expressar desejos, sentimentos, necessidades e pensamentos através da fala</p> <p>→ Participar na Comunicação dar e receber</p> <p>→ Intervir com sentido de oportunidade</p> <p>Domínio da matemática</p> <p>→ Conhecer e relacionar alguns números e a sua quantidade</p> <p>→ Identificar tamanhos (grande/pequeno)</p> <p>→ Estabelecer relações entre elementos de um conjunto</p> <p>→ Formar conjuntos</p> <p>Domínio da expressão musical</p> <p>→ Desenvolver o gosto pela música</p> <p>Domínio da expressão motora</p> <p>→ Expressar criatividade no movimento</p> <p>→ Explorar vários tipos de movimento recorrendo a diversos materiais</p> <p>→ Desenvolver a motricidade fina</p> <p>→ Adquirir coordenação e controlo do próprio corpo.</p> <p>Área do Conhecimento do Mundo</p> <p>→ Demonstrar curiosidade e desejo de interagir</p> <p>→ Identificar diferentes tipos de materiais</p> <p>→ Ter capacidade de orientação</p>	<p>Carnaval:</p> <p>1ª Sessão</p> <p>→ Conversa/partilhar vivências</p> <p>→ Hora do Conto “O Rafa Mascara-se”</p> <p>→ Realização de mascaras com material reutilizável;</p> <p>2ª Sessão</p> <p>→ Conversa/partilhar vivências</p> <p>→ Hora do Conto “O palhaço Anacleto faz um Bolo Esbelto”</p> <p>→ Confecção de um Bolo;</p> <p>3ª Sessão</p> <p>→ Conversa/partilhar opiniões</p> <p>→ Baile de Carnaval na Instituição;</p> <p>4ª Sessão</p> <p>→ Dialogo em grupo/partilha de saberes</p> <p>→ Exposição fotográfica.</p>	<p>Recursos materiais</p> <p>→ Roupas usadas (recolhidas com auxilio dos familiares);</p> <p>→ Adereços usados;</p> <p>→ Cartolinas;</p> <p>→ Cola;</p> <p>→ Tintas;</p> <p>→ Pincéis;</p> <p>→ Tesoura;</p> <p>→ CD’s de música;</p> <p>→ Aparelhagem</p> <p>→ Histórias;</p> <p>→ Canções;</p> <p>→ Margarina;</p> <p>→ Chocolate em pó;</p> <p>→ Ovos;</p> <p>→ Bolachas;</p> <p>→ Papel de Alumínio;</p> <p>→ Folha de Papel A4</p> <p>→ Marcador Azul</p> <p>→ Bolo</p> <p>→ Fotografias</p> <p>→ Fita-cola Larga</p> <p>Recursos Humanos</p> <p>→ Comunidade educativa;</p> <p>→ Comunidade local;</p> <p>→ Membro da CPCJ;</p> <p>→ Técnicos da Intervenção Precoce;</p> <p>→ Família das crianças.</p>	<p>→ A realizar no final das actividades de acordo com:</p> <p>- O empenho e Participação</p> <p>- Através dos trabalhos produzidos e produtos obtidos</p>

				<p>movimentar-se de forma autónoma nos espaços que lhe são habituais sabendo utilizar adequadamente as diferentes infra-estruturas à sua disposição</p> <p>→ Saber utilizar vários processos simples de conhecimento da realidade envolvente, tais como: observar, inquirir, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas e avaliar.</p>			
--	--	--	--	---	--	--	--

(Fonte: Landivar, 1990; González, 2009; Orientações curriculares definidas no Projecto Educativo elaborado para a Sala dos 2 Anos da IPSS onde decorrerá a intervenção)

Quadro n.º 3 – Planificação da Unidade Didáctica n.º 2 “Os animais”

Áreas	Sub-áreas	Número de Sessões	Duração	Competências Específicas a Desenvolver	Actividades	Recursos	Avaliação
→Área da formação pessoal e social →Área do conhecimento do mundo →Área da expressão e comunicação	→Áreas afectivo-sociais →Área cognitiva →Área do movimento e coordenações gerais →Área da coordenação manual →Área da percepção visual	Março: →4 Sessões;	→De 3 a 23 de Março de 2010	<p>Área da Formação Pessoal e Social</p> → Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias → Agir com progressiva autonomia → Compreender e expressar sentimentos e emoções → Assumir responsabilidades que contribuam para o bem-estar colectivo → Desenvolver o jogo social → Construir e estabelecer relações sociais eficazes → Manifestar desejos, gostos, opiniões, decisões e sugestões de forma coerente.	Os Animais: 1ª Sessão → Conversa/partilhar vivências → Hora do Conto “Os animais selvagens” → Protótipos tridimensionais de animais selvagens; 2ª Sessão → Conversa/partilhar vivências → Hora do Conto “A galinha Camila” → Canção “A quinta do tio Manel”; → Observação de imagens de animais → Placard sobre os animais da quinta 3ª Sessão → Conversa/partilhar opiniões → Hora do conto “os animais”; → Articulação de saberes e materiais com a Escola do 1º Ciclo do Bairros 4ª Sessão → Dialogo em grupo/partilha de saberes → PowerPoint de animais de Capoeira	<p>Recursos materiais</p> →Cartolinas; →Cola; →Tintas; →Pincéis; →Tesoura; →Copos de iogurte; →Caixas reutilizáveis →Tampas de Garrafa →Rolhas de Cortiça → Restos de tecido →Histórias; →Canções; →Imagens de animais (coloridas em família); →Revistas velhas; →Papel crepe; →Papel de lustro; <p>Recursos Humanos</p> →Comunidade educativa; → Alunos do 1º ano do Primeiro Ciclo do Ensino Básico da Escola do Bairro → Membro da CPCJ →Família das crianças.	→Observação directa; →Tarefas de avaliação informal; →Registo de observação directa e provocada.
				<p>Área de expressão e Comunicação</p> <p>Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita</p> → Expressar desejos, sentimentos, necessidades e pensamentos através da fala → Identificar animais selvagens e as suas características → Participar na Comunicação dar e receber → Intervir com sentido de oportunidade			
				<p>Domínio da matemática</p> → Conhecer e relacionar alguns números e a sua quantidade → Identificar tamanhos (grande/pequeno) → Estabelecer relações entre elementos de um conjunto			
				<p>Domínio da expressão musical</p> → Desenvolver o gosto pela música → Participar e cooperar efectivamente em actividades musicais → Movimentar-se ao som da música e de batimentos musicais			
				<p>Domínio da expressão motora</p> → Expressar criatividade no movimento → Explorar vários tipos de movimento recorrendo a			

				<p>diversos materiais</p> <ul style="list-style-type: none"> → Desenvolver a motricidade fina → Adquirir coordenação e controlo do próprio corpo. <p style="text-align: center;">Área do Conhecimento do Mundo</p> <ul style="list-style-type: none"> → Demonstrar curiosidade e desejo de interagir → Identificar diferentes tipos de materiais → Ter capacidade de orientação e movimentar-se de forma autónoma nos espaços que lhe são habituais sabendo utilizar adequadamente as diferentes infra-estruturas à sua disposição → Saber utilizar vários processos simples de conhecimento da realidade envolvente, tais como: observar, inquirir, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas e avaliar. 			
--	--	--	--	--	--	--	--

(Fonte: Landivar, 1990; González, 2009; Orientações curriculares definidas no Projecto Educativo elaborado para a Sala dos 2 Anos da IPSS onde decorrerá a intervenção)

Quadro n.º 4 – Planificação da Unidade Didáctica n.º 3 “A Páscoa”

Áreas	Sub-áreas	Número de Sessões	Duração da Unidade	Competências Específicas a Desenvolver	Actividades	Recursos	Avaliação
<p>→Área da formação pessoal e social</p> <p>→Área do conhecimento do mundo</p> <p>→Área da expressão e comunicação</p>	<p>→Áreas afectivo-sociais</p> <p>→Área cognitiva</p> <p>→Área do movimento e coordenações gerais</p> <p>→Área da coordenação manual</p> <p>→Área da percepção visual</p>	<p>Março: →1 Sessão;</p> <p>Abril: →1 Sessão;</p>	<p>→De 30 de Março a 7 de Abril de 2010</p>	<p>Área da Formação Pessoal e Social</p> <p>→ Conhecer e executar com responsabilidade e rotinas diárias</p> <p>→ Agir com progressiva autonomia</p> <p>→ Compreender e expressar sentimentos e emoções</p> <p>→ Assumir responsabilidades que contribuam para o bem-estar colectivo</p> <p>→ Construir e estabelecer relações sociais eficazes</p> <p>→ Manifestar desejos, gostos, opiniões, decisões e sugestões de forma coerente.</p> <p>Área de expressão e Comunicação</p> <p>Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita</p> <p>→ Expressar desejos, sentimentos, necessidades e pensamentos através da fala</p> <p>→ Participar na Comunicação dar e receber</p> <p>→ Intervir com sentido de oportunidade</p> <p>Domínio da matemática</p> <p>→ Identificar tamanhos (grande/pequeno)</p> <p>Domínio da expressão Plástica</p> <p>→ Expressar a criatividade plástica</p> <p>→ Desenvolver capacidades de expressão e comunicação artísticas</p> <p>Domínio da expressão Dramática</p> <p>→ Observar, escutar e apreciar o desempenho dos outros</p> <p>Domínio da expressão motora</p> <p>→ Adquirir coordenação e controlo do próprio corpo.</p> <p>Área do Conhecimento do Mundo</p> <p>→ Demonstrar curiosidade, desejo de interagir e saber</p> <p>→ Enriquecer o vocabulário</p> <p>→ Identificar diferentes tipos de materiais</p>	<p>Os Animais:</p> <p>1ª Sessão</p> <p>→ Conversa/partilhar vivências</p> <p>→ Visita de estudo à padaria do Bairro;</p> <p>2ª Sessão</p> <p>→ Conversa/partilhar vivências</p> <p>→ Teatro de fantoches "A Carochinha"</p>	<p>Recursos materiais</p> <p>→ História;</p> <p>→ Sacos de plástico</p> <p>→ Bolos fintos</p> <p>→ Fantoches (construídos artesanalmente por duas mães e crianças do grupo).</p> <p>Recursos Humanos</p> <p>→ Comunidade educativa;</p> <p>→ Comunidade local</p> <p>→ Membro da CPCJ</p> <p>→ Técnico da Intervenção Precoce;</p> <p>→ Família das crianças.</p>	<p>→ Observação directa;</p> <p>→ Tarefas de avaliação informal;</p> <p>→ Registo de observação directa e provocada.</p>

				<p>→ Ter capacidade de orientação e movimentar-se de forma adequada nas visitas de estudo</p> <p>→ Saber utilizar vários processos simples de conhecimento da realidade envolvente, tais como: observar, inquirir, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas e avaliar.</p>			
--	--	--	--	---	--	--	--

(Fonte: Landivar, 1990; González, 2009; Orientações curriculares definidas no Projecto Educativo elaborado para a Sala dos 2 Anos da IPSS onde decorrerá a intervenção)

Quadro n.º 5 – Planificação da Unidade Didáctica n.º 4 “A Primavera”

Áreas	Sub-áreas	Número de Sessões	Duração da Unidade	Competências Específicas a Desenvolver	Actividades	Recursos	Avaliação
<p>→Área da formação pessoal e social</p> <p>→Área do conhecimento do mundo</p> <p>→Área da expressão e comunicação</p>	<p>→Áreas afectivo-sociais</p> <p>→Área cognitiva</p> <p>→Área do movimento e coordenação gerais</p> <p>→Área da coordenação manual</p> <p>→Área da percepção visual</p>	<p>Abril:</p> <p>→ 2 sessões;</p>	<p>→ De 13 a 20 de Abril de 2010</p>	<p>Área da Formação Pessoal e Social</p> <p>→ Conhecer e executar com responsabilidade e as rotinas diárias</p> <p>→ Agir com progressiva autonomia</p> <p>→ Desenvolver o jogo social</p> <p>→ Compreender e expressar sentimentos e emoções</p> <p>→ Assumir responsabilidades que contribuam para o bem-estar colectivo</p> <p>→ Construir e estabelecer relações sociais eficazes</p> <p>→ Manifestar desejos, gostos, opiniões, decisões e sugestões de forma coerente.</p> <p>Área de expressão e Comunicação</p> <p>Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita</p> <p>→ Expressar desejos, sentimentos, necessidades e pensamentos através da fala</p> <p>→ Participar na Comunicação dar e receber</p> <p>→ Descrever algumas características próprias desta estação do ano (A Primavera)</p> <p>→ Intervir com sentido de oportunidade</p> <p>Domínio da matemática</p> <p>→ Identificar tamanhos, texturas, espessuras e cores</p> <p>→ Noção de conjunto</p> <p>→ Seriação de sementes</p> <p>Domínio da expressão Plástica</p> <p>→ Expressar a criatividade plástica</p> <p>→ Desenvolver capacidades de expressão e comunicação artísticas</p> <p>Domínio da expressão motora</p> <p>→ Adquirir coordenação, postura adequada, controlo e movimento do próprio corpo.</p> <p>Área do Conhecimento do</p>	<p>A Primavera:</p> <p>1ª Sessão</p> <p>→ Conversa/ partilhar vivências</p> <p>→ Hora do Conto “A Primavera”;</p> <p>→ Categorização de sementes</p> <p>2ª Sessão</p> <p>→ Conversa/ partilhar vivências</p> <p>→ Hora do Conto “A sementinha”</p> <p>→ Germinação</p>	<p>Recursos materiais</p> <p>→ História;</p> <p>→ Sacos de plástico</p> <p>→ Sementes</p> <p>→ Cartolina</p> <p>→ Fita-cola</p> <p>→ Esponjas</p> <p>→ Taças de plástico</p> <p>→ Plástico autocolante</p> <p>→ Recipiente com água</p> <p>Recursos Humanos</p> <p>→ Comunidade educativa;</p> <p>→ Membro da CPCJ;</p> <p>→ Técnico da Intervenção Precoce;</p> <p>→ Família das crianças.</p>	<p>→ Observação directa;</p> <p>→ Tarefas de avaliação informal;</p> <p>→ Registo de observação directa e provocada.</p>

				<p>Mundo</p> <ul style="list-style-type: none"> → Demonstrar curiosidade e desejo de saber → Enriquecer o vocabulário → Identificar diferentes tipos de materiais → Saber utilizar vários processos simples de conhecimento da realidade envolvente, tais como: observar, inquirir, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas e avaliar. 			
--	--	--	--	---	--	--	--

(Fonte: Landivar, 1990; González, 2009; Orientações curriculares definidas no Projecto Educativo elaborado para a Sala dos 2 Anos da IPSS onde decorrerá a intervenção)

Quadro n.º 6 – Planificação da Unidade Didáctica n.º 5 “O Dia da Mãe”

Áreas	Sub-áreas	Número de Sessões	Duração da Unidade	Competências Específicas a Desenvolver	Actividades	Recursos	Avaliação
<p>→Área da formação pessoal e social</p> <p>→Área do conhecimento do mundo</p> <p>→Área da expressão e comunicação</p>	<p>→Áreas afectivo-sociais</p> <p>→Área cognitiva</p> <p>→Área do movimento e coordenações gerais</p> <p>→Área da coordenação manual</p> <p>→Área da percepção visual</p>	<p>Abril:</p> <p>→1 Sessão;</p>	<p>→Dia 27 de Abril de 2010</p>	<p>Área da Formação Pessoal e Social</p> <p>→ Conhecer e executar com responsabilidade e rotinas diárias</p> <p>→ Agir com progressiva autonomia</p> <p>→ Desenvolver o jogo social</p> <p>→ Compreender e expressar sentimentos e emoções</p> <p>→ Assumir responsabilidades que contribuam para o bem-estar colectivo</p> <p>→ Construir e estabelecer relações sociais eficazes</p> <p>→ Manifestar desejos, gostos, opiniões, decisões e sugestões de forma coerente.</p> <p>Área de expressão e Comunicação</p> <p>Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita</p> <p>→ Expressar desejos, sentimentos, necessidades e pensamentos através da fala</p> <p>→ Participar na Comunicação dar e receber</p> <p>→ Intervir com sentido de oportunidade</p> <p>Domínio da expressão Plástica</p> <p>→ Expressar a criatividade plástica</p> <p>→ Desenvolver capacidades de expressão e comunicação artísticas</p> <p>Domínio da expressão motora</p> <p>→ Adquirir coordenação e controlo do próprio corpo.</p> <p>Área do Conhecimento do Mundo</p> <p>→ Demonstrar curiosidade, desejo de interagir e saber</p> <p>→ Enriquecer o vocabulário</p> <p>→ Saber utilizar vários processos simples de conhecimento da realidade envolvente, tais como: observar, inquirir, descrever, formular questões</p>	<p>O Dia da Mãe:</p> <p>1ª Sessão</p> <p>→ Conversa/ partilhar vivências</p> <p>→ Hora do Conto “Surpresa, surpresa”;</p> <p>→ Elaboração de um Painel subordinado ao tema: As nossas Mães.</p>	<p>Recursos materiais</p> <p>→ História; de</p> <p>→ Papel cenário de</p> <p>→ Tintas guache de várias cores</p> <p>→ Pincéis de</p> <p>→ Pano de limpeza</p> <p>→ Fita-cola larga</p> <p>→ Tesoura de</p> <p>→ Sacos de plástico</p> <p>Recursos Humanos</p> <p>→ Comunidade educativa;</p> <p>→ Membro da CPCJ;</p> <p>→ Técnico da Intervenção Precoce;</p> <p>→ Família das crianças.</p>	<p>→ Observação directa;</p> <p>→ Tarefas de avaliação informal;</p> <p>→ Registo de observação directa e provocada.</p>

				e problemas, avanzar possíveis respostas e avaliar.			
--	--	--	--	---	--	--	--

(Fonte: Landivar, 1990; González, 2009; Orientações curriculares definidas no Projecto Educativo elaborado para a Sala dos 2 Anos da IPSS onde decorrerá a intervenção)

Quadro n.º 7 – Planificação da Unidade Didáctica n.º 6 “O Dia da Cidade”

Áreas	Sub-áreas	Número de Sessões	Duração da Unidade	Competências Específicas a Desenvolver	Actividades	Recursos	Avaliação
<p>→Área da formação pessoal e social</p> <p>→Área do conhecimento do mundo</p> <p>→Área da expressão e comunicação</p>	<p>→Áreas afectivo-sociais</p> <p>→Área cognitiva</p> <p>→Área do movimento e coordenações gerais</p> <p>→Área da coordenação manual</p> <p>→Área da percepção visual</p>	<p>Abril:</p> <p>→ 3 sessões;</p>	<p>→De 4 a 18 de Maio</p>	<p>Área da Formação Pessoal e Social</p> <p>→ Conhecer e executar com responsabilidade e rotinas diárias</p> <p>→ Agir com progressiva autonomia</p> <p>→ Desenvolver o jogo social</p> <p>→ Compreender e expressar sentimentos e emoções</p> <p>→ Assumir responsabilidades que contribuam para o bem-estar colectivo</p> <p>→ Construir e estabelecer relações sociais eficazes</p> <p>→ Manifestar desejos, gostos, opiniões, decisões e sugestões de forma coerente.</p> <p>Área de expressão e Comunicação</p> <p>Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita</p> <p>→ Expressar desejos, sentimentos, necessidades e pensamentos através da fala</p> <p>→ Participar na Comunicação dar e receber</p> <p>→ Intervir com sentido de oportunidade</p> <p>Domínio da expressão Plástica</p> <p>→ Expressar a criatividade plástica</p> <p>→ Desenvolver capacidades de expressão e comunicação artísticas</p> <p>→ Manipular diferentes objectos e materiais</p> <p>→ Explorar as características e potencialidades dos objectos</p> <p>Domínio da expressão Dramática</p> <p>→ Observar, escutar e apreciar o desempenho dos outros</p> <p>→ Enriquecer o uso da palavra pelo desenvolvimento de aspectos ligados à dicção, sonoridade, ritmo, intenção e interacção</p> <p>→ Desenvolver a expressividade</p> <p>→ Ser capaz de utilizar o jogo simbólico em diversas ocasiões</p> <p>Domínio da expressão motora</p>	<p>O Dia da Cidade:</p> <p>1ª Sessão</p> <p>→ Conversa/partilhar vivências</p> <p>→ Hora do Conto “A Lenda da Maia”</p> <p>→ Recolha de malmequeres no espaço exterior</p> <p>→ Confecção de colares e pulseiras de flores</p> <p>2ª Sessão</p> <p>→ Conversa/partilhar vivências</p> <p>→ Visionamento de um PowerPoint sobre a cidade</p> <p>→ Elaboração de uma bandeira</p> <p>→ Canção da “Maia”</p> <p>3ª Sessão</p> <p>→ Acolhimento</p> <p>→ Desfile da Maia (convívio com a comunidade educativa e a comunidade local)</p>	<p>Recursos materiais</p> <p>→ Lenda da Maia</p> <p>→ Canção da Maia</p> <p>→ Cartolina</p> <p>→ Papel de cenário</p> <p>→ Pincéis</p> <p>→ Papel crepe</p> <p>→ Tesura</p> <p>→ Cola</p> <p>→ Papel esponja</p> <p>→ Papel autocolante</p> <p>→ Agulhas sem bico</p> <p>→ Linha</p> <p>→ Malmequeres</p> <p>→ Imagens da Cidade</p> <p>Recursos Humanos</p> <p>→ Comunidade educativa;</p> <p>→ Membro da CPCJ;</p> <p>→ Técnico da Intervenção Precoce;</p> <p>→ Família das crianças.</p>	<p>→ Observação directa;</p> <p>→ Tarefas de avaliação informal;</p> <p>→ Registo de observação directa e provocada.</p>

				<p>→ Adquirir coordenação e controlo do próprio corpo</p> <p>→ Controlar a motricidade fina recorrendo a materiais e objectos específicos.</p> <p>Dominio da expressão Musical</p> <p>→ Desenvolver o gosto pela música</p> <p>→ Participar e cooperar efectivamente em actividades musicais</p> <p>→ Desenvolve o poder de concentração</p> <p>→ Movimentar-se ao som da música e de batimentos musicais</p> <p>Área do Conhecimento do Mundo</p> <p>→ Demonstrar curiosidade, desejo de interagir e saber</p> <p>→ Enriquecer o vocabulário</p> <p>→ Identificar diferentes tipos de materiais</p> <p>→ Ter capacidade de orientação e movimentar-se de forma adequada nas visitas de estudo</p> <p>→ Saber utilizar vários processos simples de conhecimento da realidade envolvente, tais como: observar, inquirir, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas e avaliar.</p>		
--	--	--	--	--	--	--

(Fonte: Landivar, 1990; González, 2009; Orientações curriculares definidas no Projecto Educativo elaborado para a Sala dos 2 Anos da IPSS onde decorrerá a intervenção)

Quadro n.º 8 – Planificação da Unidade Didáctica n.º 7 “O Dia da Criança”

Áreas	Sub-áreas	Número de Sessões	Duração da Unidade	Competências Específicas a Desenvolver	Actividades	Recursos	Avaliação
<p>→Área da formação pessoal e social</p> <p>→Área do conhecimento do mundo</p> <p>→Área da expressão e comunicação</p>	<p>→Áreas afectivo-sociais</p> <p>→Área cognitiva</p> <p>→Área do movimento e coordenação gerais</p> <p>→Área da coordenação manual</p> <p>→Área da percepção visual</p>	<p>Junho:</p> <p>→1 Sessão</p>	<p>→Dia 1 de Junho</p>	<p>Área da Formação Pessoal e Social</p> <p>→ Conhecer e executar com responsabilidade e rotinas diárias</p> <p>→ Agir com progressiva autonomia</p> <p>→ Desenvolver o Jogo Social</p> <p>→ Compreender e expressar sentimentos e emoções</p> <p>→ Assumir responsabilidades que contribuam para o bem-estar colectivo</p> <p>→ Construir e estabelecer relações sociais eficazes</p> <p>→ Manifestar desejos, gostos, opiniões, decisões e sugestões de forma coerente.</p> <p>Área de expressão e Comunicação</p> <p>Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita</p> <p>→ Expressar desejos, sentimentos, necessidades e pensamentos através da fala</p> <p>→ Participar na Comunicação dar e receber</p> <p>→ Intervir com sentido de oportunidade</p> <p>Domínio da expressão Plástica</p> <p>→ Expressar a criatividade plástica</p> <p>→ Desenvolver capacidades de expressão e comunicação artísticas</p> <p>Domínio da expressão Dramática</p> <p>→ Desenvolver a expressividade</p> <p>→ Ser capaz de utilizar o jogo simbólico em diversas situações</p> <p>Domínio da expressão motora</p> <p>→ Adquirir coordenação e controlo do próprio corpo</p> <p>→ Controlar a motricidade fina recorrendo a materiais e objectos específicos.</p> <p>Área do Conhecimento do Mundo</p>	<p>O Dia da Cidade:</p> <p>1ª Sessão</p> <p>→ Conversa/ partilhar vivências</p> <p>→Elaboração de um cartaz;</p> <p>→Actividades/festejos relacionados com o Dia da Criança.</p>	<p>Recursos materiais</p> <p>→ Lençol (material reutilizável)</p> <p>→ Guache líquido</p> <p>→ Tesoura</p> <p>→ Fio de nastro</p> <p>→ Pincéis</p> <p>→ Folha impressa com os Direitos da Criança</p> <p>Recursos Humanos</p> <p>→Comunidade educativa;</p> <p>→Membro da CPCJ;</p> <p>→Técnico da Intervenção Precoce;</p> <p>→Família das crianças</p>	<p>→Observação directa;</p> <p>→Tarefas de avaliação informal;</p> <p>→Registo de observação directa e provocada.</p>

				<ul style="list-style-type: none"> → Demonstrar curiosidade, desejo de interagir e saber → Enriquecer o vocabulário → Identificar diferentes tipos de materiais → Ter capacidade de orientação e movimentar-se de forma adequada nas visitas de estudo → Saber utilizar vários processos simples de conhecimento da realidade envolvente, tais como: observar, inquirir, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas e avaliar. 			
--	--	--	--	--	--	--	--

(Fonte: Landivar, 1990; González, 2009; Orientações curriculares definidas no Projecto Educativo elaborado para a Sala dos 2 Anos da IPSS onde decorrerá a intervenção)

4.3.3 – Desenvolvimento da intervenção

A intervenção pedagógica deste projecto teve como base a planificação a longo prazo, baseada no Projecto Curricular da Instituição, alicerçado nas necessidades evidenciadas pelas crianças e respectivas famílias, que frequentam a creche do Bairro Social.

Cada educador no início do ano lectivo, após o conhecimento das crianças e das suas características físicas, cognitivas e sociais, constrói o PCG. Este projecto será posto em prática ao longo do ano lectivo, adaptado ao grupo e a cada criança que dele faz parte.

No decorrer deste projecto de investigação-acção, ficamos cientes da importância do PCG, da planificação das actividades, da adequação das mesmas ao grupo e as necessidades e limites de cada criança que dele fazem parte. É por isso fundamental definir objectivos com base na observação, acção e avaliação das actividades desenvolvidas diariamente. Todas as crianças devem estar implicadas nas actividades, respeitando os seus saberes e intervenções. Para que posteriormente se consigam delinear estratégias facilitadoras do processo de intervenção, indispensáveis ao desenvolvimento global e harmonioso da criança.

O projecto de investigação-acção, trabalhado envolveu vários parceiros. A instituição desenvolveu o projecto, articulando competências técnicas e espaços físicos primordiais para o desenrolar das actividades propostas.

Como parceiros deste projecto podemos contar com a colaboração da CPCJ, a Intervenção Precoce e a comunidade local.

Os técnicos envolvidos neste projecto debateram e desenvolveram estratégias que facilitaram o processo de inclusão de crianças e famílias em risco.

A intervenção educativa foi efectuada sob os princípios da educação democrática e inclusiva, procurando ir ao encontro das necessidades identificadas no seio da comunidade educativa (Anexo VIII).

Foram desenvolvidas dezassete sessões, que passamos a descrever de forma sumária.

Sessão I: Relato e avaliação da actividade desenvolvida – Dia 3 de Fevereiro

A recepção das crianças foi feita na sala polivalente, para onde me dirigi como faço diariamente, no intuito de receber e me serem transmitidos, pela auxiliar de educação, todos os recados deixados pelos pais ou familiares das crianças que já lá se encontravam. Após esse momento dirigi-me à sala de actividades.

Como é hábito e rotina, à chegada as crianças sentaram-se no tapete, onde vestimos os bibes e distribuímos as bolachas.

Iniciei a minha intervenção contando a história “*O Rafa Mascara-se*”. Esta história retratou a vida de um menino que se queria mascarar, mas não tinha mascara e devido a essa situação pensava que os amigos não iriam brincar com ele, por isso não queria ir à escola. Até que um dia um amigo resolveu ir visita-lo e quando percebeu a razão porque ele faltava à escola e não querer sair de casa, explicou-lhe que estavam a fazer lindas mascaras lá na escola, para brincarem todos juntos e utilizarem na festa de carnaval.

Finda a leitura da história fiz uma pequena exploração da mesma com as crianças, perguntando como por exemplo, quem é que não queria vir à escola, porque é que o Rafa estava triste, etc. Posteriormente expliquei-lhes que podíamos construir as nossas próprias mascaras, e mostrei-lhes alguns materiais recicláveis que eles trouxeram para a escola e que poderiam ser utilizados para construir as mascaras de carnaval. Depois, perguntei às crianças se gostariam de desenvolver essa actividade, e expliquei-lhes a importância de poder-mos construir a nossa fantasia sem ter de ir à loja compra-la.

O grupo mostrou-se entusiasmado e participativo. Estiveram interessados na história e no decorrer da actividade.

Houve algumas crianças que originaram pequenos conflitos, mas julgo que isso se deve ao facto deles ainda não terem a percepção de algumas regras sociais, como por exemplo o dever de respeitar os colegas e repartir materiais. Regras essas que estão expostas na sala de actividades e foram feitas com a colaboração de todos os elementos do grupo, e eu, como educadora relembro-as diariamente, para que eles as interiorizem e aprendam a viver em sociedade.

Para finalizar e consolidar os aspectos abordados, mostrei às mascaras que tinham sido realizadas. Depois expliquei-lhes que estas ficariam a secar para poder-mos colocar o elástico e estariam prontas para utilizarem na festa de carnaval. Perante esta constatação o G. disse logo que não havia festa sem bolo e que queria um bolo para a festa. O J. R. disse que a mãe ia comprar na pastelaria e a A.L. disse que não que ela ia comprar no supermercado. Este diálogo deu origem a um conflito entre eles, no qual entrevi, sugerindo que fizéssemos um bolo na sala. O grupo mostrou-se muito entusiasmado, algumas crianças abraçaram-se e outras bateram palmas. A M.L. disse que ia-mos fazer o bolo do carnaval! Todo concordamos e eu propus que cada um trouxe-se de casa um ingrediente para o bolo, eles aceitaram a ideia com agrado e alguma euforia.

Depois escrevi uma nota explicativa, pedindo a cada familiar que trouxesse um ingrediente para poder-mos confeccionar o “Bolo de Carnaval”.

Balanço Reflexivo

No final avaliamos oralmente, as actividades realizadas nesta sessão. As crianças disseram ter gostado muito de ouvir a história e de ter realizado as suas próprias mascaras com os amigos. Mostraram-se entusiasmados com o tema trabalhado nesta sessão e com vontade de lhe dar continuidade.

Sessão II: Relato e avaliação da actividade desenvolvida – Dia 9 de Fevereiro

A recepção das crianças foi feita na sala polivalente, para onde me dirigi, no intuito de receber e me serem transmitidos, pela auxiliar de acção educativa, os recados deixados pelos pais ou familiares das crianças que já lá se encontravam. Após esse momento dirigimo-nos à sala de actividades.

Como é hábito e rotina, à chegada as crianças sentaram-se no agrupamento colectivo, onde vestimos os bibes e distribuímos as bolachas. O G. chegou nessa altura e vinha simulando uma arma, a qual apontava na direcção de alguns colegas e emitia o som do disparo. Perguntei-lhe, com carinho e calma se não se queria sentar, pois já falei com ele diversas vezes em relação a este tipo de comportamento e achei que não seria a melhor altura para voltar a fazê-lo, pois os colegas aguardavam o início da actividade e outra postura da minha parte iria quebrar a magia do momento e criar situações de conflito entre diversos elementos do grupo, entretanto ele deitou-se para o tapete. Depois rastejou até mim e agarrou-me as pernas, num grande abraço. O J.M. empurrou o G. e gritou “sa...sa” e ele começou a chorar. Perguntei-lhe a razão porque chorava e ele olhou para mim, agarrou-se com mais força as minhas pernas e não respondeu. O J.M. olhou para ele, depois para mim e disse “mã chola, chola” e encheram-se-lhe os olhos de lágrimas, ao mesmo tempo que olhou novamente para o G. e lhe fez uma festinha na cabeça.

Superada a situação dei continuidade à minha intervenção contando a história “*O Palhaço Anacleto faz um Bolo Esbelto*”, que foi elaborada pelo grupo de trabalho com mediação da educadora da sala. Este procedimento é usual na instituição, pois os recursos económicos são escassos e há a necessidade de construir diversos materiais didácticos. A educadora fá-los, sempre que possível com o auxílio das crianças, pois assim estes interagem de forma lúdica e pedagógica nesse contexto, o que desencadeia uma postura diferente no

manuseamento dos materiais e na relação entre os vários elementos do grupo. Esta proposta é desenvolvida em grupo, todos os intervenientes têm uma tarefa, que terá de ser realizada para que o grupo atinja o objectivo proposto.

A história trabalhada, retratava a vida de um “Palhacinho” que queria fazer um bolo, mas não tinha todos os ingredientes para o fazer nem dinheiro para os ir comprar. Razão pela qual ficou triste, pois pensava que nunca poderia realizar a tarefa. Até que um dia partilhou esse sonho com os amigos e estes dispuseram-se logo a ajuda-lo. Juntaram-se e arranjaram os ingredientes necessários à confecção do bolo e assim puderam faze-lo e come-lo em conjunto, o que foi muito divertido.

Finda a leitura da história fiz uma pequena exploração da mesma com as crianças, perguntando, quem é que estava triste, qual a razão dessa tristeza, como é que foi resolvido esse problema, etc. Posteriormente expliquei às crianças que podemos partilhar alguns problemas com os amigos e que em conjunto, por vezes consegui-mos arranjar solução para os resolver. Também falei da importância de partilharmos materiais, ideias e opiniões.

Demos início à actividade programada, juntando todos os ingredientes. Todas as crianças do grupo colaboraram activamente na actividade.

Balanço Reflexivo

No final avaliamos as actividades e a maior parte das crianças disseram que o bolo estava bonito, grande e bom e que tinham gostado da história. O bolo foi partilhado entre todos, sem qualquer tipo de conflito.

Na minha opinião a actividade superou as minhas expectativas, pois o grupo mostrou-se participativo e desta vez as crianças conseguiram partilhar o bolo sem grandes conflitos.

As crianças mostraram estar ansiosas com a chegada do carnaval pediram para cantar a canção do carnaval e dos palhacinhos, quiseram dançar e falar nas mascaras. Falaram com expectativa no baile e na festa de carnaval que se irá realizar na próxima semana. Mais de metade das crianças da sala disseram nunca ter tido oportunidade de vivenciar este tipo de evento, razão pela qual lhes tentei explicar o que é um baile e o que lá se faz habitualmente, mas a fertilidade imaginativa deste nível etário levo-os a divagar bastante sobre o assunto.

As famílias das crianças e entidades que estabeleceram parceria com a nossa instituição também foram convidados a participar.

Sessão III: Relato e avaliação da actividade desenvolvida – Dia 15 de Fevereiro

As crianças e eu, educadora da sala de actividades, deslocamo-nos até ao agrupamento colectivo onde conversarmos um pouco sobre a actividade da tarde.

As crianças estavam agitadas e falavam sem parar. A A.L. repetiu várias vezes que o “nano” vinha vê-la e o G. aproveitou para gritar e dizer que “naaaão”. O A. disse que a avó e o avó é que vinham e a situação originou um pequeno conflito que requereu a minha intervenção, visto as crianças ainda não terem conseguido criar autonomia suficiente para resolver conflitos entre si. Depois pedi-lhes que se acalmassem, mostrei-lhes que poderiam danificar as fantasias que tinham gostado tanto de fazer. Com calma recordei-lhes que todos tinham sido convidados por isso todos puderam vir à escola. Questionei-os também, sobre o que tinha-mos decidido quando efectuamos os convites (a decisão de convidar-mos os familiares e amigos foi tomada em grande grupo, esta surgiu do dialogo estabelecido e das sugestões e elações a que TODOS chegamos). Fi-los ainda, relembrar as regras da sala, definidas e registadas em grande grupo, mas que agora tinham sido desrespeitadas.

O J.M. olhou para todo o lado e ria sem parar, parecia alucinado e um pouco perdido. Aos poucos as crianças começaram a sorrir uns para os outros, o conflito terminou dando lugar a expectativa criada em torno da actividade proposta para a tarde.

As terapeutas estiveram envolvidas nesta actividade desde o início, embora de forma pontual pois ajudaram na elaboração do fato do J.M., no tempo em se deslocaram à instituição para trabalhar com “ele”. Habitualmente deslocam-se para um espaço exterior à sala de actividades e quando lhes proponho que fiquem dentro da sala envolvendo-se com as actividades propostas ao grupo, dizem sempre que o J.M. ainda precisa de se concentrar e isso não é possível dentro do contexto de grupo.

Não consigo compreender porque razão as terapeutas se isolam e não desenvolvem as actividades em contexto de grupo. A atitude da criança em relação à separação dos colegas é bastante negativa, fica apático, chora e é sempre levado da sala à força. Por isso sempre que as técnicas se deslocam à sala eu insisto na ideia de desenvolvermos as actividades em conjunto.

Desta vez as terapeutas cederam e ajudaram na elaboração do fato, mas não participaram na actividade em que este seria utilizado e exposto à comunidade educativa e à comunidade local. Em minha opinião seria importante elas estarem presentes, pois trabalha-mos em parceria. Mas não participaram pois não era o dia que tinha destinado a trabalhar com o

menino e não tiveram oportunidade de se deslocar à instituição, alegando estarem a trabalhar com outras crianças de outras escolas.

As crianças, a medida que o tempo foi passando, ficaram mais ansiosas e eufóricas pois começaram a ouvir barulho vindo do pátio exterior, para o qual as janelas da sala de actividades dão acesso.

A ideia de receberem os familiares e amigos na escola, deu-lhes bastante alento e manifestaram-no entusiasticamente, gritando “boa, boa” e batendo palmas com muita energia.

Esta proposta foi desenvolvida com o auxílio e envolvimento dos diversos intervenientes da comunidade educativa (funcionários da instituição, pais, familiares das crianças e pessoas do Bairro onde a escola está inserida). O produto surge do trabalho desenvolvido, fruto da colaboração entre os vários intervenientes na comunidade educativa.

Demos início à actividade programada, organizando todas as crianças do grupo que desfilaram ordenadamente perante os aplausos das pessoas que se encontravam no Pátio. Depois deslocamo-nos para o Salão onde decorreu o Baile e um pequeno lanche, no qual as crianças participaram activamente distribuindo o Bolo de Carnaval, que a nossa cozinheira da instituição tinha confeccionado seguindo a receita fornecida pelas crianças.

No decorrer do convívio foram tiradas fotografias, que serviram de suporte a proposta de outra actividade, que consistirá na elaboração de um placard decorado pelas crianças, para exposição na Galeria de arte da nossa instituição.

Balanço Reflexivo

No final avaliamos a actividade e todos pediram que momentos como este se repetissem. Todos interagiram, crianças e adultos sem qualquer tipo de conflito ou discriminação.

Penso vir a propor mais actividades dentro destes moldes e vou fazê-lo pedindo o auxílio e disponibilidade de **Todos** os intervenientes, salientando a importância deste tipo de actividades para o desenvolvimento global e harmonioso da criança.

Sessão IV: Relato e avaliação da actividade desenvolvida – Dia 23 de Fevereiro

A recepção das crianças foi feita na sala polivalente, para onde me dirigi, no intuito de receber e me serem transmitidos, pela auxiliar de acção educativa, os recados deixados pelos pais ou familiares das crianças que já lá se encontravam. Quando as crianças da minha sala me ouviram abrir a porta correram na minha direcção, querendo mostrar as fotografias que tinham trazido de casa. Não respeitavam a vez de intervir e empurravam-se uns aos outros

para chegarem ao pé de mim e terem a minha atenção focalizada. Pedi que tivessem calma pois aquele não era o local destinado ao desenvolvimento dessa actividade.

Após esse momento dirigimo-nos à sala de actividades, pois as crianças estavam demasiado agitadas para que fosse possível permanecer um pouco mais na sala de acolhimento, em interacção com as outras crianças e adultos da instituição.

Ao chegarmos à sala, não foi necessário pedir que se organizassem adequadamente no agrupamento colectivo, pois as crianças fizeram-no sem qualquer interferência da minha parte.

Ao contrário do que é habitual não mostraram interesse por comer bolachas, embora eu tenha consciência que neste dia, tal como em muitos outros há no grupo crianças que não ingeriram qualquer alimento antes de vir para a escola. Razão pela qual eu distribuo diariamente bolachas, antes de começar as actividades que tenho para lhes propor. Coloquei a caixa das bolachas, aberta em cima da mesa, junto à zona em que as crianças se encontravam.

Posteriormente, pedi-lhes que me mostrassem o que tinham para poder-mos, em conjunto escolher os materiais necessários à actividade do dia. Nesse momento chegou o G., emitindo sons agudos e atirou-me com as duas fotografias que trazia nas mãos, para o colo. O J.M. chegou também nesse momento, com a avó, que me disse que o menino não tinha trazido fotografias porque os pais desde o dia do baile que não o viam e eram eles que tinham a máquina fotográfica. Apresei-me a tranquilizar a senhora, explicando-lhe que todos teriam oportunidade de participar, não era obrigatório trazer fotografias, estas serviriam apenas de complemento à actividade realizada.

O J.M. sentou-se junto dos colegas e olhou para a fotografia que eu tinha na mão, perguntei-lhe se sabia o que era aquilo e ele balbuciou “ba...ba”. Sorria mas não demonstrava qualquer tipo de emoção, aproximei-a mais da face da criança. Era uma das fotografias que tinha em mãos, onde ele estava, nesse momento a criança reagiu batendo com a mão no peito dizendo “mi...mi”. Após esta atitude verifiquei, que o menino tinha dificuldades visuais, embora usa-se óculos.

Sei que o J.M. foi á consulta de Oftalmologia Pediátrica, em Junho, no Hospital D. Estefânia e que é indispensável da minha parte dar a conhecer ao médico o que verifico na sala de actividades. Razão pela qual propus a colega da Intervenção Precoce que efectua-semos um relatório informativo em conjunto, onde serão dadas a conhecer as necessidades educativas observadas. O mesmo não começou já a ser efectuado, porque a colega ainda não teve disponibilidade para o fazer. Perante a situação, sei que tenho de ter atenção redobrada,

em relação aos materiais que coloco ao dispor do menino, certificando-me que ele os visualiza adequadamente, para poder desenvolver as actividades com segurança e espontaneidade tal como as outras crianças do grupo.

Depois de colocar o J. M. perto de mim, para que estivesse mais próximo das imagens que eu estava a mostrar ao grupo, fui interagindo com todas as crianças certificando-me que elas estavam despertas para trabalhar a actividade que lhes estava a propor. Mostraram-se participativas, umas mais que outras, por isso prossegui a actividade tendo em conta e respeitando o ritmo e diversidade do grupo, não esquecendo que cada criança tem a sua forma de interagir e assimilar os conteúdos programáticos.

O grupo deslocou-se ao centro da sala, onde as crianças se distribuíram aleatoriamente pelo espaço à volta da faixa, que já se encontrava esticada no chão com diversos materiais de expressão plástica em redor.

Junto a faixa, propus às crianças que trabalhassem em grande grupo, que utilizassem os materiais que tinham ao dispor segundo a sua vontade. Que decorassem o espaço onde iriam posteriormente colar as fotografias que trouxeram de casa. No decorrer da actividade, eu e a auxiliar de acção educativa, tivemos de intervir para que as crianças respeitassem o espaço dos colegas e manuseassem adequadamente alguns dos materiais que tinham ao dispor.

Terminada a primeira parte da actividade, sentamo-nos para avaliar o trabalho desenvolvido e decidir onde colaríamos as fotografias na faixa.

As crianças foram identificando familiares, amigos, funcionários e fantasias. O A. ficou algum tempo a observar a faixa, o que não é usual pois ele é bastante participativo e dinâmico, depois exclamou “ na festa há bichos!”, nesse momento constatei que a maioria das máscaras eram alusivas à figura de alguns animais. Percebi nesse momento a razão pela qual o G. entrou a emitir o som próprio de alguns desses animais.

Perguntei as crianças se gostam de animais, todos gritaram que sim. Pensei então que este poderia ser o próximo tema a propor trabalhar com o grupo.

Balanco Reflexivo

No final da actividade dirigimo-nos a zona da Galeria de Arte da instituição e foi lá que colocamos a nossa faixa, a A.L. bateu palmas e rapidamente a atitude foi adoptada pelas outras crianças, olhei na direcção do J.M. e verifiquei que ele pulava de alegria, virado de costas para a faixa mas de frente para os colegas. Ele tinha participado na actividade com entusiasmo, mas o que o fazia estar feliz era a alegria que emanava do grupo.

Sessão V: Relato e avaliação da actividade desenvolvida – Dia 2 de Março

A recepção das crianças foi feita na sala polivalente, para onde me dirigi como faço habitualmente, no intuito de me serem transmitidos, pela auxiliar de educação, todos os recados deixados pelos pais ou familiares das crianças que já lá se encontravam.

Neste espaço as crianças da instituição interagem e partilham sentimentos e brincadeiras. Este é um momento privilegiado para observar atitudes e percepções que as crianças evidenciam no decorrer do jogo simbólico, inerente á sua forma de agir e interagir com os outros elementos da comunidade educativa, fora do contexto de sala de actividades. Após esse momento dirigimo-nos à sala dos 2 anos.

Como é hábito e rotina, à chegada as crianças sentaram-se no tapete, onde vestimos os bibes e distribuímos as bolachas (a quem queria).

Dei continuidade à minha intervenção dando os bons dias ao grupo e dizendo que tinha trazido algumas imagens que me pareciam do interesse do grupo. As crianças começaram logo a pedir que às mostra-se, excepto a M.B. que parecia estática e nada interessada. Esta criança é na maioria das vezes pouco activa e só consigo que ela participe nas actividades se a questionar directamente, razão pela qual lhe perguntei se me queria ajudar a segurar as imagens que tinha para mostrar aos colegas. Ela sorriu e levantou-se de imediato, colocando-se ao meu lado sem dizer nada. Perguntei-lhe se gostava de animais, mas o G., o A., e a B. resolveram gritar que sim. Expliquei-lhes que tinham de saber ouvir os colegas, mas estavam tão entusiasmados que não paravam de rir e dizer “boa, boa”. Passei então a fase seguinte, contando a história “*Os animais Selvagens*”, ao mesmo tempo que ia mostrando as imagens dos animais lá mencionados. A história retratava a vida selvagem, falava do seu habitat e das relações que eles estabelecem entre si.

Finda a leitura da história fiz uma pequena exploração com as crianças, perguntando como vivem os animais selvagens, o que comem e se acham que eles são amigos uns dos outros.

Depois propus as crianças que desenvolvessem uma actividade onde fosse perceptível, para quem nos visita, a forma como vivem os animais selvagens. A A.L. disse que não sabia fazer Leões só sabia fazer cobras, então o J.M. disse “eu, uão já”. Ele queria dizer que já tinha feito a actividade com a Terapeuta Ocupacional no dia anterior. Por isso perguntei-lhe se o queria mostrar aos amigos, pois sabia que ele o tinha trazido de manhã e o tinha no bolso do casaco. Ele abanou afirmativamente a cabeça e levantou-se desequilibradamente, dirigindo-se

até a porta da sala onde esperou que a auxiliar lhe abrisse a porta para tirar o animal do bolso do seu casaco. Quando conseguiu desempenhar a tarefa, dirigiu-se ao grupo, rindo sem cessar, com o animal na mão. Depois sentou-se e deu-me o animal para que eu pudesse mostra-lo aos colegas. Com cuidado coloquei-o na mão da criança que estava ao pé de mim e as crianças passaram o animal de mão em mão, precavidos para não o estragar. Afirmaram que gostavam de ter também um para levar para casa. Então dei continuidade ao tema propondo que recriassem, a seu gosto, animais selvagens e seu habitat, para colocarmos em exposição na instituição. Expliquei-lhes também que no final do ano lectivo os poderiam levar para casa.

O grupo mostrou-se empenhado e participativo.

A Terapeuta Ocupacional chegou a meio dessa actividade e quis levar o J.M. para uma sala onde pudesse trabalhar com ele isoladamente, mais uma vez sugeri-lhe que desenvolve-se a actividade connosco, pois o menino recusava-se a sair da sala protestando efusivamente, a reacção foi de tal ordem que o G. não se conteve e gritou “vai embora tu”, empurrando a senhora com violência. Vi-me obrigada a intervir, mostrando à criança que não devia adoptar esse tipo de comportamento, mas não o consegui convencer, pois o G. olhou novamente para a Terapeuta e disse que ela era má, pois o J.M., estava a chorar muito e não queria ir embora. Perante a situação a colega permaneceu na sala e desenvolveu connosco a actividade proposta.

Para finalizar e consolidar os aspectos abordados, deslocamo-nos em grande grupo até a entrada da instituição e expusemos os animais realizados pelo grupo. Depois disse-lhes que aqui poderíamos mostrar os animais selvagens que tinha-mos “criado” a todas as pessoas que viessem à nossa instituição e que também podíamos convidar os amigos para cá virem ver o nosso trabalho.

Balanço Reflexivo

As crianças estavam realizadas, apreciavam com carinho o que tinham conseguido fazer em grupo, o poder da interacção.

Na minha opinião a actividade correu bem, pois o grupo mostrou-se entusiasmado e participativo (foi um tema solicitado pelo grupo). Verifiquei que estiveram interessados na história e no decorrer de todas as actividades.

Houve algumas crianças que originaram pequenos conflitos, mas julgo que isso se deve ao facto deles ainda não terem a percepção de algumas regras sociais. Embora seja notório que aos poucos o grupo se tem mostrado mais solidário e cooperante.

Passo a passo vamos conseguindo mudar alguns comportamentos e atitudes em relação

ao saber estar e saber conviver com os outros, esta é uma tarefa que as crianças vão ter de assimilar para que futuramente desenvolvam atitudes de partilha e compreensão tão relevantes na sociedade actual.

Sessão VI: Relato e avaliação da actividade desenvolvida – Dia 9 de Março

A recepção das crianças foi feita na sala polivalente, para onde me dirigi, no intuito de receber e me serem transmitidos, pela auxiliar de educação, todos os recados deixados pelos pais ou familiares das crianças que já lá se encontravam. Após esse momento dirigimo-nos à sala de actividades.

Como é hábito e rotina, à chegada as crianças dirigiram-se e sentaram-se, no local escolhido pela maioria das crianças para se sentarem na zona de agrupamento colectivo, onde vestimos os bibes e distribuímos as bolachas, quase todas as manhãs.

A minha intervenção continuou, perguntando as crianças se conhecem alguns animais que vivem na quinta e se os querem enumerar. A maioria “gritou” que sim, por muito que lhes explique que devemos tomar as decisões ordenadamente e sem gritos, as crianças continuam a ter esse tipo de reacção sempre que são questionados sobre o tema da proposta de trabalho. Nesse momento chegou o J.M., que trazia olhos inchados de chorar e correu irregularmente na minha direcção. A avó pediu se podia falar comigo, alegou que era urgente, também trazia os olhos inchados e bastante vermelhos.

Gerou-se alguma confusão entre as crianças que aproveitaram a interrupção da actividade para fazer barulho e brincarem um pouco. Soube no momento que teria de tomar uma decisão, ou continuaria a interagir com o grupo ou daria oportunidade a avó do J.M. de falar comigo. Depois de ponderar, pedi à auxiliar da sala, o favor de me ir marcando as presenças com o grupo, pois eu tinha de me ausentar por breves instantes.

Como tinha previsto o assunto era grave, a situação familiar do J.M. tinha-se agravado drasticamente, os pais não tinham pago a renda da casa, nem a água, gás ou electricidade e tinham sido alvo de uma acção de despejo. Foi inadiável a necessidade de convocar uma reunião de urgência na sede da CPCJ.

Tentei acalmar a avó do J.M., lembrando-a que a criança estava salvaguardada até sexta-feira, visto estar em seu poder durante a semana Perguntei-lhe também se ela poderia deslocar-se á sede da CPCJ pelas 12.30 horas para fazermos um registo da situação actual, para que fosse possível tomar as medidas necessárias ao caso. Ela concordou instantaneamente, assegurando que faria o que fosse preciso para proteger o neto desse tipo de

situações. Despedi-me da senhora, dizendo-lhe que iríamos trabalhar em conjunto para arranjar soluções adequadas à resolução do caso. Ela olhou para mim, agradeceu com os olhos marejados de lágrimas.

Desloquei-me novamente à sala de actividades. As crianças estavam a cantar, quando terminaram, perguntei-lhes se ainda queriam ouvir a história. Tornaram a gritar que sim, então sentei-me e reiniciei a actividade contando a história “ A galinha Camila”. Esta história foi contada com o auxílio de materiais construídos por crianças que estiveram em anos anteriores na nossa instituição e que amavelmente cederam parte deles.

O respeito por quem produziu o trabalho, por quem teve o gosto de o deixar e partilhar com outras crianças ao longo dos tempos, é sem dúvida uma forma activa de educar para os valores, criando assim um património único e indiscutivelmente valioso dentro da instituição.

A história explorada retratava o dia-a-dia numa quinta e o valor da amizade. Local onde um menino foi viver junto dos avós uma grande aventura, durante o período de férias da Páscoa. A história contou que ele ao chegar à quinta dos seus queridos avós, viu-se rodeado de vários animais que interagiam entre si e estabeleciam uma verdadeira relação de amizade e companheirismo. Essa amizade foi imprescindível e contagiante na vida deles e de quem os rodeia. O menino foi convidado a fazer parte do grupo, tal como todos os seus amigos e familiares.

Finda a leitura da história fiz uma pequena exploração de alguns conteúdos, com as crianças, perguntando se sabem o que é ser amigo, se gostavam de ajudar os outros, se podemos ser amigos de quem é diferente.

Posteriormente expliquei-lhes que é muito bom ter amigos, mesmo que eles não sejam iguais a nós, pois todos temos semelhanças e diferenças uns dos outros. A G.C. disse logo que tem amigas brasileiras e uma “preta” e que gosta muito delas. O G. interrompeu logo a G.C. dizendo que o cão grande lá de casa é amigo dele e o A. sobrepôs-se dizendo que também tem um amigo, um Tubarão grande. A M.L. disse que o lobo mau e os vampiros não são amigos dela, mostrou-se assustada e inquieta. As crianças olharam para ela e riram e o A disse para ela não ter medo do Lobo nem dos vampiros porque o tubarão grande dele vai come-los. Perante a situação, resolvi mostrar ao grupo a importância da interacção na resolução de problemas da vida quotidiana.

O A. quando viu a M.L. assustada tentou resolver a situação recorrendo à ajuda do seu super amigo, para que nada de mal acontece-se à sua amiguinha. Realcei a situação perante as atitudes que devemos adoptar quando um amigo precisa de ajuda, fazendo-os reflectir sobre

comportamentos e reacções adoptadas sempre que se encontram perante a diferença.

Falamos também da importância da interacção entre o homem e os animais da quinta, aproveitei para trabalhar a memorização e propus ao grupo que cantasse-mos a canção da “Quinta o tio Manel” que já tinha-mos trabalhado este ano lectivo, as crianças aceitaram a proposta. Mostram-se bastante participativas e interessadas no decorrer dessa actividade.

Posteriormente foi-lhes proposta uma actividade de expressão plástica, onde partilharam conceitos e materiais em harmonia, o que não é muito habitual! Mostraram-se bastante participativos e cooperantes neste tipo de partilha.

Pude ainda constatar que já tinham percebido a importância da reciclagem, para o auxílio e protecção do nosso planeta terra.

Balanço Reflexivo

Na opinião do grupo a actividade correu bem e querem trabalhar mais sobre o tema. O J. R. contou que o irmão também estava a fazer animais lá na escola (a criança encontra-se inserido na escola de Primeiro Ciclo do Bairro). Achei a coincidência interessante, por isso perguntei ao grupo se gostariam de convidar os meninos da escola para virem á nossa instituição. Gerou-se uma grande confusão pois todos gritaram ao mesmo tempo, riram e pularam de alegria. Percebi que tinham adorado a ideia e foi difícil faze-los acalmarem-se e dar continuidade ao assunto. Quando retomaram o lugar e consegui-mos prosseguir, expliquei-lhes que teria de ir falar com a Sr.^a Professora e propor-lhe uma actividade em comum.

Para finalizar e consolidar os aspectos abordados, mostrei os animais que tinham sido realizados. Depois expliquei-lhes que estes teriam de ficar a secar para poder-mos colocar o pau de gelado e estariam prontos para utilizarmos quando quisesse-mos dinamizar uma história, fazer um teatro de fantoches ou para colocarmos no nosso placard de sala.

Sessão VII: Relato e avaliação da actividade desenvolvida – Dia 16 de Março

No dia 16 de Março, mais uma vez a recepção das crianças foi feita na sala polivalente, para onde me dirigi como faço diariamente, no intuito de receber e me serem transmitidos, pela auxiliar de educação, todos os recados deixados pelos pais ou familiares das crianças que já lá se encontravam.

Lá permaneci durante uns 15 minutos. Neste espaço as crianças da instituição interagem entre si. Este é um momento privilegiado para as poder observar em contexto de grupo, ali

elas agem espontaneamente, sem saberem que estão a ser observadas ou avaliadas. Esta observação efectuou-se no decorrer do jogo simbólico, da espontaneidade de encarar ou dinamizar acções inerentes á sua forma de agir e interagir com os outros, fora do contexto de sala de actividades e intervenção directa do adulto. Eis pois um local privilegiado para avaliar, observar e projectar futuras actividades. Pude fazê-lo com base na observação directa de comportamentos e posturas, sobre quais tive de reflectir e projectar futuras acções relacionadas com os interesses das crianças. Após esse momento dirigimo-nos à sala de actividades, no percurso disse ao grupo que hoje era o dia da surpresa.

A D. disse que a irmã vinha com a Professora à escola, a M.L. saltou de alegria pois a dela também viria, as duas meninas abraçaram-se. Neste momento percebi que o egocentrismo, próprio desta faixa etária, está a dar lugar ao reconhecimento e aceitação do outro, pois elas demonstraram perceber que cada uma tem uma irmã e que as duas fazem parte de outra escola, perto da nossa.

Chegados à sala as crianças correram para a zona do agrupamento colectivo, estavam muito agitadas e gritavam sem motivo aparente. Tive de me sentar junto delas e conversar sobre a atitude que estavam a ter. Questionei-os sobre a forma desorganizada que o grupo adoptou e se seria a forma correcta de receber os colegas da escola do 1.º Ciclo.

Posteriormente, já mais calmos expliquei-lhes que tal como o grupo tinha sugerido, tínhamos convidado os colegas do 1.º ano da escola do 1.º Ciclo, para verem a nossa exposição e desenvolverem uma actividade connosco. Este foi o dia acordado e eles estavam a chegar. Nesse momento a Professora bateu à porta, seguiam-na um grupo de 23 crianças de 6/7 anos de idade. Abri-lhes a porta e demos-lhe em conjunto as boas vindas. As crianças sorriram mas não correram uns para os outros como tinha previsto, os mais novos continuaram sentadas e os do 1.º Ciclo colocaram-se rapidamente na posição correcta onde contaram a história. Nesse momento chegou a D. com a mãe, que perguntou qual era a razão de estarem tantos meninos na escola? Expliquei-lhe rapidamente a actividade e perguntei-lhe se queria ficar connosco. A senhora agradeceu, tinha pena de não poder ficar mas tinha de ir trabalhar. Mas antes de ir embora disse as crianças que ia tirar algumas fotografias aos animais que tinha na sua quinta e ia trazer para os amigos da D. verem como estes nascem e vivem.

A actividade correu calmamente, as crianças interagiram e participaram entre si. O grupo reconheceu os animais que tinham elaborado numa actividade anterior, aceitaram partilha-los com as outras crianças e responderam as questões colocadas no final da história.

Algumas das crianças que se deslocaram a sala de actividades são familiares das do

grupo, outros há que não conhecem, mas a interacção estabelecida entre todos proporcionou uma proximidade favorável ao envolvimento e articulação de todos os membros envolvidos neste processo educativo.

Depois de terminar a actividade proposta eu e a Professora pergunta-mos às crianças se queriam comer uma bolachinha, a A.L. tinha ficado incumbida de desenvolver a tarefa, razão pela qual se levantou prontamente e se dirigiu ao armário onde estava a caixa das bolachas. As crianças começaram a comer e a interagir espontaneamente entre si, o G. perguntou se podiam brincar e eu e a colega concordamos. Ficamos a observar a interacção estabelecida entre as crianças e foi notório que actividades similares teriam de acontecer.

Posteriormente os visitantes tiveram de regressar à sua escola por isso as crianças despediram-se com a promessa de voltarmos a encontrar-nos muito brevemente.

Balanço Reflexivo

As crianças avaliaram esta sessão com bastante interesse e satisfação, mostraram ter percebido o conteúdo da história e o valor da partilha de materiais. Gostaram tanto de vivenciar esta experiência que pediram insistentemente que se volta-se a realizar.

É imprescindível que esta promessa seja cumprida, pois a interacção, socialização e criação de vínculos, com as crianças e adultos da escola do 1.º Ciclo será uma mais-valia no processo de integração e inclusão, das crianças que no próximo ano lectivo ingressaram no ensino Pré-Escolar da Rede Pública.

Sessão VIII: Relato e avaliação da actividade desenvolvida – Dia 23 de Março

Nessa manhã do mês de Março, desloquei-me a sala polivalente, onde fiz o acolhimento das crianças que chegam antes das 9:00 horas à instituição. Foi neste local que tive o primeiro contacto diário com o grupo e restante comunidade educativa.

Posteriormente recebi os recados deixados pelos adultos que trouxeram as crianças e observei o grupo em interacção.

Por volta das 9:10 horas, desloquei-me com o grupo de crianças até à sala de actividades. Nesse espaço as crianças distribuíram-se autonomamente pelo agrupamento colectivo, rotina diária da sala, onde troca-mos ideias e dê-mos inicio as propostas de actividade programadas para este dia.

As crianças mostraram-se apreensivas e curiosas com o material didáctico exposto, factor que facilitou a aceitação imediata da proposta de actividade.

Fui distribuindo bolachas, pelas crianças, como faço habitualmente, interagindo e dialogando com todos os elementos do grupo, aguardando a chegada de mais crianças.

Os pais que chegaram à sala de actividades, durante este período, mostraram-se interessados e curiosos sobre a actividade que iria decorrer durante esse dia. Fui-lhes perguntando se queriam ficar, mas todos recusaram dizendo ter outras coisas para fazer. Contudo esta intervenção surtiu efeito, pois a mãe do T. e da J. perguntaram se podiam fazer um teatrinho de fantoches para apresentarem ao grupo, numa actividade próxima e relacionada com o tema. Disse-lhes logo que estava combinado, disponibilizei-me para as ajudar se precisassem.

O J.M. chegou atrasado, entrou e correu para a zona do agrupamento colectivo, sem perceber que havia uma dinâmica diferente na sala de actividades. O G. arrastou-se para o pé dele e gritou “olha temos uma parede e um computador na escola”. Perante isto o J.M. observou o material exposto e levou as mãos à boca rindo sem parar.

Expliquei-lhes o tipo de material que iríamos utilizar, deixei que o explorassem para perceberem melhor a sua funcionalidade. Posteriormente, dei continuidade à actividade. As crianças participaram activamente e trocaram ideias uns com os outros. Tive de retirar o J.M. do local que ele escolheu para se sentar, pois percebi que ele não conseguia visualizar correctamente o que estava a ser projectado, por isso coloquei-o mais próximo da tela de projecção.

As fotografias foram passando uma a uma, as crianças puderam explora-las tendo em conta o seu ritmo e a interacção estabelecida entre todos os elementos da sala de actividades. O pequeno filme foi projectado posteriormente, este mostrava uma galinha a pôr ovos, a choca-los e um ovo a estalar surgindo um pequeno pinto. Que depois foi transferido, pelo pai da D., para um local aquecido onde já existiam mais pequenos pintos. Perante o decorrer destas imagens o A. interveio dizendo, “olha é a escola dos pintainhos”. O D., de punho serrado voltou-se na direcção do colega e afirmou. “é a casa dos pintos, tu não sabes”. Nesse momento tive de interferir e explicar ao grupo porque estavam os pintainhos naquele local.

Posteriormente, verifiquei que a A.L. estava muito pálida e calada, razão pela qual lhe perguntei se estava tudo bem, ela começou a chorar dizendo que a mãe tinha dado ovos ao jantar. Percebi automaticamente a angústia da menina, por isso apresei-me a explicar que nem de todos os ovos saem pintos, é só dos que são galados e depois chocados pela galinha, os outros são para comer. Aproveitei a ocasião para lhes dar um exemplo e dentro do contexto que estamos a trabalhar, falar do Folar, bolo tradicional da época festiva que se aproxima “ a

Páscoa”, que leva ovos na sua confecção. Nenhuma das crianças sabia o que era um foliar, só a M. L. falou num bolo similar, o “Bolo Finto”.

Terminada esta parte da actividade propus ao grupo, que se deslocassem até as mesas e se sentassem ordenadamente, para efectuarem um desenho livre.

As crianças desenvolveram a actividade, surgiram pequenas disputas na partilha de materiais, mas eu e a auxiliar intervimos sempre que verificamos que a ordem não seria estabelecida sem a nossa intervenção. Verificamos que o grupo começa a ter outra postura em relação à resolução de problemas.

No final da actividade pude constatar que as crianças realizaram garatujas que identificaram como galinhas, ovos, pintos e os Foliares da Páscoa.

Balanço Reflexivo

Questionei-os sobre a importância desta actividade. Eles mostraram-se impressionados com o material didáctico que tivemos oportunidade de explorar e interessados em descobrir mais coisas sobre o “Bolos da Páscoa”. Este será um tema a ter em conta, pois foi proposto pelo grupo e está inserido na temática do projecto pedagógico.

À ainda que referir, que a Terapeuta Ocupacional faltou. Mas telefonou avisando que iria haver uma reunião na Sede Intervenção Precoce na próxima quinta-feira, pois em sua opinião o J.M. evoluiu a nível motor e é oportuno que o tempo da intervenção seja agora transferido para uma Educadora de Apoio, que trabalhe em contexto de sala de actividades.

Sessão IX: Relato e avaliação da actividade desenvolvida – Dia 30 de Março

No dia 30 de Março, ao chegar à instituição desloquei-me à sala polivalente, onde se efectuou o acolhimento das crianças que chegaram antes das 9:00 horas. Foi neste local que tive o primeiro contacto diário com o grupo e restante comunidade educativa.

Posteriormente recebi os recados deixados pelos adultos que trouxeram as crianças e observei o grupo em interacção.

Algumas crianças aproximaram-se de mim, perguntando se era hoje que íamos passear. Percebi que faziam a analogia entre visita de estudo e passeio, razão pela qual tive o cuidado de explicar ao grupo a diferença entre as duas acções.

Já na sala de actividades, lembrei a postura que tínhamos de adoptar durante o percurso, o diálogo que deveriam estabelecer entre os vários parceiros envolvidos nesta actividade e o que nos levou a planear esta visita de estudo à padaria do Bairro.

Preparados para começar o percurso planeado, demos continuidade a actividade proposta para este dia. Fizemos o percurso a pé em direcção à padaria, durante o mesmo fomos abordados várias vezes pelos populares que encontramos pelo caminho.

Ao chegarmos perto da Junta de Freguesia deparamo-nos com uma repórter de um dos jornais da nossa cidade, que observava com interesse a interacção estabelecida entre os intervenientes da comunidade educativa e os habitantes locais. A senhora aproximou-se do grupo e questionou-o sobre a finalidade da visita de estudo. Perante a explicação e interacção estabelecida, a mesma perguntou-me se poderia efectuar uma reportagem sobre a situação. Perguntei as crianças o que achavam da ideia de aparecer a notícia da nossa visita à padaria no Jornal. Eles ficaram bastante entusiasmados, provavelmente devido à influência gerada por algumas pessoas e familiares que se tinham aproximado e entrevistaram quando lhes fiz a questão.

Retomado o percurso, já acompanhados pela repórter, chegamos à padaria do nosso Bairro. A D. Maria, funcionária da Padaria, já estava à nossa espera, com um tabuleiro cheio de Lagartos, Folares e Bolos Fintos, iguarias próprias da época festiva que se aproximava. As crianças entrevistaram de forma organizada, questionaram a senhora sobre as dúvidas que lhes surgiram, mostraram-se atentos e curiosos no decorrer de toda a actividade. A senhora partiu dois Bolos Fintos em pequenos pedacinhos e deu-lhes a provar, algumas das crianças nunca tinham ido à padaria nem provado este Bolo. Posteriormente perguntei-lhes se queriam levar um Bolo destes para casa e todos se mostraram agradados com a ideia.

Tiramos algumas fotografias para colocarmos no placard da instituição e a Jornalista perguntou se podia utilizar algumas na reportagem. Expliquei-lhe que teria muito gosto que ela fotografasse os trabalhos desenvolvidos pelas crianças relacionados com a actividade tal como a acção desenvolvida, mas não poderia permitir que publica-se as fotografias onde as crianças apareciam, sem prévia permissão aos Encarregados de Educação. Nesse momento perguntou-me se poderia telefonar-me para combinar uma visita à instituição. Respondi-lhe que teria todo o gosto e combina-mos encontrar-nos nessa mesma tarde, na instituição.

Depois regressamos à instituição, as crianças distribuíram-se dois a dois em fila e organizadamente fizemos o percurso com calma e alegria.

As crianças puderam observar o despertar da natureza, o desabrochar da Primavera. O tempo permanecia frio, mas plantas e animais teimavam em anunciar a nova estação do ano.

Balanço Reflexivo

Na sala de actividades, perguntei ao grupo o que tinham achado da actividade. O G.

emitiu vários sons agudos e bateu as palmas, a A.L. disse que tinha gostado muito e que queria ver a Primavera na rua outra vez. O T. afirmou querer ir brincar com os passarinhos ao parque do tubo azul (parque infantil situado na periferia do Bairro), o A. perguntou se eu os levava e todos olharam para mim com curiosidade. Respondi-lhes que poderíamos ir, mas primeiro teríamos de esperar que ficasse bom tempo pois estava ainda muito frio e o parque é ao ar livre.

Sessão X: Relato e avaliação da actividade desenvolvida – Dia 7 de Abril

Nesta manhã fria do mês de Abril, desloquei-me a sala polivalente, onde se faz o acolhimento das crianças que chegam à instituição, antes das 9:00 horas. Foi neste local que tive o primeiro contacto diário com o grupo e restante comunidade educativa.

Posteriormente recebi os recados deixados pelos adultos que trouxeram as crianças e fiquei a observar o grupo em interacção e convívio como faço habitualmente.

Por volta das 9:15 horas, desloquei-me com o grupo de crianças até à sala de actividades. Neste espaço as crianças distribuíram-se autonomamente pelo agrupamento colectivo, rotina diária da sala, onde troca-mos ideias e dê-mos inicio as actividades.

As crianças mostraram-se apreensivas e curiosas com o material didáctico exposto perante o grupo, uma casinha de fantoches, factor que facilitou a aceitação imediata da proposta de actividade.

As mães das crianças envolvidas nesta actividade chegaram animadas e nervosas. Desde logo lhes disse que estávamos entre amigos e que a entejuda era o lema do grupo.

A repórter do jornal tinha tido a oportunidade de assistir a planificação desta proposta de actividade, desde logo se mostrou interessada em assistir e participar. Como as mães envolvidas no processo deram autorização e até acharam graça, eu aceitei a proposta com o maior prazer, pois penso que a escola deve estar aberta à comunidade.

O teatro começou, desde o inicio as crianças começaram avidamente a colaborar. O entusiasmo e envolvimento foram tão pertinente que quando a história chegou ao fim as crianças pediam insistentemente que contassem outra. As mães olharam para mim e perguntaram se podiam, eu disse-lhes automaticamente que sim, perguntando-lhes se queriam ajuda. Elas acederam ao pedido e assim se contou a história do Capuchinho Vermelho. A envolvimento foi notória, acabamos todos a cantar a canção que faz parte do final da história.

Balanço Reflexivo

Durante o decorrer da actividade todos os envolvidos estiveram absorvidos numa cooperação e dinamismo contagiante. O grupo superou as expectativas, participaram ordenadamente, interagiram com entusiasmo mas sem perturbar o decorrer das actividades.

As crianças e as mães envolvidas na sessão avaliaram-na positivamente.

Sessão XI: Relato e avaliação da actividade desenvolvida – Dia 13 de Abril

As crianças entraram na sala de actividades alegres e interagindo activamente umas com as outras.

Dirigiram-se à zona de agrupamento colectivo e sentaram-se aguardando a minha intervenção.

Comecei por lhes dizer bom-dia, como faço habitualmente e eles retribuíram afectuosamente esse desejo.

Questionei-os sobre as novidades, então o J.M. levantou logo o braço e olhou para os colegas para se certificar que podia iniciar a sua intervenção, respeitando claramente as regras da sala de actividades.

O menino disse (com alguma dificuldade na articulação das palavras) aos colegas que ia a uma festa em Espanha, na casa do tio.

Perguntei se algum deles já tinha viajado até Espanha, muitos responderam afirmativamente, dizendo que foram lá por gasolina com os pais e comprar chocolates.

O J.M. disse que nunca tinha ido, mas que agora vai. A criança mostrou-se bastante entusiasmada e alegre.

Aproveitei para lhes dizer que o tempo estava propício ao asseio, o sol brilhava e o céu estava limpo. Pedi que respirassem fundo, para sentir o aroma das flores e das árvores, eles respiraram muitas vezes seguidas e disseram que cheirava muito bem.

Continuei a minha intervenção, lendo uma história sobre “A sementinha” e posteriormente questionei-os sobre a mesma. Participaram bastante e na maior parte das vezes respeitaram o período de intervenção uns dos outros.

Propus como actividade, a identificação de sementes e a descrição das suas características. Eles gostaram logo da sugestão e foi difícil constituir o primeiro grupo, pois todos queriam desenvolver a actividade.

A actividade foi desenvolvida no tempo previsto, as crianças exploraram com interesse as

várias sementes, conseguiram descrever algumas das suas características e agrupa-las por espécies.

Depois foram colocadas ordenadamente em pequenos sacos e coladas em folhas de cartolina, onde eu escrevi as características que as crianças tinham identificado. Este trabalho foi exposto na sala de actividades, para que todos pudessem ter acesso à informação adquirida nesse dia.

Balanço Reflexivo

No final da manhã reunimos novamente no agrupamento colectivo e as crianças mostraram-se entusiasmadas e orgulhosas do trabalho desenvolvido. O G. disse que ia mostrar à mãe, o J.P. disse que a avó tem muitas sementes em casa e a A.L. disse que a mãe põe sementes nos “craveiros” (vasos). O G. disse logo que a mãe gosta muito de flores e que queria dar uma à mãe, razão pela qual propus ao grupo que trabalha-se-mos a germinação numa próxima actividade. Eles aceitaram com entusiasmo e expectativa.

Foi desta forma lúdico-pedagógica que desenvolvemos a actividade proposta para esse dia e encontramos, através do diálogo em grupo e na partilha de saberes, novas propostas para desenvolver.

Sessão XII: Relato e avaliação da actividade desenvolvida – Dia 20 de Abril

Nesta manhã de Abril, desloquei-me a sala polivalente, onde se faz o acolhimento das crianças.

Posteriormente recebi os recados deixados pelos adultos que trouxeram as crianças e observei, como faço habitualmente, o grupo em interacção e convívio.

Por volta das 9:10 horas, desloquei-me com o grupo até à sala de actividades. Neste espaço as crianças distribuíram-se autonomamente pelo agrupamento colectivo, rotina diária da sala, onde troca-mos ideias e dê-mos início à partilha de vivências e foram propostas as actividades programadas para o dia.

As crianças mostraram-se observadoras e curiosas com o material didáctico exposto perante o grupo, vários copos com sementes (alpista, milho, ervilhas, feijão e grão) e esponjas de várias cores, factor que facilitou a aceitação imediata da proposta de actividade.

Todas as crianças pareceram envolvidas nesta proposta de actividade mostrando-se animadas e bastante curiosas, como é próprio desta faixa etária.

A actividade teve continuidade com o contar da história alusiva ao tema “A Primavera”, a

história contava de forma lúdica todo o processo de germinação de uma semente. O entusiasmo e envolvimento foram tão pertinente que quando a história chegou ao fim as crianças estavam bastante determinadas a prosseguir as actividades.

Para relembrar às crianças o que são sementes e que existem vários tipos de sementes, o grupo lembrou a actividade que tinha desenvolvido na semana anterior.

Seguidamente dê-mos continuidade as actividades propostas, construindo o boneco de esponja (um para cada criança), a fim de colocar a semente seleccionada dentro do mesmo, para seja possível acompanhar o processo de germinação da semente seleccionada.

Durante o decorrer da actividade todos os envolvidos estiveram absorvidos numa cooperação e dinamismo contagiante.

Balanço Reflexivo

No final reunimo-nos novamente em grande grupo para avaliamos as actividades. As crianças disseram ter gostado do tema e do trabalho que desenvolveram e lembraram o nome das sementes que utilizamos nas actividades. Depois ainda canta-mos a canção da Primavera.

Sessão XIII: Relato e avaliação da actividade desenvolvida – Dia 27 de Abril

Nesta manhã soalheira do mês de Abril, desloquei-me a sala polivalente, onde se faz o acolhimento das crianças que chegam à instituição, antes das 9:00 horas.

Posteriormente recebi alguns recados deixados pelos adultos que trouxeram as crianças para a instituição e observei, como faço habitualmente, o grupo em interacção e convívio.

Por volta das 9:20 horas, desloquei-me com o grupo de crianças dos 2/3 anos até à sala de actividades. Neste espaço as crianças distribuíram-se autonomamente pelo agrupamento colectivo, rotina diária da sala, onde troca-mos ideias, partilha-mos vivências e foram propostas as actividades programadas para esse dia.

As crianças mostraram-se inquietas e admiradas com o material didáctico; um rolo de papel cenário, pincéis de várias espessuras e muitos frasquinhos com tinta de várias cores. Factor que facilitou o interesse e aceitação imediata da proposta de actividade.

A actividade foi iniciada através da leitura e exploração de uma história relacionada com o tema (O dia da Mãe). As crianças começaram a interagir desde o início, acharam oportuno relacionar alguns aspectos do que viam nas imagens e ouviam com a relação afectiva estabelecida com as suas mães.

A mãe do T. chegou um pouco mais tarde, pediu desculpa e disse ao filho “rápido os teus amigos já estão a trabalhar. Tenho inveja, eu também queria ser feliz assim, durante todo o dia.” E acenando a todos foi-se embora.

A actividade de pintura no painel foi proposta e aceite pelo grupo. Foram definidas algumas regras para desenvolver a actividade, o grupo ouviu-as com atenção e deu o seu parecer favorável. Distribuíram-se autonomamente pelas diversas áreas da sala, foi necessário fazer pequenos ajustes que as crianças acataram sem dificuldade.

Dois a dois tiveram a oportunidade de desenvolver o trabalho proposto, perante o painel mostraram-se apreensivos, autónomos e criativos. Experimentaram todo o material que tinham ao dispor e adoravam a bata feita de saco do “lixo”, pois podiam pintar à vontade sem ter a preocupação de sujar a roupa.

A curiosidade dos colegas que estavam a desenvolver actividades lúdico-pedagógicas nas outras áreas da sala, foi evidenciada pelo facto de dirigirem com alguma frequência o olhar na direcção do painel, de comentarem com alegria e vivacidade o que estava a acontecer e com o doce sabor do sorriso contagiante.

Durante o decorrer da actividade todos os envolvidos estiveram absorvidos numa harmonia e dinamismo contagiante. O espaço do painel, que teria de ser partilhado por todos os elementos, foi tido em conta e respeitado pela maioria das crianças.

Balanço Reflexivo

No final regressamos à zona de agrupamento Colectivo e fizemos o balanço da actividade. Todos mostraram interesse em participar, uns mais emotivos e barulhentos que outros. Fomos relembrando as regras da sala, dando oportunidade para que todos falassem e conseguissem ouvir os colegas.

A avaliação da actividade foi efectuada salientando as atitudes, comportamentos e participação do grupo.

Sessão XIV: Relato e avaliação da actividade desenvolvida – Dia 4 de Maio

Este dia amanheceu solarengo e fresco. As crianças falavam em pequenos grupos, de diversos assuntos do seu dia-a-dia. Pedi-lhes que se sentassem para iniciarmos as actividades, propondo-lhes surpresas para desvendar. Eles sentaram-se organizadamente na zona de agrupamento colectivo, a M.L. foi buscar-me uma cadeira e gritou “senta-te, e diz qual é a surpresa, estamos todos à espera!”

Perguntei se gostavam de surpresas? E quase num grito, responderam em coro, que sim.

Comecei por contar a “Lenda da Maia”, que fala de uma princesa encantada, que vive na “Cova da Mora” na serra da Penha, na nossa bonita cidade. Ela espera pelo seu príncipe, que a virá salvar das garras do monstro, que a aprisiona há vários séculos. A Princesa sabe que o seu príncipe surgirá, numa bonita tarde de Maio, rodeado de crianças, que desfilam e cantam a canção da “Maia” pelas ruas da cidade.

Depois perguntei-lhes se queriam ajudar o Príncipe a salvar a sua amada. E eles mostraram-se corajosos e decididos, aguardando com expectativa o desfecho da proposta.

Propus ao grupo que confeccionasse-mos os fatos e adornos, para poder-mos participar no desfile. Eles aceitaram. E foi assim que dê-mos continuidade ao tema.

Deslocamo-nos ao exterior para recolher pequenos malmequeres amarelos, que junta-mos em sacos plástico e posteriormente leva-mos para a sala.

Na sala de actividades separa-mos a flor do caule e com a supervisão de um adulto, as crianças foram unindo, com agulha sem bico e linha, as flores umas às outras, formando coroas, colares e pulseiras. Posteriormente estas foram colocadas no frigorífico para se manterem frescas até ao desfile.

Balanço Reflexivo

No final da manhã o grupo avaliou as actividades desenvolvidas. As crianças estavam delicadamente envolvidas no misticismo que a lenda originou, mostraram curiosidade por saber mais sobre a cidade e os seus costumes. Permitiram o diálogo em grupo sem interrupções. Mostraram-se participativos, assertivos e interessados. Desde logo percebi que o tema teria de ser mais desenvolvido e trabalhado em novas propostas de actividade.

Sessão XV: Relato e avaliação da actividade desenvolvida – Dia 11 de Maio

O dia começou com a partilha de novidades e afinidades entre todos os membros do grupo.

Posteriormente efectuei as propostas de actividade, que planeei para esse dia. As crianças mostraram-se interessadas, o tema tinha sido proposto por eles em actividades anteriores.

Levei o meu computador portátil para a sala de actividades, pois a instituição não possui este tipo de equipamento, por falta de verbas. Requisitei um Data Show numa entidade parceira e foi assim que consegui elementos informáticos, capazes de enriquecer a actividade e melhorar o visionamento das imagens que projectei.

As crianças mostraram-se surpreendidas e cooperantes. Durante o visionamento do PowerPoint gerou-se uma calma pouco comum neste grupo. Pareciam extasiados. Responderam as questões que lhes fui colocando e no final aplaudiram com entusiasmo esta técnica de intervenção pedagógica.

Desenvolveram a actividade seguinte, a realização da bandeira, com coerência, dinamismo, interesse e cooperação. Identificaram cores, texturas, símbolos e formas. O grupo cooperou entre si na realização da actividade.

Balanço Reflexivo

No final da manhã sentamo-nos na zona de agrupamento colectivo, onde cantamos a canção da “Maia” e lhes mostrei as fotocópias com a letra da canção. Foi nesse local que lhes expliquei que iria no final do dia enviar para casa esse documento para eles poderem ensaiar a canção com amigos e familiares.

Questionados sobre a avaliação das actividades desenvolvidas, mostraram-se agradavelmente surpreendidos com as técnicas de informação e comunicação que exploramos. No decorrer da avaliação da manhã pude contactar que as crianças estão desejosas de participar no desfile da “Maia”, utilizando os adereços que conseguiram realizar.

Sessão XVI: Relato e avaliação da actividade desenvolvida – Dia 18 de Maio

Tinha chegado o dia do desfile, as crianças estavam agitadas e ansiosas. As famílias aguardavam com expectativa e na rua já se encontravam idosos, que esperavam pacientemente que as crianças os fizessem reviver o passado.

Na sala de actividades, pedi ao grupo que se sentasse à mesa, em frente de cada uma das crianças, coloquei o fato (efectuado em actividades anteriores) que iriam utilizar no desfile. Depois conversamos um pouco sobre as tradições e costumes da nossa cidade. Relembramos o comportamento e atitudes que deveríamos adoptar durante o desfile.

Com a colaboração dos adultos da sala, todas as crianças foram adornadas e organizadas, de forma a dar-se início ao desfile. Este decorreu, em primeiro lugar no interior da instituição, posteriormente no exterior.

Balanço Reflexivo

Toda a comunidade demonstrou carinho e alegria em recordar a tradição. As pessoas deitaram doces e moedas para os regaços das saias das meninas, como manda a tradição. As crianças interagiram com a comunidade escolar e local. Tive oportunidade de verificar que

todos já se conhecem e interagem. A alegria, cooperação e inclusão foram sentimentos e atitudes que andaram de mãos dadas neste dia.

Sessão XVII: Reflexão e avaliação da actividade desenvolvida – Dia 1 de Junho

As crianças chegaram à sala de actividades alegres e interagindo activamente umas com as outras. Sentaram-se ordenadamente no agrupamento colectivo, partilharam ideias e experiências. Aderiram com muita facilidade as propostas de actividades para esse dia, mostraram-se interessados em explorar e utilizar o espaço exterior e os materiais postos ao seu dispor para construírem uma faixa alusiva ao “Dia da Criança”.

A actividade proposta para este dia decorreu com energia, muita cor e animação. Todos participaram na actividade e tiveram oportunidade de ouvir enunciar os Direitos das Crianças. Eles sabiam que era um dia destinado a todas as crianças do mundo, por isso mostraram-se animados com a ideia de colocar a faixa no exterior da instituição, para que todos a pudessem ver.

A faixa foi afixada na entrada da instituição, as pessoas que passavam aproximaram-se e mostraram-se interessadas no trabalho desenvolvido pelas crianças.

O respeito e entreajuda evoluíram significativamente ao longo deste ano lectivo. Já esperam que o colega fale para intervir, interessam-se pelo seu trabalho e opinião, respeitam as características uns dos outros, sabem que fazem parte de uma comunidade e que são respeitados e acarinhados por ela. A larga maioria do grupo já interiorizou as rotinas e comportamentos a adoptar em sala de actividades.

É notória a interacção que se verifica entre a escola e a comunidade local.

O relacionamento estabelecido entre a comunidade local e a comunidade educativa é de parceria, pois passou a existir interacção e convívio entre pares.

Balanço Reflexivo

As crianças avaliaram esta sessão com entusiasmo e alegria. Disseram ter gostado muito de realizar a actividade e de conversar e brincar com os amigos da rua (comunidade local).

4.3.4 – Avaliação da intervenção

Avaliação Formativa da criança em risco, no final das unidades temáticas

A avaliação formativa foi efectuada no final de cada unidade temática e contemplava os

seguintes pontos:

- Adaptação;
- Comportamento e atitude;
- Desenvolvimento psicomotor;
- Desenvolvimento cognitivo;
- Desenvolvimento linguístico;
- Relações pessoais;
- Autonomia.

Seguidamente apresenta-se uma súmula avaliativa unidade por unidade.

Unidade 1: O Carnaval

- Adaptação: o J.M. encontra-se em fase de adaptação. Os óculos trouxeram-lhe uma nova forma de ver o mundo que o rodeia. Reconhece e adopta diferentes posturas corporais.
- Comportamento e atitude: a criança mostra-se bastante interessada em tocar e observar de perto tudo o que se encontra ao seu redor. Na maior parte das vezes não espera pela sua vez, a ansiedade de observar as coisas é tão notória que se esquece com frequência das regras da sala de actividades, instituídas pelo grupo.
- Desenvolvimento psicomotor: observo que a criança se atropela a ela própria, a sua marcha é inconstante e descontrolada, caí com frequência, mas rapidamente se ergue e reinicia a sua jornada, na tentativa de alcançar o objectivo destinado por si mesmo. Procurando assim desenvolver técnicas próprias de equilíbrio.
- Desenvolvimento cognitivo: tenta explorar tudo o que esta ao seu redor, contudo pára-se a observar sem fazer qualquer tipo de comentário alusivo ao tema ou objecto. Geralmente fica estático e não responder as questões que lhe faço. Manifesta atitude de observação do meio que o rodeia.
- Desenvolvimento linguístico: apresenta grandes dificuldades de linguagem, contudo tenta comunicar com os colegas e adultos, por gestos ou monossílabos. Explora as possibilidades lúdicas da linguagem.
- Relações pessoais: gosta de observar os colegas, estes frequentemente interagem com ele. Há que estimular a sua inserção no grupo.
- Autonomia: demonstra pouca autonomia, espera que os colegas o vão buscar para brincar, não controla os esfíncteres, nem demonstra que tem de mudar a fralda,

aproxima-se da zona de actividades orientadas mas parece não compreender o teor da actividade, embora goste de tocar nos objectos e materiais necessários para a desenvolver. Não consegue lavar as mãos sozinho, nem percebe que as tem de secar. Só come de colher e com dificuldade. Bebe água pelo copo, mas entorna-o com frequência.

Unidade 2: Os Animais

- **Adaptação:** a criança começa a demonstrar outro tipo de atitude, perante o grupo e os adultos. Mostra-se cooperante nas brincadeiras e envolvido nas actividades do grupo. Tem noção da utilidade dos óculos, pois ajusta-os, quando estes estão desajustados à sua pequena face.
- **Comportamento e atitude:** Demonstra algum interesse nas actividades que estão a ser trabalhadas e relaciona-se com os colegas com alguma naturalidade e simpatia. Reconheça alguns animais.
- **Desenvolvimento psicomotor:** tenta transpor obstáculos. Ainda tropeça com frequência, mas recorre ao colega mais próximo, para sustentar o seu equilíbrio. Procura desenvolver flexibilidade e equilíbrio corporal.
- **Desenvolvimento cognitivo:** continua a observar mais do que intervêm. Contudo nesta actividade reconheceu algumas características dos animais observados.
- **Desenvolvimento linguístico:** esforça-se por comunicar verbalmente com os colegas e adultos da sala. Contudo recusa-se a comunicar, com as outras pessoas que não lhe são tão familiares.
- **Relações pessoais:** relaciona-se bem com os colegas e adultos da sala. Chora e rejeita pessoas estranhas ao seu dia-a-dia.
- **Autonomia:** demonstra-se pouco autónomo. Apoia-se nos colegas ou adultos da sala para atingir as metas que estão ao seu alcance.

Unidade 3: A Páscoa

- **Adaptação:** A criança começou a interagir nas actividades livres e demonstra interesse nas orientadas.
- **Comportamento e atitude:** relaciona-se com os colegas e adultos da sala com naturalidade. Os colegas são um suporte bastante importante nas aquisições que tem

feito. A entreaajuda e cooperação são uma tónica diária em contexto de grupo. Desenvolveu o gosto de participar activamente no grupo

- Desenvolvimento psicomotor: aprendeu a ter coragem de encarar os receios. Os colegas são suporte e incentivo para que tente transpor obstáculos. Desenvolveu estratégias de suporte em relação à coordenação motora. Gosta de exercitar a motricidade fina e não desiste enquanto não atinge o objectivo delineado por ele próprio.
- Desenvolvimento cognitivo: percebe os conteúdos transmitidos e tenta desenvolver as actividades com alegria e coerência. Reconhece e identifica características desta época festiva.
- Desenvolvimento linguístico: tenta verbalizar sentimentos e conhecimentos adquiridos. Adquiriu algum vocabulário adequado ao seu nível etário, tenta expressar-se autonomamente.
- Relações pessoais: relaciona-se com as pessoas que lhe são familiares, mas continua a rejeitar os que lhe são estranhos.
- Autonomia: já percebe que está sujo, mas continua a não verbalizar a situação. Na sala de actividades movimenta-se autonomamente. Fora da sala de actividades, ainda demonstra algum receio. Continua a necessitar do apoio do adulto à refeição e na hora da higiene.

Unidade 4: A Primavera

- Adaptação: o menino desenvolve as actividades livres com alegria e envolvimento com todas as crianças do grupo. Manifesta interesse pelas actividades orientadas.
- Comportamento e atitude: o J.M., colabora nas actividades voluntariamente, mostra-se bastante alegre e coordena o seu desempenho com o dos colegas de grupo. Manifesta atitudes de respeito, conservação e cuidado pelos materiais ao dispor na sala de actividades.
- Desenvolvimento psicomotor: neste nível, os progressos são notórios, a sua marcha começa a ser coordenada, transpõe obstáculos com alguma dificuldade, contudo demonstra coragem e apetência em fazê-lo. Conhece as possibilidades do seu corpo para transpor obstáculos e expressar sentimentos. Frequentemente tenta alcançar objectivos determinados por si próprio, procurando ajuda.
- Desenvolvimento cognitivo: tornou-se interessado e participativo. Identifica e conhece

algumas características de sementes, plantas e animais.

- **Desenvolvimento linguístico:** é evidente a vontade que demonstra em articular novas palavras e construir pequenas frases. Não tem receio de o fazer, os colegas conseguem perceber a mensagem que ele lhes tenta passar. Foi construído um código entre eles, que o suporta e ajuda a transpor dificuldades de comunicação.
- **Relações pessoais:** continua a ter algum receio a pessoas que não lhe são familiares, mas já não entra em pânico. Se estiver acompanhado por um adulto da sala, aproxima-se da pessoa que não conhece, mas não interage ou fá-lo após algum tempo de diálogo entre essa pessoa e o adulto da sala.
- **Autonomia:** conhece plenamente a sala de actividades, percorre toda a área sem receios ou obstáculos. Fora da sala de actividades, reconhece o espaço, mas prefere deslocar-se pela mão de um adulto, que lhe seja familiar. Tenta lavar as mãos sozinho e já as seca. Come com auxílio do adulto, mas já demonstra alguma coordenação e apetência em fazê-lo

Unidade 5: O Dia da Mãe

- **Adaptação:** a criança está completamente adaptada, quer ao espaço, quer as pessoas que fazem parte da comunidade educativa.
- **Comportamento e atitude:** é curioso e participativo.
- **Desenvolvimento psicomotor:** gosta de transpor obstáculos, encara-os como um desafio.
- **Desenvolvimento cognitivo:** interage nas actividades orientadas, atribui significados e relaciona as temáticas com situações do seu dia-a-dia.
- **Desenvolvimento linguístico:** o seu vocabulário aumentou bastante, continua a ter alguma dificuldade na articulação de palavras, mas constrói pequenas frases e é perceptível o seu discurso.
- **Relações pessoais:** continua receoso em relação aos adultos que não conhece, mas interage com as outras crianças da comunidade educativa e local.
- **Autonomia:** reconhece e demonstra vontade em ir à casa de banho, como fazem os colegas, tenta lavar as mãos e limpa-las sozinho. Tornou-se mais autónomo nas escolhas de actividades e na selecção que faz dos materiais.

Unidade 6: O Dia da Cidade

- Adaptação: a criança faz parte do grupo. Interage, manifesta a sua opinião e integra o grupo com naturalidade.
- Comportamento e atitude: gosta de interagir com os colegas e adultos. É alegre e participativo. Demonstra interesse nas actividades e gosta de expressar as suas vivências e participar no diálogo estabelecido tendo como ponto de partida a temática trabalhada. Assimila conceitos e relaciona-os com situações do seu quotidiano.
- Desenvolvimento psicomotor: apresenta as capacidades próprias do seu nível etário
- Desenvolvimento cognitivo: mostra coerência e iniciativa, nas temáticas abordadas.
- Desenvolvimento linguístico: tem dificuldade em pronunciar certas palavras, mas o seu discurso é perceptível.
- Relações pessoais: gosta de interagir com a comunidade educativa. Ainda demonstra algum receio em interagir com pessoas que não lhe são familiares.
- Autonomia: aumentou bastante as suas capacidades, tenta imitar o que os colegas fazem e quando atinge o objectivo festeja o facto de forma entusiasta. Começa a controlar os esfíncteres, fá-lo com alegria e percepção da situação.

Unidade 7: O Dia da Criança

- Adaptação: a criança faz parte da comunidade educativa. Está completamente adaptado e integrado.
- Comportamento e atitude: relaciona-se com os colegas alegremente, organizam brincadeiras, organizam actividades em comum e gostam de desenvolver o jogo simbólico. Gosta de participar e expor a sua opinião perante o grupo.
- Desenvolvimento psicomotor: tem as capacidades definidas para o seu nível etário.
- Desenvolvimento cognitivo: relata coerentemente acontecimentos e aquisições. O seu raciocínio é lógico e dedutivo. Relaciona significado e comportamentos.
- Desenvolvimento linguístico: evoluiu bastante, contudo necessita de exercitar algumas palavras e sons. Gosta de comunicar e fá-lo voluntariamente. Participa bastante, oralmente, nas actividades.
- Relações pessoais: gosta de interagir com todos os elementos da comunidade educativa. Com suporte físico por perto começa a interagir com as pessoas da comunidade local.
- Autonomia: Progrediu bastante, começou a controlar os esfíncteres, lava e seca as

mãos sozinho. Come a sopa sozinho, segurando correctamente na colher, bebe água pelo copo sem entornar. Desenvolve as actividades, manuseando materiais com destreza e coerência. Gosta dar opinião sobre a matéria em causa e fazer as suas escolhas e seleccionar o material com que quer desenvolver as actividades propostas.

Síntese avaliativa do Projecto de Intervenção

A avaliação da intervenção do Projecto de Apoio sob os princípios da Educação Democrática e Inclusiva, é fundamentada e sustentada na opinião dos entrevistados e na observação e avaliação da criança em risco e da sua família.

A criança em risco em que esta intervenção teve sustentabilidade, apresentava lacunas ao nível do desenvolvimento motor, cognitivo, linguístico e visual. Era uma criança pouco interventiva, pois pouco ou nada exteriorizava sentimentos ou opiniões.

A nível motor demonstrava instabilidade na locomoção, pouca destreza manual e incapacidade na transposição de obstáculos.

Cognitivamente parecia não perceber o que lhe era transmitido, fixava o olhar na pessoa que falava e permanecia imóvel, independentemente da estratégia ou estímulo exercido.

A nível visual parecia não diferenciar objectos, cores ou formas. Manipulava o que tinha à mão com descontrolo e sem interesse aparente.

Perante a situação e sendo conhecedora dos antecedentes familiares da criança, vi-me forçada a chamar a atenção dos progenitores e avos para a situação. Perante tal facto, a mãe da criança demonstrou ter conhecimento da situação, mas receio em pedir ajuda, pois pensava que lhe queriam e poderiam tirar a criança.

Como Educadora de Infância na IPSS e Gestora de caso na CPCJ, percebi que tinha que intervir o mais rapidamente possível na situação, colmatando prejuízos para o bom desenvolvimento da criança e esclarecendo dúvidas e prestando auxílio à família desta. Neste contexto efectuei a ficha de sinalização do J.M. à Equipa de Intervenção Precoce, e marquei uma reunião de equipa para poder-mos trocar informações e tornar o caso o mais célere possível.

Dessa reunião surgiram as primeiras intervenções, o J.M. foi a uma consulta de Oftalmologia Pediátrica, que já tinha sido sugerida pela Pediatra da criança e que a família não compareceu justificando que não tinha dinheiro para óculos.

Da consulta de Oftalmologia Pediátrica, a criança trouxe a receita para os óculos e a indicação que sofria de miopia, que teria de lá voltar no fim de seis meses para avaliar

novamente a situação. Esta informação foi vinculada pela mãe, não trazia relatório.

Perante a situação e sabendo que a família não tomaria medidas céleres para conseguir adquirir os óculos, contactei a minha colega da CPCJ, Técnica de Serviço Social da Segurança Social. Informei-a da necessidade de apoio económico para que a família pudesse adquirir os óculos com a maior brevidade possível, pois a falta destes estava a criar um atraso de desenvolvimento no pequeno J.M.

Passado duas semanas a criança começou a usar óculos, adaptou-se com facilidade, os amigos acharam graça e em contexto lúdico-pedagógico expliquei ao grupo a importância de conseguir-nos ver bem.

A Equipa de Intervenção Precoce, foi informada e a Terapeuta da fala e a Terapeuta Ocupacional, deslocaram-se à instituição para avaliar a situação e começar a intervir.

O J.M. começou a ser acompanhado pelas técnicas da Intervenção Precoce duas vezes por semana, durante trinta minutos por intervenção. Essa intervenção teve lugar no final do dia, pois as técnicas não tinham disponibilidade para o fazer em horário lectivo. Advertias para a necessidade de articularmos actividades e partilharmos informações, mas foi quase impossível estarem presentes durante as actividades desenvolvidas em contexto de grupo. Mesmo assim conseguimos partilhar informações e o J.M. em meados de Abril teve alta da terapia ocupacional e passou a ser acompanhado por uma Educadora de Apoio em contexto de sala de actividades, durante uma hora, duas vezes por semana. E uma terapeuta da fala, uma vez por semana, em casa dos avós.

Os progressos da criança eram notórios, a família mostrava-se confiante e interessada. Os receios em relação aos técnicos começaram a dissipar-se e aos poucos começaram a participar nas actividades propostas pela instituição e a partilhar situações que anteriormente escondiam.

No final do Projecto o J.M. foi novamente avaliado, através da Escala SGS II também utilizada na avaliação diagnóstico da criança. Esta avaliação no final do Projecto foi realizada através do registo de competências da criança, na Escala SGS II (Anexo XV), em interacção com os colegas na sala de actividades, pela Educadora de Apoio e pela Educadora titular de Sala. Ficamos agradavelmente surpreendidas com os progressos que a criança alcançou após a intervenção, nomeadamente ao nível das competências locomotoras, manipulativas, visuais, auditivas, comunicativas, sociais e as de autonomia pessoal, em comparação com os níveis de desenvolvimento registados na escala SGS II na avaliação diagnóstico (Anexo VII) antes da intervenção.

O menino depois da intervenção começou a caminhar correctamente, transpôs obstáculos,

reconheceu e nomeou os animais que lhe mostramos, imitou os sons que estes fazem, cantou uma canção à sua escolha, respondeu a questões tendo como base uma história contada ao grupo, nomeou seis cores diferentes, desenhou imagens em forma de girino e atribuiu-lhes significado.

A família mostrou-se agradecida e cooperante, chegando mesmo a pedir que uma de nós fosse com a mãe a consulta de Oftalmologia para percebermos melhor o que fazia falta ao J.M., esse pedido foi aceite e a minha colega comprometeu-se perante a família a telefonar para o hospital para marcar a consulta e acompanhá-los nesse dia.

As entrevistas de avaliação também mostram claramente que quer a criança, quer a família estão integradas na comunidade escolar e convivem harmoniosamente na comunidade local. A família passou a ter outra forma de estar e de se incluir na comunidade escolar. Passou a ver os técnicos ao serviço das entidades de outra forma, embora continue a afirmar que nem todos têm a mesma postura perante as pessoas com necessidades.

Há também que salientar que a família recebe o futuro, pois está certa que os técnicos vão mudando ao longo dos tempos e que nem todos trabalham os casos da mesma forma.

A CPCJ congratula-se com o trabalho desenvolvido, contudo deixa claro que muito ainda há para fazer.

Da análise das entrevistas podemos também dizer que as entidades parceiras começaram a articular e planear estratégias que permitissem dar uma resposta mais abrangente aos casos que tinham em mãos, deixaram de trabalhar isoladamente e começaram a fazê-lo em parceria. Perceberam os benefícios que daí podem advir e tomaram-nos como um incentivo futuro.

A comunidade escolar conseguiu criar recursos capazes de incluir a comunidade local no seu plano de trabalho, isso trouxe benefícios não só as crianças, mas também as famílias destas e comunidade envolvente. É importante salientar que todas as propostas de actividade foram elaboradas e pensadas tendo em conta as necessidades e propostas do grupo de crianças da sala dos dois anos, no qual o J.M. estava inserido. Todos participaram e estiveram envolvidos neste projecto.

O J.M. deixou de ter processo na CPCJ em Outubro de 2010, continuou na IPSS, os seus pais usufruem de RSI e aguardam a integração num curso técnico profissional, que tem início previsto para o próximo mês de Novembro. Durante este ano lectivo (2010/2011), a criança ainda continua a ser acompanhado pela Educadora de Apoio da Intervenção Precoce, na IPSS, uma vez por semana durante uma hora, este acompanhamento ocorrerá até nova avaliação médica na consulta de desenvolvimento e na consulta de Oftalmologia Pediátrica.

5 – Conclusão

Após a realização deste trabalho, pode-se concluir, que a parceria estabelecida entre a IPSS, a CPCJ e a Intervenção Precoce, foi bastante pertinente no atendimento e criação de estratégias facilitadoras do processo de inclusão e atendimento sócio democrático de crianças em risco e suas respectivas famílias.

É evidente a necessidade da existência de uma correcta e atempada articulação entre entidades parceiras, para que, detectada uma criança em situação de risco, se proceda rapidamente ao respectivo diagnóstico, se estabeleçam consensos necessários e se apliquem as medidas adequadas ao caso. Há que ter presente, que existem leis e entidades, com legitimidade para intervir na promoção dos direitos e na protecção da criança em risco, com equipas técnicas especializadas, para a realização do diagnóstico da situação da criança, da família de origem e para a definição do seu projecto de vida.

O acompanhamento e o apoio a essas situações de risco, deve ser assegurado por equipas técnicas pluridisciplinares, autónomas e distintas.

Nos últimos anos, as entidades responsáveis pelo acompanhamento e protecção de crianças, tem-se dotado de meios logísticos e técnicos, que assegurem o seu desenvolvimento e a eficácia das medidas a adoptar. No entanto assumem que muito ainda há a fazer, ao nível da coordenação e da articulação entre entidades que podem contribuir para o êxito da intervenção e da formação dos seus técnicos operacionais. Há que consolidar canais de comunicação hábeis e desburocratizados, de forma à que os meios disponíveis, quando necessários, sejam mobilizados em tempo oportuno e colocados ao serviço dos objectivos da intervenção.

É, importante também salientar, que os profissionais que se ocupam das crianças em risco, recebam formação adequada e que tenham perfil e vocação para desempenhar funções nas várias tarefas, exigências e problemáticas.

Fundamental será, também, a participação e conhecimento prévio dos Projectos Educativos, das instituições e entidades educativas parceiras no atendimento e resposta a crianças e famílias em risco, por parte das técnicas envolvidas nessas parcerias. Foi o que ocorreu no decorrer deste Projecto de Investigação-acção, no qual as técnicas envolvidas no

processo, mostraram interesse por conhecer o Projecto educativo e vontade em participar nas actividades propostas. Demonstrando assim claramente, que as equipas multidisciplinares são uma opção e uma realidade, a ter em conta na planificação de actividades e na resposta educativa adequada às necessidades individuais de cada indivíduo. É através de respostas múltiplas e propostas abrangentes, que conseguimos que as crianças se identifiquem e insiram numa sociedade democrática que pretende e promove a inclusão de todos os cidadãos.

A intervenção da equipa não se cingiu somente às crianças, pois o trabalho realizado com as respectivas famílias, também foi indispensável no seu processo de inclusão.

Um dos pontos que também há a referir, pela sua pertinência educativa, é o facto de se partir de concepções prévias que a criança possui, como forma de a motivar para novas aprendizagens. Aprendizagens essas tão importantes na aquisição de saberes e valores educativos e sociais, que serão fonte de conhecimento e saber para a criança. Contudo esses conhecimentos não ficam restritos à mesma, pois o projecto contemplou a interacção sócio educativa da comunidade escolar com a comunidade local, facilitou a troca de informação e interacção, essencial para minimizar os obstáculos com que as crianças teriam que se deparar se não houvesse essa flexibilidade e abertura.

Pode-se então afirmar que este projecto caminha a passos largos para uma boa inclusão de todos os que nele participaram, e que estes técnicos acreditam e trabalham para que a escola seja cada vez mais um local facilitador de igualdade de oportunidades.

Nela as crianças em risco têm todo o direito a ter uma educação global e harmoniosa, pois a instituição assume, que deverá estar preparada para dar resposta a estes casos. Para isso deverá equipar-se com material, com pessoal e ter em conta as infra-estruturas de modo a dar réplica às diferentes necessidades dos alunos e abertura às parcerias que facilitem este processo.

Foi ainda essencial a relação que se estabeleceu entre família, escola e técnicos.

A escola inclusiva, é indiscutivelmente importante para a evolução da aprendizagem das crianças em risco, para o sucesso destes alunos na vida social e na participação activa e construtiva da sociedade, pois como afirma Serrano (2005), a educação inclusiva configura, sem quaisquer dúvidas um instrumento social de extraordinária relevância no mundo actual. Dos seus resultados poderão advir mais-valias consideráveis no que toca à qualidade (por que não felicidade?) de vida das novas gerações.

Bibliografia

- Ambrósio, T. (2001). *Educação e desenvolvimento: Contributo para uma mudança reflexiva na educação*. Lisboa: UIED – FCTUNL.
- Apple, W. & Beane, J. (2000). *Escolas democráticas*. Porto: Porto Editora.
- Assembleia da República [AR] (1999). Lei n.º 147/1999 – Lei de protecção de crianças e jovens em perigo. *Diário da República*, 1.ª série-A, n.º 204, 6115-6132.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo* (3.ª edição). Lisboa: Edições 70.
- Benavente, A. (1990). *Escola, professores e processos de mudança*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Canha, J. (2003). “*Criança maltratada*”. Coimbra: Quarteto Editora.
- Cortesão, L. (2006). Investigación-acción: Una invitación a prácticas científicamente transgresivas. In Souza, J., Lucio-Villegas, E., Lima, L., Cortesão, L. & Fals-Borda, O. (orgs.), *Investigación-acción participativa: ¿¿Qué?: Desafíos a la construcción colectiva del conocimiento* (pp. 179-209). Recife: NUPEP – Edições Bagaço.
- Costa, A. (1999). A pesquisa de terreno em sociologia. In Silva, A. & Pinto, J. (orgs.), *Metodologia das ciências sociais* (10.ª edição) (pp. 129-148). Porto: Edições Afrontamento.
- Crespo, A. et al. (2008). *Educação especial: Manual de apoio à prática*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Davies, D., Marques, R. & Silva, P. (1993). *Os professores e as famílias: A colaboração possível*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Departamento de Educação Básica/OCDE (2000). *A educação pré-escolar e os cuidados para a infância em Portugal: Relatório do exame temático da OCDE*. Lisboa: Departamento de Educação Básica.
- Estrela, A., (1994). *Teoria e prática de observação de classes: Uma estratégia de formação de professores* (4ª edição). Porto: Porto Editora.

- Filippini, M., Hoogerwerf, E., Fyca, G., Raudmees, A., Kaldra, A., Rodrigues, A. *et al.* (2008). *Fazer da vida uma aventura segura: Apoiar as famílias de crianças com deficiência para a prevenção de maus tratos*. Lisboa: Fenacerci.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor – Projectos e Edições.
- Flores, S. (2004). *Pico... Pico... Sarrabico: Proposta de trabalho para a educação infantil* (11.^a edição). Lisboa: Edições Rumo.
- Formosinho, J. (1991). *A construção social da educação escolar*. Rio Tinto: Edições Asa.
- Formosinho, J. (1997). O contexto organizacional da expansão da educação pré-escolar. *Revista da Educação*, 10 (1), 21-36.
- Fortin, M., Côté, J. & Fillion, F. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Loures: Lusodidacta.
- Gauthier, B. (2003). *Investigação social: Da problemática à colheita de dados* (3^a edição). Loures: Lusociência.
- Gomes, M. (2009, Abril). Aspectos actuais da aplicação do direito de promoção e protecção. *Protecção da Criança*, 2, 7-18.
- González, A. (dir.) (2009). *Projecto creche: Educação para a 1^a infância – Livro guia – 2 anos*. Sintra: Grupo Rafa.
- Iturra, R. (1999). Trabalho de campo e observação participante. In Silva, A. & Pinto, J. (orgs.), *Metodologia das ciências sociais* (10.^a edição) (pp. 149-163). Porto: Edições Afrontamento.
- Landivar, J. (1990). *Como programar em educação especial*. São Paulo: Manole.
- Magalhães, T. (2005). *Maus-tratos a crianças e jovens*. Coimbra: Edições Quarteto.
- Marchão, A. (1997). *Formação Inicial de Educadores de Infância e desempenho Profissional na Creche: Um Estudo de Caso*. Dissertação de Mestrado, Curso de Mestrado em Supervisão, Universidade de Aveiro, Aveiro
- Martins, M. (2008). Escola, família, educação e violência. In Amiguinho, A., Vidinha, F., Oliveira, N., Brito, P. & Braga, R. (orgs.), *Jornadas sobre investigação: Comunicações/Posters* (pp. 177-187). Portalegre: Instituto Politécnico de Portalegre.

- Ministério da Educação (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério dos Assuntos Sociais (1983). Decreto-lei n.º 199/83 – Aprova o estatutos das IPSS. *Diário da República*, 1.ª série, n.º 46, 643-656.
- Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social (2008). Decreto-lei n.º 11/2008 – Estabelece o regime de execução do acolhimento familiar previsto na lei de protecção de crianças e jovens em perigo. *Diário da República*, 1.ª série, n.º 12, 552-559.
- Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social (2008). Decreto-lei n.º 12/2008 – Regulamenta o regime de execução das medidas de promoção dos direitos e de protecção das crianças e jovens em perigo, respeitantes ao apoio junto dos pais e apoio junto de outro familiar, à confiança a pessoa idónea e ao apoio para a autonomia de vida, previstas na Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo. *Diário da República*, 1.ª série, n.º 12, 559-567.
- Presidência do Conselho de Ministros (1997). Resolução do Conselho de Ministros n.º 193/97 – Desenvolve um processo interministerial e interinstitucional de reforma do sistema de protecção de crianças e jovens em risco. *Diário da República*, 1.ª série – B, n.º 254, 6015-6017.
- Quivy, R & Chapenhoudt, L. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Editora Gradiva.
- Richardson, R. *et al.* (1989). *Pesquisa social: Métodos e técnicas*. São Paulo: Editora Atlas S.A.
- Rodrigues, D. (2000). O paradigma da educação inclusiva: Reflexões sobre uma agenda possível. *Revista Inclusão*, 1, 7-13.
- Sanches, I. (2005). Compreender, agir, mudar, incluir: Da investigação-acção à educação inclusiva. *Revista Lusófona de Educação*, 5, 127-142.
- Sanches, I. & Teodoro, A. (2006). Da integração à inclusão escolar: Cruzando perspectivas e conceitos. *Revista Lusófona de Educação*, 8, 63-83.
- Serrano, J. (2005). *Percursos e práticas para uma escola inclusiva*. Tese de Doutoramento, Doutoramento em Estudos da Criança – Ramo do Conhecimento em Educação Especial, Universidade do Minho, Braga.

- Silva, M., (2008). Da exclusão à inclusão: Concepções e práticas. *Revista Lusófona de Educação*, 13, 155-170.
- Souza, J. (2006). Investigación-acción participativa: Realidades y desafíos. In Souza, J., Lucio-Villegas, E., Lima, I., Cortesão, L. & Fals-Borda, O. (orgs.), *Investigación-acción participativa: ¿¿Qué?: Desafíos a la construcción colectiva del conocimiento* (pp. 108-146). Recife: NUPEP – Edições Bagaço.
- Streubert, H. & Carpenter, D. (2002). *Investigação qualitativa: Avançando o imperativo humanista* (2.^a edição). Loures: Lusociência.
- Tomlinson, C. (2008). *Diferenciação pedagógica e diversidade*. Porto: Porto Editora
- Vala, J. (1999). A análise de conteúdo. In Silva, A. & Pinto, J. (orgs.), *Metodologia das ciências sociais* (10.^a edição) (pp. 101-128). Porto: Edições Afrontamento.
- Vieira F. & Pereira M., (2007). *Se houvera quem me ensinara... A educação de pessoas com deficiência mental* (3.^a edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Anexos

Anexo I – Guiões das entrevistas de diagnóstico

Guião da Entrevista

Entrevistado:

- Directora da IPSS.

Temática:

- Apoio sócio pedagógico de crianças em risco.

Objectivos da Entrevista:

- Recolher informação sobre o processo de admissão de crianças em risco na instituição;
- Perceber se o Projecto Educativo da Instituição contempla a inclusão de crianças em risco através dos conteúdos abordados e das estratégias utilizadas;
- Saber se existe profissionais especializados que apõem e planifiquem estratégias facilitadoras do processo de inclusão de crianças em risco;
- Conhecer qual o trabalho desenvolvido pela instituição com as famílias das crianças em risco;
- Saber se o Director da IPSS considera que a resposta dada as crianças em risco tem contribuído para colmatar as desigualdades e favorecer o processo de inclusão ao nível sócio pedagógico;
- Saber se o trabalho desenvolvido, pela instituição em parceria com a CPCJ, visa facilitar o processo de inclusão.

Designação dos Blocos	Objectivos Específicos	Questões
A • Legitimação da entrevista e motivação dos entrevistados	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista e motivar os entrevistados • Informar os entrevistados sobre o trabalho em curso • Informar acerca dos principais objectivos da entrevista • Solicitar a colaboração dos entrevistados para a consecução do estudo a realizar • Garantir a confidencialidade das 	

	informações <ul style="list-style-type: none"> • Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista • Colocar à disposição dos entrevistados os resultados da investigação • Agradecer a ajuda e a colaboração 	
--	--	--

Designação dos Blocos	Objectivos Específicos	Questões
B <ul style="list-style-type: none"> • Disponibilidade para a admissão de crianças de risco na instituição 	<ul style="list-style-type: none"> • Saber qual a disponibilidade, por parte da instituição, no processo de admissão de crianças em risco; 	<ul style="list-style-type: none"> • Qual a disponibilidade, por parte da instituição, no processo de admissão de crianças em risco?
C <ul style="list-style-type: none"> • Adequação dos Projectos Educativos à inclusão de crianças em risco 	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber se os Projectos Educativos da instituição visam facilitar a inclusão de crianças em risco através dos conteúdos abordados e das estratégias utilizadas; 	<ul style="list-style-type: none"> • O vosso Projecto Educativo visa facilitar a inclusão de crianças de risco através dos conteúdos abordados e das estratégias utilizadas?
D <ul style="list-style-type: none"> • Existência de profissionais Especializados, destacados por outras entidades para trabalharem com as crianças em risco 	<ul style="list-style-type: none"> • Saber se existe profissionais especializados, destacados por outras entidades, para trabalharem no processo de inclusão de crianças em risco; 	<ul style="list-style-type: none"> • Existem outros profissionais especializados, que se desloquem à instituição para trabalharem com as crianças em risco?
E <ul style="list-style-type: none"> • Cooperação Escola/ Família 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o tipo de trabalho realizado pela instituição, com as famílias de crianças em risco; 	<ul style="list-style-type: none"> • Qual o trabalho realizado pela instituição com as famílias das crianças em risco?
F <ul style="list-style-type: none"> • A Educação enquanto processo inibidor das desigualdades sociais 	<ul style="list-style-type: none"> • Saber se a directora da instituição considera que a educação tem contribuído de forma efectiva para colmatar as desigualdades e favorecer o processo de inclusão ao nível sócio pedagógico; 	<ul style="list-style-type: none"> • Considera que a educação tem contribuído de forma efectiva para colmatar as desigualdades e favorecer o processo de inclusão ao nível sócio pedagógico das crianças em risco?
G <ul style="list-style-type: none"> • Articulação com a CPCJ em risco 	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber se existe articulação com a CPCJ no sentido da transmissão de informação, acompanhamento e planeamento de actividades conjuntas, que facilitem a inclusão de crianças em risco na comunidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Existe articulação com a CPCJ no sentido da transmissão de informação, de acompanhamento e de planeamento de actividades que visem facilitar o processo de inclusão de crianças em risco na comunidade?

Guião da Entrevista

Entrevistado:

- Presidente da CPCJ.

Temática:

- Apoio sócio pedagógico de crianças em risco.

Objectivos da Entrevista:

- Recolher informação sobre as diligencias que a comissão efectua no decorrer do processo de admissão da criança em risco, tendo em vista a inclusão dessa criança, na IPSS;
- Perceber se a CPCJ, consulta o Projecto Educativo da Instituição no sentido de verificar se este contempla a inclusão de crianças em risco através dos conteúdos abordados e das estratégias utilizadas;
- Saber se a comissão se certifica que existem profissionais especializados que apõem e planifiquem estratégias facilitadoras do processo de inclusão de crianças em risco, na IPSS;
- Conhecer qual o trabalho desenvolvido pela comissão com as famílias das crianças em risco;
- Saber se o Presidente da Comissão considera que a resposta dada as crianças em risco tem contribuído para colmatar as desigualdades e favorecer o processo de inclusão ao nível sócio pedagógico;
- Saber se o trabalho desenvolvido, pela comissão em parceria com a IPSS, visa facilitar o processo de inclusão das crianças em risco.

Designação dos Blocos	Objectivos Específicos	Questões
A • Legitimação da entrevista e motivação dos entrevistados	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista e motivar os entrevistados • Informar os entrevistados sobre o 	

	<p>trabalho em curso</p> <ul style="list-style-type: none"> • Informar acerca dos principais objectivos da entrevista • Solicitar a colaboração dos entrevistados para a consecução do estudo a realizar • Garantir a confidencialidade das informações • Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista • Colocar à disposição dos entrevistados os resultados da investigação • Agradecer a ajuda e a colaboração 	
--	--	--

Designação dos Blocos	Objectivos Específicos	Questões
<p>B</p> <ul style="list-style-type: none"> • Oferta Educativa disponibilizada a crianças de risco 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar a oferta educativa disponibilizada pela CPCJ, no processo de inclusão de crianças em risco; 	<ul style="list-style-type: none"> • Quais as diligencias efectuadas pela comissão no processo de admissão da criança em risco na IPSS?
<p>C</p> <ul style="list-style-type: none"> • Adequação dos Projectos Educativos à integração de crianças de risco 	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber se os Projectos Educativos da instituição visam facilitar a integração de crianças de risco através dos conteúdos abordados e das estratégias utilizadas; 	<ul style="list-style-type: none"> • A comissão consulta o Projecto Educativo da instituição, procurando perceber se este visa facilitar a integração de crianças de risco através dos conteúdos abordados e das estratégias utilizadas?
<p>D</p> <ul style="list-style-type: none"> • Existência de profissionais especializados para trabalharem com estas crianças 	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar se existe profissionais especializados para trabalharem com as crianças em risco; 	<ul style="list-style-type: none"> • Sabe se existem outros profissionais especializados, que se desloquem à instituição para trabalharem com as crianças em risco?
<p>E</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cooperação comissão/ família 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer qual o trabalho realizado com as famílias de risco; 	<ul style="list-style-type: none"> • Qual o trabalho realizado pela comissão com as famílias das crianças em risco?
<p>F</p> <ul style="list-style-type: none"> • A Educação enquanto processo inibidor das desigualdades sociais 	<ul style="list-style-type: none"> • Saber se a directora da instituição considera que a educação tem contribuído de forma efectiva para colmatar as desigualdades e favorecer o processo de inclusão ao nível sócio pedagógico; 	<ul style="list-style-type: none"> • Considera que a educação tem contribuído de forma efectiva para colmatar as desigualdades e favorecer o processo de inclusão ao nível sócio pedagógico das crianças em risco?
<p>G</p> <ul style="list-style-type: none"> • Articulação com o a CPCJ em risco 	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber se existe articulação com a IPSS no sentido da transmissão de informação, acompanhamento e planeamento de actividades conjuntas, que visem facilitar a inclusão de crianças em risco na comunidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Existe articulação, com a IPSS no sentido da transmissão de informação, de acompanhamento e de planeamento de actividades que visem facilitar o processo de inclusão de crianças em risco na comunidade?

Guião da Entrevista

Entrevistado:

- Mãe da criança a quem se destina a aplicação deste projecto de intervenção.

Temática:

- Apoio sócio pedagógico de crianças em risco.

Objectivos da Entrevista:

- Recolher informação sobre a forma como decorreu o processo de admissão de crianças em risco na IPSS;
- Perceber se a família tem acesso ao Projecto Educativo da Instituição no sentido de verificar se este contempla a inclusão de crianças em risco através dos conteúdos abordados e das estratégias utilizadas;
- Saber se a família questionou a instituição no sentido de depreender se existem profissionais especializados que apõem e planifiquem estratégias facilitadoras do processo de inclusão de crianças em risco;
- Saber se o Pais consideram que a resposta oferecida, pela IPSS e pela CPCJ, tem contribuído para colmatar as desigualdades e favorecer o processo de inclusão ao nível sócio pedagógico;
- Perceber a opinião dos pais sobre o trabalho desenvolvido, entre a IPSS e a CPCJ, no sentido de facilitar o processo de integração das crianças em risco e respectivas famílias.

Designação dos Blocos	Objectivos Específicos	Questões
A • Legitimação da entrevista e motivação dos entrevistados	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista e motivar os entrevistados • Informar os entrevistados sobre o trabalho em curso • Informar acerca dos principais objectivos da entrevista 	

	<ul style="list-style-type: none"> • Solicitar a colaboração dos entrevistados para a consecução do estudo a realizar • Garantir a confidencialidade das informações • Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista • Colocar à disposição dos entrevistados os resultados da investigação • Agradecer a ajuda e a colaboração 	
--	--	--

Designação dos Blocos	Objectivos Específicos	Questões
<p>B</p> <ul style="list-style-type: none"> • Colaboração na admissão da criança na instituição 	<ul style="list-style-type: none"> • Saber qual o tipo de colaboração que a família obteve para realizar o processo de inscrição da crianças em risco, na creche; 	<ul style="list-style-type: none"> • Que tipo de colaboração obteve por parte da comissão e da instituição, no processo de admissão do seu filho na creche que ele frequenta?
<p>C</p> <ul style="list-style-type: none"> • Adequação dos Projectos Educativos à inclusão de crianças em risco 	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber se os Projectos Educativos da instituição visam facilitar a inclusão de crianças em risco através dos conteúdos abordados e das estratégias utilizadas; 	<ul style="list-style-type: none"> • Acha que o Projecto Educativo da Instituição facilita a inclusão de crianças em risco?
<p>D</p> <ul style="list-style-type: none"> • Existência de profissionais especializado que trabalhem directamente com as crianças de risco 	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar se existe profissionais especializados a trabalhar com a criança; 	<ul style="list-style-type: none"> • Existe algum profissional especializado que se desloque à instituição alguns dias da semana para trabalhar com o vosso filho?
<p>E</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cooperação Escola/ Família 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer qual o trabalho realizado com as famílias de crianças em risco; 	<ul style="list-style-type: none"> • Que tipo de apoio vos é prestado pela IPSS e pela CPCJ?
<p>F</p> <ul style="list-style-type: none"> • A Educação enquanto processo inibidor das desigualdades sociais 	<ul style="list-style-type: none"> • Saber os Pais consideram que a educação tem contribuído de forma efectiva para colmatar as desigualdades e favorecer o processo de inclusão ao nível sócio pedagógico; 	<ul style="list-style-type: none"> • Considera que a educação tem contribuído de forma efectiva para colmatar as desigualdades e favorecer o processo de inclusão ao nível sócio pedagógico do vosso filho?
<p>G</p> <ul style="list-style-type: none"> • Articulação entre os Pais a instituição e a CPCJ em risco 	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber se existe articulação entre os Pais a instituição e a CPCJ no sentido da transmissão de informação acerca da criança de risco 	<ul style="list-style-type: none"> • Existe articulação com os Pais, a instituição e a CPCJ no sentido da transmissão de informação acerca da criança, que facilite o seu processo de inclusão?

Anexo II – Protocolos das entrevistas de Diagnóstico

Protocolo da Entrevista à Directora da IPSS

Participantes:

- E – Entrevistador;
- D – Directora da IPSS

Objectivos da Entrevista:

- Recolher informação sobre o processo de admissão de crianças em risco na instituição;
- Perceber se o Projecto Educativo da Instituição contempla a inclusão de crianças em risco através dos conteúdos abordados e das estratégias utilizadas;
- Saber se existe profissionais especializados que apõem e planifiquem estratégias facilitadoras do processo de inclusão de crianças em risco;
- Conhecer qual o trabalho desenvolvido pela instituição com as famílias das crianças em risco;
- Saber se o Director da Instituição considera que a resposta dadas as crianças em risco tem contribuído para colmatar as desigualdades e favorecer o processo de inclusão ao nível sócio pedagógico;
- Saber se o trabalho desenvolvido, pela instituição em parceria com a CPCJ, visa facilitar o processo de inclusão.

E- Boa Tarde, em primeiro lugar quero agradecer a disponibilidade demonstrada para responder à entrevista.

D- É com prazer que o faço.

E- Pode dizer-me, como é se efectua o processo de admissão de uma criança em risco?

D- Este Centro nasceu precisamente para acolher as crianças em risco e continuamos a dar-lhes prioridade àqueles que mais precisam do nosso apoio, nunca excluimos ninguém, pois a solidariedade é um movimento que nos permite olhar para os outros como olhamos para nós.

E- O vosso Projecto Educativo visa facilitar a Inclusão sociopedagógica?

D- Sim, o nosso Projecto Educativo e o nosso regulamento Interno, visam facilitar a inclusão de crianças em risco, (pausa) o tema do Projecto parte sempre desse ponto e procuramos

utilizar todas as estratégias para a integração dessas crianças, sempre foi esse o nosso lema.

Toda a Comunidade Educativa desde as Educadoras as Auxiliares acolhem com grande respeito e carinho as crianças que chegam à nossa instituição com problemas, (pausa) pois são incentivadas a viver profundamente na solidariedade, porque inclusão não é mera integração mas sim comunhão.

E- Existem profissionais especializados que dêem apoio a estas crianças?

D- A instituição tem muitas dificuldades financeiras, pois há crianças que não podem pagar. As dívidas dos Pais são muitas, porque estão desempregados, por isso não é possível custear muitas despesas com profissionais especializados. Mas não é por esse motivo que as nossas crianças ficam sem apoio pois as nossas Educadoras fazem muita formação e vão conseguindo ajudar e temos o apoio da Equipa de Intervenção Precoce.

E- Sei que a instituição, se preocupa muito com as famílias destas crianças, pode falar-me um pouco do trabalho realizado.

D- O nosso centro tem procurado trabalhar com as famílias das crianças em risco através do dialogo mantido diariamente, da observação de comportamentos e atitudes dos adultos e das crianças, da observação formal da criança sinalizada e dialogo com o técnico responsável pelo processo, reuniões com as Educadoras.

E- Considera que a educação tem contribuído para colmatado as desigualdades sociais e favorecer o processo de inclusão de crianças em risco?

D- A educação tem de algum modo contribuído para colmatar as desigualdades sociais mas, na realidade actual onde muitas pessoas são excluídas e o abismo entre ricos e pobres aumenta, isso não chega. É necessário reforçar a nossa acção de solidariedade e inclusão, olhando para o que se passa a nossa volta e agindo sempre que for preciso agir.

E- Sei que na vossa instituição existem crianças em risco, sinalizadas na CPCJ, pode falar-me um pouco do trabalho realizado em conjunto, para dar resposta a essas crianças?

D- Na minha maneira de ver e analisar, a CPCJ, tem estado a fazer um bom trabalho, existe alguma articulação entre eles e a nossa instituição, sempre que faz falta sabemos que podemos telefonar e eles pedem-nos informação das crianças, para fazermos o relatório, (pausa) das que estão a ser acompanhadas, (pausa, tosse) para poder-mos ajudar a criança e a família.

E- Obrigada pela sua participação.

D- Estou sempre ao dispor.

Protocolo da Entrevista à Presidente da CPCJ

Participantes:

- E – Entrevistador
- P – Presidente da CPCJ

Objectivos da Entrevista:

- Recolher informação sobre as diligencias que a comissão efectua no decorrer do processo de admissão da criança em risco, tendo em vista a inclusão dessa criança, na IPSS;
- Perceber se a CPCJ, consulta o Projecto Educativo da Instituição no sentido de verificar se este contempla a inclusão de crianças em risco através dos conteúdos abordados e das estratégias utilizadas;
- Saber se a comissão se certifica que existem profissionais especializados que apõem e planifiquem estratégias facilitadoras do processo de inclusão de crianças em risco, na IPSS;
- Conhecer qual o trabalho desenvolvido pela comissão com as famílias das crianças em risco;
- Saber se o Presidente da comissão considera que a resposta dada as crianças em risco tem contribuído para colmatar as desigualdades e favorecer o processo de inclusão ao nível sócio pedagógico;
- Saber se o trabalho desenvolvido, pela comissão em parceria com a IPSS, visa facilitar o processo de inclusão das crianças em risco.

E – Boa Tarde, obrigada pela sua disponibilidade para responder a esta entrevista.

P – De nada.

E – Pode dizer-me quais as diligencias efectuadas pela comissão no processo de admissão da criança em risco na IPSS?

P – É contactada directamente a IPSS no sentido de auscultar a facilidade/disponibilidade em dar resposta ao caso, do qual é feito um resumo pontual e explicada a urgência para que a

situação aponta.

E – Esta comissão costuma consultar o Projecto Educativo da Instituição, procurando perceber se este visa facilitar a integração de crianças de risco através dos conteúdos abordados e das estratégias utilizadas?

P – **Conhecendo o trabalho desenvolvido pelas instituições, não tem havido, na realidade, a preocupação de consultar o Projecto Educativo** de cada uma delas. Naturalmente que deveria ser um procedimento a não esquecer, fundamental para uma resposta adequada. Acontece, porém, que devido ao **conhecimento próximo que existe entre os parceiros**, e que só é possível graças a estarmos num **meio pequeno** em que **todos praticamente se conhecem**, **acabamos por proceder com informalidade**, descurando certos aspectos que também considero importantes. Creio poder aproveitar esta questão como uma indicação de um procedimento que será sempre vantajoso. **Tentaremos futuramente pedir os Projectos e analisá-los**, o que **facilitará qualquer consulta** e a mais **rápida integração de membros que passem a integrar os nossos serviços**, e que naturalmente desconhecem essas realidades. Agradeço, por isso, a sugestão, que é sem dúvida muito pertinente e útil.

E – Ao contactar a instituição informa-se da existência de outros profissionais especializados, que se desloquem à instituição para trabalharem com as crianças em risco?

P – Sim, há normalmente um **encaminhamento para os técnicos mais habilitados** a acompanhar a situação específica da criança em causa, de entre as instituições que trabalham em matéria de infância e juventude. Mesmo que esses profissionais não se desloquem à **instituição**, trabalham com esses menores **noutros locais com condições adequadas**.

E – Pode falar-me do trabalho desenvolvido por esta comissão com as famílias das crianças em risco?

P – **São feitos atendimentos**, tentando perceber aquilo de que mais necessitam para garantirem um enquadramento familiar mais adequado aos seus menores. **Conversa-se** de modo a fornecer pistas de funcionamento, **encaminham-se para profissionais especializados**, quando percebemos que lhes pode ser útil uma abordagem mais técnica. São habitualmente feitas **visitas domiciliárias** e **são pedidos relatórios de acompanhamento** pelos serviços envolvidos no caso. Todo o trabalho é desenvolvido tendo em vista uma **evolução da família** que permite com segurança reintegrar a criança no seu meio natural, junto da família a que pertence. Caso seja impossível melhorar o clima familiar de forma a garantir o desenvolvimento integral dos menores, procura-se outras formas de acompanhar essas crianças, fora do meio natural de vida mas com o máximo de bem-estar individual, social, físico e psicológico.

E – Na sua opinião, a educação tem contribuído de forma efectiva para colmatar as desigualdades e favorecer o processo de inclusão ao nível sócio pedagógico das crianças em risco?

P – A educação tem, sem dúvida, um papel crucial no processo de inclusão sócio pedagógico dos menores em risco. É o espaço por excelência para chegar mais profundamente ao íntimo dos problemas que povoam as suas vivências, e suavizar as desigualdades a que são expostos. Naturalmente que as condições em que educadores e professores têm de funcionar, nem sempre se aproximam do ideal. É uma função da mais alta responsabilidade, que se tem provado indispensável para o bom desenvolvimento desses menores.

E – Existe articulação, entra a comissão e a instituição, na transmissão de informação, de acompanhamento e de planeamento de actividades que visem facilitar o processo de inclusão de crianças em risco na comunidade?

P – Sem dúvida que existe articulação entre a CPCJ e as IPSS. É fundamental que haja uma comunicação estreita entre as instituições. A própria lei o prevê: a representação das IPSS é obrigatória na modalidade Alargada da comissão e deve fazer parte da modalidade Restrita, sempre que possível. É exactamente o que se verifica na cidade e, sem qualquer dúvida, o facto de podermos contar com estas técnicas facilita imenso o desenvolver dos processos, quer pela proximidade às crianças, quer pela facilidade com que se movem nesse meio.

A colaboração de quem lida directa e diariamente com estas crianças, nomeadamente as colegas do Sagrado Coração de Maria e de São Bartolomeu, permitem um conhecimento e acompanhamento mais próximo, real e eficaz, contribuindo para “Sorrisos Mais Felizes”, slogan que norteia o trabalho da CPCJ.

E – Obrigada pela sua Participação

P – De nada.

Protocolo da Entrevista à Mãe do J.M.

Participantes:

- E – Entrevistador;
- M – Mãe da criança em risco.

Objectivos da Entrevista:

- Recolher informação sobre a forma como decorreu o processo de admissão de crianças em risco na IPSS;
- Perceber se a família tem acesso ao Projecto Educativo da Instituição no sentido de verificar se este contempla a inclusão de crianças em risco através dos conteúdos abordados e das estratégias utilizadas;
- Saber se a família questionou a instituição no sentido de depreender se existem profissionais especializados que apõem e planifiquem estratégias facilitadoras do processo de inclusão de crianças em risco;
- Conhecer qual o trabalho desenvolvido pela instituição e pela comissão, com as famílias das crianças em risco;
- Saber se o Pais consideram que a resposta oferecida, pela IPSS, tem contribuído para colmatar as desigualdades e favorecer o processo de inclusão ao nível sócio pedagógico;
- Perceber a opinião dos pais sobre o trabalho desenvolvido, entre a IPSS e a CPCJ, no sentido de facilitar o processo de integração das crianças em risco e respectivas famílias.

E – Bom dia, obrigado pela sua disponibilidade.

M – É por ser para si, que eu não gosto destas coisas (risos)

E – Pode dizer-me como é que o seu filho foi admitido na creche que frequenta e se alguém a ajudou a escolher está escola?

M – O J.M. veio para a escola porque a Doutora da comissão disse-me que eu tinha de o por na escola e que ela ia ajudar-me a procurar uma. (pausa). Ela disse que ia arranjar uma boa

escola para o menino e que poderia ligar para lá se eu quisesse, para as senhoras saberem que eu lá ia.

E – Acha que o Projecto Educativo da Instituição facilita a inserção de crianças em risco?

M – Acho que sim, porque o meu J.M. está muito esperto (risos), eu vou as reuniões e fico contente com as coisas bonitas que a professora diz que vai fazer com os meninos, fazem muitas coisinhas engraçadas, agora até vão passear com eles, é bom eu vou espreitar sempre.

E – Sabe se existe algum profissional especializado que se desloque à instituição alguns dias da semana para trabalhar com o vosso filho?

M – Sei, e fico contente de irem ajudar a Educadora. Agora já vai à escola uma terapeuta da fala e uma terapeuta Ocupacional, porque o J.M. já tem os óculos. Faziam-lhe muita, muita falta.

E – Acha que a IPSS e a CPCJ têm-vos ajudado?

M – Muito (pausa, assoa-se), eles é que me ajudaram a arranjar os óculos para o J.M. e ajudam-me com comida. Também pago só quando posso, as vezes pago só metade, é como pode ser, a vida não é fácil. Sempre que eu lá vou ou telefono, tratam-me bem, devo-lhes muitos favores.

E – Considera que a escola tem ajudado a diminuir as diferenças sociais e tem dado apoio as crianças ao nível pedagógico?

M – O J.M. está muito mais esperto desde que veio para o infantário e tem muitos amigos. A escola faz-lhe muita falta, para tudo (assoa-se). Dão-lhe roupa muitas vezes, para ele andar bonito como os outros, e também lhe dão sapatos e comida.

E – Costumam reunir-se, com os elementos da comissão e com os da creche, para partilharem informação do seu filho importantes para o seu bom desenvolvimento?

M – Sim, vou sempre as reuniões da escola e as convocatórias da comissão. Além disso, a avó todos os dias fala com a educadora e as vezes escrevo-lhe um recadinho ou telefono. (pausa) Sempre que recebo a carta para ir à comissão vou logo, eles passam-me a justificação para o Curso, por isso posso lá ir. Telefono também sempre que preciso.

E – Terminamos a nossa entrevista, obrigada pela sua ajuda.

M – Já! (pausa) Tudo bem (risos).

Anexo III – Grelhas da análise de conteúdo das entrevistas de diagnóstico

Grelha de Análise do Conteúdo da Entrevista à Directora da IPSS

Categorias	Sub Categorias	Unidades de Registo	Frequência		
			Unidades de registo	Unidades de Registo na Subcategoria	Unidades de registo na Categoria
1.Oferta disponibilizada na admissão de Crianças em Risco	1.1Prioridade sobre as outras	-“continuamos a dar-lhes prioridade” -“...precisam do nosso apoio” -“nunca excluímos ninguém” -“solidariedade”	1 1 1 1	4	
2.Adequação do Projecto Educativo à inclusão da Criança em Risco	2.1Temas 2.2. Adaptação as necessidades da criança 2.3. A importância de conteúdos e estratégias que facilitem a inclusão de crianças de risco	- “o tema do Projecto parte sempre desse ponto” - “...acolhem com grande respeito e carinho as crianças que chegam à nossa instituição com problemas” -“...procuramos utilizar todas as estratégias para a integração dessas crianças” -“... inclusão não é mera integração”	1 1 1 1	4	
3.Profissionais Especializados que trabalhem com as crianças em risco	3.1. Educadora Titular 3.2.Equipa de Intervenção Precoce	-“... as nossas Educadoras” -“...da Equipa de Intervenção Precoce” -“... não é possível custear muitas despesas com profissionais especializados”	1 1 1	3	
4.Cooperação escola/família	4.1.Dialogo com as famílias 4.2.Observação de comportamentos e atitudes	-“... dialogo mantido diariamente” -“... da observação de comportamentos	1 1		

	4.3.Observação formal da criança em risco 4.4.Dialogo com a CPCJ 4.5.Reuniões	e atitudes dos adultos e das crianças” -“... observação formal da criança sinalizada” -“... dialogo com o técnico responsável pelo processo” -“...reuniões com as Educadoras”	1 1 1	5	
6.Educação de Infância no combate as desigualdades sociais	6.1. Combate desigualdades 6.2. Dar a todos as mesmas oportunidades 6.3. Observar e avaliar atitudes	-“... tem de algum modo contribuído para colmatar as desigualdades sociais” -“ É necessário reforçar a nossa acção de solidariedade e inclusão” -“... olhando para o que se passa a nossa volta e agindo”	1 1 1	3	
7.Articulação entre a IPSS e a CPCJ	7.1.Avaliação da parceria 7.2.Realização de Relatórios avaliativos da situação em que se encontra a criança em risco 7.3.Contactos entre a IPSS e a CPCJ	-“... CPCJ, tem estado a fazer um bom trabalho” -“ existe alguma articulação” -“... sempre que faz falta sabemos que podemos telefonar” -“... eles pedem-nos informação das crianças, para fazermos o relatório”	1 1 1 1	4	23

Grelha de Análise do Conteúdo da Entrevista à Presidente da CPCJ

Categorias	Sub Categorias	Unidades de Registo	Frequência		
			Unidades de registo	Unidades de Registo na Subcategoria	Unidades de registo na Categoria
1.Oferta disponibilizada na admissão de Crianças em Risco	1.1.Contacto directo com a instituição	-“ É contactada directamente a IPSS”	1	3	
		-“ auscultar a facilidade/ disponibilidade”	1		
		-“é feito um resumo pontual e explicada a urgência”	1		
2.Adequação do Projecto Educativo à inclusão da Criança em Risco	2.1.Reconhecimento do trabalho desenvolvido pela IPSS 2.2. Confiança no trabalho efectuado pela instituição 2.3. Conhecimento entre parceiros 2.4. Contexto local 2.5. Projecto futuro	- “Conhecendo o trabalho desenvolvido pelas instituições”	1	8	
		- “não tem havido, na realidade, a preocupação de consultar o Projecto Educativo”	1		
		-“ conhecimento próximo que existe entre os parceiros”	1		
		-“meio pequeno”	1		
		-“ todos praticamente se conhecem, acabamos por proceder com informalidade”	1		
		-“ Tentaremos futuramente pedir os Projectos e analisá-los”	1		
		-“ facilitará qualquer consulta”	1		
		-“ e a mais rápida integração de membros que passem a integrar os nossos	1		

		serviços”			
3.Profissionais Especializados que trabalham com as crianças em risco	3.1. Técnicos 3.2. Local da Intervenção	-“ encaminhamento para os técnicos mais habilitados” -“ instituição, -“noutros locais com condições adequadas”	1 1 1	3	
4.Cooperação CPCJ/família	4.1.Dialogo com as famílias 4.2.Encaminhamento técnico 4.2.Observação de comportamentos e atitudes 4.3.Observação formal da criança em risco 4.4.Avaliação da situação	-“são feitos atendimentos” -“conversa-se” - “encaminhamento para profissionais especializados” -“visitas domiciliárias” -“são pedidos relatórios de acompanhamento” -“evolução da família”	1 1 1 1 1	6	
6.Educação de Infância no combate as desigualdades sociais	6.1. Papel da Educação Inclusiva 6.2. Dar a todos as mesmas oportunidades 6.3.Condições de trabalho do professor	-“ papel crucial no processo de inclusão sócio pedagógico” -“ indispensável para o bom desenvolvimento” -“ espaço por excelência para chegar mais profundamente ao íntimo dos problemas” -“suavizar as desigualdades” -“ as condições em que educadores e professores têm de funcionar, nem sempre se aproximam do ideal” -“ uma função da mais alta responsabilidade”	1 1 1 1 1 1	6	
7.Articulação entre a IPSS e a CPCJ	7.1.Avaliação da parceria 7.2. Legislação em vigor 7.3. Contexto Educativo 7.4. Facilidade no processo de intervenção	-“existe articulação entre a CPCJ e as IPSS” -“comunicação estreita “ -“ a própria lei prevê” -“proximidade as crianças” -“ facilidade com	1 1 1 1 1		

		que se movem nesse meio” -“permite um conhecimento e acompanhamento mais próximo, real e eficaz”	1	6	32
--	--	---	---	---	----

Grelha de Análise do Conteúdo da Entrevista à Mãe da Criança

Categorias	Sub Categorias	Unidades de Registo	Frequência		
			Unidades de registo	Unidades de Registo na Subcategoria	Unidades de registo na Categoria
1.Oferta disponibilizada na admissão da Crianças	1.1 Disponibilidade para efectuar o primeiro contacto.	-“...a Doutora da comissão disse-me que eu tinha de o por na escola” -“ ela ia ajudar-me a procurar uma” -“... Ela disse que ia arranjar uma boa escola” -“... poderia ligar para lá se eu quisesse, para as senhoras saberem que eu lá ia”	1 1 1 1	4	
2.Adequação do Projecto Educativo à inclusão da Criança em Risco	2.1 Progresso nas aquisições 2.2. Realização de reuniões 2.3. A importância de conteúdos e estratégias que facilitem a inclusão de crianças de risco 2.4. Participação da família nas actividades	- “...o meu J.M. está muito esperto” - “...vou as reuniões” -“... fazem muitas coisinhas engraçadas” -“... agora até vão passear com eles” -“...eu vou sempre espreitar”	1 1 1 1	4	
3.Profissionais Especializados que trabalham com as crianças em risco	3.1. Educadora Titular 3.2.Equipa de Intervenção Precoce	-“... a Educadora” -“...a Terapeuta da Fala” -“...a Terapeuta Ocupacional”	1 1 1	3	
4.Cooperação escola/comissão/família	4.1. Ajuda na resolução de problemas	-“ ... ajudaram a arranjar os óculos para o	1		

	4.2. Distribuição de géneros alimentares 4.3. Facilidade no pagamento de mensalidades 4.4. Ajuda na integração da família na comunidade	J.M.” -“... ajudam-me com comida” -“... pago só quando posso, as vezes pago só metade” -“... tratam-me bem” -“...devo-lhes muitos favores”	1 1 1 1	5	
5. Educação de Infância no combate as desigualdades sociais	5.1. Combate desigualdades 5.2. Dar a todos as mesmas oportunidades 5.3. Observar e avaliar atitudes	-“... O J.M. está muito mais esperto” -“...Tem muitos amigos” -“...A escola faz-lhe muita falta” -“...dão-lhe roupa muitas vezes” -“...dão sapatos e comida”	1 1 1 1 1	5	
6. Partilha de informação importante para o desenvolvimento da criança	6.1. Reuniões com escola 6.2. Reuniões com CPCJ 6.3. Contactos diários com a educadora	-“... vou sempre as reuniões da escola” -“vou...as convocatórias da comissão” -“...sempre que recebo uma carta vou logo” -“... a avó todos os dias fala com a educadora” -“... escrevo-lhe um recadinho ou telefono”	1 1 1 1 1	5	26

Anexo IV – Análise de dados das entrevistas de diagnóstico

Análise de Dados das Entrevistas de Diagnóstico

A análise de conteúdo realizada aos dados disponibilizados pelas entrevistas estudadas permitem concluir que:

- A instituição e a comissão mostram-se sensíveis à recepção de crianças em risco.
- A instituição disponibiliza uma vasta oferta educativa e social a crianças consideradas de risco e respectivas famílias, nela existe prioridade na entrada e integração destas crianças, havendo o cuidado de fazer um atendimento abrangente quer com a criança, quer com as respectivas famílias.
- Muitas vezes, a instituição e comissão funcionam como intermediárias, num encaminhamento de casos de crianças consideradas de risco, quer para a Segurança Social quer para outras instituições especializadas.
- Existe uma grande abertura por parte da instituição, no sentido de disponibilização de espaços físicos e materiais para que profissionais especializados possam trabalhar com as crianças consideradas de risco.
- Pode-se constatar, que as temáticas dos Projectos Educativos da Instituição são bastante variadas e que existe o cuidado de adequar as unidades temáticas às necessidades efectivas de cada criança, ajudando-a por um lado na sua inclusão por outro no seu sucesso educativo.
- O Projecto Educativo da Instituição é elaborado com base no conhecimento prévio do grupo de crianças, as famílias não colaboram na sua construção, tomam conhecimento do mesmo na reunião de início de ano lectivo.
- Na instituição existem profissionais especializados, destacados pela Intervenção Precoce, que trabalham directamente com as crianças consideradas de risco (durante algumas horas semanais).
- O trabalho realizado junto das famílias das crianças consideradas em risco surge como uma emergência para a instituição, na maior parte dos casos para atender a graves carências e satisfazer necessidades básicas.
- Realizam-se reuniões entre a comissão e as famílias, existindo uma grande disponibilidade por parte desta em tentar atenuar certas dificuldades que as mesmas

possuem.

- Frequentemente estabelece-se diálogo entre a instituição e as famílias, existindo uma grande disponibilidade por parte desta em tentar atenuar as dificuldades que as mesmas possuem.
- A instituição facilita o pagamento de mensalidades para estes casos.
- Existe apoio específico a estas famílias, facilitando-lhe refeições que são entregues no final do dia, bem como encaminhando-as para o Banco Alimentar Contra a Fome, onde lhe são distribuídos bens alimentares e de consumo.
- A instituição e a comissão trabalham em conjunto para que se dê a todos as mesmas oportunidades e direitos, colmatando desigualdades, socializando e incluindo a criança na sociedade desde tenra idade.
- A instituição ao mesmo tempo que ensinam regras e métodos de trabalho às crianças, contribui para que essas regras sejam passadas à restante família, o que é sem dúvida um passo de gigante no processo de inclusão.
- Como estratégias de integração das percepções prévias no trabalho desenvolvido com crianças consideradas de risco, a instituição refere que frequentemente é através da observação que percebem aquilo que elas precisam.
- No que diz respeito à articulação entre a instituição, comissão e famílias de crianças consideradas de risco, existe diálogo e partilha entre os intervenientes sem que se realizem encontros ou reuniões em comum.

Anexo V – Protocolo da observação naturalista de diagnóstico

Protocolo de Observação Naturalista de Diagnóstico

Grupo: Crianças de 2/3 anos de idade
 Data: 30 de Novembro de 2009
 Hora: 9:30h
 Duração: 37 minutos
 Observador e educador: E
 Alunos: Grupo 2 anos A
 Local: Sala de Actividades

Temática: A hora do conto

Objectivos:

- *criar gosto pela história
- *melhorar as competências na área de compreensão oral
- *ampliar o vocabulário
- *melhorar as competências relacionais entre as crianças
- *respeitar os colegas

Materiais: Livro

Tapete de actividades

Hora	Descrição de situações e comportamentos	Notas complementares e inferências
9:30h	A educadora diz: vamos começar. O grupo dirige-se para a manta de actividades, chegou a hora do conto.	
9:34h	J.M. entra na sala de actividades, já os colegas estão sentados ordenadamente, em forma de "U". J.M. dirige-se ao tapete de actividades e olha os colegas	
9:35h	Gera-se uma grande agitação no grupo de crianças A.L. aponta para o J.M. e rindo afirma "parece um caranguejo"	J.M. está a utilizar óculos pela 1ª vez
9:37h	J.M. continua a olhar para os colegas, de pé e estático	Risos descontrolados
9:40h	M.B. olha o J.M. admirada, está com os olhos muito abertos e a boca semi-aberta. Peço as crianças que se acalmem e explico-lhes que o J.M. tem os olhos um pouco doentes, por isso precisa de usar óculos, que estes são muito importantes para curar os olhinhos. Explico-lhes que ele não pode tirar os óculos durante o dia e como amigos do J.M. temos de o ajudar a ficar bom. Para isso não podemos rir do J.M., para que	Não sei se os observa porque estão a rir ou se os observa porque os vê melhor com os óculos M.B. é uma criança muito calma e discreta
9:42h		As crianças ouviram a explicação em silêncio, sentados nos

	<p>ele não fique triste por usar óculos. Disse também que não devemos mexer nos óculos pois podem estragar-se e que estes fazem muita falta ao J.M..</p>	<p>respectivos lugares</p>
9:46h	<p>Ajudo o J.M. a sentar-se, pois este continuava em pé olhando fixamente para mim</p> <p>Cantamos a canção da abertura do conto</p>	<p>J.M. olha para mim intensamente, não sei se é por causa do que estou a dizer ou se é devido ao facto de estar a usar óculos</p>
9:48h	<p>Começo a dizer o nome do autor da história e das personagens que estão na capa do livro</p>	<p>As crianças parecem ter acalmado, talvez porque os óculos deixaram de ser novidade.</p>
9:50h	<p>Abro o livro, na primeira página aparece a imagem do Pai Natal e o A. interrompe logo, chamando-me insistentemente. Quando olho para ele afirma com grande convicção “O Pai Natal traz um Faísca Mcween”. Enquanto isso o A.L. vocaliza várias palavras sem sentido nem significado perceptível.</p> <p>O J.M. olha fixamente para o livro, está estático e permanece em silêncio.</p>	
9:54	<p>Recomeço a contar a história, o G começa a rodopiar no seu lugar, perturbando o A.L. e o J.R., que começam a rir-se e a brincar. A J. coloca os dedos nos ouvidos, pois o G. começa a gritar.</p> <p>Dou a mão ao G. e sentou no colo.</p>	<p>Parece estar extasiado, não sei se é por ser um livro de Natal ou se é por ver melhor as imagens</p> <p>As crianças estão agitadas</p>
9:57	<p>Retomo a história, a página tem a imagem do Pai Natal a distribuir presentes e eu digo-lhes que ele chega na noite de Natal à casa de todos os meninos.</p> <p>O A., a G.C., o A.L. e o G. colocam-se de joelhos no tapete de actividades, perturbando o campo de visão dos colegas, M.B., D., e M.L.</p> <p>O J.P. e o J.R. gritam, ao mesmo tempo, “mostra-me” e a M.L. responde, zangada, “mostra não”.</p>	<p>O grupo faz silêncio e voltas a acalmam-se</p> <p>A ML fica agitada, penso que é por lhe terem perturbado o campo de visão, embora ela não o diga nem demonstre nenhuma acção que possa justificar a minha suposição</p>
10:00	<p>O J.M. coloca-se de joelhos e toca no livro com as mãos.</p> <p>Ao ver que um dos presentes é uma escova, ele leva as mãos à cabeça e faz os gestos, como se tivesse a pentear.</p> <p>O G começa a emitir um som agudo e o A.L. gesticula</p>	<p>Sorri</p>

<p>10:02</p>	<p>intensamente e ri sem parar.</p> <p>O J.M. senta-se, novamente e olha o livro com interesse.</p> <p>Questiono-o sobre as imagens do livro, mas ele não verbaliza qualquer palavra, ao contrário dos colegas que querem participar. A M.S. aponta e diz: olha J.M. é o Pai Natal e sorri-lhe.</p> <p>A J diz calem-se e faz o gesto com o dedo da mão direita. Aponta para o livro e diz: “quero ouvir o Pai Natal”</p> <p>Conto a última página do livro, o J continua com o olhar fixo</p>	<p>As crianças olham na direcção do G</p> <p>As crianças ainda não esperam pela sua vez de falar</p> <p>Impositiva</p> <p>Entusiasmados</p>
<p>10:07</p>	<p>¶Digo “vitória, vitória” e o grupo responde quase num grito “acabou-se a nossa história”</p>	

Anexo VI – Análise do protocolo de observação naturalista de diagnóstico

Análise do Protocolo de Observação Naturalista de Diagnóstico

Categorias	Subcategorias	Comportamentos Observados	Frequência Comportamentos observados	Frequência Comportamentos subcategorias	Frequência Comportamentos nas categorias
Perfil de actuação da Educadora	Métodos activos de ensino	A educadora diz: vamos começar.	1		
		Explico-lhes que ele não pode tirar os óculos durante o dia e como amigos do J.M. temos de o ajudar	1		
		...não deveram mexer nos óculos pois podem estragar-se e que estes fazem muita falta ao J.M..	1		
		Cantamos a canção da abertura do conto	1		
		Começo por dizer o nome do autor da história	1		
		Começo por dizer o nome do autor da história	1	6	
	Atenção as dificuldades e necessidades das crianças	Ajudo o J.M. a sentar-se	1		
		Dou a mão ao G e sentou no colo	1	2	
Interacção dos alunos na actividade	Momentos de distração	J.M. entra na sala de actividades, já os colegas estão sentados	1		
		Olha os colegas	1		
		J.M. continua a olhar para os colegas, de pé e estático	1		
		M.B. olha o J.M. admirada	1	4	

	Desinteresse pela actividade	A.L. e o J.R., começam a rir-se e a brincar.	1		
		O G começa a emitir um som agudo	1	2	
	Comportamentos assertivos	O grupo dirige-se para a manta de actividades	1		
		J.M. dirige-se ao tapete de actividades	1		
		O J.M. olha fixamente para o livro	1		
		Ao ver que um dos presentes é uma escova, ele leva as mãos à cabeça e faz os gestos, como se tivesse a pentear	1		
		O J.M. senta-se, novamente e olha o livro com interesse	1	5	
	Comportamentos não assertivos	Gera-se uma grande agitação no grupo	1		
		A.L. aponta para o J.M. e rindo afirma “parece um caranguejo”	1		
		o G. começa a rodopiar no seu lugar,	1		
		o G. começa a gritar.	1		
		O A., a G.C., o A.L. e o G. colocam-se de joelhos no tapete de actividades, perturbando o campo de visão dos colegas,	1		
		A.L. gesticula intensamente e ri sem parar	1		

		M.L. responde, zangada, “mostra não”.	1	7	
	Inter-ajuda	A M.S. aponta e diz: olha J.M. é o Pai Natal e sorri-lhe.	1	1	
	Participação assertiva	A. Interrompe logo chamando-me insistentemente... afirma com grande convicção “ o Pai Natal traz um Faísca Mcween” ...o grupo responde quase num grito “acabou-se a nossa história”	1 1	2	29

Anexo VII – SGS II – Escala de Avaliação das Competências no Desenvolvimento Infantil
(Diagnóstico)

ES II - ESCALA DE AVALIAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Folha de Perfil

Nº de Ficha:

Nome:

Morada:

Data de Nascimento: 10/12/07 Idade: 22 meses

Recomendo a seguinte acção:

- a) Ser visto/a daqui a meses para uma nova avaliação
 meses para uma avaliação de rotina

Avaliador: Elisabete Silva e Gabriela Silva

Profissão: Grande Estilista Ana Furtado

Data da Avaliação: 25 / 11 / 09
 (Dia) (Mês) (Ano)

Local da Avaliação: Cecilio e Fátima

Assinatura: [assinatura]

Idade (meses)	Áreas de Competências										Idade (meses)
	Controlo Postural Passivo	Controlo Postural Activo	Locomotoras	Manipulativas	Visuais	Audição e Linguagem	Fala e Linguagem	Interação Social	Autonomia Pessoal	Cognitivas	
60 meses			20	28	20	21	22	24	23	34	60 meses
			19	27		20	21		21	33	
48 meses			18	26	19	19	20	23	20	31	48 meses
			17	25		18	19		19	30	
				24					18	29	
36 meses			16	23	18	17	18	22	17	27	36 meses
			15	22	17	16	17	21	16	26	
				21				20		25	
30 meses			14	20	16	15	16	19	15	23	30 meses
			13	19		14	15	18	14	22	
				18						21	
24 meses			12	17	15	13	14	17	13	19	24 meses
			11	16	14	12	13	16	12	18	
			10	15					11	17	
18 meses			9	14	13	11	11	15	10	15	18 meses
			8	13					9	14	
			7	12		10		14	8	13	
15 meses			6	11	12	9	10	13	7	11	15 meses
			5	10		8	9	12	6	10	
							8	11		9	
12 meses		12	4	9	11	8	7	10	5	8	12 meses
			3	8	10	7	6	9	4	7	
								8		6	
10 meses		11	2	7	9	6	5	7	3	5	10 meses
		10	1							4	
8 meses		9		6	8	5	4	6	2	3	8 meses
		8								2	
27/11/09 6 meses		7		5	7	4	3	5	1	1	6 meses
		6		4	6	3		4			
		5		3	5	2	2	3			
3 meses		4		2	4			2			3 meses
		3		1	3		1	1			
1 mês		2			2						1 mês
		1			1						
0 meses		1				1					0 meses
Áreas de Competências	Controlo Postural Passivo	Controlo Postural Activo	Locomotoras	Manipulativas	Visuais	Audição e Linguagem	Fala e Linguagem	Interação Social	Autonomia Pessoal	Cognitivas	
Qualidade											

Utilize a letra "Q" para indicar a preocupação com a qualidade do desempenho

Primeira publicação 1987 © 1987, Martin Bellman e John Cash.
 Esta edição © 1996, Martin Bellman, Sunitara Limpam e Anne Aukott.
 Esta tradução é publicada pela primeira vez em 2003 com autorização dos Editores: The nferNelson Publishing Company Ltd, The Chiswick Centre, 41-4 Chiswick High Road, London, W4 5TF, UK. Todos os direitos reservados.
 Edição da tradução portuguesa: CEGOC-TEA, Av. António Augusto Aguiar, 21, 2º 1050-012 Lisboa.
 Tradução portuguesa: António Menezes Rocha, Magda Machado e Cécilia Ferreira.
 ISBN: 972-8817-05-3. Depósito Legal: 206581/04.
 Proibida a reprodução total ou parcial, sob qualquer forma ou meio nomeadamente fotocópia.
 As infrações serão penalizadas nos termos da legislação em vigor. Este exemplar está impresso em tinta negra e azul. Apenas a negro é uma reprodução ilegal. Não a utilize.

Anexo VIII – Roteiro de actividades

Unidade 1: O Carnaval

Tema: O Carnaval (Sessão 1): Máscara	
Educadora: Elisabete Silva	Grupo/Sala: 2 anos
Calendarização: 3 de Fevereiro	
Itens de desenvolvimento ou questões orientadoras: O que é o Carnaval? Podemos rir das mascaras dos colegas? Mesmo usando mascaras diferentes podemos brincar todos juntos? O que podemos fazer se um colega não tiver mascara? Podemos mascarar-nos com as roupas velhas lá de casa? Podemos fazer uma mascara com materiais recicláveis (trazidos de casa), cola, cartolina e tintas?	
Contextualização da situação de aprendizagem: Área de Formação Pessoal e Social, domínio da linguagem oral, domínio da expressão plástica e área do conhecimento do mundo.	
Competências a desenvolver (de acordo com o PCG)	
De ordem pessoal e social	
Desenvolver relações pessoais positivas	
Trabalhar em cooperação	
Respeitar o outro e a sua diversidade	
Respeitar regras de funcionamento da sala e de natureza social democráticas	
Revelar e aumentar o bem-estar e a auto-confiança	
Revelar autonomia	
Revelar aceitação pela diferença	
Desenvolver atitudes e valores	
Usar regularmente expressões de cortesia	
Assumir responsabilidades	
Manifestar segurança e confiança nas suas capacidades de acção	
Reconhecer e respeitar laços de pertença social e cultural	
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias	
...	
De ordem comunicacional e expressiva	

Comunicar de modo claro e adequado
Mostrar sensibilidade estética
Responder em autonomia progressiva a diferentes situações colocadas (motoras, dramáticas, plásticas)
Saber usar adequadamente a informação recolhida para torná-la conhecimento mobilizável
Comunicar sentimentos, emoções e necessidades e identificar e respeitar as dos outros
...
De ordem intelectual / Cognitiva
Explorar informação
Resolver problemas
Exercer espírito crítico
Evidenciar criatividade
Explicar estratégias de resposta e propor outras estratégias alternativas
Manifestar pensamento reflexivo
Desenvolver as capacidades de observação e atenção
...
De construção e aquisição de formas de aprender
Praticar métodos de trabalho em grupo e em autonomia individual
Expressar a sua opinião ou a do grupo
Propor alternativas e dar sugestões
Saber utilizar adequadamente os instrumentos/ recursos disponíveis
Manifestar pensamento reflexivo
Utilizar os sentidos para a exploração de características de objectos e materiais
...
Competências específicas a desenvolver (de acordo com o tema da planificação e com as diferentes áreas de conteúdo):
Área de Formação Pessoal e Social
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias
Agir com progressiva autonomia
Desenvolver o jogo social
Compreender e expressar sentimentos e emoções
Assumir responsabilidades que contribuam para o bem-estar colectivo
Construir e estabelecer relações sociais eficazes
Manifestar desejos, gostos, opiniões, decisões e sugestões de forma coerente.
...

Área de expressão e comunicação
Domínio da linguagem oral e da abordagem à escrita
Expressar desejos, sentimentos, necessidades e pensamentos através da fala
Participar na comunicação dar e receber
Identificar personagens e as suas características em diferentes situações
Intervir com sentido de oportunidade
...
Domínio da Matemática
Identificar tamanhos (grande/ pequeno)
...
Domínio da Expressão Plástica
Manipular diferentes objectos e materiais
Controlar a motricidade fina recorrendo a materiais e objectos específicos
Expressar a criatividade plástica livremente
Explorar as características e potencialidades dos objectos
Explorar figuras tridimensionais
Reproduzir diferentes tipos de objectos
Desenvolver capacidades de expressão e comunicação artísticas
Experimentar e diferenciar texturas
...
Domínio da Expressão Motora
Desenvolver o poder de concentração
Desenvolver a motricidade fina
Adquirir coordenação e controlo do próprio corpo
...
Área de Conhecimento do Mundo
Demonstrar curiosidade e desejo de saber
Enriquecer o vocabulário
Ter capacidade de orientação e movimentar-se de forma autónoma nos espaços que lhes são habituais e que frequenta diariamente sabendo utilizar adequadamente as diferentes infra-estruturas na sua disposição
Saber utilizar vários processos simples de conhecimento da realidade envolvente, tais como. Observar, inquirir, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas e confirmar
Identificar diferentes tipos de materiais

...	
<p>Recursos:</p> <p>Revistas velhas</p> <p>Pincéis</p> <p>Tintas</p> <p>Livros</p> <p>DVD</p> <p>Leitor de DVD</p> <p>Mesas</p> <p>Cadeiras</p> <p>Cartolinas</p> <p>Papéis coloridos</p> <p>Cola</p> <p>Tesoura</p> <p>Molde de mascara de Carnaval</p> <p>Papel de embrulho</p> <p>Papel crepe</p> <p>Velcro</p> <p>Tampas</p> <p>Botões</p> <p>Elástico</p> <p>Rolos de cartão</p> <p>Caixas de sapatos</p> <p>Caixas de cereais (vazias)</p> <p>Pacotes de batatas fritas (vazios)</p> <p>Caixas</p> <p>Pedaços de tecido</p> <p>Lã</p>	<p>Objectivos: Trabalhar a Educação para os valores, fomentando o respeito pelos colegas. A partilha de materiais e percepções.</p> <p>Desenvolver estratégias que criem hábitos de educação para o consumo. Fazer com que as crianças compreendam que podemos construir as nossas próprias mascaras sem gastar dinheiro. Trazendo diversos materiais de casa, que usualmente vão para a reciclagem e que de novo podem ganhar vida.</p> <p>Avaliação: Questões feitas às crianças, assim como, o interesse que estas demonstram ao longo das actividades. Outra forma de avaliação será feita através da observação dos resultados obtidos nalgumas actividades (correspondências de imagens, de objectos, etc.)</p>

Actividades	Estratégias
<u>Manhã de 3 de Fevereiro de 2010</u>	
<ul style="list-style-type: none"> ● Conversar/partilhar vivências 	<p>As crianças sentam-se no tapete em grande grupo. Antes de introduzir o tema do dia, estabeleço um pequeno diálogo com as crianças sobre o que fizeram no dia anterior, isto é, as “novidades que queiram contar.</p> <p>Depois do lanche, iniciarei as actividades contando uma</p>

Tema: O Carnaval (Sessão 2): Como fazer o bolo de Carnaval?	
Educadora: Elisabete Silva	Grupo/Sala: 2 e 3 anos
Calendarização: 9 de Fevereiro	
Itens de desenvolvimento ou questões orientadoras: O que podemos fazer no Carnaval? Podemos confeccionar um bolo para a festa de Carnaval? Mesmo usando ingredientes variados podemos junta-los para confeccionar o bolo? O que podemos fazer se um colega não poder trazer ingredientes? Podemos fazer bolos lá em casa?	
Contextualização da situação de aprendizagem: Área de Formação Pessoal e Social, domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, domínio da expressão plástica, domínio da matemática e área do conhecimento do mundo.	
Competências a desenvolver (de acordo com o PCG)	
De ordem pessoal e social	
Desenvolver relações pessoais positivas	
Trabalhar em cooperação	
Respeitar o outro e a sua diversidade	
Respeitar regras de funcionamento da sala e de natureza social democráticas	
Revelar e aumentar o bem-estar e a auto-confiança	
Revelar autonomia	
Revelar aceitação pela diferença	
Desenvolver atitudes e valores	
Usar regularmente expressões de cortesia	
Assumir responsabilidades	
Manifestar segurança e confiança nas suas capacidades de acção	
Reconhecer e respeitar laços de pertença social e cultural	
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias	
...	
De ordem comunicacional e expressiva	
Comunicar de modo claro e adequado	
Utilizar diferentes formas de comunicação	
Desenvolver a expressão e comunicação através de linguagens múltiplas	

Saber utilizar os diferentes códigos como meios de relação com os outros
Saber usar adequadamente a informação recolhida para torná-la conhecimento mobilizável
Comunicar sentimentos, emoções e necessidades e identificar e respeitar as dos outros
...
De ordem intelectual / Cognitiva
Explorar informação
Resolver problemas
Exercer espírito crítico
Evidenciar criatividade
Explicar estratégias de resposta e propor outras estratégias alternativas
Utilizar adequadamente conceitos específicos, anteriormente adquiridos, em situações contextualizadas
Manifestar pensamento reflexivo
Manifestar/ mostrar curiosidade pelo conhecimento do ambiente que o rodeia
Desenvolver as capacidades de observação e atenção
...
Competências específicas a desenvolver (de acordo com o tema da planificação e com as diferentes áreas de conteúdo):
Área de Formação Pessoal e Social
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias
Agir com progressiva autonomia
Desenvolver o jogo social
Compreender e expressar sentimentos e emoções
Assumir responsabilidades que contribuam para o bem-estar colectivo
Construir e estabelecer relações sociais eficazes
Manifestar desejos, gostos, opiniões, decisões e sugestões de forma coerente.
...
Área de expressão e comunicação
Domínio da linguagem oral e da abordagem à escrita
Expressar desejos, sentimentos, necessidades e pensamentos através da fala
Participar na comunicação dar e receber
Identificar personagens e as suas características em diferentes situações
Valorizar a oralidade e a escrita como meios de relação e comunicação com os outros
Intervir com sentido de oportunidade
Perceber que o que se diz se pode escrever

Produzir frases simples de tipos diversos, bem como, as concordâncias de género, número, tempo, pessoa e lugar.
Ouvir a leitura de histórias
...
Domínio da Matemática
Conhecer e relacionar alguns números e a sua quantidade
Identificar tamanhos (grande/ pequeno)
Estabelecer relações entre elementos de um conjunto
Formar conjuntos
...
Domínio da Expressão Plástica
Manipular diferentes objectos e materiais
Controlar a motricidade fina recorrendo a materiais e objectos específicos
Expressar a criatividade plástica livremente
Explorar as características e potencialidades dos objectos
Desenvolver capacidades de expressão e comunicação artísticas
...
Domínio da Expressão Motora
Desenvolver o poder de concentração
Desenvolver a motricidade fina
Controlar o equilíbrio do corpo
Adquirir coordenação e controlo do próprio corpo
...
Área de Conhecimento do Mundo
Demonstrar curiosidade e desejo de saber
Enriquecer o vocabulário
Ter capacidade de orientação e movimentar-se de forma autónoma nos espaços que lhes são habituais e que frequenta diariamente sabendo utilizar adequadamente as diferentes infra-estruturas na sua disposição
Saber utilizar vários processos simples de conhecimento da realidade envolvente, tais como. Observar, inquirir, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas e avaliar
Identificar diferentes tipos de materiais
Saber identificar, no espaço, diferentes pontos
Identificar o nome dos ingredientes necessários para fazer o bolo
...

<p>Recursos:</p> <p>Receita do Salame</p> <p>Açúcar</p> <p>Margarina</p> <p>Chocolate em pó</p> <p>Ovos</p> <p>Bolacha “Maria”</p> <p>Papel de alumínio</p> <p>Folha de papel A4</p> <p>Lápis de cor</p> <p>Marcador azul</p>	<p>Objectivos: Trabalhar a Educação para os valores, fomentando o respeito pelos colegas. A partilha de materiais e percepções sobre a temática em causa.</p> <p>Desenvolver estratégias que criem hábitos de educação para o consumo. Fazer com que as crianças compreendam que podemos confeccionar os nossos bolos em casa sem gastar muito dinheiro.</p> <p>Trazendo diversos materiais de casa, despertamos o interesse e colaboração dos pais, que usualmente compram este bolo aos filhos na pastelaria ou padaria. Mostrar-lhes que esta será uma tarefa que podem realizar em família.</p> <p>Avaliação: Questões feitas às crianças, assim como, o interesse que estas demonstram ao longo das actividades. Outra forma de avaliação será feita através da observação dos resultados obtidos no decorrer das actividades (participação, espontaneidade, interesse, etc.)</p>
---	--

Actividades	Estratégias
<u>Manhã de 9 de Fevereiro de 2010</u>	
<ul style="list-style-type: none"> • Conversar/partilhar vivências • Hora do Conto 	<p>As crianças sentam-se no tapete em grande grupo. Antes de introduzir o tema do dia, estabeleço um pequeno diálogo com as crianças sobre o que fizeram no dia anterior, isto é, as “novidades” que queiram partilhar com os restantes elementos da sala de actividades.</p> <p>Depois do lanche, iniciarei as actividades contando uma história “<i>O Palhaço Anacleto faz um Bolo Esbelto</i>”.</p> <p>Após o conto da história irei questionar o grupo, sobre a forma como se pode confeccionar um bolo com a ajuda</p>

<p>● Actividade orientada</p>	<p>dos amigos. Aproveito para os relembrar do que dia que se está a aproximar e perguntar o que fizeram as personagens da história para fazerem o bolo de carnaval. No decorrer da conversa vou, relembrar-lhes as regras da sala, a importância de saber respeitar os colegas e partilhar experiências e objectos.</p> <p>Será esta a forma de iniciar a actividade orientada, que se realizara na sala, em pequeno e grande grupo.</p> <p>Em primeiro lugar as crianças deslocar-se-ão até à casa de banho, em pequenos grupos, para lavar as mãos, tendo o cuidado de lhes explicar que esse deverá ser um procedimento a adoptar sempre que se vá manusear alimentos. Posteriormente deslocar-se-ão até as mesas onde desenvolverão a actividade supervisionada pela educadora e auxiliar. A actividade será efectuada em grande grupo.</p> <p>Cada criança terá oportunidade de colocar em cima da mesa os ingredientes trazidos de casa. Depois estes serão explorados pedagogicamente. Falaremos da sua forma, cor, textura e sabor.</p> <p>Depois direi às crianças que iremos utilizar todos os ingredientes que eles trouxeram de casa para fazer o bolo que o G. propôs na sessão anterior e que o grupo acolheu entusiasmamente.</p> <p>Seguidamente iniciar-se-á a confecção do bolo. Esta será efectuada pelas crianças, com auxílio e supervisão dos adultos da sala.</p> <p>No final da actividade vamos efectuar um cartaz decorado pelas crianças, onde será escrita a receita do Salame.</p> <p>Com estas actividades pretendo trabalhar a educação para os valores, fomentando o respeito pelos colegas, a partilha de bens, saberes e opiniões. Os hábitos de higiene, fazendo com que as crianças percebam que é indispensável ter este tipo de procedimento na confecção e ingestão de alimentos.</p> <p>E a educação para o consumo, através da qual pretendo mostrar as crianças e a família destas, que em casa também podemos fazer um bolo com qualidade e criatividade.</p>
-------------------------------	--

Tema: O Carnaval (Sessão 3): Há Baile de Carnaval na nossa escola	
Educadora: Elisabete Silva	Grupo/Sala: 2 e 3 anos
Calendarização: 15 de Fevereiro	
Itens de desenvolvimento ou questões orientadoras: O que podemos fazer no Carnaval? Podemos fazer na escola um baile de Carnaval? Como podemos vir mascarados? Podemos convidar os pais e a comunidade educativa para a nossa festa?	
Contextualização da situação de aprendizagem: Área de Formação Pessoal e Social, domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, domínio da expressão plástica, domínio da matemática e área do conhecimento do mundo.	
Competências a desenvolver (de acordo com o PCG)	
De ordem pessoal e social	
Desenvolver relações pessoais positivas	
Trabalhar em cooperação	
Respeitar o outro e a sua diversidade	
Respeitar regras da instituição da sala e de natureza social democráticas	
Revelar e aumentar o bem-estar e a auto-confiança	
Revelar autonomia	
Revelar aceitação pela diferença	
Desenvolver atitudes e valores	
Assumir responsabilidades	
Manifestar segurança e confiança nas suas capacidades de acção	
Reconhecer e respeitar laços de pertença social e cultural	
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias	
...	
De ordem comunicacional e expressiva	
Comunicar de modo claro e adequado	
Comunicar sentimentos, emoções e necessidades e identificar e respeitar as dos outros	
...	
De ordem intelectual / Cognitiva	
Evidenciar criatividade	

Manifestar/ mostrar curiosidade pelo conhecimento do ambiente que o rodeia	
...	
Competências específicas a desenvolver (de acordo com o tema da planificação e com as diferentes áreas de conteúdo):	
Área de Formação Pessoal e Social	
Usar expressões de cortesia	
Agir com progressiva autonomia	
Desenvolver o jogo social	
Assumir responsabilidades que contribuam para o bem-estar colectivo	
Construir e estabelecer relações sociais eficazes	
...	
Área de expressão e comunicação	
Domínio da linguagem oral e da abordagem à escrita	
Expressar desejos, sentimentos, necessidades e pensamentos através da fala	
Participar na comunicação dar e receber	
Intervir com sentido de oportunidade	
...	
Domínio da Expressão Musical	
Desenvolver o gosto pela música	
...	
Domínio da Expressão Motora	
Expressar criatividade no movimento	
Explorar vários tipos de movimento recorrendo a diversos materiais	
Adquirir coordenação e controlo do próprio corpo	
...	
Área de Conhecimento do Mundo	
Demonstrar curiosidade e desejo de interagir	
Ter capacidade de orientação e movimentar-se de forma autónoma nos espaços que lhes são habituais e que frequenta diariamente sabendo utilizar adequadamente as diferentes infra-estruturas na sua disposição	
Saber utilizar vários processos simples de conhecimento da realidade envolvente, tais como. Observar, inquirir, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas e avaliar	
...	
Recursos: Leitor de CD	Objectivos: Trabalhar a Educação para os valores, fomentando o respeito pelos

<p>Diversos CD's Serpentinas Confetis Cartolina Bastões de cera Roupa velha Adereços reciclados Pintura facial Elásticos Ganchos Escovas de cabelo</p>	<p>colegas. A partilha e reutilização de materiais que podem ser reciclados e percepções sobre a temática em causa.</p> <p>Desenvolver estratégias que criem hábitos de educação para o consumo. Fazer com que as crianças compreendam que podemos criar as suas próprias fantasias carnavalescas sem gastar muito dinheiro.</p> <p>Para desenvolvermos esta tarefa teremos de pedir o auxílio e colaboração dos pais, para angariar roupas e acessórios que estes têm em casa e já não pretendem utilizar. Despertamos assim a curiosidade e entreatajuda na criação das fantasias carnavalescas das crianças e adultos que queiram participar.</p> <p>Avaliação: Questões feitas às crianças, assim como, o interesse que estas e os pais demonstram ao longo da actividade. Outra forma de avaliação será feita através da observação dos resultados obtidos no decorrer da actividade (participação, espontaneidade, interesse, etc.)</p>
--	---

Actividades	Estratégias
<u>Manhã de 15 de Fevereiro de 2010</u>	
<ul style="list-style-type: none"> ● Conversar/partilhar opiniões 	<p>As crianças sentam-se no tapete em grande grupo. Antes de iniciar o convívio (Baile de Carnaval), estabeleço um pequeno diálogo com as crianças sobre o que pensam deste tipo de iniciativa, isto é, trazerem os pais para a escola para interagirem e permanecerem durante algum tempo com toda a comunidade educativa.</p> <p>Depois dirigimo-nos ao pátio exterior onde as crianças desfilaram, interagindo com a comunidade local.</p>

<p>• Baile de Carnaval</p>	<p>Posteriormente vamos dirigir-nos para o salão polivalente da instituição onde irá decorrer do convívio.</p> <p>Será esta a forma de realizar a actividade proposta a toda a comunidade, que se realizara no salão polivalente da instituição, em grande grupo.</p> <p>Cada criança terá oportunidade de mostrar a sua fantasia, pois desfilaram no pátio e entraram no salão ordenadamente antes de dar início ao Baile de Carnaval.</p> <p>Seguidamente dar-se-á início ao Baile, onde a comunidade educativa interagirá, pedirei também a todos os adultos que tragam um adereço ou uma fantasia.</p> <p>No decorrer deste serão tiradas fotografias com as quais, vamos efectuar um placard, para expor na “galeria de Arte” da instituição.</p> <p>Com estas actividades pretendo trabalhar a educação para os valores, fomentando o respeito pelos colegas, a partilha de bens, saberes e opiniões.</p> <p>O convívio entre as crianças e famílias. A interacção entre a comunidade local e a comunidade educativa.</p> <p>Salientando os benefícios da educação para o consumo, através da qual pretendo mostrar as crianças e a família destas, que em casa temos ao dispor recursos suficientes para criar uma fantasia de carnaval, sem ter que gastar dinheiro.</p>
----------------------------	--

Tema: O Carnaval (Sessão 4): Exposição de fotografias	
Educadora: Elisabete Silva	Grupo/Sala: 2 e 3 anos
Calendarização: 23 de Fevereiro	
Itens de desenvolvimento ou questões orientadoras: O que fizemos no Carnaval? De que viemos mascarados? Como reagiu a comunidade educativa a nossa festa de carnaval?	
Contextualização da situação de aprendizagem: Área de Formação Pessoal e Social, domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, domínio da expressão plástica, domínio da matemática e área do conhecimento do mundo.	
Competências a desenvolver (de acordo com o PCG)	
De ordem pessoal e social	
Desenvolver relações pessoais positivas	
Trabalhar em cooperação	
Respeitar o outro e a sua diversidade	
Respeitar regras da instituição da sala e de natureza social democráticas	
Revelar e aumentar o bem-estar e a auto-confiança	
Revelar autonomia	
Revelar aceitação pela diferença	
Desenvolver atitudes e valores	
Assumir responsabilidades	
Manifestar segurança e confiança nas suas capacidades de acção	
Reconhecer e respeitar laços de pertença social e cultural	
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias	
...	
De ordem comunicacional e expressiva	
Comunicar de modo claro e adequado	
Comunicar sentimentos, emoções e necessidades e identificar e respeitar as dos outros	
...	
De ordem intelectual / Cognitiva	
Evidenciar criatividade	

Manifestar/ mostrar curiosidade pelo reconhecimento do ambiente que o rodeia	
...	
Competências específicas a desenvolver (de acordo com o tema da planificação e com as diferentes áreas de conteúdo):	
Área de Formação Pessoal e Social	
Agir com progressiva autonomia	
Desenvolver o jogo social	
Assumir responsabilidades que contribuam para o bem-estar colectivo	
Construir e estabelecer relações sociais eficazes	
...	
Área de expressão e comunicação	
Domínio da linguagem oral e da abordagem à escrita	
Expressar desejos, sentimentos, necessidades e pensamentos através da fala	
Participar na comunicação dar e receber	
Intervir com sentido de oportunidade	
...	
Domínio da Expressão Plástica	
Manipular diferentes objectos e materiais	
Controlar a motricidade fina recorrendo a materiais e objectos específicos	
Expressar a criatividade plástica	
Desenvolver capacidades de expressão e comunicação artísticas	
Experimentar e diferenciar diferentes texturas	
...	
Ter capacidade de orientação e movimentar-se de forma autónoma nos espaços que lhes são habituais e que frequenta diariamente sabendo utilizar adequadamente as diferentes infra-estruturas na sua disposição	
Saber utilizar vários processos simples de conhecimento, tais como: observar, inquirir, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas e dar sugestões pertinentes para desenvolver a actividade.	
...	
Recursos: Fotografias trazidas pelas crianças Fotografias trazidas pela educadora Papel de cenário Bastões de cera	Objectivos: Observar e explorar activamente o ambiente imediato e os elementos que o configuram e com a ajuda dos adultos da sala de actividades, ir elaborando a

<p>Marcadores Lápis de cor Guache líquido Pincéis Cola</p>	<p>percepção desse ambiente, atribuindo-lhe algum significado.</p> <p>Estabelecer algumas relações entre as características do meio em que a instituição esta inserida e as formas de interacção que se estabelecem.</p> <p>Cooperar e intervir nas propostas de actividade colectiva da instituição</p> <p>Avaliação: Questões feitas às crianças, assim como, o interesse e participação que estas e os pais demonstram ao longo das actividades. Outra forma de avaliação será feita através da observação dos resultados obtidos no decorrer da actividade (participação, espontaneidade, interesse, etc.)</p>
--	--

Actividades	Estratégias
<u>Manhã de 23 de Fevereiro de 2010</u>	
<ul style="list-style-type: none"> ● Diálogo em grupo/ Partilha de saberes ● Actividade orientada 	<p>As crianças dirigem-se para a sala de actividades onde se sentaram na zona de agrupamento colectivo. Antes de iniciar a proposta de actividade, estabeleço um pequeno diálogo com as crianças sobre o que pensam do tema que foi abordado durante este mês (O carnaval).</p> <p>Posteriormente verifico se alguma criança trouxe de casa fotografias tiradas no nosso Baile de Carnaval, como tinha sido sugerido a quem quisesse partilha-las com a comunidade educativa.</p> <p>Após recolha e divulgação das fotografias, proponho ao grupo que seja decorada uma faixa em papel cenário, ao gosto de todas as crianças, onde no final serão afixadas as fotografias recolhidas com a finalidade de expor o nosso trabalho na galeria de arte da instituição. Local onde os pais e encarregados de educação passam diariamente e têm a oportunidade de observar e escrever um comentário</p>

	<p>alusivo as actividades expostas.</p> <p>Será esta a forma que proponho para se realizar a actividade, com a colaboração dos familiares das crianças da sala dos 2 anos e o convite à participação da comunidade educativa envolvida no decorrer da mesma.</p> <p>Cada criança terá oportunidade de partilhar e interagir na actividade proposta ao grupo, sendo indispensável a colaboração e opinião de todos os intervenientes no processo educativo da sala.</p> <p>Seguidamente dar-se-á início a decoração da faixa, vários serão os materiais de pintura postos ao dispor de todos as crianças da sala. Cada elemento é livre de escolher o material, cor e local onde quer expressar a sua criatividade, contudo a educadora deve alertar o grupo para a necessidade de partilharem o espaço de forma a permitir a participação de todo o grupo, respeitando assim regras de boa conduta social.</p> <p>No final serão coladas as fotografias recolhidas e seleccionadas por todos e vamos concluir a faixa, para expor na “galeria de Arte” da instituição.</p> <p>Com estas actividades pretendo trabalhar a educação para os valores, o respeito pelos outros e a interacção social e pedagógica entre a escola e a família. Fomentando o respeito a partilha de bens, saberes e opiniões.</p> <p>A interacção entre a escola e a comunidade educativa.</p> <p>Salientando os benefícios da educação para os valores e a partilha, através da qual pretendo mostrar as crianças e a família destas, que podemos participar activamente na construção de saberes e na construção de uma escola inclusiva e democrática onde o trabalho e a partilha são elementos essenciais e primordiais no desenvolvimento dos indivíduos.</p>
--	---

Unidade 2: Os Animais

Tema: Os animais (Sessão 5): Os animais selvagens	
Educadora: Elisabete Silva	Grupo/Sala: 2 anos
Calendarização: 2 de Março de 2010	
Itens de desenvolvimento ou questões orientadoras: Quais são os animais selvagens que conhece-mos? Porque lhes chamam animais selvagens? Qual o habitat desses animais? Como se relacionam os animais selvagens?	
Contextualização da situação de aprendizagem: Área de Formação Pessoal e Social, domínio da linguagem oral, domínio da matemática, domínio da expressão plástica e área do conhecimento do mundo.	
Competências a desenvolver (de acordo com o PCG)	
De ordem pessoal e social	
Desenvolver relações pessoais positivas	
Trabalhar em cooperação	
Respeitar o outro e a sua diversidade	
Respeitar regras de funcionamento da sala e de natureza sócio democráticas	
Revelar e aumentar o bem-estar e a auto-confiança	
Revelar autonomia	
Revelar aceitação pela diferença	
Desenvolver atitudes e valores	
Usar regularmente expressões de cortesia	
Assumir responsabilidades	
Manifestar segurança e confiança nas suas capacidades de acção	
Reconhecer e respeitar laços de pertença social e cultural	
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias	
...	
De ordem comunicacional e expressiva	
Comunicar de modo claro e adequado	
Utilizar diferentes formas de comunicação	

Mostrar sensibilidade estética
Responder em autonomia progressiva a diferentes situações colocadas (motoras, dramáticas, plásticas)
Desenvolver a expressão e comunicação através de linguagens múltiplas
Saber utilizar os diferentes códigos como meios de relação com os outros
Saber usar adequadamente a informação recolhida para torná-la conhecimento mobilizável
Comunicar sentimentos, emoções e necessidades e identificar e respeitar as dos outros
...
De ordem intelectual / Cognitiva
Explorar informação
Resolver problemas
Exercer espírito crítico
Evidenciar criatividade
Explicar estratégias de resposta e propor outras estratégias alternativas
Utilizar adequadamente conceitos específicos, anteriormente adquiridos, em situações contextualizadas
Manifestar pensamento reflexivo
Manifestar/ mostrar curiosidade pelo conhecimento do ambiente
Desenvolver as capacidades de observação e atenção
...
De construção e aquisição de formas de aprender
Praticar métodos de trabalho em grupo e em autonomia individual
Expressar a sua opinião ou ouvir a do grupo
Saber utilizar adequadamente os instrumentos/ recursos disponíveis
Manifestar pensamento reflexivo
Manifestar curiosidade pelo ambiente que o rodeia
Utilizar os sentidos para a exploração de características de objectos e materiais
...
Competências específicas a desenvolver (de acordo com o tema da planificação e com as diferentes áreas de conteúdo):
Área de Formação Pessoal e Social
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias
Agir com progressiva autonomia
Desenvolver o jogo social
Compreender e expressar sentimentos e emoções

Assumir responsabilidades que contribuam para o bem-estar colectivo
Construir e estabelecer relações sociais eficazes
Manifestar desejos, gostos, opiniões, decisões e sugestões de forma coerente.
...
Área de expressão e comunicação
Domínio da linguagem oral e da abordagem à escrita
Expressar desejos, sentimentos, necessidades e pensamentos através da fala
Participar na comunicação dar e receber
Identificar animais selvagens e as suas principais características
Intervir com sentido de oportunidade
Produzir frases simples de tipos diversos, bem como, as concordâncias de género, número, tempo, pessoa e lugar.
Ouvir leitura de histórias
...
Domínio da Matemática
Conhecer e relacionar alguns números e a sua quantidade
Identificar tamanhos (grande/ pequeno)
Estabelecer relações entre elementos de um conjunto
...
Domínio da Expressão Plástica
Manipular diferentes objectos e materiais
Controlar a motricidade fina recorrendo a materiais e objectos específicos
Expressar a criatividade plástica
Desenvolver capacidades de expressão e comunicação artísticas
Experimentar e diferenciar diferentes texturas
...
Domínio da Expressão Motora
Exprimir criatividade no movimento
Desenvolver o poder de concentração
Desenvolver a motricidade fina
Adquirir coordenação e controlo do próprio corpo
...
Área de Conhecimento do Mundo
Demonstrar curiosidade e desejo de saber
Enriquecer o vocabulário

Ter capacidade de orientação e movimentar-se de forma autónoma nos espaços que lhes são habituais e que frequenta diariamente sabendo utilizar adequadamente as diferentes infra-estruturas na sua disposição	
Saber utilizar vários processos simples de conhecimento da realidade envolvente, tais como. Observar, inquirir, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas e avaliar	
Identificar diferentes tipos de materiais	
Saber identificar, no espaço, diferentes pontos	
...	
<p>Recursos:</p> <p>Imagens de animais selvagens</p> <p>Livros com histórias sobre o tema</p> <p>Mesas</p> <p>Cadeiras</p> <p>Cartão</p> <p>Rolos de cartão (rolo do papel higiénico, do papel de cozinha, etc.)</p> <p>Cola</p> <p>Tesoura</p> <p>Tampas</p> <p>Botões</p> <p>Caixas de cartão</p> <p>Pedaços de tecido</p> <p>Lã</p> <p>Pincéis e tinta</p>	<p>Objectivos: Trabalhar a Educação para os valores, fomentando o respeito pelos outros e pelo mundo que os rodeia.</p> <p>Trabalhar situações em que sejam trabalhados valores como a partilha de materiais e conhecimentos.</p> <p>Desenvolver estratégias que criem hábitos de educação ambiental.</p> <p>Fazer com que as crianças compreendam que podemos colaborar com o meio ambiente. Respeitando a natureza em gestos simples do dia-a-dia.</p> <p>Avaliação: Questões feitas às crianças, desde a proposta de actividade até à sua conclusão.</p> <p>Observar o interesse que estas demonstram ao longo da actividade proposta.</p> <p>Ponderar e avaliar sugestões e questões colocadas pelas crianças e tentar trabalha-las em futuras actividades.</p>

Actividades	Estratégias
<u>Manhã de 2 de Março de 2010</u>	
<p>• Conversar/partilhar vivências</p>	<p>As crianças entram na sala de actividades e sentam-se no tapete de actividades em grande grupo. Antes de propor o</p>

	<p>Com estas actividades pretendo trabalhar a educação ambiental e democrática.</p> <p>Através desta escolha pretendo mostrar as crianças e as suas famílias que podemos construir materiais a baixo custo, que sustentem o imaginário da criança e as reportem para o mundo da fantasia onde desencadearam sentimentos de partilha e respeito.</p>
--	---

Tema: Os animais (Sessão 6): Os animais da quinta	
Educadora: Elisabete Silva	Grupo/Sala: 2 anos
Calendarização: 9 de Março	
Itens de desenvolvimento ou questões orientadoras: Quais são os animais da quinta que conhece-mos? Quem tem amigos ou familiares que tenham uma quinta com animais? Quais as semelhanças e diferenças entre os animais da quinta? Qual o tipo de relação afectiva entre esses animais?	
Contextualização da situação de aprendizagem: Área de Formação Pessoal e Social, domínio da linguagem oral, domínio da expressão plástica e área do conhecimento do mundo.	
Competências a desenvolver (de acordo com o PCG)	
De ordem pessoal e social	
Desenvolver relações pessoais positivas	
Trabalhar em cooperação	
Respeitar o outro e a sua diversidade	
Respeitar regras de funcionamento da sala e de natureza sócio democráticas	
Revelar e aumentar o bem-estar e a auto-confiança	
Revelar autonomia	
Revelar aceitação pela diferença	
Desenvolver atitudes e valores	
Usar regularmente expressões de cortesia	
Assumir responsabilidades	
Manifestar segurança e confiança nas suas capacidades de acção	
Reconhecer e respeitar laços de pertença social e cultural	
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias	
...	
De ordem comunicacional e expressiva	
Comunicar de modo claro e adequado	
Utilizar diferentes formas de comunicação	
Mostrar sensibilidade estética	
Responder em autonomia progressiva a diferentes situações colocadas (motoras,	

dramáticas, plásticas)
Desenvolver a expressão e comunicação através de linguagens múltiplas
Saber utilizar os diferentes códigos como meios de relação com os outros
Saber usar adequadamente a informação recolhida para torná-la conhecimento mobilizável
Comunicar sentimentos, emoções e necessidades e identificar e respeitar as dos outros
...
De ordem intelectual / Cognitiva
Explorar informação
Resolver problemas
Exercer espírito crítico
Evidenciar criatividade
Explicar estratégias de resposta e propor outras estratégias alternativas
Utilizar adequadamente conceitos específicos, anteriormente adquiridos, em situações contextualizadas
Manifestar pensamento reflexivo
Manifestar/ mostrar curiosidade pelo conhecimento do ambiente que o rodeia
Desenvolver as capacidades de observação e atenção
...
De construção e aquisição de formas de aprender
Praticar métodos de trabalho em grupo e em autonomia individual
Expressar a sua opinião ou saber ouvir a do grupo
Saber utilizar adequadamente os instrumentos/ recursos disponíveis
Manifestar pensamento reflexivo
Manifestar curiosidade pelo ambiente que o rodeia
Utilizar os sentidos para a exploração de características de objectos e materiais
...
Competências específicas a desenvolver (de acordo com o tema da planificação e com as diferentes áreas de conteúdo):
Área de Formação Pessoal e Social
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias
Agir com progressiva autonomia
Desenvolver o jogo social
Compreender e expressar sentimentos e emoções
Assumir responsabilidades que contribuam para o bem-estar colectivo

Construir e estabelecer relações sociais eficazes
Manifestar desejos, gostos, opiniões, decisões e sugestões de forma coerente.
...
Área de expressão e comunicação
Domínio da linguagem oral e da abordagem à escrita
Expressar desejos, sentimentos, necessidades e pensamentos através da fala
Participar na comunicação dar e receber
Identificar animais e as suas características
Reconhecer o seu nome próprio e identificar o de outros
Intervir com sentido de oportunidade
Perceber que o que se diz se pode escrever
Produzir frases simples de tipos diversos, bem como, as concordâncias de género, número, tempo, pessoa e lugar.
Ouvir leitura de histórias
...
Domínio da Matemática
Conhecer e relacionar alguns números e a sua quantidade
Identificar tamanhos (grande/ pequeno)
Estabelecer relações entre elementos de um conjunto
...
Domínio da Expressão Plástica
Manipular diferentes objectos e materiais
Controlar a motricidade fina recorrendo a materiais e objectos específicos
Expressar a criatividade plástica
Desenvolver capacidades de expressão e comunicação artísticas
Experimentar e diferenciar diferentes texturas
...
Domínio da Expressão Musical
Desenvolver o gosto pela música
Participar e cooperar efectivamente em actividades musicais
Desenvolver o poder de concentração
Movimentar-se ao som da música e de batimentos musicais
...
Domínio da Expressão Motora
Exprimir criatividade no movimento

Desenvolver o poder de concentração	
Desenvolver a motricidade fina	
Adquirir coordenação e controlo do próprio corpo	
...	
Área de Conhecimento do Mundo	
Demonstrar curiosidade e desejo de saber	
Enriquecer o vocabulário	
Ter capacidade de orientação e movimentar-se de forma autónoma nos espaços que lhes são habituais e que frequenta diariamente sabendo utilizar adequadamente as diferentes infra-estruturas na sua disposição	
Saber utilizar vários processos simples de conhecimento da realidade envolvente, tais como. Observar, inquirir, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas e avaliar	
Interessar-se pelas ciências e domínios do conhecimento humano	
Identificar diferentes tipos de materiais	
Saber identificar, no espaço, diferentes pontos	
...	
<p>Recursos:</p> <p>Fotografias de animais da quinta-feira</p> <p>Imagens de animais da quinta</p> <p>Pincéis</p> <p>Tintas</p> <p>Livros</p> <p>Mesas</p> <p>Cadeiras</p> <p>Cartolinas</p> <p>Papéis coloridos</p> <p>Cola</p> <p>Tesoura</p> <p>Molde de diversos animais da quinta-feira</p> <p>Espátulas de madeira</p> <p>Papel crepe</p> <p>Tampas</p> <p>Botões</p> <p>Caixas de cartão</p> <p>Pedaços de tecido</p> <p>Lã</p>	<p>Objectivos: Iniciar-se no conhecimento do ciclo da vida de alguns animais da quinta. Respeitar e cuidar dos animais e das suas crias (Educação Ambiental).</p> <p>Avaliação: Questões feitas às crianças, assim como, o interesse que estas demonstram ao longo da actividade proposta. Outra forma de avaliação será feita através da observação dos resultados obtidos no decorrer das actividades.</p>

	<p>portfólio para futuros utentes. Muitas vezes recorro a este tipo de iniciativa e material, que a meu ver enriquece e completa a minha prática pedagógica, a minha forma de estar perante a escola, o grupo e a comunidade local e educativa.</p> <p>Posteriormente surgirei às crianças que efectue-mos um placard sobre os animais da quinta, o seu habitat e principais características, para expor na sala de actividades.</p> <p>Após a proposta as crianças deslocar-se-ão até as mesas, onde desenvolverão a actividade supervisionada pela educadora e auxiliar da sala. A actividade será efectuada em pequenos grupos, de quatro elementos e consistirá em guarnecer dois animais, por grupo. Tendo sempre em conta a criatividade de cada criança e a interacção estabelecida entre os elementos intervenientes nesta actividade.</p> <p>As restantes crianças serão distribuídos pelas diversas áreas de conteúdo da sala, onde trabalharam o lúdico e a socialização até chegar a sua vez de desenvolver a actividade proposta.</p> <p>Com estas actividades pretendo trabalhar a educação democrática, fomentando o respeito e partilha entre a comunidade educativa.</p> <p>E a educação ambiental, através da qual pretendo mostrar as crianças que devemos respeitar e cuidar do ambiente e dos animais.</p>
--	---

Tema: Os animais (Sessão 7): Vamos ouvir uma história, contada pelos amigos do 1.º ciclo da escola do Bairro	
Educadora: Elisabete Silva	Grupo/Sala: 2 anos
Calendarização: 16 de Março de 2010	
Itens de desenvolvimento ou questões orientadoras: Conseguimos reconhecer todos os animais que estão presentes na história? Podemos participar em actividades com os colegas do 1.º ano da escola do 1.º Ciclo do ensino básico?	
Contextualização da situação de aprendizagem: Área de Formação Pessoal e Social, domínio da linguagem oral, domínio da expressão plástica e área do conhecimento do mundo.	
Competências a desenvolver (de acordo com o PCG)	
De ordem pessoal e social	
Desenvolver relações pessoais positivas	
Trabalhar em cooperação	
Respeitar o outro e a sua diversidade	
Respeitar regras de funcionamento da sala e de natureza sócio democráticas	
Revelar e aumentar o bem-estar e a auto-confiança	
Revelar autonomia	
Revelar aceitação pela diferença	
Desenvolver atitudes e valores	
Usar regularmente expressões de cortesia	
Assumir responsabilidades	
Manifestar segurança e confiança nas suas capacidades de acção	
Reconhecer e respeitar laços de pertença social e cultural	
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias	
...	
De ordem comunicacional e expressiva	
Comunicar de modo claro e adequado	
Utilizar diferentes formas de comunicação	
Desenvolver a expressão e comunicação através de linguagens múltiplas	
Saber utilizar os diferentes códigos como meios de relação com os outros	

Saber usar adequadamente a informação recolhida para torná-la conhecimento mobilizável
Comunicar sentimentos, emoções e necessidades e identificar e respeitar as dos outros
...
De ordem intelectual / Cognitiva
Explorar informação
Exercer espírito crítico
Explicar estratégias de resposta e propor outras estratégias alternativas
Utilizar adequadamente conceitos específicos, anteriormente adquiridos, em situações contextualizadas
Manifestar pensamento reflexivo
Desenvolver as capacidades de observação e atenção
...
De construção e aquisição de formas de aprender
Praticar métodos de trabalho em grupo e em autonomia individual
Expressar a sua opinião ou a do grupo
Manifestar pensamento reflexivo
Manifestar curiosidade pelo ambiente que o rodeia
Utilizar os sentidos para a exploração de características de objectos e materiais
...
Competências específicas a desenvolver (de acordo com o tema da planificação e com as diferentes áreas de conteúdo):
Área de Formação Pessoal e Social
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias
Agir com progressiva autonomia
Desenvolver o jogo social
Compreender e expressar sentimentos e emoções
Assumir responsabilidades que contribuam para o bem-estar colectivo
Construir e estabelecer relações sociais eficazes
Manifestar desejos, gostos, opiniões, decisões e sugestões de forma coerente.
...
Área de expressão e comunicação
Domínio da linguagem oral e da abordagem à escrita
Expressar desejos, sentimentos, necessidades e pensamentos através da fala
Participar na comunicação dar e receber
Identificar animais e as suas características

Intervir com sentido de oportunidade	
Ouvir leitura de histórias	
...	
Domínio da Expressão Plástica	
Expressar a criatividade plástica	
Desenvolver capacidades de expressão e comunicação artísticas	
...	
Domínio da Expressão Motora	
Desenvolver o poder de concentração	
...	
Domínio da Expressão Dramática	
Observar, escutar e apreciar o desempenho dos outros	
...	
Área de Conhecimento do Mundo	
Demonstrar curiosidade e desejo de saber	
Enriquecer o vocabulário	
Saber utilizar vários processos simples de conhecimento da realidade envolvente, tais como. Observar, inquirir, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas e avaliar	
Identificar diferentes tipos de materiais	
Saber identificar, no espaço, diferentes pontos	
...	
Recursos: Imagens de animais decorados pelas crianças da sala Livros com histórias sobre o tema Colchão Mesas Cadeiras Tapete de actividades (agrupamento colectivo)	Objectivos: Trabalhar a Educação para os valores, fomentando o respeito pelos outros e pelo mundo que os rodeia. Trabalhar situações em que sejam trabalhados valores como a partilha de materiais, conhecimentos e aquisições. Desenvolver estratégias que criem hábitos de socialização. Fazer com que as crianças compreendam que podemos colaborar e interagir com todos os intervenientes da comunidade. Avaliação: Questões feitas às crianças,

	<p>comunitário.</p> <p>A história escolhida, será contada e dramatizada pelas crianças do 1.º Ciclo. A Professora irá colocando questões as crianças mais pequenas para que em conjunto possa-mos interagir.</p> <p>Com estas actividades pretendo trabalhar a educação para os valores e a educação democrática.</p> <p>Através desta escolha pretende-mos (eu e a Professora do 1.º Ciclo) mostrar as crianças e as suas famílias que podemos e devemos partilhar experiências e recursos entre os vários níveis etários. Que a entreaajuda entre os vários intervenientes neste processo terá benefícios a curto e longo prazo, pois a interacção estabelecida entre estes elementos que se encontram em estabelecimentos de ensino diferentes e de níveis etários distintos pode desenvolver sentimentos de pertença favoráveis à socialização e intervenção na comunidade local.</p>
--	---

Tema: Os animais (Sessão 8): Animais de capoeira	
Educadora: Elisabete Silva	Grupo/Sala: 2 anos
Calendarização: 23 de Março	
Itens de desenvolvimento ou questões orientadoras: Como vivem os animais de capoeira? Como nascem os pintainhos?	
Contextualização da situação de aprendizagem: Área de Formação Pessoal e Social, domínio da linguagem oral, domínio da expressão plástica e área do conhecimento do mundo.	
Competências a desenvolver (de acordo com o PCG)	
De ordem pessoal e social	
Desenvolver relações pessoais positivas	
Trabalhar em cooperação	
Respeitar o outro e a sua diversidade	
Respeitar regras de funcionamento da sala e de natureza social democráticas	
Revelar e aumentar o bem-estar e a auto-confiança	
Revelar autonomia	
Revelar aceitação pela diferença	
Desenvolver atitudes e valores	
Assumir responsabilidades	
Manifestar segurança e confiança nas suas capacidades de acção	
Reconhecer e respeitar laços de pertença social e cultural	
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias	
...	
De ordem comunicacional e expressiva	
Comunicar de modo claro e adequado	
Saber usar adequadamente a informação recolhida para torná-la conhecimento mobilizável	
Comunicar sentimentos, emoções e necessidades e identificar e respeitar as dos outros	
...	
De ordem intelectual / Cognitiva	
Explorar informação	
Resolver problemas	

Exercer espírito crítico
Evidenciar criatividade
Explicar estratégias de resposta e propor outras estratégias alternativas
Manifestar pensamento reflexivo
Desenvolver as capacidades de observação e atenção
...
De construção e aquisição de formas de aprender
Praticar métodos de trabalho em grupo
Expressar a sua opinião e conseguir ouvir a dos colegas
Propor alternativas e dar sugestões
Manifestar pensamento reflexivo
...
Competências específicas a desenvolver (de acordo com o tema da planificação e com as diferentes áreas de conteúdo):
Área de Formação Pessoal e Social
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias
Agir com progressiva autonomia
Desenvolver o jogo social
Compreender e expressar sentimentos e emoções
Assumir responsabilidades que contribuam para o bem-estar colectivo
Construir e estabelecer relações sociais eficazes
Manifestar desejos, gostos, opiniões, decisões e sugestões de forma coerente.
...
Área de expressão e comunicação
Domínio da linguagem oral e da abordagem à escrita
Expressar desejos, sentimentos, necessidades e pensamentos através da fala
Participar na comunicação dar e receber
Identificar os animais de capoeira e as suas características
Intervir com sentido de oportunidade
...
Domínio da Matemática
Identificar tamanhos (grande/ pequeno)
...
Domínio da Expressão Plástica
Expressar a criatividade plástica livremente

Desenvolver capacidades de expressão e comunicação artísticas	
...	
Domínio da Expressão Motora	
Desenvolver o poder de concentração	
Desenvolver a motricidade fina	
Adquirir coordenação e controlo do próprio corpo	
...	
Área de Conhecimento do Mundo	
Demonstrar curiosidade e desejo de saber	
Enriquecer o vocabulário	
Ter capacidade de orientação e movimentar-se de forma autónoma nos espaços que lhes são habituais e que frequenta diariamente sabendo utilizar adequadamente as diferentes infra-estruturas na sua disposição	
Saber utilizar vários processos simples de conhecimento da realidade envolvente, tais como. Observar, inquirir, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas e avaliar	
Identificar diferentes tipos de materiais	
...	
Recursos: Computador Pen Data Show Tela de Projecção Folhas de papel A4 Lápis de cor Marcadores Grossos Bastões de Cera Mesas Cadeiras	Objectivos: Compreender as mensagens orais que se lhes dirigem nos vários contextos de propostas de actividades, relacionando percepções com novas aquisições. Aprenderem progressivamente a regular o seu comportamento perante as várias situações que vão ocorrendo, durante as aquisições e percepções das temáticas trabalhadas. Conhecer as normas e os modos de comportamento social para estabelecer vínculos de inter-relação com o grupo. Descobrir diferentes formas de comunicação, utilizando as tecnologias da informação e comunicação para trabalhar a temática proposta.

Unidade 3: A Páscoa

Tema: A Páscoa (Sessão 9): Visita de Estudo à Padaria do Bairro	
Educadora: Elisabete Silva	Grupo/Sala: 2 anos
Calendarização: 30 de Março	
Itens de desenvolvimento ou questões orientadoras: Como são os Foliares de Páscoa? Onde se situa a padaria do Bairro?	
Contextualização da situação de aprendizagem: Área de Formação Pessoal e Social, domínio da linguagem oral e área do conhecimento do mundo.	
Competências a desenvolver (de acordo com o PCG)	
De ordem pessoal e social	
Desenvolver relações pessoais positivas	
Trabalhar em cooperação	
Respeitar o outro e a sua diversidade	
Respeitar regras de funcionamento da sala e de natureza social democráticas	
Revelar e aumentar o bem-estar e a auto-confiança	
Revelar autonomia	
Revelar aceitação pela diferença	
Desenvolver atitudes e valores	
Assumir responsabilidades	
Manifestar segurança e confiança nas suas capacidades de acção	
Reconhecer e respeitar laços de pertença social e cultural	
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias	
...	
De ordem comunicacional e expressiva	
Comunicar de modo claro e adequado	
Saber usar adequadamente a informação recolhida para torná-la conhecimento mobilizável	
Comunicar sentimentos, emoções e necessidades ao mesmo tempo que consegue identificar e respeitar as dos outros	
...	
De ordem intelectual / Cognitiva	

Explorar informação
Exercer espírito crítico
Evidenciar criatividade
Explicar estratégias de resposta e propor outras estratégias alternativas
Manifestar pensamento reflexivo
Desenvolver as capacidades de observação e atenção
...
De construção e aquisição de formas de aprender
Expressar a sua opinião e conseguir ouvir a dos outros
Manifestar pensamento reflexivo
...
Competências específicas a desenvolver (de acordo com o tema da planificação e com as diferentes áreas de conteúdo):
Área de Formação Pessoal e Social
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias
Agir com progressiva autonomia
Desenvolver o jogo social
Compreender e expressar sentimentos e emoções
Assumir responsabilidades que contribuam para o bem-estar colectivo
Construir e estabelecer relações sociais eficazes
Manifestar desejos, gostos, opiniões, decisões e sugestões de forma coerente.
...
Área de expressão e comunicação
Domínio da linguagem oral e da abordagem à escrita
Expressar desejos, sentimentos, necessidades e pensamentos através da fala
Participar na comunicação dar e receber
Identificar os Folares e Bolos Fintos de Páscoa e saber quais as suas características
Intervir com sentido de oportunidade
...
Domínio da Matemática
Identificar tamanhos (grande/ pequeno)
...
Domínio da Expressão Motora
Adquirir coordenação, postura adequada e controlo do próprio corpo
...

Área de Conhecimento do Mundo	
Demonstrar curiosidade e desejo de saber	
Enriquecer o vocabulário	
Ter capacidade de orientação e movimentar-se de forma adequada nas visitas de estudo	
Saber utilizar vários processos simples de conhecimento da realidade envolvente, tais como. Observar, inquirir, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas e avaliar	
...	
<p>Recursos:</p> <p>Papel manteiga</p> <p>Sacos de plástico pequenos</p> <p>Bolos fintos</p> <p>Padaria</p>	<p>Objectivos: Compreender as mensagens orais que se lhes dirigem nos vários contextos de propostas de actividades, relacionando percepções com novas aquisições de saberes tradicionais.</p> <p>Aprenderem progressivamente a regular o seu comportamento perante as várias situações que vão ocorrendo, durante as aquisições e percepções das temáticas trabalhadas em contexto de visita de estudo.</p> <p>Conhecer as normas e os modos de comportamento social para estabelecer vínculos de inter-relação com a comunidade envolvente.</p> <p>Avaliação: Questões feitas às crianças, assim como, o interesse e interacção estabelecida entre estas e os vários intervenientes no processo educativo. Outra forma de avaliação será feita através da observação dos resultados obtidos no decorrer da actividade.</p>

Tema: A Páscoa (Sessão 10): Histórias contadas nas férias da Páscoa	
Educadora: Elisabete Silva	Grupo/Sala: 2 anos
Calendarização: 7 de Abril de 2010	
Itens de desenvolvimento ou questões orientadoras: Como reagimos se os pais estiverem presentes na sala de actividades? Conseguimos identificar e caracterizar todos os personagens que estão presentes na história? Sabemos aplicar e contextualizar os conceitos e matérias que adquirimos ao longo do ano lectivo?	
Contextualização da situação de aprendizagem: Área de Formação Pessoal e Social, domínio da linguagem oral e área do conhecimento do mundo.	
Competências a desenvolver (de acordo com o PCG)	
De ordem pessoal e social	
Desenvolver relações pessoais positivas	
Trabalhar em cooperação	
Respeitar o outro e a sua diversidade	
Respeitar regras de funcionamento da sala e de natureza sócio democráticas	
Revelar e aumentar o bem-estar e a auto-confiança	
Revelar autonomia	
Revelar aceitação pela diferença	
Desenvolver atitudes e valores	
Usar regularmente expressões de cortesia	
Assumir responsabilidades	
Manifestar segurança e confiança nas suas capacidades de acção	
Reconhecer e respeitar laços de pertença social e cultural	
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias	
...	
De ordem comunicacional e expressiva	
Comunicar de modo claro e adequado	
Utilizar diferentes formas de comunicação	
Desenvolver a expressão e comunicação através de linguagens múltiplas	
Saber utilizar os diferentes códigos como meios de relação com os outros	
Saber usar adequadamente a informação recolhida para torná-la conhecimento mobilizável	
Comunicar sentimentos, emoções e necessidades e identificar e respeitar as dos outros	

...
De ordem intelectual / Cognitiva
Explorar informação
Exercer espírito crítico
Explicar estratégias de resposta e propor outras estratégias alternativas
Utilizar adequadamente conceitos específicos, anteriormente adquiridos, em situações contextualizadas
Manifestar pensamento reflexivo
Desenvolver as capacidades de observação e atenção
...
De construção e aquisição de formas de aprender
Praticar métodos de trabalho em grupo e em autonomia individual
Expressar a sua opinião ou a do grupo
Manifestar pensamento reflexivo
Manifestar curiosidade pelo ambiente que o rodeia
Utilizar os sentidos para a exploração de características de objectos e materiais
...
Competências específicas a desenvolver (de acordo com o tema da planificação e com as diferentes áreas de conteúdo):
Área de Formação Pessoal e Social
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias
Agir com progressiva autonomia
Desenvolver o jogo social
Compreender e expressar sentimentos e emoções
Assumir responsabilidades que contribuam para o bem-estar colectivo
Construir e estabelecer relações sociais eficazes
Manifestar desejos, gostos, opiniões, decisões e sugestões de forma coerente.
...
Área de expressão e comunicação
Domínio da linguagem oral e da abordagem à escrita
Expressar desejos, sentimentos, necessidades e pensamentos através da fala
Participar na comunicação dar e receber
Identificar animais e as suas características
Intervir com sentido de oportunidade
Ouvir leitura de histórias

...	
Domínio da Expressão Plástica	
Expressar a criatividade plástica	
Desenvolver capacidades de expressão e comunicação artísticas	
...	
Domínio da Expressão Motora	
Desenvolver o poder de concentração	
...	
Domínio da Expressão Dramática	
Observar, escutar e apreciar o desempenho dos outros	
...	
Área de Conhecimento do Mundo	
Demonstrar curiosidade e desejo de saber	
Enriquecer o vocabulário	
Saber utilizar vários processos simples de conhecimento da realidade envolvente, tais como. Observar, inquirir, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas e avaliar	
Identificar diferentes tipos de materiais	
Saber identificar, no espaço, diferentes pontos	
...	
<p>Recursos:</p> <p>Tapete de actividades (agrupamento colectivo)</p> <p>Casinha de Fantoches</p> <p>Fantoches</p> <p>História</p>	<p>Objectivos: Trabalhar a Educação para os valores, fomentando o respeito pelos outros, salientando a importância da cooperação e amizade.</p> <p>Trabalhar situações em que sejam valorizadas acções de partilha de saberes, de cooperação entre pares, respeito pelos outros e entreajuda.</p> <p>Desenvolver estratégias que criem hábitos de socialização.</p> <p>Fazer com que as crianças compreendam que podemos colaborar e interagir com todos os intervenientes da comunidade.</p> <p>Avaliação: Questões feitas às crianças,</p>

	<p>A história escolhida, será contada e dinamizada recorrendo ao auxílio e colaboração das crianças envolvidas neste projecto. A Educadora irá colocando questões as crianças para e certificar da envolvimento e pertinência da actividade em causa.</p> <p>Com estas actividades pretendo trabalhar a educação para os valores e a educação democrática.</p> <p>Através deste convívio pretendo mostrar as crianças e as suas famílias destas que podemos e devemos partilhar experiências e recursos entre os vários elementos envolvidos no processo educativo.</p> <p>A entreaajuda entre os vários intervenientes neste processo terá benefícios a curto e longo prazo, pois a interacção estabelecida entre estes elementos que se encontram directamente envolvidos no desenvolvimento global e harmonioso destas crianças, pode desenvolver sentimentos de pertença favoráveis à socialização e intervenção na comunidade local.</p>
--	---

Unidade 4: A Primavera

Tema: A Primavera (Sessão 11): As sementes	
Educadora: Elisabete Silva	Grupo/Sala: 2 anos
Calendarização: 13 de Abril de 2010	
Itens de desenvolvimento ou questões orientadoras: O que são sementes? Como são as sementes?	
Contextualização da situação de aprendizagem: Área do conhecimento do Mundo, Área das Expressões, Área da Comunicação, Área da Formação Pessoal e Social.	
Competências a desenvolver (de acordo com o PCG)	
De ordem pessoal e social	
Desenvolver relações pessoais positivas	
Trabalhar em cooperação	
Respeitar o outro e a sua diversidade	
Respeitar regras de funcionamento da sala e de natureza social democráticas	
Revelar e aumentar o bem-estar e a auto-confiança	
Revelar autonomia	
Revelar aceitação pela diferença	
Desenvolver atitudes e valores	
Assumir responsabilidades	
Manifestar segurança e confiança nas suas capacidades de acção	
Reconhecer e respeitar laços de pertença social e cultural	
...	
De ordem comunicacional e expressiva	
Comunicar de modo claro e adequado	
Saber usar adequadamente a informação recolhida para torná-la conhecimento mobilizável	
Comunicar sentimentos, emoções e necessidades ao mesmo tempo que consegue identificar e respeitar as dos outros	
...	
De ordem intelectual / Cognitiva	

Explorar informação
Exercer espírito crítico
Evidenciar criatividade
Explicar estratégias de resposta e propor outras estratégias alternativas
Manifestar pensamento reflexivo
Desenvolver as capacidades de observação e atenção
...
De construção e aquisição de formas de aprender
Expressar a sua opinião e conseguir ouvir a dos outros
Manifestar pensamento reflexivo
...
Competências específicas a desenvolver (de acordo com o tema da planificação e com as diferentes áreas de conteúdo):
Área de Formação Pessoal e Social
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias
Agir com progressiva autonomia
Desenvolver o jogo social
Compreender e expressar sentimentos e emoções
Assumir responsabilidades que contribuam para o bem-estar colectivo
Construir e estabelecer relações sociais eficazes
Manifestar desejos, gostos, opiniões, decisões e sugestões de forma coerente.
...
Área de expressão e comunicação
Domínio da linguagem oral e da abordagem à escrita
Expressar desejos, sentimentos, necessidades e pensamentos através da fala
Participar na comunicação dar e receber
Identificar algumas características próprias desta estação do ano (Primavera)
Intervir com sentido de oportunidade e contextualizada
...
Domínio da Matemática
Identificar tamanhos, texturas, espessuras e cores
...
Domínio da Expressão Motora
Adquirir coordenação, postura adequada, controlo e movimento do próprio corpo
...

Área de Conhecimento do Mundo	
Demonstrar curiosidade e desejoso de saber	
Enriquecer o vocabulário	
Saber utilizar vários processos simples de conhecimento da realidade envolvente, tais como. Observar, inquirir, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas e confirmar	
...	
<p>Recursos:</p> <p>Cartolina;</p> <p>Sementes;</p> <p>Canetas de feltro;</p> <p>Cola;</p> <p>Sacos de plástico;</p> <p>Tesoura;</p> <p>Pratos de plástico.</p>	<p>Objectivos:</p> <p>Compreender discursos padrão de acordo com contextos e situações. Saber ouvir; reter ideias principais do discurso feito; contactar com o código de escrita; alargar e enriquecer vocabulário; exercer as suas competências comunicativas para interpelar, reflectir e opinar.</p> <p>Expressar-se oralmente na língua padrão, falar de forma clara e audível; intervir com sentido de oportunidade; expressar e debater opiniões; relembrar partes da história e descrever episódios vividos.</p> <p>Movimentar-se livremente e de forma adequada; explorar a motricidade fina nas propostas de actividade a explorar.</p> <p>Respeitar regras; relacionar-se com todos independentemente das diferenças; respeitar os colegas; interagir com adultos; tomar consciência de si e do outro; adquirir autonomia em diferentes situações.</p> <p>Identificar elementos relacionados com a Primavera. Assimilar e utilizar recursos comunitários de utilização quotidiana; participar em actividades lúdicas de investigação e descoberta</p> <p>Avaliação: Questões feitas às crianças, assim como, o interesse e interacção</p>

Tema: A Primavera (Sessão 12): Germinação	
Educadora: Elisabete Silva	Grupo/Sala: 2 anos
Calendarização: 20 de Abril de 2010	
Itens de desenvolvimento ou questões orientadoras: O que acontece na Primavera? Como se transformam as sementes? O que é necessário para as sementes crescerem e se transformem em plantas?	
Contextualização da situação de aprendizagem: Área do conhecimento do Mundo, Área das Expressões, Área da Comunicação, Área da Formação Pessoal e Social.	
Competências a desenvolver (de acordo com o PCG)	
De ordem pessoal e social	
Desenvolver relações pessoais positivas	
Trabalhar em cooperação	
Respeitar o outro e a sua diversidade	
Respeitar regras de funcionamento da sala e de natureza social democráticas	
Revelar e aumentar o bem-estar e a auto-confiança	
Revelar autonomia	
Revelar aceitação pela diferença	
Desenvolver atitudes e valores	
Assumir responsabilidades	
Manifestar segurança e confiança nas suas capacidades de acção	
Reconhecer e respeitar laços de pertença social e cultural	
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias	
...	
De ordem comunicacional e expressiva	
Comunicar de modo claro e adequado	
Saber usar adequadamente a informação recolhida para torná-la conhecimento mobilizável	
Comunicar sentimentos, emoções e necessidades ao mesmo tempo que consegue identificar e respeitar as dos outros	
...	

De ordem intelectual / Cognitiva
Explorar informação
Exercer espírito crítico
Evidenciar criatividade
Explicar estratégias de resposta e propor outras estratégias alternativas
Manifestar pensamento reflexivo
Desenvolver as capacidades de observação e atenção
...
De construção e aquisição de formas de aprender
Expressar a sua opinião e conseguir ouvir a dos outros
Manifestar pensamento reflexivo
...
Competências específicas a desenvolver (de acordo com o tema da planificação e com as diferentes áreas de conteúdo):
Área de Formação Pessoal e Social
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias
Agir com progressiva autonomia
Desenvolver o jogo social
Compreender e expressar sentimentos e emoções
Assumir responsabilidades que contribuam para o bem-estar colectivo
Construir e estabelecer relações sociais eficazes
Manifestar desejos, gostos, opiniões, decisões e sugestões de forma coerente.
...
Área de expressão e comunicação
Domínio da linguagem oral e da abordagem à escrita
Expressar desejos, sentimentos, necessidades e pensamentos através da fala
Participar na comunicação dar e receber
Identificar algumas características próprias desta estação do ano (Primavera)
Intervir com sentido de oportunidade e contextualizada
...
Domínio da Matemática
Identificar tamanhos, espessuras e cores
...
Domínio da Expressão Motora
Adquirir coordenação, postura adequada, controlo e movimento do próprio corpo

...	
Área de Conhecimento do Mundo	
Demonstrar curiosidade e desejo de saber	
Enriquecer o vocabulário	
Saber utilizar vários processos simples de conhecimento da realidade envolvente, tais como. Observar, inquirir, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas e avaliar	
...	
<p>Recursos:</p> <p>Esponjas de banho;</p> <p>Sementes;</p> <p>Algodão;</p> <p>Água;</p> <p>Olhos de plástico;</p> <p>Papel esponja;</p> <p>Cola;</p> <p>Tesoura;</p> <p>Pratos de plástico;</p> <p>Cartolina</p>	<p>Objectivos:</p> <p>Compreender discursos padrão de acordo com contextos e situações. Saber ouvir; reter ideias principais do discurso feito; contactar com o código de escrita; alargar e enriquecer vocabulário; exercer as suas competências comunicativas para interpelar, reflectir e opinar.</p> <p>Expressar-se oralmente na língua padrão, falar de forma clara e audível; intervir com sentido de oportunidade; expressar e debater opiniões; relembrar partes da história e descrever episódios vividos.</p> <p>Movimentar-se livremente e de forma adequada; explorar a motricidade fina nas propostas de actividade a explorar.</p> <p>Respeitar regras; relacionar-se com todos independentemente das diferenças; respeitar os colegas; interagir com adultos; tomar consciência de si e do outro; adquirir autonomia em diferentes situações.</p> <p>Identificar elementos relacionados com a Primavera. Assimilar e utilizar recursos comunitários de utilização quotidiana; participar em actividades lúdicas de investigação e descoberta</p> <p>Avaliação: Questões feitas às crianças, assim como, o interesse e interacção</p>

	estabelecida entre estas e os vários intervenientes no processo educativo. Outra forma de avaliação será feita através da observação dos resultados obtidos no decorrer da actividade.
--	--

Actividades	Estratégias
<u>Manhã de 20 de Abril de 2010</u>	
<ul style="list-style-type: none"> ● Conversar/partilhar vivências ● Hora do Conto ● Actividade orientada 	<p>As crianças sentam-se no tapete em grande grupo. Antes de dar continuidade ao tema “A Primavera”, estabeleço então um pequeno diálogo com elas onde poderemos relembrar o que fizemos nas actividades que desenvolvemos no dia anterior e contar “novidades que pensem ser importantes e pertinentes partilhar com o grupo”.</p> <p>Depois contarei uma história sobre a Primavera, onde está patente o processo de germinação.</p> <p>Seguidamente orienta-se as crianças para as áreas de interesse para que se possam dividir em pequenos grupos (de quatro elementos). Um destes grupos dirigir-se-á para a mesa onde irá decorrer a actividade proposta para esta sessão. Local onde vão iniciar a actividade com a construção do seu boneco de esponja, a fim de lá se colocarem sementes de vários tipos para que ocorra a germinação e as crianças possam ter a possibilidade de acompanhar todo esse processo em contexto de sala de actividades.</p> <p>Depois deste período em que decorrerá a actividade proposta, o grupo reunir-se-á novamente, na área do acolhimento, com a finalidade de estabelecer um diálogo entre todos os elementos. Serão partilhados saberes e aquisições, com a finalidade de avaliar, partilhar e adquirir novos conhecimentos sobre a temática aborda. Experiências partilhadas e capazes que enriquecem o grupo. Posteriormente convido o grupo a cantar uma canção alusiva ao tema.</p>

Unidade 5: O Dia da Mãe

Tema: O Dia da Mãe (Sessão 13): Painei	
Educadora: Elisabete Silva	Grupo/Sala: 2 anos
Calendarização: 27 de Abril de 2010	
Itens de desenvolvimento ou questões orientadoras: O que é o dia da mãe? Como podemos comemorar o dia da mãe? Porque oferecemos prenda à mãe? Como fazer a prenda para a mãe?	
Contextualização da situação de aprendizagem: Área do conhecimento do Mundo, Área das Expressões, Área da Comunicação, Área da Formação Pessoal e Social.	
Competências a desenvolver (de acordo com o PCG)	
De ordem pessoal e social	
Desenvolver relações pessoais positivas	
Trabalhar em cooperação	
Respeitar o outro e a sua diversidade	
Respeitar regras de funcionamento da sala e de natureza social democráticas	
Revelar e aumentar o bem-estar e a auto-confiança	
Revelar autonomia	
Revelar aceitação pela diferença	
Desenvolver atitudes e valores	
Assumir responsabilidades	
Manifestar segurança e confiança nas suas capacidades de acção	
Reconhecer e respeitar laços de pertença social e cultural	
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias	
...	
De ordem comunicacional e expressiva	
Comunicar de modo claro e adequado	
Saber usar adequadamente a informação recolhida para torná-la conhecimento mobilizável	
Comunicar sentimentos, emoções e necessidades partilhadas com a mãe, ao mesmo tempo que	

consegue identificar e respeitar as ideias e sentimentos dos outros
...
De ordem intelectual / Cognitiva
Explorar informação
Exercer espírito crítico
Evidenciar criatividade
Explicar estratégias de resposta e propor outras estratégias alternativas
Manifestar pensamento reflexivo
Desenvolver as capacidades de observação e atenção
...
De construção e aquisição de formas de aprender
Expressar a sua opinião e conseguir ouvir a dos outros
Manifestar pensamento reflexivo
...
Competências específicas a desenvolver (de acordo com o tema da planificação e com as diferentes áreas de conteúdo):
Área de Formação Pessoal e Social
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias
Agir com progressiva autonomia
Desenvolver o jogo social
Compreender e expressar sentimentos e emoções
Assumir responsabilidades que contribuam para o bem-estar colectivo
Construir e estabelecer relações sociais eficazes
Manifestar desejos, gostos, opiniões, decisões e sugestões de forma coerente.
...
Área de expressão e comunicação
Domínio da linguagem oral e da abordagem à escrita
Expressar desejos, sentimentos, necessidades e pensamentos através da fala
Participar na comunicação dar e receber
Intervir com sentido de oportunidade e contextualizada
...
Domínio da Expressão Motora
Adquirir coordenação, postura adequada, controlo e movimento do próprio corpo
...
Área de Conhecimento do Mundo

Demonstrar curiosidade e desejo de saber	
Enriquecer o vocabulário	
Saber utilizar vários processos simples de conhecimento da realidade envolvente, tais como. Observar, inquirir, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas e avaliar	
...	
<p>Recursos Materiais:</p> <p>Papel cenário;</p> <p>Tintas de várias cores;</p> <p>Frascos;</p> <p>Pincéis;</p> <p>Pano de limpeza;</p> <p>Fita-cola larga;</p> <p>Tesoura;</p> <p>Sacos de plástico (grandes).</p>	<p>Objectivos:</p> <p>Relativamente a área do Conhecimento do Mundo as crianças terão que demonstrar conhecimento sobre alguns momentos e objectos preferidos pela mãe. Posteriormente ir-se-á ler e explorar uma história (área da comunicação). É pretendido que as crianças comuniquem oralmente, respondendo a questões.</p> <p>Também a área da Expressão Dramática estará presente ao longo de toda a actividade, pois ao contar a história, esta terá que ser entoada e acompanhada de alguns gestos, pois assim a criança irá concentrar-se melhor nas temáticas abordadas.</p> <p>Quando termina a história e a explicação e proposta de actividade as crianças repartem-se pelas actividades livres da sala enquanto aguardam a sua vez de desenvolver a actividade proposta ao grupo, local onde dão lugar a representação do jogo simbólico e interacção sócio educativa.</p> <p>A motricidade este presente na mais diversas situações, que serão trabalhadas e aperfeiçoadas ao longo das sessões propostas.</p> <p>Na área da Expressão Plástica será efectuado um painel colectivo onde as</p>

	<p>crianças fazem um desenho representativo que se assemelhe com a imagem que cada um tem da sua mãe.</p> <p>Avaliação: Questões feitas às crianças, assim como, o interesse e interação estabelecida entre estas e os vários intervenientes no processo educativo. Outra forma de avaliação será feita através da observação dos resultados obtidos no decorrer da actividade.</p>
--	---

Actividades	Estratégias
<u>Manhã de 27 de Abril de 2010</u>	
<ul style="list-style-type: none"> ● Conversar/partilhar vivências ● Hora do Conto ● Actividade orientada 	<p>As crianças sentam-se no tapete em grande grupo. Antes de dar início ao tema “O Dia da mãe”, estabeleço então um pequeno diálogo com elas como é rotina da nossa sala de actividades. O momento privilegiado do dia onde a criança têm oportunidade de expor perante o grupo (colegas, Educadora, Educadora de apoio e auxiliar de educação), sentimentos, receios e opiniões.</p> <p>De seguida ler-se-á a história “Surpresa, surpresa”, de Michael Foreman. As crianças serão questionadas sobre a temática abordada (relação com a mãe e as surpresas que lhe podemos fazer).</p> <p>Posteriormente faremos a proposta de actividade ao grupo de crianças. Explicando onde e como irá ser elaborado o Painel intitulado “As nossas Mães”. Com ele, pretende-se que as crianças, numa folha de papel cenário façam um desenho representativo da imagem e sentimentos que nutrem pela sua mãe.</p> <p>Como recursos as crianças têm à sua disposição tintas de várias cores e pincéis de duas espessuras diferentes.</p> <p>Como o grupo de crianças ainda não têm muita autonomia para desenvolver este tipo de actividades em grande grupo, as crianças serão chamadas duas a duas para desenvolverem a proposta de trabalho, enquanto as</p>

	<p>restantes se encontram em actividades livres nas diversas áreas temáticas da sala.</p> <p>Sempre que se dirigir, ao painel, um novo par de crianças serão dadas indicações para executar a actividade. Ser-lhes-á dada a indicação da proposta de actividade a desenvolver (no painel) assim como o espaço que têm para o fazer e o material que tem ao dispor.</p> <p>Depois deste período em que decorrerá a actividade proposta, o grupo reunir-se-á novamente, na área do acolhimento, com a finalidade de estabelecer um diálogo aberto a sugestões e opiniões. Serão partilhados saberes e aquisições, com a finalidade de avaliar, partilhar e adquirir novos conhecimentos sobre a temática aborda e propostas para futuras actividades.</p>
--	---

Unidade 6: O Dia da Cidade

Tema: A nossa Cidade (Sessão 14): A lenda da Maia	
Educadora: Elisabete Silva	Grupo/Sala: 2 anos
Calendarização: 4 de Maio de 2010	
Itens de desenvolvimento ou questões orientadoras: Qual é o nome e Lenda da nossa Cidade? O que acontece em Portalegre no dia 23 de Maio? Como se vestem as Maias? Como fazemos colares de malmequeres? Que músicas cantam as Maias?	
Contextualização da situação de aprendizagem: Área de Formação Pessoal e Social, domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, domínio da expressão plástica, domínio da expressão musical, domínio da matemática e área do conhecimento do mundo.	
Competências a desenvolver (de acordo com o PCG)	
De ordem pessoal e social	
Desenvolver relações pessoais positivas	
Trabalhar em cooperação	
Respeitar o outro e a sua diversidade	
Respeitar regras de funcionamento da sala e de natureza social democráticas	
Revelar e aumentar o bem-estar e a auto-confiança	
Revelar autonomia	
Revelar aceitação pela diferença	
Desenvolver atitudes e valores	
Assumir responsabilidades	
Manifestar segurança e confiança nas suas capacidades de acção	
Reconhecer e respeitar laços de pertença social e cultural	
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias	
...	
De ordem comunicacional e expressiva	
Comunicar de modo claro e adequado	

Saber usar adequadamente a informação recolhida para torná-la conhecimento mobilizável
Comunicar sentimentos, emoções e necessidades partilhadas com a mãe, ao mesmo tempo que consegue identificar e respeitar as ideias e sentimentos dos outros
...
De ordem intelectual / Cognitiva
Explorar informação
Exercer espírito crítico
Evidenciar criatividade
Explicar estratégias de resposta e propor outras estratégias alternativas
Manifestar pensamento reflexivo
Desenvolver as capacidades de observação e atenção
...
De construção e aquisição de formas de aprender
Expressar a sua opinião e conseguir ouvir a dos outros
...
Competências específicas a desenvolver (de acordo com o tema da planificação e com as diferentes áreas de conteúdo):
Área de Formação Pessoal e Social
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias
Agir com progressiva autonomia
Desenvolver o jogo social
Compreender e expressar sentimentos e emoções
Assumir responsabilidades que contribuam para o bem-estar colectivo
Construir e estabelecer relações sociais eficazes
Manifestar desejos, gostos, opiniões, decisões e sugestões de forma coerente.
...
Área de expressão e comunicação
Domínio da linguagem oral e da abordagem à escrita
Expressar desejos, sentimentos, necessidades e pensamentos através da fala
Participar na comunicação dar e receber
Intervir com sentido de oportunidade e contextualizada
...
Domínio da Expressão Motora
Adquirir coordenação, postura adequada, controlo e movimento do próprio corpo
Controlar a motricidade fina recorrendo a materiais e objectos específicos

...	
Domínio da Expressão Dramática	
Observar, escutar e apreciar o desempenho dos outros	
Enriquecer o uso da palavra pelo desenvolvimento de aspectos ligados à dicção, sonoridade, ritmo, intenção e interpretação	
Desenvolver a expressividade	
Ser capaz de utilizar o jogo simbólico em diversas situações	
...	
Domínio da Expressão Musical	
Desenvolver o gosto pela música	
Participar e cooperar efectivamente em actividades musicais	
Desenvolver o poder de concentração	
Movimentar-se ao som da música e de batimentos musicais	
...	
Domínio da Expressão Plástica	
Manipular diferentes objectos e materiais	
Explorar as características e potencialidades dos objectos	
Desenvolver capacidades de expressão e comunicação artísticas	
Explorar figuras tridimensionais	
Área de Conhecimento do Mundo	
Demonstrar curiosidade e desejo de saber	
Saber utilizar vários processos simples de conhecimento da realidade envolvente, tais como. Observar, inquirir, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas e avaliar	
...	
Recursos Materiais: Papel Pincéis Livros DVD Leitor de DVD Mesas Cadeiras Cartolinas Papéis coloridos	Objectivos: Em relação à área do Conhecimento do Mundo as crianças terão que demonstrar conhecimento sobre alguns pontos de destaque da cidade de Portalegre. Posteriormente ir-se-á ler e explorar uma Lenda da cidade (área da comunicação). É pretendido que as crianças comuniquem oralmente, respondendo a questões.

<p>Cola</p> <p>Tesoura</p> <p>Papel esponja</p> <p>Molde de flores e do brasão da cidade</p> <p>Linha de coser</p> <p>Agulhas</p> <p>Cartolina</p> <p>Papel cenário</p> <p>Papel crepe amarelo e preto</p> <p>Imagens da cidade e de plantas</p> <p>Velcro</p>	<p>Também a área da Expressão Dramática estará presente ao longo de toda a actividade, pois ao contar a história, esta terá que ser entoada e acompanhada de alguns gestos, pois assim a criança irá concentrar-se melhor nas temáticas abordadas na planificação.</p> <p>Quando termina a Lenda e a sua exploração verbal é proposta a actividade seguinte as crianças.</p> <p>Posteriormente estas repartem-se pelas actividades livres da sala enquanto aguardam a sua vez de desenvolver a actividade proposta ao grupo, local onde dão lugar a representação do jogo simbólico e interacção sócio educativa.</p> <p>Ao nível da motricidade serão trabalhadas variadas situações e propostas de actividade ao longo das sessões, visando progredir e alcançar os objectivos propostos.</p> <p>Na área da Expressão Plástica será efectuado uma bandeira, trabalho colectivo, onde as crianças preencherão o Brasão e o espaço envolvente com as cores da Cidade.</p> <p>Avaliação: Questões feitas às crianças, assim como, o interesse que estas demonstram ao longo das actividades. Outra forma de avaliação será feita através da observação dos resultados obtidos nalgumas actividades (correspondências de imagens, de objectos, etc.)</p>
--	--

Actividades	Estratégias
<u>Manhã de 4 de Maio de 2010</u>	
<ul style="list-style-type: none"> • Conversar/partilhar vivências • Hora do Conto • Actividade orientada 	<p>As crianças sentam-se na zona de Agrupamento Colectivo em grande grupo. Antes de introduzir o tema, estabeleço um pequeno diálogo com as crianças sobre o que fizeram no dia anterior.</p> <p>Depois iniciarei as propostas de actividades. Se estas forem aceites, contarei “A Lenda da Maia” (reescrita por mim, baseada na recolha de relatos e crenças populares).</p> <p>Após a exploração desta irei perguntar às crianças se gostavam de se vestir como antigamente os habitantes da nossa cidade o faziam e segundo a Lenda que acabaram de ouvir.</p> <p>Neste contexto a proposta de actividade orientada que programei será realizada no exterior, em grande grupo.</p> <p>Antes de sairmos da sala de actividades explicarei às crianças que no Dia da Cidade, as meninas vestem-se de branco e enfeitam-se com lindos colares e pulseiras feitos de malmequeres (como se vestia a “nossa Maia”) e cantam uma canção enquanto desfilam para a comunidade que encontram pelas ruas da cidade. Posteriormente direi às crianças que iremos aprender a fazer os colares e pulseiras de flores na nossa sala de actividades.</p> <p>As crianças irão até ao exterior colher alguns malmequeres para podermos fazer os colares e pulseiras das Maias. Estes são feitos com malmequeres amarelos, flor bastante fácil de encontrar na nossa região, no mês de Maio.</p> <p>Terminada a recolha dos malmequeres no espaço exterior, as crianças regressarão a sala e irão brincar em actividades livres esperando serem chamadas, uma a uma, para realizarem a actividade orientada planeada.</p> <p>A actividade consiste em fazer os colares e pulseiras de malmequeres. Para poder efectuar os adereços. Para que os possam realizar as crianças terão de retirar as folhas e caules dos malmequeres, de seguida com o auxílio e supervisão dos adultos, manusearam uma agulha, sem</p>

	bico, e linha branca com que perfuraram os malmequeres e os unirão até se obter o comprimento necessário para efectuar um colar, uma coroa ou uma pulseira.
--	---

Tema: A nossa Cidade (Sessão 15): PowerPoint	
Educadora: Elisabete Silva	Grupo/Sala: 2 anos
Calendarização: 11 de Maio de 2010	
Itens de desenvolvimento ou questões orientadoras: Quais as tradições da nossa cidade? Como é a nossa cidade? Que músicas cantam as Maias? Como é a bandeira de Portalegre?	
Contextualização da situação de aprendizagem: Área de Formação Pessoal e Social, domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, domínio da expressão plástica, domínio da expressão musical, domínio da matemática e área do conhecimento do mundo.	
Competências a desenvolver (de acordo com o PCG)	
De ordem pessoal e social	
Desenvolver relações pessoais positivas	
Trabalhar em cooperação	
Respeitar o outro e a sua diversidade	
Respeitar regras de funcionamento da sala e de natureza social democráticas	
Revelar e aumentar o bem-estar e a auto-confiança	
Revelar autonomia	
Revelar aceitação pela diferença	
Desenvolver atitudes e valores	
Assumir responsabilidades	
Manifestar segurança e confiança nas suas capacidades de acção	
Reconhecer e respeitar laços de pertença social e cultural	
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias	
...	
De ordem comunicacional e expressiva	
Comunicar de modo claro e adequado	
Saber usar adequadamente a informação recolhida para torná-la conhecimento mobilizável	

Comunicar sentimentos, emoções e necessidades partilhadas com a mãe, ao mesmo tempo que consegue identificar e respeitar as ideias e sentimentos dos outros
...
De ordem intelectual / Cognitiva
Explorar informação
Exercer espírito crítico
Evidenciar criatividade
Explicar estratégias de resposta e propor outras estratégias alternativas
Manifestar pensamento reflexivo
Desenvolver as capacidades de observação e atenção
...
De construção e aquisição de formas de aprender
Expressar a sua opinião e conseguir ouvir a dos outros
...
Competências específicas a desenvolver (de acordo com o tema da planificação e com as diferentes áreas de conteúdo):
Área de Formação Pessoal e Social
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias
Agir com progressiva autonomia
Desenvolver o jogo social
Compreender e expressar sentimentos e emoções
Assumir responsabilidades que contribuam para o bem-estar colectivo
Construir e estabelecer relações sociais eficazes
Manifestar desejos, gostos, opiniões, decisões e sugestões de forma coerente.
...
Área de expressão e comunicação
Domínio da linguagem oral e da abordagem à escrita
Expressar desejos, sentimentos, necessidades e pensamentos através da fala
Participar na comunicação dar e receber
Intervir com sentido de oportunidade e contextualizada
...
Domínio da Expressão Motora
Adquirir coordenação, postura adequada, controlo e movimento do próprio corpo
Controlar a motricidade fina recorrendo a materiais e objectos específicos
...

Domínio da Expressão Dramática	
Observar, escutar e apreciar o desempenho dos outros	
Enriquecer o uso da palavra pelo desenvolvimento de aspectos ligados à dicção, sonoridade, ritmo, intenção e interpretação	
Desenvolver a expressividade	
Ser capaz de utilizar o jogo simbólico em diversas situações	
...	
Domínio da Expressão Musical	
Desenvolver o gosto pela música	
Participar e cooperar efectivamente em actividades musicais	
Desenvolver o poder de concentração	
Movimentar-se ao som da música e de batimentos musicais	
...	
Domínio da Expressão Plástica	
Manipular diferentes objectos e materiais	
Explorar as características e potencialidades dos objectos	
Desenvolver capacidades de expressão e comunicação artísticas	
Explorar figuras tridimensionais	
Área de Conhecimento do Mundo	
Demonstrar curiosidade e desejo de saber	
Saber utilizar vários processos simples de conhecimento da realidade envolvente, tais como. Observar, inquirir, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas e avaliar	
Recursos Materiais: Livros PowerPoint Leitor de DVD Mesas Cadeiras Cartolinas Papéis coloridos Cola Tesoura Cartolina Lápis de cor	Objectivos: Em relação à área do Conhecimento do Mundo as crianças terão que demonstrar conhecimento sobre alguns pontos de destaque da cidade de Portalegre. Posteriormente ir-se-á ver e explorar um PowerPoint da cidade (área da comunicação). É pretendido que as crianças comuniquem oralmente, respondendo a questões. Quando termina a apresentação do documentário e a sua exploração verbal é

<p>Marcadores Imagens da cidade e de plantas</p>	<p>proposta a actividade seguinte as crianças.</p> <p>Posteriormente estas repartem-se pelas actividades livres da sala enquanto aguardam a sua vez de desenvolver a actividade proposta ao grupo, local onde dão lugar a representação do jogo simbólico e interacção sócio educativa.</p> <p>Ao nível da motricidade serão trabalhadas variadas situações e propostas de actividade ao longo das sessões, visando progredir e alcançar os objectivos propostos.</p> <p>Na área da Expressão Plástica será efectuado uma bandeira, trabalho colectivo, onde as crianças preencherão o Brasão e o espaço envolvente com as cores da Cidade.</p> <p>Avaliação: Questões feitas às crianças, assim como, o interesse que estas demonstram ao longo das actividades. Outra forma de avaliação será feita através da observação dos resultados obtidos nalgumas actividades (correspondências de imagens, de objectos, etc.)</p>
--	--

Actividades	Estratégias
<u>Manhã de 11 de Maio de 2010</u>	
<ul style="list-style-type: none"> ● Acolhimento/ lanche ● Visionamento de um PowerPoint 	<p>As crianças sentam-se no Agrupamento Colectivo em grande grupo. Antes dar continuidade ao tema que temos vindo a laborar, distribuo as bolachas pelas crianças como faço diariamente.</p> <p>Depois do pequeno lanche, iniciarei as propostas de</p>

Tema: A nossa Cidade (Sessão 16): Desfile da Maia	
Educadora: Elisabete Silva	Grupo/Sala: 2 anos
Calendarização: 18 de Maio de 2010	
Itens de desenvolvimento ou questões orientadoras: Como se vestem as Maias? Que músicas cantam as Maias? Como convive a comunidade com a tradição?	
Contextualização da situação de aprendizagem: Área de Formação Pessoal e Social, domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, domínio da expressão plástica, domínio da expressão musical, domínio da matemática e área do conhecimento do mundo.	
Competências a desenvolver (de acordo com o PCG)	
De ordem pessoal e social	
Desenvolver relações pessoais positivas	
Trabalhar em cooperação	
Respeitar o outro e a sua diversidade	
Respeitar regras de funcionamento da sala e de natureza social democráticas	
Revelar e aumentar o bem-estar e a auto-confiança	
Revelar autonomia	
Revelar aceitação pela diferença	
Desenvolver atitudes e valores	
Assumir responsabilidades	
Manifestar segurança e confiança nas suas capacidades de acção	
Reconhecer e respeitar laços de pertença social e cultural	
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias	
...	
De ordem comunicacional e expressiva	
Comunicar de modo claro e adequado	
Saber usar adequadamente a informação recolhida para torná-la conhecimento mobilizável	
Comunicar sentimentos, emoções e necessidades partilhadas com a mãe, ao mesmo tempo que consegue identificar e respeitar as ideias e sentimentos dos outros	

...
De ordem intelectual / Cognitiva
Explorar informação
Exercer espírito crítico
Evidenciar criatividade
Explicar estratégias de resposta e propor outras estratégias alternativas
Manifestar pensamento reflexivo
Desenvolver as capacidades de observação e atenção
...
De construção e aquisição de formas de aprender
Expressar a sua opinião e conseguir ouvir a dos outros
...
Competências específicas a desenvolver (de acordo com o tema da planificação e com as diferentes áreas de conteúdo):
Área de Formação Pessoal e Social
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias
Agir com progressiva autonomia
Desenvolver o jogo social
Compreender e expressar sentimentos e emoções
Assumir responsabilidades que contribuam para o bem-estar colectivo
Construir e estabelecer relações sociais eficazes
Manifestar desejos, gostos, opiniões, decisões e sugestões de forma coerente.
...
Área de expressão e comunicação
Domínio da linguagem oral e da abordagem à escrita
Expressar desejos, sentimentos, necessidades e pensamentos através da fala
Participar na comunicação dar e receber
Intervir com sentido de oportunidade e contextualizada
...
Domínio da Expressão Motora
Adquirir coordenação, postura adequada, controlo e movimento do próprio corpo
Controlar a motricidade fina recorrendo a materiais e objectos específicos
...
Domínio da Expressão Dramática
Observar, escutar e apreciar o desempenho dos outros

Enriquecer o uso da palavra pelo desenvolvimento de aspectos ligados à dicção, sonoridade, ritmo, intenção e interpretação	
Desenvolver a expressividade	
Ser capaz de utilizar o jogo simbólico em diversas situações	
...	
Domínio da Expressão Musical	
Desenvolver o gosto pela música	
Participar e cooperar efectivamente em actividades musicais	
Desenvolver o poder de concentração	
Movimentar-se ao som da música e de batimentos musicais	
...	
Domínio da Expressão Plástica	
Manipular diferentes objectos e materiais	
Explorar as características e potencialidades dos objectos	
Desenvolver capacidades de expressão e comunicação artísticas	
Explorar figuras tridimensionais	
Área de Conhecimento do Mundo	
Demonstrar curiosidade e desejo de saber	
Saber utilizar vários processos simples de conhecimento da realidade envolvente, tais como. Observar, inquirir, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas e avaliar	
Recursos Materiais: Saias de plástico Papel autocolante Coroas Colares de flores Coroas de Flores Coletes de Papel Canção	Objectivos: Em relação à área do Conhecimento do Mundo as crianças terão que demonstrar conhecimento sobre algumas das tradições de Portalegre. Posteriormente as crianças repartem-se por grupos e deslocam-se até ao átrio da instituição local onde dão lugar ao desfile da “Maia” desenvolvendo assim o jogo simbólico e interacção sócio educativa com a comunidade escolar e local. Ao nível da motricidade serão trabalhadas variadas situações e propostas de actividade ao longo da sessão, visando

	<p>progredir e alcançar os objectivos propostos.</p> <p>Avaliação: Questões feitas às crianças, assim como, o interesse que estas demonstram ao longo das actividades. Outra forma de avaliação será feita através da observação dos resultados obtidos nalgumas actividades (correspondências de imagens, de objectos, etc.)</p>
--	---

Actividades	Estratégias
<u>Manhã de 18 de Maio de 2010</u>	
<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento/ lanche • Convívio com a Comunidade Educativa e a Comunidade Local 	<p>As crianças sentam-se no Agrupamento Colectivo em grande grupo. Antes dar continuidade ao tema que temos vindo a laborar, distribuo as bolachas pelas crianças como faço diariamente.</p> <p>Depois do pequeno lanche, iniciarei as actividades relembrando que chegou o dia do nosso desfile.</p> <p>O desfile terá início no espaço interior da instituição, posteriormente as crianças desfilaram no espaço exterior, onde poderão interagir com a comunidade local. As crianças irão vestir os fatos que foram executados por eles próprios, nos dias que antecederam o desfile, com o objectivo de efectuar um percurso por toda a instituição e posteriormente pelo espaço envolvente, cantando a música da Maia, revivendo a tradição e interagindo com a comunidade.</p> <p>Dentro deste contexto as meninas irão adornadas com saias feitas de sacos de plástico e adornadas com flores de papel autocolante amarelo. Adornadas com os colares e pulseiras feitos de malmequeres naturais. Os meninos irão adornados com uma coroa feita de cartolina, decorada com malmequeres amarelos e brancos. Levaram também a bandeira de Portalegre, efectuada na sala de actividades.</p>

	<p>Durante todo o percurso as crianças vão interagindo com a comunidade, estabelecendo pequenos diálogos e cantando a canção da “Maia”, como reza a tradição da nossa cidade.</p>
--	---

Unidade 7: O Dia da Criança

Tema: O Dia da Criança (Sessão 17): Faixa	
Educadora: Elisabete Silva	Grupo/Sala: 2 anos
Calendarização: 1 de Junho de 2010	
Itens de desenvolvimento ou questões orientadoras: O que faz no Dia da Criança? Quais são os direitos da criança? Como se constrói e organiza uma faixa para colocar na entrada da escola?	
Contextualização da situação de aprendizagem: Área de Formação Pessoal e Social, domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, domínio da expressão plástica, domínio da expressão musical, domínio da matemática e área do conhecimento do mundo.	
Competências a desenvolver (de acordo com o PCG)	
De ordem pessoal e social	
Desenvolver relações pessoais positivas	
Trabalhar em cooperação	
Respeitar o outro e a sua diversidade	
Respeitar regras de funcionamento da sala e de natureza social democráticas	
Revelar e aumentar o bem-estar e a auto-confiança	
Revelar autonomia	
Revelar aceitação pela diferença	
Desenvolver atitudes e valores	
Assumir responsabilidades	
Manifestar segurança e confiança nas suas capacidades de acção	
Reconhecer e respeitar laços de pertença social e cultural	
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias	
...	
De ordem comunicacional e expressiva	
Comunicar de modo claro e adequado	
Saber usar adequadamente a informação recolhida para torná-la conhecimento mobilizável	
Comunicar sentimentos, emoções e necessidades partilhadas com a mãe, ao mesmo tempo que	

consegue identificar e respeitar as ideias e sentimentos dos outros
...
De ordem intelectual / Cognitiva
Explorar informação
Exercer espírito crítico
Evidenciar criatividade
Explicar estratégias de resposta e propor outras estratégias alternativas
Manifestar pensamento reflexivo
Desenvolver as capacidades de observação e atenção
...
De construção e aquisição de formas de aprender
Expressar a sua opinião e conseguir ouvir a dos outros
...
Competências específicas a desenvolver (de acordo com o tema da planificação e com as diferentes áreas de conteúdo):
Área de Formação Pessoal e Social
Conhecer e executar com responsabilidade rotinas diárias
Agir com progressiva autonomia
Desenvolver o jogo social
Compreender e expressar sentimentos e emoções
Assumir responsabilidades que contribuam para o bem-estar colectivo
Construir e estabelecer relações sociais eficazes
Manifestar desejos, gostos, opiniões, decisões e sugestões de forma coerente.
...
Área de expressão e comunicação
Domínio da linguagem oral e da abordagem à escrita
Expressar desejos, sentimentos, necessidades e pensamentos através da fala
Participar na comunicação dar e receber
Intervir com sentido de oportunidade e contextualizada
...
Domínio da Expressão Motora
Adquirir coordenação, postura adequada, controlo e movimento do próprio corpo
Controlar a motricidade fina recorrendo a materiais e objectos específicos
...
Domínio da Expressão Dramática

Desenvolver a expressividade	
Ser capaz de utilizar o jogo simbólico em diversas situações	
...	
Domínio da Expressão Plástica	
Manipular diferentes objectos e materiais	
Explorar as características e potencialidades dos objectos	
Desenvolver capacidades de expressão e comunicação artísticas	
Explorar figuras tridimensionais	
...	
Área de Conhecimento do Mundo	
Demonstrar curiosidade e desejo de saber	
Saber utilizar vários processos simples de conhecimento da realidade envolvente, tais como. Observar, inquirir, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas e avaliar	
<p>Recursos Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Faixa (lençol velho) -guache liquido - tesoura - fio de nastro - pincéis - Os direitos da criança em formato A2 	<p>Objectivos:</p> <p>Em relação à área do Conhecimento do Mundo as crianças terão que demonstrar conhecimento sobre alguns dos direitos das crianças.</p> <p>Ao nível da motricidade serão trabalhadas variadas situações e propostas de actividade ao longo da sessão, visando progredir e alcançar os objectivos propostos.</p> <p>Avaliação: Questões feitas às crianças, assim como, o interesse que estas demonstram ao longo das actividades. Outra forma de avaliação será feita através da observação dos resultados obtidos no decorrer da actividade.</p>

Anexo IX – Guiões das entrevistas de avaliação final

Guião da Entrevista

Entrevistado:

- Directora da IPSS de Portalegre.

Temática:

- Apoio sócio pedagógico de crianças em risco.

Objectivos da Entrevista:

- Saber se os objectivos trabalhados em parceria, IPSS, CPCJ e Intervenção Precoce, foram pertinentes e auxiliares no processo sócio educativo de crianças em risco;
- Saber se o Director da Instituição considera que o trabalho decorrente desta parceria, tem contribuído para colmatar desigualdades e favorecer o processo de inclusão de crianças em risco na comunidade escolar e local;
- Saber se o trabalho desenvolvido, pela instituição em parceria com a CPCJ, visa facilitar o processo de inclusão minimizando défices socioeducativos nas famílias das crianças em risco.

Designação dos Blocos	Objectivos Específicos	Questões
A • Legitimação da entrevista e motivação dos entrevistados	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista e motivar os entrevistados • Informar os entrevistados sobre o trabalho em curso • Informar acerca dos principais objectivos da entrevista • Solicitar a colaboração dos entrevistados para a consecução do estudo a realizar • Garantir a confidencialidade das informações • Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista • Colocar à disposição dos entrevistados os resultados da investigação • Agradecer a ajuda e a colaboração 	
Designação dos Blocos	Objectivos Específicos	Questões

<p>B</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pertinência dos objectivos estabelecidos e trabalhados em parceria 	<ul style="list-style-type: none"> • Saber se os objectivos desenvolvidos pelos parceiros institucionais, foram facilitadores no processo sócio educativo de crianças em risco; 	<ul style="list-style-type: none"> • Na sua opinião os objectivos trabalhados na parceria estabelecida entre IPSS, CPCJ e Intervenção Precoce, foram pertinentes e auxiliares no processo sócio educativo de crianças em risco?
<p>C</p> <ul style="list-style-type: none"> • A Parceria Institucional enquanto processo inibidor das desigualdades e diferenças sociais 	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber se o trabalho decorrente da Parceria entre instituições tem contribuído para colmatar desigualdades e favorecer o processo de inclusão de crianças em risco, na comunidade; 	<ul style="list-style-type: none"> • O Sr. Director considera que o trabalho decorrente da parceria entre as instituições, tem contribuído para colmatar desigualdades e facilitar o processo de inclusão de crianças em risco na comunidade escolar e local?
<p>D</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cooperação IPSS/ CPCJ/ Famílias das Criança em Risco 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o tipo de trabalho realizado pela IPSS e CPCJ, com as famílias de crianças em risco; 	<ul style="list-style-type: none"> • Na sua opinião o trabalho desenvolvido, pela instituição em parceria com a CPCJ, visa facilitar o processo de inclusão minimizando défices socioeducativos nas famílias das crianças em risco?

Guião da Entrevista

Entrevistado:

- Presidente da CPCJ.

Temática:

- Apoio sócio pedagógico de crianças em risco.

Objectivo Geral Objectivos da Entrevista:

- Avaliar se os objectivos trabalhados em parceria, CPCJ, IPSS e Intervenção Precoce, foram pertinentes e auxiliares no processo sócio educativo de crianças em risco;
- Saber se a Presidente da CPCJ, considera que o trabalho decorrente da parceria estabelecida entre as várias Instituições que integraram este projecto, contribuiu para colmatar desigualdades e favorecer o processo de inclusão de crianças em risco na comunidade escolar e local;
- Saber se o trabalho desenvolvido, pela instituição em parceria com a CPCJ, facilitou o processo de inclusão e minimizou défices socioeducativos identificados nas famílias das crianças em risco.

Designação dos Blocos	Objectivos Específicos	Questões
A • Legitimação da entrevista e motivação dos entrevistados	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista e motivar os entrevistados • Informar os entrevistados sobre o trabalho em curso • Informar acerca dos principais objectivos da entrevista • Solicitar a colaboração dos entrevistados para a consecução do estudo a realizar • Garantir a confidencialidade das informações • Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista • Colocar à disposição dos entrevistados os resultados da 	

	investigação	
	<ul style="list-style-type: none"> Agradecer a ajuda e a colaboração 	

Designação dos Blocos	Objectivos Específicos	Questões
<p>B</p> <ul style="list-style-type: none"> Pertinência dos objectivos estabelecidos e trabalhados em parceria. 	<ul style="list-style-type: none"> Saber se os objectivos desenvolvidos pelos parceiros institucionais, foram facilitadores no processo sócio educativo de crianças em risco; 	<ul style="list-style-type: none"> Na sua opinião os objectivos trabalhados na parceria estabelecida entre CPCJ, IPSS e Intervenção Precoce, foram pertinentes e auxiliares no processo sócio educativo de crianças em risco?
<p>C</p> <ul style="list-style-type: none"> A Parceria Institucional enquanto processo inibidor das desigualdades e diferenças sociais 	<ul style="list-style-type: none"> Perceber se o trabalho decorrente da Parceria entre instituições tem contribuído para colmatar desigualdades e favorecer o processo de inclusão de crianças em risco, na comunidade; 	<ul style="list-style-type: none"> A Sr.^a Presidente considera que o trabalho decorrente da parceria entre as instituições tem contribuído para colmatar desigualdades e facilitar o processo de inclusão de crianças em risco na comunidade escolar e local?
<p>D</p> <ul style="list-style-type: none"> Cooperação IPSS/ CPCJ/ Famílias das Criança em Risco 	<ul style="list-style-type: none"> Conhecer o tipo de trabalho realizado pela parceria institucional, com as famílias de crianças em risco; 	<ul style="list-style-type: none"> Na sua opinião o trabalho desenvolvido, pela CPCJ em parceria com a IPSS, conseguiu colmatar alguns problemas sinalizados pelas famílias de crianças em risco e facilitar o seu processo de inclusão na sociedade escolar e local?

Guião da Entrevista

Entrevistado:

- Mãe da criança a quem se destina a aplicação deste projecto de intervenção.

Temática:

- Apoio sócio pedagógico de crianças em risco.

Objectivos da Entrevista:

- Avaliar se os objectivos trabalhados pela CPCJ, IPSS e Intervenção Precoce, foram pertinentes e auxiliares no processo sócio educativo do seu filho;
- Avaliar se considera que o trabalho decorrente da parceria estabelecida entre as várias Instituições que integraram este projecto, contribuiu para colmatar desigualdades e favorecer o processo de inclusão do seu filho na comunidade escolar e local;
- Saber se o trabalho desenvolvido, pela Creche em parceria com a CPCJ, visou facilitar o processo de inclusão socioeducativa das famílias das crianças que integram este projecto.

Designação dos Blocos	Objectivos Específicos	Questões
A • Legitimação da entrevista e motivação dos entrevistados	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista e motivar os entrevistados • Informar os entrevistados sobre o trabalho em curso • Informar acerca dos principais objectivos da entrevista • Solicitar a colaboração dos entrevistados para a consecução do estudo a realizar • Garantir a confidencialidade das informações • Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista • Colocar à disposição dos entrevistados os resultados da investigação • Agradecer a ajuda e a colaboração 	
Designação dos Blocos	Objectivos Específicos	Questões

<p>B</p> <ul style="list-style-type: none"> • Adequação dos objectivos estabelecidos e trabalhados em parceria. 	<ul style="list-style-type: none"> • Saber se os objectivos desenvolvidos pelos parceiros institucionais, foram facilitadores no processo sócio educativo de crianças em risco; 	<ul style="list-style-type: none"> • Na sua opinião os objectivos trabalhados na parceria estabelecida entre CPCJ, IPSS e Intervenção Precoce, foram pertinentes e auxiliares no processo sócio educativo de crianças em risco?
<p>C</p> <ul style="list-style-type: none"> • A Parceria Institucional enquanto processo inibidor das desigualdades e diferenças sociais 	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber se o trabalho decorrente da Parceria entre instituições tem contribuído para colmatar desigualdades e favorecer o processo de inclusão de crianças em risco, na comunidade; 	<ul style="list-style-type: none"> • A Sr.ª como Encarregado de Educação considera que o trabalho decorrente da parceria entre as instituições, tem contribuído para colmatar desigualdades e facilitar o processo de inclusão de crianças em risco na comunidade escolar e local?
<p>D</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cooperação IPSS/ CPCJ/ Famílias das Criança em Risco 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar o tipo de trabalho realizado pela parceria institucional, com as famílias de crianças em risco; 	<ul style="list-style-type: none"> • Na sua opinião o trabalho desenvolvido, facilitou o processo de inclusão socioeducativa das famílias das crianças envolvidas neste projecto?

Anexo X – Protocolos das entrevistas de avaliação final

Protocolo da Entrevista à Directora da IPSS

Participantes:

- E – Entrevistador;
- D – Directora da IPSS.

Objectivos da Entrevista:

- Avaliar se os objectivos trabalhados em parceria, IPSS, CPCJ e Intervenção Precoce, foram pertinentes e auxiliares no processo sócio educativo de crianças em risco;
- Saber se o Director da Instituição considera que o trabalho decorrente desta parceria, tem contribuído para colmatar desigualdades e favorecer o processo de inclusão de crianças em risco na comunidade escolar e local;
- Avaliar se o trabalho desenvolvido, pela instituição em parceria com a CPCJ, visou facilitar o processo de inclusão minimizando défices socioeducativos identificados nas famílias das crianças em risco.

E- Bom dia, aproveito momento para lhe agradecer a disponibilidade demonstrada para responder mais uma vez à entrevista sobre o projecto por nós desenvolvido na instituição.

D- É com prazer que o faço sempre, sabe bem.

E- Obrigada. (pausa) Na sua opinião os objectivos trabalhados na parceria estabelecida entre IPSS, CPCJ e Intervenção Precoce, foram pertinentes e auxiliares no processo sócio educativo de crianças em risco?

D- O trabalho em Parceria, quando bem feito, é sempre positivo. Principalmente quando é previamente pensado e adequado a quem dele vai usufruir. (pausa) Tivemos a felicidade de encontrar as pessoas certas, trabalhadoras, atentas e responsáveis. As crianças e a população do Bairro ganharam muito com isso. Fizem muitas coisas interessantes e o povo reconhece isso (risos).

E- Considera que o trabalho decorrente da parceria entre as instituições, tem contribuído para colmatar desigualdades e facilitar o processo de inclusão de crianças em risco na comunidade escolar e local?

D- Acha que **alguém pode ainda ter dúvidas,** (pausa) **depois do que aqui foi feito?** (pausa) **O Bairro transformou-se numa grande família!** (suspiro) **Foi bonito o trabalho de equipa,** (pausa) **as crianças fizeram a ponte necessária para estabelecer laços de afectividade entre gerações,** **todos tiveram o direito de participar e sentir-se úteis,** conhece melhor forma de inclusão? Só **espero que sirva de exemplo** e **lhe dêem continuidade,** **que não deixem de lutar por esta gente.** Eles **ao início são desconfiados,** mas depois **sabem bem quem é que luta por eles.** (pausa) **É preciso mostrar-lhes que estamos juntos,** **para eles terem força para mudar de atitude.**

E- Na sua opinião o trabalho desenvolvido, pela instituição em parceria com a CPCJ, visou facilitar o processo de inclusão minimizando défices socioeducativos identificados nas famílias das crianças em risco?

D- Essa **parceria foi fundamental.** A **troca de informações e sugestões** Se **ajudarmos a família** quem **beneficia disso é a comunidade!** Até porque **muitas vezes a família sente-se perdida e apontada por todos.** (pausa) Muitas vezes **é essa a razão da sua revolta** e **isso traduz-se em maus comportamentos** e **desconfianças.** **Temos todos de mudar,** **ponderar atitudes,** **dar oportunidades** e **lutar pela igualdade de direitos.** É essa **a missão de quem educa,** temos em mãos o presente e o futuro, **somos responsáveis dos comportamentos e atitudes de várias gerações.** Infelizmente **ainda há quem não saiba isso,** ainda esteja a dormir e **leve o tempo a pensar só no seu grupo.** Penso que **projectos como este têm de ser divulgados,** para que os outros despertem e aprendam.

E- Obrigada pela sua participação.

D- Estou sempre ao dispor.

Protocolo da Entrevista à Presidente da CPCJ

Participantes:

- E – Entrevistador
- P – Presidente da CPCJ

Objectivos da Entrevista:

- Avaliar se os objectivos trabalhados em parceria, CPCJ, IPSS e Intervenção Precoce, foram pertinentes e auxiliares no processo sócio educativo de crianças em risco;
- Saber se a Presidente da CPCJ, considera que o trabalho decorrente desta parceria entre a várias instituições envolvida neste Projecto, tem contribuído para colmatar desigualdades e favorecer o processo de inclusão de crianças em risco na comunidade escolar e local;
- Avaliar se o trabalho desenvolvido, pela CPCJ em parceria com a IPSS, facilitou o processo de inclusão socioeducativa das famílias das crianças em risco.

E – Boa Tarde, obrigada pela sua disponibilidade para responder a esta entrevista.

P – De nada, contam sempre com a minha ajuda.

E – Pode dizer-me se os objectivos trabalhados pela parceria estabelecida entre CPCJ, IPSS e Intervenção Precoce, foram pertinentes e auxiliares no processo sócio educativo de crianças em risco?

P – Sim, foi estabelecida uma relação de proximidade que ajudou bastante na resolução de alguns problemas que afectavam o progresso das crianças em risco. Actualmente as parcerias começam a ser indispensáveis, pois são compostas por vários técnicos e entidades com objectivos em comum. Isso é muito pertinente! (pausa)

E – A Senhora Presidente considera que o trabalho decorrente da parceria estabelecida entre as instituições tem contribuído para colmatar desigualdades e facilitar o processo de inclusão de crianças em risco na comunidade escolar e local?

P – Sem dúvida! Contudo ainda há um longo caminho a percorrer. O processo de inclusão é complexo e demorado. As crianças têm de se sentir bem, acompanhadas e seguras para

conseguirem combater as desigualdades com que se deparam quase diariamente. (pausa, suspiro) Foi o quer aconteceu no decorrer deste projecto. Estivemos perante um **atendimento pertinente**, **muito próximo** quer das crianças, quer das famílias. E isso acabou por **envolver muita gente** que **participou activamente** no **progresso destas crianças**.

E – Na sua opinião o trabalho desenvolvido, pela CPCJ em parceria com a IPSS, facilitou o processo de inclusão socioeducativa das famílias de crianças em risco?

P – **Sem duvida alguma**, **nunca se pode dissociar** a família da criança, **ambas carecem de ajuda**. Para atingir os **objectivos planeados** há que **avaliar competências**, **oferecer ajuda**, **avaliar atitudes** e **comportamentos**. Depois **desenvolver um trabalho entre parceiros**, para **criar estratégias** que **favoreçam o processo de inclusão socioeducativa**. **Foi o que se fez neste projecto**, e **bem feito**, na minha opinião. (pausa)

E – Obrigada pela sua Participação

P – De nada.

Protocolo da Entrevista à Mãe do J.M.

Participantes:

- E – Entrevistador
- M – Mãe da criança em risco

Objectivos da Entrevista:

- Avaliar se os objectivos trabalhados pela CPCJ, IPSS e Intervenção Precoce, foram pertinentes e auxiliares no processo sócio educativo do seu filho;
- Avaliar se considera que o trabalho decorrente da parceria estabelecida entre as várias Instituições que integraram este projecto, contribuiu para colmatar desigualdades e favorecer o processo de inclusão do seu filho na comunidade escolar e local;
- Saber se o trabalho desenvolvido, pela Creche em parceria com a CPCJ, visou facilitar o processo de inclusão socioeducativa das famílias das crianças que integram este projecto.

E – Boa tarde, obrigado pela sua disponibilidade.

M – Tudo bem, agora já tou habituada a isto (risos).

E – Na sua opinião os objectivos trabalhados na parceria estabelecida entre CPCJ, IPSS e Intervenção Precoce, foram pertinentes e auxiliares no processo sócio educativo de crianças em risco?

M – Acho que sim, foi bom, a nossa vida mudou muito desde que as senhoras começaram a olhar pelo J.M.. Já não tá abandonado à sorte percebe? (pausa)

E – Considera que o trabalho de parceria entre as diversas instituições que actuam tendo em conta o desenvolvimento e bem-estar da criança tem contribuído para colmatar desigualdades e facilitar o processo de inclusão destas, na comunidade escolar e local?

M – Sem dúvida nenhuma, (pausa) até vocês aparecerem eu dizia sempre que dos pobres ninguém quer saber, agora sei que há uma equipa que trabalha para o nosso bem. Agora já só digo, que há algumas que não querem saber (risos), porque as senhoras quiseram e foi a sorte do meu J.M. (pausa) e a minha. Agora sentimos que somos bem-vindos, que nos conhecem e

gostam de nós. Só espero que isto não seja sol de pouca dura (pausa), porque sabe, não é normal preocuparem-se com quem precisa, só pensam em meter o nariz na nossa vida, fazer alguma coisa é que é pior. Mas isto não é com as senhoras, vocês são boas e diferentes das Doutoradas que só querem estar sentadas na secretária sem fazer nenhum.

E – Na sua opinião o trabalho desenvolvido, facilitou o processo de inclusão socioeducativa das famílias das crianças envolvidas neste projecto?

M – Foi aí que teve toda a diferença, porque as outras só falam para nós para ver se nos tiram os gaiatos, vocês ajudaram-nos, ensinaram-nos e mostraram-nos a luz. Não estou habituada a isso (pausa), a minha vida sempre foi dura e triste (pausa), não quero isso para o meu filho, agora sei que tenho amigas que me ajudam, que posso dizer a verdade, que posso procura-las quando preciso, sem ter medo de dizer mentiras ou esconder coisas feias que as vezes faço sem querer. (pausa) Sei que ainda posso ser feliz, coisa que eu nem sabia o que era. Sabe (pausa) não foi só o J.M. que aprendeu, eu também aprendi e mudei muito, tenho medo que isto um dia acabe (pausa e soluço), mas agora sei que tenho amigos e que posso fazer coisas importantes como fazem os outros pais. Divertimo-nos muito, não foi? (risos e soluços)

E – Obrigada pelo seu testemunho de vida, sabe que pode contar sempre comigo. Terminamos a nossa entrevista.

M – Eu sei e agradeço muito! (pausa) Agora tá tudo bem comigo (risos).

Anexo XI – Grelhas da análise de conteúdo das entrevistas de avaliação final

Grelha de Análise do Conteúdo da Entrevista à Directora da IPSS

Categorias	Sub Categorias	Unidades de Registo	Frequência		
			Unidades de registo	Unidades de Registo na Subcategoria	Unidades de registo na Categoria
1. Avaliação dos objectivos trabalhados em parceria no processo sócio-educativo da criança em risco	1.1 Avaliação do trabalho desenvolvido em parceria	-“ O trabalho em Parceria, quando bem feito, é sempre positivo”	1		
	1.2 Características dos profissionais envolvidos	- “... a parceria foi fundamental” - “...troca de informações e sugestões”	1 1		
	1.3 Adaptação as necessidades das crianças	-“... as pessoas certas” -“trabalhadoras”	1 1		
	1.4 A importância de conteúdos e estratégias que facilitem a inclusão de crianças de risco	-“atentas” -“responsáveis” -“pensado...a quem dele vai usufruir” - “adequado a quem dele vai usufruir”	1 1 1 1 1	9	
2. Avaliação do processo de inclusão de crianças em risco na comunidade escolar e local	2.1. Cooperação entre parceiros	- “fizeram muitas coisas interessantes e o povo reconhece isso”	1		
	2.2. Combater desigualdades				
	2.3. Facilitar a inclusão de crianças em risco na comunidade	-“ O Bairro transformou-se numa grande família”	1		
	2.4. Envolvimento com a comunidade	-“... estabelecer laços de afectividade entre gerações”	1		
	2.5. Perspectivas futuras	-“...todos tiveram o direito de participar” -“todos...e sentirem-se úteis” - “...as crianças e os idosos do Bairro ganharam muito...” - “ espero que sirva de exemplo” - “que lhe dêem continuidade”	1 1 1 1 1		

		-“que lutem por esta gente...”	1	9		
3.Avaliação do projecto no combate a défices sócio educativos de famílias de crianças em Risco	3.1. Combate desigualdades	-“...é preciso mostrar-lhes que estamos juntos”	1			
	3.2. Igualdade de oportunidades	-“...para terem força para mudar”	1			
	3.3. Saber observar e avaliar atitudes	-“...ao inicio são desconfiados”	1			
	3.4. Identificar características e necessidades das famílias de crianças em risco		-“...sabem bem quem luta por eles”	1		
			-“...sente-se perdida”	1		
			-“...apontada por todos”	1		
			-“a revolta traduz-se em maus comportamentos”	1		
		-“...desconfianças”	1	8	26	

Grelha de Análise do Conteúdo da Entrevista à Presidente da CPCJ no final da intervenção

Categorias	Sub Categorias	Unidades de Registo	Frequência		
			Unidades de registo	Unidades de Registo na Subcategoria	Unidades de registo na Categoria
1. Avaliação dos objectivos trabalhados pelos parceiros no processo socioeducativo de crianças em risco	1.1. Avaliação do trabalho desenvolvido em parceria 1.2. Adaptação as necessidades das crianças 1.3. Técnicos 1.4. Entidades	- "...ajudou bastante" - "...na resolução de alguns problemas" - "... progresso das crianças em risco" - " as parcerias começam a ser indispensáveis" - " compostas por vários técnicos" - "...com objectivos em comum"	1 1 1 1 1 1	6	
2. Avaliação do processo de inclusão de crianças em risco na comunidade escolar e local	2.1. Cooperação entre parceiros 2.2. Combater desigualdades 2.3. Facilitar a inclusão de crianças em risco na comunidade 2.4. Envolvimento com a comunidade 2.5. Perspectivas futuras	- "foi estabelecida uma relação de proximidade" - "...objectivos em comum" - "...tem de se sentir bem, acompanhadas e seguras" - "...atendimento pertinente" - "...muito próximo" - "...participou activamente..." - "...no progresso destas crianças" - "Contudo ainda há um longo caminho a percorrer" - "...o processo de inclusão é complexo"	1 1 1 1 1 1 1 1 1	9	
3. Avaliação	3.1. Identificar	- "...carecem de	1		

do projecto no combate a défices sócio educativos de famílias de crianças em Risco	características e necessidades das famílias de crianças em risco 3.2. Objectivos a ter em conta 3.3. Avaliar a intervenção	ajuda” -“desenvolver um trabalho entre parceiros.”	1		
		-“...favoreçam o processo de inclusão socioeducativa”	1		
		-“...criar estratégias”	1		
		-“...oferecer ajuda”	1		
		-“...competências”	1		
		-“... comportamentos”	1		
		-“... atitudes”	1		
		-“Sem duvida alguma...”	1		
		-“Foi o que se fez neste projecto”	1		
		-“...e bem feito”	1	11	26

Grelha de Análise do Conteúdo da Entrevista à Mãe da Criança

Categorias	Sub Categorias	Unidades de Registo	Frequência		
			Unidades de registo	Unidades de Registo na Subcategoria	Unidades de registo na Categoria
1. Avaliação dos objectivos trabalhados no projecto pelos parceiros no processo socioeducativo do filho	1.1. Avaliação do trabalho desenvolvido pelos parceiros envolvidos no projecto	-“...foi bom” -“...a nossa vida mudou muito” -“...vocês são boas e diferentes”	1 1 1		
	1.2. Adaptação as necessidades das crianças	-“...as senhoras começaram a olhar pelo J.M.” -“...já não tá abandonado à sorte”	1	5	
2. Avaliação do processo de inclusão de crianças em risco na comunidade escolar e local	2.1. Cooperação entre parceiros	-“...uma equipa que trabalha para o nosso bem”	1		
	2.2. Combater desigualdades	-“...até vocês aparecerem eu dizia sempre que dos pobres ninguém quer saber”	1		
	2.3. Facilitar a inclusão de crianças em risco na comunidade	-“Agora sentimos que somos bem-vindos”	1		
	2.4. Envolvimento com a comunidade	-“...que nos conhecem”	1		
	2.5. Perspectivas futuras	-“...gostam de nós” -“Só espero que isto não seja sol de pouca dura”	1 1	6	
3. Avaliação a intervenção do projecto no combate a défices sócio educativo de famílias de crianças em Risco	3.1. Trabalho desenvolvido pelos técnicos do projecto	-“...eu dizia sempre que dos pobres ninguém quer saber”	1		
	3.2. Receios em relação ao futuro	-“...não é normal preocuparem-se com quem	1		
	3.3. Avaliação do trabalho				

	desenvolvido	precisa...”			
		-“...uma equipa que trabalha para o nosso bem”	1		
		-“...as senhoras quiseram e foi a sorte do meu J.M.)	1		
		-“tenho medo que um dia isto acabe”	1		
		-“Agora sentimos que somos bem vindos...”	1		
		-“...as outras só falam para nós para nos tirar os gaiatos”	1		
		-“você ajudaram-nos, ensinaram-nos, mostraram-nos a luz”	1		
		-“...agora sei que tenho amigas que me ajudam...”	1		
		-“...que posso dizer a verdade”	1		
		-“...posso procura-las”	1		
		-“...sem ter medo de dizer a verdade”	1		
		-“...sei que ainda posso ser feliz...”	1		
		-“...eu também aprendi e mudei muito”	1		
		-“...agora sei que tenho amigos”	1		
		-“...que posso fazer coisas importantes como fazem os outros pais”	1		
		-“Divertimo- nos muito...”	1	17	28

Anexo XII – Análise de dados das entrevistas de avaliação final

Análise de Dados das Entrevistas de Avaliação

A análise de conteúdo realizada aos dados disponibilizados pelas entrevistas estudadas permitem concluir que:

- A instituição, a comissão e a Intervenção Precoce mostram-se sensíveis ao acompanhamento sócio pedagógico de crianças em risco.
- As técnicas partilham experiências e saberes.
- A instituição e comissão continuam a funcionar como intermediárias, num encaminhamento de casos de crianças consideradas de risco, quer para a Segurança Social quer para outras instituições especializadas.
- Existe uma grande abertura por parte da instituição, no sentido de disponibilização de espaços físicos e materiais para trabalhar com as crianças consideradas de risco e as famílias destas.
- Pode-se constatar, que as actividades desenvolvidas no Projecto visam incluir as famílias, as crianças em risco, a comunidade e as entidades envolvidas.
- O trabalho desenvolvido pelos técnicos que estiveram envolvidos neste projecto foi adequado as necessidades das crianças em risco e das suas respectivas famílias.
- A comunidade escolar convidou e criou recursos capazes de envolver a comunidade local neste Projecto.
- A comunidade escolar acolheu e inclui a comunidade local.
- Os técnicos deste Projecto foram aceites e respeitados pelas famílias de crianças em risco.
- As famílias das crianças em risco começaram a confiar nos técnicos deste Projecto.
- Existem receios em relação à continuidade e futuro destes projectos.
- Continuam a existir desconforto e desconfiança em relação a alguns técnicos.

Anexo XIII – Protocolo da observação naturalista de avaliação final

Protocolo de Observação Naturalista de Avaliação

Grupo: Crianças de 2/3 anos de idade
 Data: 4 de Junho de 2009
 Hora: 9:35h/ 10:24
 Duração: 49 minutos
 Observador e educador: E
 Alunos: Grupo 2 anos A
 Local: Sala de Actividades

Temática: A hora do conto

Objectivos:

- *avaliar comportamentos e atitudes durante a actividade orientada (O contar de uma história)
- *avaliar as competências na área de compreensão e expressão oral
- *avaliar as competências relacionais entre as crianças

Materiais: Livro

Tapete de actividades

Hora	Descrição de situações e comportamentos	Notas complementares e inferências
9:35h	A educadora senta-se e diz: Bom dia, prontos para começar. O grupo dirige-se para a manta de actividades, chegou a hora do conto. A educadora pergunta se todos conseguem ver bem. As crianças respondem que sim J.M. já se encontra na sala de actividades, as crianças estão sentadas ordenadamente, em forma de "U".	A Educadora senta-se de frente para as crianças. Em coro, quase num grito. Risos
9:38h	J.M. está sentado no tapete de actividades, perto da Educadora, bate-lhe com a mão direita na perna e diz: hoje nada? Olho para ele e toco-lhe na mão com carinho	O J.M. olha para mim e interage com o grupo através do olhar
9:40h	Gera-se alguma ansiedade, as crianças perguntam se não vão ouvir contar uma história, pois não tenho qualquer tipo de material comigo.	Algumas crianças falam ao mesmo tempo, perturbando a comunicação entre os vários elementos do grupo.
9:42h	J.M. interrompe os colegas, olha novamente para a educadora e pergunta: O livro? Peço as crianças que se acalmem e explico-lhes que me	O J.M. mostra-se seguro e espontâneo. Olha para os colegas e ri. O G., a A.L. e o A. olham para o J.M. e batem palmas, gritando boa.

	esqueci do livro em cima do armário	
9:46h	O J.M. e o J.R. estão em pé a olhar para mim. O J.M. olha para o J.R. e afirma convicto “eu vou, tou aqui pimer” e aponta para o armário iniciando o percurso	O J.M. e o J.R. levantam-se imediatamente.
9:52h	Digo, calmamente ao J.R. que será ele a arrumar o livro. O J.M. entrega-me o livro e senta-se. Agradeço e passo-lhe a mão pela cabeça com carinho.	O J.R. senta-se amuado sem reclamar O J.M. dá-me um beijo e senta-se.
9:54h	Cantamos a canção da abertura do conto	As crianças participam na acção cooperando alegremente.
9:57	Começo a dizer o nome do autor da história e das personagens que estão na capa do livro	As crianças estão atentas.
	Abro o livro, na primeira página aparece a imagem da “família ursinho”, G. interrompe logo, chamando-me insistentemente “Beta, Beta, Beta...”. Quando olho para ele afirma automaticamente “ a mãe compro um livro desses para mim”. Enquanto isso a A.L. olha para os lados e tenta distrair alguns colegas.	Agitação J.M. olha para mim intensamente, abana a cabeça em sinal de negação, leva a mão aos óculos e ajusta-os à face. Verifico se ele colocou bem os óculos.
10:02	O J.M. olha fixamente para o livro, depois para os colegas que estão a falar e diz “cala-te” depois olha para mim e permanece em silêncio.	Gera-se algum barulho e destabilização O J.M. cruza os braços zangado.
10:05	Recomeço a contar a história, o G começa a rodopiar no seu lugar, perturbando o grupo, que começa a olhar para ele e a reclamar. O G olha para os colegas e senta-se no lugar calado.	O J.M. observa o comportamento do amigo e abana a cabeça. As crianças ralham ao G.
10:12	Retomo a história, a página tem imagens coloridas e eu aproveito para interagir com as crianças pedindo que me digam algumas cores.	As crianças acalmaram e participam activamente interagindo com naturalidade.
10:15	A A.L. responde sempre que faço alguma questão para outro colega. O A. olha para ela e diz “tu já não falas, agora é os outros”	
10:18	Digo-lhes que tem de ser amigos e aprenderem a respeitar as regras feitas por todos.	Relembro as regras estabelecidas pelo grupo

<p>10:21</p> <p>10:24</p>	<p>O J.P. olha para a A.L. e diz “se não calas, não vês!”</p> <p>O J.M. coloca-se de joelhos mexe no livro com as mãos, olha para mim e diz “conta”.</p> <p>Retomo a história, questiono-os sobre as imagens do livro.</p> <p>O J.P. levanta o dedo e olha para mim, parece querer dizer algo. Depois olha em direcção dos colegas e diz que também tem uma cadeira pequenina lá em casa, uma cadeira grande para a avó e um sofá muito grande para o avô.</p> <p>A M.L. olha para ele e diz “ cá eu tenho muitas cadeiras, na minha casa, cadeiras para todos”, “ “ o meu pai deixa levar os amigos, ele também leva os amigos lá a casa a beber cervejas”</p> <p>O J.M. interrompe a M.L. dizendo alegremente “o avô, cevejas, sim”. Leva a mão à boca fazendo o gesto de beber.</p> <p>Conto a última página do livro, o J.M. continua interessado, sorridente, participativo e interagindo harmoniosamente com os colegas e adultos da sala.</p> <p>Digo “vitória, vitória acabou-se...” e o grupo olha-se entre si e responde quase num grito “ a nossa linda história”</p>	<p>Vou chamando as crianças pelos nomes para que todos tenham oportunidade de participar e aprendam a respeitar o tempo de participação dos colegas.</p> <p>Percepção de regras de grupo</p> <p>Risos</p> <p>O J.M. faz gestos para reforçar o que quer partilhar com o grupo</p> <p>As crianças interagem de forma organizada.</p> <p>Resposta em sintonia.</p> <p>Risos</p>
---------------------------	--	---

Anexo XIV – Análise do protocolo de observação naturalista de avaliação final

Análise do Protocolo de Observação Naturalista de Avaliação

Categorias	Subcategorias	Comportamentos Observados	Frequência Comportamentos observados	Frequência Comportamentos subcategorias	Frequência Comportamentos nas categorias
Perfil de actuação da Educadora	Métodos activos de ensino	A educadora diz: Bom dia, prontos para começar.	1		
		...vêm todos bem	1		
		Olho para ele e toco-lhe na mão com carinho	1		
		Peço as crianças que se acalmem e explico-lhes que me esqueci do livro em cima do armário	1		
		Digo, calmamente ao J.R. que será ele a arrumar o livro	1		
		Agradeço e passo-lhe a mão pela cabeça com carinho	1		
		Cantamos a canção ...	1		
		Começo a dizer o nome do autor da história e das personagens que estão na capa do livro	1		
		Abro o livro... ...olho para ele...	1 1		
		Retomo a história... Aproveito para interagir...	1 1		

		...digo-lhe que têm de ser amigos...	1		
		...digo-lhes que têm de aprender a respeitar as regras feitas por todos	1		
		...questiono-os...	1	15	
	Atenção as dificuldades e necessidades das crianças	Verifico se ele colocou bem os óculos.	1		
		Relembro as regras estabelecidas pelo grupo	1	2	
Interacção dos alunos na actividade	Momentos de distração	... a A.L. olha para os lados e tenta distrair alguns colegas	1	1	
	Desinteresse pela actividade	o G começa a rodopiar no seu lugar	1	1	
Comportamentos assertivos		O grupo dirige-se para a manta de actividades	1		
		As crianças respondem	1		
		as crianças estão sentadas ordenadamente	1		
		O J.M. entrega-me o livro e senta-se	1		
		Cantamos a canção da abertura do conto	1		
		...o G. olha para os colegas e senta-se no lugar, calado.	1		
		...o grupo responde...	1	7	
Comportamentos não assertivos		Gera-se alguma ansiedade	1		
		O J.M. interrompe os colegas...	1		

		O J.M. e o J.R. estão em pé...	1		
		O A.L. olha para os lados e tenta distrair os colegas	1		
		...o G começa a rodopiar...	1		
		A A.L. responde sempre que faço alguma questão para outro colega.	1	6	
	Inter-ajuda	...o grupo olha-se entre si e responde...	1	1	
	Participação assertiva	“ a mãe compro um livro desses para mim”.	1		
		“tu já não falas, agora é os outros”	1		
		As crianças acalmaram e participam activamente interagindo com naturalidade	1	3	36

Anexo XV – SGS II – Escala de Avaliação das Competências no Desenvolvimento Infantil
(Avaliação final)

INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Folha de Perfil

Nº de Ficha:

Nome:

Morada:

Data de Nascimento: 16/12/2007 Idade: 2 anos

Recomendo a seguinte acção:

- a) Ser visto/a daqui a meses para uma nova avaliação
- meses para uma avaliação de rotina

Avaliador:

Profissão: E.D. APOLIO & E.D. SALA

Data da Avaliação: 05 / 10 / 2010
(Dia) (Mês) (Ano)

Local da Avaliação: CRECHE

Assinatura: 

Idade (meses)	Áreas de Competências										Idade (meses)
	Controlo Postural Passivo	Controlo Postural Activo	Locomotoras	Manipulativas	Visuais	Audição e Linguagem	Fala e Linguagem	Interação Social	Autonomia Pessoal	Cognitivas	
60 meses			20	28	20	21	22	24	23	34	60 meses
			19	27	20	20	21	21	21	33	
48 meses			18	26	19	19	20	23	20	31	48 meses
			17	25	19	18	19	23	19	30	
36 meses			16	23	18	17	18	22	17	27	36 meses
			15	22	17	16	17	21	20	26	
30 meses			14	20	16	15	16	19	15	23	30 meses
			13	19	16	14	15	18	14	22	
24 meses			12	17	15	13	14	17	13	19	24 meses
			11	16	14	12	13	16	12	18	
18 meses			9	14	13	11	11	15	10	15	18 meses
			8	13	13	10	11	14	9	14	
15 meses			6	11	12	9	10	13	7	11	15 meses
			5	10	12	9	8	11	6	10	
12 meses		12	4	9	11	8	7	10	5	8	12 meses
			3	8	10	7	6	9	4	7	
10 meses		11	2	7	9	6	5	7	3	5	10 meses
		10	1	7	9	6	5	7	3	4	
8 meses		9		6	8	5	4	6	2	3	8 meses
		8		6	8	5	4	6	2	3	
6 meses		9		5	7	4	3	5	1	2	6 meses
		8		5	7	4	3	5	1	2	
3 meses		6		3	5	2	2	3			3 meses
		5		3	5	2	2	3			
1 mês		3		1	3		1	1			1 mês
		2		1	3		1	1			
0 meses					1	1					0 meses
Áreas de Competências	Controlo Postural Passivo	Controlo Postural Activo	Locomotoras	Manipulativas	Visuais	Audição e Linguagem	Fala e Linguagem	Interação Social	Autonomia Pessoal	Cognitivas	
*Qualidade											

* Utilize a letra "Q" para indicar a preocupação com a qualidade de desempenho



Primeira publicação 1997 © 1997, Martin Bellman e John Cash.
 Esta edição © 1999, Martin Bellman, Sandra Lingam e Anne Aukett.
 Esta tradução e publicada pela primeira vez em 2003 com autorização dos Editores: The InterNelson Publishing Company Ltd, The Chiswick Centre, 414 Chiswick High Road, London, W4 5TF, UK. Todos os direitos reservados.
 Edição da tradução portuguesa: EGOC-TGA, Av. António Augusto Aguiar, 21, 2º 1050-012 Lisboa.
 Tradução portuguesa: António Manóias Rosal, Mónica Machado e Carla Ferreira.
 ISBN: 972-8817-05-3. Depósito Legal: 206581/04.
 Proibida a reprodução total ou parcial, sob qualquer forma ou meio nomeadamente fotocópia.
 As infracções serão penalizadas nos termos da legislação em vigor. Este exemplar está impresso em tinta negra e azul. Apenas a negro é uma reprodução legal. Não a utilize.